



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

MARIA FERNANDA LUIZ

**ENTRE PROSAS E LIVROS: A LITERATURA INFANTIL-NEGRO BRASILEIRA
INTERROGA, TENSIONA E EXPANDE O CAMPO DA LITERATURA INFANTIL
BRASILEIRA**

São Carlos-SP

2022

Maria Fernanda Luiz

**ENTRE PROSAS E LIVROS: A LITERATURA INFANTIL-NEGRO BRASILEIRA
INTERROGA, TENSIONA E EXPANDE O CAMPO DA LITERATURA INFANTIL
BRASILEIRA**

Texto para defesa de doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação, do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, como parte de requisitos para obtenção de título de Doutora em Educação.

Linha de pesquisa: Educação, Cultura e subjetividade

Orientadora: Profa. Dra. Anete Abramowicz

Coorientadora: Profa. Dra. Ana Cristina Juvenal da Cruz

São Carlos-SP

2022

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero saudar as minhas e meus ancestrais que abriram e abrem os caminhos para que me fosse possível chegar aqui, “Eu sei que não ando só!”.

Início agradecendo primeiramente, os meus pais: Dona Beth (in memorian) e Seu Antônio, meu companheiro: Fontes Endualo, sou grata por sua presença, paciência e amor. Agradeço pelo meu filho e mair presente: Lukeny que sabia que quando estava no quarto e na frente do computador era hora de ficar com o papai. Aos meus irmãos: Junior e Fábio, por serem inspiração para mim. Às minhas cunhadas: Renata e Carol pela torcida e pelo ombro, meu sobrinho Martin e minha sobrinha Cora. À minha família em Angola: um agradecimento especial para minha sogra e meu sogro: Dona Emília e Seu Avelino, minhas cunhadas e cunhados: Maria, Ozana, Irene, Celma, Giza, Nóia, Tchuchu, Why e Jêsse, minhas sobrinhas e sobrinhos: Walter, Emiliana, Etelvina, Aniela, Kiessi, Nayara, Avelino, Glória, Júlio, Josué, Josias e Mário. Agradeço também minhas irmãs e meu irmão de coração: Tatiani Paschoal, Camila Alves, Mayra Borceda, Adriana Gomes, Tatiana Correia, Kelly Bulgarelly, Solange Bonifácio e Marcivan Barreto, pela presença, apoio e diálogo.

As(aos) primas(os) parceiras(os) na caminhada desde minha infância. Espallados por São Paulo (Vila Pazini), São Carlos, Araraquara, Jaú, Dois Córregos, Salto, Campinas: Marcinho, Danilo, Hermes Jr, Willian Chacal, Everton, Thais, Érica, Juninho, Fabião, Zé Roberto, Selma, Robson, Fayola, Samora, Wine.

Agradeço também à minha tia de coração, Tia Zezé Caldeira e toda família (que é minha também): Simone, Elizandro, Kika, Fernando, Hugo, Yasmin, Ingrid, Kauê.

Agradeço imensamente à minha orientadora, Professora Anete Abramowicz. Sou grata pela paciência com que me orientou no decorrer desta pesquisa, pelas decisões que me ajudou tomar neste percurso mesmo quando parecia difícil e pela sinceridade durante todo o processo. Muito obrigada, por me dar as mãos!

Expresso também meu carinho e gratidão à minha Coorientadora, Professora Ana Cristina Juvenal da Cruz. Sou grata pela paciência e firmeza com que me coorientou nesse processo. Obrigada pelo apoio e incentivo na academia e na vida.

Gostaria também de agradecer as professoras Kiusam Regina de Oliveira e Iracema Santos do Nascimento pelas contribuições na banca de qualificação e posteriormente junto da professora Ione da Silva Jovino pelas contribuições na banca de defesa. Sou grata pela oportunidade de diálogo e por tanto aprendizado.

Agradeço a todas(os) que assim como eu estão no grupo de pesquisa Educação das Relações Étnico-Raciais do NEAB UFSCar, em especial a professora e também amiga Tatiane Cosentino Rodrigues. Sou grata pela presença e por todo apoio, carinho e parceria. Agradeço também a todas(os) parceiras(os) de orientação pelas trocas, apoio e amizade. Agradeço a todas as pessoas grupo de pesquisa GEPIFE – Infância, Família e Escolarização da UNESP Araraquara, em especial à professora Márcia Crisina Argenti Perez pelo carinho e incentivo. Agradeço as professoras e amigas Claudete de Sousa Nogueira e Eva Aparecida da Silva, responsáveis grupo de pesquisa ERE da UNESP Araraquara. Sou grata pelos diálogos durante meu processo formativo. Agradeço a colega de grupo de pesquisa e de tema de estudo, Ayodele Floriano da Silva.

Agradeço minhas amigas e amigos, sempre tão presentes: Tatinha, Camila Alves, Solange Bonifácio, Juliana Leitão, Vera Mazzeu, Camila Mazzeu (In memorian), Rosangela Botelho, Valquíria Tenório, Fabiano Maranhão, Clayton da Silva Carmo (Spina), Robson (Papito), Keila, Lucimara, Marcos Venícius, Maria Fernanda Buarraj, Anamaria Guaraldo, Valéria, Vera, Elisangela, Pati Maroneze, Elaine, Marcelina, Simone, Andréia, Vanessa, Márcia Anacleto. Sou grata à todas(os) vocês pelo apoio e pela trocas. Vocês são a família que escolhi.

Quero agradecer aos casais Iraci e Egídio, Glaucia e Roberto, Angelina e Nilton, Valéria e João, Simone e Vinícius. Amigas(os) especiais em meu processo de crescimento pessoal e profissional! Muito obrigada!

Não posso deixar de agradecer em nome do Prefeito Edinho Silva, da Secretaria municipal de Educação Clélia Mara Santos e da Equipe da Secretaria de Planejamento e Participação Popular à Prefeitura Municipal de Araraquara. Foi nessa cidade que me forjei na militância e foi nesta prefeitura que dei passos em minha trajetória na educação.

Não posso me esquecer de agradecer a todas(os) aquelas(es) que atuam ou atuam comigo em todas as unidades educacionais que atuei na SME Campinas: equipe da zeladoria, equipe da cozinha, equipe da limpeza, equipe da secretaria, professoras, AEI e monitoras(es), equipe gestora do CEI “Profª Thermutis Araújo Machado”, da EMEFEI “Professor Zeferino Vaz”.

Quero também em nome Secretario Municipal de Educação Tadeu Jorge agradecer toda equipe da SME de Campinas pela oportunidade de dedicar um dia da minha jornada para meu processo formativo.

Agradeço minhas professoras e meus professores:da educação infantil à graduação. Sou grata, pois foi com muitas(os) de vocês que aprendi o valor das(os) profissionais da educação. Obrigada por acreditarem em mim e valorizarem meu ser!

Às(aos) professoras(es) do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, os quais proporcionaram-me crescimento intelectual e contribuíram significativamente em meu doutoramento. Não posso me esquecer de agradecer a todas(os) funcionárias(os) do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos por sempre me atenderem com muito respeito e atenção. Deixo um agradecimento especial aquelas(es) que atuam na secretaria do PPGE. Obrigada!

Aos que se tornaram amigas(os) nestas trocas de experiências e diálogos, seja dentro das salas de aula (ou do meet) como nos corredores da instituição, e também durante os intervalos, almoços e caronas que não aconteceram no período pandêmico, mas que foi possível anteriormente.

Por último, não posso deixar de agradecer à minha ancestralidade: Dona Laudemira e Seu Sebastião, Dona Lourdes e Seu Chiquinho, Tias Gabriela, Tia Idalina, Tia Terezinha, Tia Cida, Tio Zé Aviador, Tia Tica, Tia Carminha, Tio Di e minha mãe. Sei que de onde estão celebraram esse momento...que só foi possível pelos ensinamentos dados por vocês. Conseguimos...muito obrigada por existirem em minha vida! “Eu sou, porque nós somos!

Dedico essa pesquisa ao pequeno ser que, com sua chegada, trouxe surpresas e mudanças em minha vida. Sou grata por sua existência e pela oportunidade de vivenciar a maternidade ao seu lado. Sabedoria, alegria, gratidão, desafios, respeito e, sobretudo, amor são palavras que marcam sua existência! Lukeny, amamos você!

HOMENAGEM PÓSTUMA

Com essa pesquisa venho homenagear a mulher que me fez ter gosto pela literatura infantil, a mulher que usou a literatura infantil para fortalecer minha identidade. Sou grata por ter uma mãe com consciência racial e que alterou o conteúdo de um livro, mudou o significado da história e me ensinou que a literatura infantil e juvenil pode ser instrumento de fortalecimento da identidade negra. Dona Beth (*in memoriam*), *você sempre será minha maior inspiração, a razão pela qual estou aqui e por lutar pelas questões da negritude*. Sou grata pela oportunidade de ter te conhecido, de ter podido aprender contigo e de ser sua filha. Você muito me incentivou na luta de uma escola na qual a História e Cultura do povo negro se faça presente. Me ensinou a não abaixar a cabeça e a ocupar os espaços nos quais desejo estar. Deixo aqui minha expressão de amor e gratidão! A saudade só aumenta, mas a gratidão é tão grande também! Se me foi possível chegar até aqui foi por ter você como mãe... Obrigada por não me permitir desistir!

LUTA E RESISTÊNCIA

Vai sentar, Maria Fernanda!
Ouvi isso na primeira escola por onde passei
Tentam me calar desde a minha infância
Gratidão Dona Beth
Com você aprendi que não devia me silenciar
Gratidão seu Antônio
Pois sua história
Sou negra SIM
Com vocês aprendi a me amar
Seu cabelo é feio Maria Fernanda
Dentro de mim um grito ecoou
Mas ninguém além de mim escutou
Grande foi a dor
Dor que se transformou em furor
Lágrimas escorrem em minha face
Escutei isso na infância
E agora quando já não sou mais criança
Luta e resistência me fazem crescer
Junto dos meus ancestrais
Caminho dia a dia
Sou mulher, negra, mãe, professora e
doutoranda
E você, professora Mônica
Não mais me mandará sentar
Hoje sou eu a professora
Tenho um compromisso com os meus
Através da minha prática
Em todas as escolas que eu passar
Nos diferentes cargos que atuar
A história do meu povo vou contar
Aprendi que não é possível aceitar
Nem deixar que a escola permaneça
excludente
Gente como gente
Se preciso for
Resiste e guerreia
E se isso causa incômodo a você de pele
branca
É motivo de alegria a ancestralidade
Que tinha a pele preta como a minha

(Maria Fernanda Luiz, novembro/2017)

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo geral compreender o impacto da literatura infantil e juvenil negro-brasileira no campo teórico da literatura infantil e juvenil, a partir de obras da literatura infantil e juvenil negra analisando a agência das personagens negras. Do ponto de vista metodológico analisar-se-á os livros selecionados e distribuídos pelo Programa Nacional da Biblioteca na Escola (PNBE) para os anos iniciais do Ensino Fundamental I da rede pública nos anos de 2008, 2010 e 2012. Sabe-se que a partir da implementação da lei 10.639/03, os temas referentes à História e Cultura afro-brasileira e africana tornaram-se obrigatórios no currículo escolar das redes públicas e particulares. Tal política pública criou uma demanda para utilização de diferentes recursos para introdução desta temática nos diferentes níveis de ensino atuantes nestes sistemas. Sendo assim, como objetivo específico, entendendo os livros de literatura infantil e juvenil como possíveis instrumentos de enfrentamento ao racismo pretendemos saber dentre os livros selecionados e distribuídos nas escolas da rede pública do Brasil pelo PNBE, como suas(seus) autoras(es) constroem as personagens negras nestes livros. O escopo teórico gira em torno do debate sobre a constituição de literatura infantil e juvenil considerando as novas tendências que buscam modificar e promover outra forma de produção literária. Espera-se que essa pesquisa possa contribuir para a produção de conhecimento no campo da literatura infantil e juvenil como também no campo da Educação das relações étnico-raciais. Além disso, espera-se que ela possa desvendar desafios e contribuições do ensino da História e Cultura do povo negro por meio da literatura infantil e juvenil.

Palavras-chave: Literatura infantil e juvenil negro-brasileira, Personagens negras, Identidade, Reeducação das relações étnico-raciais, PNBE.

ABSTRACT

The present research has the general objective of understanding the impact of Black-Brazilian children's and youth literature on the theoretical field of children's and youth literature, starting from works of Black children's and youth literature by analyzing the agency of Black characters. From a methodological point of view, we will analyze the books distributed and selected by the National Library Program at School (PNBE) for the initial years of Primary School I of the public network in the years 2008, 2010, and 2012. It is known that since the implementation of the law 10.639/03, the themes related to Afro-Brazilian and African History and Culture have become mandatory in the school curriculum of public and private schools. Such public policy has created a demand for the use of different resources to introduce this theme in the different levels of education in these systems. Thus, as a specific objective, understanding children's and teenage literature books as possible instruments to confront racism, we intend to know, among the books selected and distributed in the public schools of Brazil by PNBE, how the authors build the black characters in these books. The theoretical scope revolves around the debate on the constitution of children's and teenage literature considering the new trends that seek to modify and promote another form of literary production. It is hoped that this research may contribute to the production of knowledge in the field of children's and young adult literature as well as in the field of Education of ethnic-racial relations. Furthermore, it is expected that it may unveil challenges and contributions of teaching the History and Culture of Black people through children's and youth literature.

Keywords: Black-Brazilian children's and youth literature, Black characters, Identity, Re-education of ethnic-racial relations, PNBE.

RÉSUMÉ

La présente recherche a pour objectif général de comprendre l'impact de la littérature d'enfance et de jeunesse noire-brésilienne dans le champ théorique de la littérature d'enfance et de jeunesse, en partant des œuvres de la littérature d'enfance et de jeunesse noire et en analysant l'agence des personnages noirs. Du point de vue méthodologique, nous analyserons les livres sélectionnés et distribués par le Programme National de Bibliothèque Scolaire (PNBE) pour les premières années de l'école primaire I du réseau public dans les années 2008, 2010 et 2012. On sait que depuis la mise en œuvre de la loi 10.639/03, les thèmes liés à l'histoire et à la culture afro-brésilienne et africaine sont devenus obligatoires dans le programme scolaire des réseaux publics et privés. Cette politique publique a créé une demande d'utilisation de différentes ressources pour l'introduction de ce thème dans les différents niveaux d'enseignement travaillant dans ces systèmes. Ainsi, en tant qu'objectif spécifique, comprenant les livres de littérature des enfants et des jeunes comme de possibles instruments de lutte contre le racisme, nous avons l'intention de savoir comment les auteurs construisent les personnages noirs dans ces livres, parmi les livres sélectionnés et distribués dans les écoles publiques du Brésil par le PNBE. Le champ théorique s'articule autour du débat sur la constitution de la littérature d'enfance et de jeunesse compte tenu des nouvelles tendances qui cherchent à modifier et à promouvoir une autre forme de production littéraire. Nous espérons que cette recherche pourra contribuer à la production de connaissances dans le domaine de la littérature d'enfance et de jeunesse ainsi que dans le domaine de l'éducation des relations ethniques et raciales. En outre, on s'attend à ce qu'elle dévoile les défis et les contributions de l'enseignement de l'histoire et de la culture des Noirs à travers de la littérature pour les enfants et pour jeunes.

Mots clés: Littérature brésilienne noire pour enfants et adolescents, personnages noirs, identité, rééducation des relations ethniques et raciales, PNBE.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 - Página do livro “ <i>Menina Bonita do Laço de Fita</i> ”, de Ana Maria Machado. Ilustrações de Walter Ono. Cia Melhoramentos, 1986.....	22
Ilustração 2 - Capa do Guia 1 – Educação Infantil, PNBE- Literatura fora da caixa, de Brasil 2014.....	65
Ilustração 3 - Capa do Guia 2 – Anos Iniciais do Fundamental, PNBE- Literatura fora da caixa, de Brasil 2014.....	65
Ilustração 4 - Capa do Guia 3 – Educação de Jovens e Adultos (EJA), PNBE - Literatura fora da caixa, de Brasil 2014.....	66
Ilustração 5 - Capa do livro “O cabelo de Lelê”, de Valéria Belém. Ilustrações de Adriana Mendonça. Companhia Editora Nacional, 2007.....	85
Ilustração 6 - Capa do livro “Os três presentes mágicos”, de Rogério Andrade Barbosa. Ilustrações de Salmo Dansa. Editora Record, 2007.....	85
Ilustração 7 - Capa do livro “ <i>Aula de Carnaval e outros poemas</i> ”, escrito e ilustrado por Ricardo Azevedo. Editora Ática, 2008.....	86
Ilustração 8 - Capa do livro “ <i>Melhores amigas</i> ”, de Rosane Svartman. Ilustrações de Fabiane Egrejas. Zit Editora, 2006.....	86
Ilustração 9 - Capa do livro “ <i>Os gêmeos do tambor</i> ”, de Rogério Andrade Barbosa. Ilustrações de Ciça Fitipaldi. DCL Editora, 2006.....	86
Ilustração 10 - Capa do livro “ <i>O rei preto de Ouro Preto</i> ”, de Sylvia Orthof. Ilustrações de Rogério Borges. Global Editora, 2008.....	87
Ilustração 11 - Capa do livro “Lá vem história”, de Heloísa Prieto. Ilustrações de Daniel Kondo. Companhia das letrinhas, 1997.....	87
Ilustração 12 - Capa do livro “Contos ao redor da fogueira”, de Rogério Andrade Barbosa. Ilustrações de Rui Barbosa. Agir Editora, 2001.....	87
Ilustração 13 - Capa do livro “Berimbau e outros poemas”, de Manoel Bandeira. Ilustrações de Graça Lima. Global Editora, 2008.....	88
Ilustração 14 - Capa do livro “A caixa do Lápis de cor” escrito e ilustrado por Maurício Veneza. Editora Positivo, 2008.....	88
Ilustração 15 - Capa do livro “Nina África – Contos de uma África menina para ninar gente de todas as idades”, de Lenice Gomes, Arlene Holanda e Clayton Gomes. Ilustrações de Maurício Veneza. Editora Elementar, 2009.....	88

Ilustração 16 - Capa do livro “Valentina”, de Márcio Vassalo. Ilustrações de Suppa. Global Editora, 2007.....	89
Ilustração 17 - Capa do livro “O casamento da Princesa”, de Celso Sisto. Ilustrações de Simone Matias. Editora Prumo, 2009.....	89
Ilustração 18 - Capa do livro “Betina”, de Nilma Lino Gomes. Ilustrações de Denise Nascimento. Mazza Edições, 2009.....	89
Ilustração 19 - Capa do livro “Obax”, escrito e ilustrado por André Neves. Editora Brinque Book, 2010	90
Ilustração 20 - Capa do livro “Lendas de uma África Moderna”, de Rosa Maria Tavares Andrade e Heloísa Pires Lima. Ilustrações de Denise Nascimento. Editora Elementar, 2010.....	90
Ilustração 21 - Capa do livro “Meu avô africano”, de Carmem Lúcia Campos. Ilustrações de Laurent Cardon. Panda Books, 2010.....	100
Ilustração 22 - Capa do livro “Cabelo Ruim? A história de três meninas aprendendo a se aceitar”, de Neusa Baptista Pinto. Ilustrações de Nara Sylver. Editora Tanta Tinta, 2010...101	101
Ilustração 23 - Capa do livro “Meu pai vai me buscar na escola”, de Junião. Ilustrações de Junião. Zit Editora, 2016.....	101
Ilustração 24 - Capa do livro “Amoras”, de Emicida. Ilustrações de Aldo Fabrini. Companhia das Letrinhas, 2018.....	101
Ilustração 25 – Capa do livro “Sinto o que sinto: e a incrível história de Asta e Jaser”, de Lazáro Ramos. Ilustrações de Ana Maria Sena. Carochinha Editora, 2019.....	102
Ilustração 26 - Capa do livro “De passinho em passinho”, de Otávio Júnior. Ilustrações de Bruna Lubambo. Companhia das Letrinhas, 2021.....	102
Ilustração 27 - Capa do livro “Omo-Oba: Histórias de princesas”, de Kiusam de Oliveira. Ilustrações de Josias Marinho. Mazza Edições, 2009.....	109
Ilustração 28 - Capa do livro “O menino Nito”, de Sonia Rosa. Ilustrações de Victor Tavares. Editora Pallas, 2002.....	111
Ilustração 29 -Página 04 do livro “Os três presentes mágicos”, de Rogério Andrade Barbosa. Ilustrações de Salmo Dansa. Editora Record, 2007.....	156
Ilustração 30 – Páginas 06 e 07 do livro “Os três presentes mágicos”, de Rogério Andrade Barbosa. Ilustrações de Salmo Dansa. Editora Record, 2007.....	157

Ilustração 31 - Páginas 08 e 09 do livro “Os três presentes mágicos”, de Rogério Andrade Barbosa. Ilustrações de Salmo Dansa. Editora Record, 2007.....	158
Ilustração 32 - Página 13 do livro “Os três presentes mágicos”, de Rogério Andrade Barbosa. Ilustrações de Salmo Dansa. Editora Record, 2007.....	159
Ilustração 33 - Página 07 do livro “Betina”, de Nilma Lino Gomes. Ilustrações de Denise Nascimento. Mazza Edições, 2009.....	163
Ilustração 34 - Página 15 do livro “Betina”, de Nilma Lino Gomes. Ilustrações de Denise Nascimento. Mazza Edições, 2009.....	165
Ilustração 35 - Páginas 08 e 09 do livro “Lendas da África moderna”, de Heloísa Pires Lima e Rosa Maria Tavares Andrade. Ilustrações de Denise Nascimento. Editora Elementar, 2011.....	169
Ilustração 36 - Página 33 do livro “Lendas da África moderna”, de Heloísa Pires Lima e Rosa Maria Tavares Andrade. Ilustrações de Denise Nascimento. Editora Elementar, 2011.....	169
Ilustração 37 - Páginas 46 e 47 do livro “Lendas da África moderna”, de Heloísa Pires Lima e Rosa Maria Tavares Andrade. Ilustrações de Denise Nascimento. Editora Elementar, 2011.....	170
Ilustração 38 - Página 60 do livro “Lendas da África moderna”, de Heloísa Pires Lima e Rosa Maria Tavares Andrade. Ilustrações de Denise Nascimento. Editora Elementar, 2011.....	171
Ilustração 39 - Página 17 do livro “Betina”, de Nilma Lino Gomes. Ilustrações de Denise Nascimento. Mazza Edições, 2009.....	175
Ilustração 40 - Página 23 do livro “Os três presentes mágicos”, de Rogério Andrade Barbosa. Ilustrações de Salmo Dansa. Editora Record, 2007.....	176
Ilustração 41 - Páginas 65 do livro “Lendas da África moderna”, de Heloísa Pires Lima e Rosa Maria Tavares Andrade. Ilustrações de Denise Nascimento. Editora Elementar, 2011.....	176
Ilustração 42 - Página 19 do livro “Betina”, de Nilma Lino Gomes. Ilustrações de Denise Nascimento. Mazza Edições, 2009.....	177
Ilustração 43 - Páginas 63 do livro “Lendas da África moderna”, de Heloísa Pires Lima e Rosa Maria Tavares Andrade. Ilustrações de Denise Nascimento. Editora Elementar, 2011.....	179

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Livros selecionados e distribuídos pelo PNBE TEMÁTICO.....	57
Quadro 2 – Livros da literatura infantil para anos iniciais o EF com personagens negras selecionados e distribuídos pelo PNBE Literário – 2008, 2010, 2012.....	71
Quadro 3 – Dados estatísticos referente aos acervos do PNBE (2008,2010 e 2012) – Anos Iniciais do Ensino Fundamental.....	77
Quadro 4 – Livros de literatura infantil e juvenil escrito por brasileiras(os) com personagens negras selecionados e distribuídos pelo PNBE.....	79
Quadro 5 – Mapeamento de pesquisas relacionadas ao tema (BTDT e Biblioteca da Capes)	114
Quadro 6 – Mapeamento de artigos relacionados ao tema (SciELO).....	119
Quadro 7 – Livros da literatura infantil escrito por brasileiras(os) com personagens negras selecionados/distribuídos pelo PNBE e analisados na pesquisa.....	148
Quadro 8 – Caracterização das personagens negras nos de livros infantis e juvenis analisados na pesquisa.....	151
Quadro 9 – Tendências nos livros infantis e juvenis do PNBE Literário (2008, 2010 e 2012).....	173

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Estatísticas referentes à distribuição de livros do PNBE de 1997 a 2014.....	54
Gráfico 2 – Estatísticas referentes à quantidade de livros do PNBE com personagens brancas e negras nos acervos dos anos de 2008, 2010 e 2012.....	70
Gráfico 3 – Quantidade de livros distribuídos pelo PNBE com personagens negras nos anos de 2008, 2010 e 2012.....	82

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - 1ª Fase da pesquisa – Etapas iniciais.....	123
Figura 2 - 2ª Fase da pesquisa – Etapas intermediárias.....	125
Figura 3 - 3ª Fase da pesquisa – Etapa final.....	126
Figura 4 - 4ª Fase da pesquisa – Resultados e Proposições.....	127

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALPAC	Associação Latino-americana de Pesquisa e Ação Cultural
CNE/CP	Conselho Nacional da Educação/Conselho Pleno
CONSED	Conselho Nacional de Secretários da Educação
ERER	Educação das relações étnico-raciais
EUA	Estados Unidos da América
FEFIARA	Federação das Faculdades Isoladas de Araraquara
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
HTPC	Hora de trabalho pedagógico coletivo
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDESP	Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo
JONESCO	Jovens Negros Conscientes
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LPP	Laboratório de Política Públicas
MEC	Ministério da Educação
NEAB	Núcleo de Estudos Afro-brasileiros
ONG FONTE	Organização Não Governamental “Frente Organizada Para Temática Étnica”
PISA	Programa Internacional de Avaliação de Estudantes
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PNBE	Programa Nacional da Biblioteca da escola
PNSL	Programa Nacional Sala de Leitura
PROLER	Programa Nacional de Incentivo à Leitura
SAEB	Sistema Nacional da Educação Básica
SEB	Secretaria da Educação Básica
SECADI	Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade
SEPPIR	Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFSCAR	Universidade Federal de São Carlos
UNDIME	União Nacional de Dirigentes Municipais de Educação
UNIARA	Centro Universitário de Araraquara

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	21
CAPÍTULO 1 - PERCURSOS E PERCALÇOS: A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL BRASILEIRA.....	35
1.1 BREVE HISTÓRICO DO SURGIMENTO DA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL.....	35
1.2 MONTEIRO LOBATO E A LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA	39
1.3 IMPACTOS DE UM MARCO: A REPRESENTAÇÃO NEGRA NOS LIVROS DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL BRASILEIRA E A LEI 10.639/2003	47
1.4 A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL BRASILEIRA E A IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.639/03 NOS ANOS INICIAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA	50
CAPÍTULO 2 - DE 1997 A 2014: O HISTÓRICO DO PROGRAMA NACIONAL BIBLIOTECA DA ESCOLA (PNBE)	52
2.1 AS AÇÕES DO PNBE.....	55
2.2 PNBE LITERÁRIO: DA ESCOLHA ÀS MÃOS DA CRIANÇA LEITORA	67
2.3 AS PERSONAGENS NEGRAS NOS LIVROS DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL DO PNBE LITERÁRIO.....	70
2.4 O ACERVO DO PNBE LITERÁRIO: PERSONAGENS NEGRAS NOS LIVROS DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL DE AUTORIA BRASILEIRA.....	76
CAPÍTULO 3 - DA LITERATURA NEGRA À LITERATURA NEGRA DO AFETO: PERSONAGENS NEGRAS EM DIFERENTES PERCURSOS	92
3.1 A LITERATURA NEGRA NO BRASIL	93
3.2 A LITERATURA NEGRO-BRASILEIRA: CONSCIENTIZAÇÃO POLÍTICA, LUTA POR RECONHECIMENTO E VALORIZAÇÃO.	95
3.3 A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL NEGRO-BRASILEIRA NA CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES	97
3.4 O USO DA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL NEGRO-BRASILEIRA PARA O ENFRENTAMENTO DO RACISMO E DAS DESIGUALDADES ÉTNICO-RACIAIS NO ESPAÇO ESCOLAR	106
3.5 TENDÊNCIAS DA PRODUÇÃO LITERÁRIA INFANTIL E JUVENIL NA CONTEMPORANEIDADE: A LITERATURA NEGRA BRASILEIRA DO ENCANTAMENTO E A LITERATURA NEGRO AFETIVA	108
CAPÍTULO 4 - PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA	113
4.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: CADA FASE UMA DESCOBERTA	122
CAPÍTULO 5 - DIÁLOGOS COM ESCRITORAS E ESCRITOR SOBRE A CONSTRUÇÃO DE PERSONAGENS NEGRA NOS LIVROS DA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL E O PNBE.....	128
5.1 PROSEANDO COM ROGÉRIO ANDRADE BARBOSA.....	129

5.2 PROSEANDO COM NILMA LINO GOMES	134
5.3 PROSEANDO COM HELOÍSA PIRES LIMA.....	140
5.4 PROSEANDO COM ROSA MARIA TAVARES ANDRADE	145
CAPÍTULO 6 - DEPOIS DA PROSA A GENTE SE ENTENDE: PERSONAGENS NEGRAS EM LIVROS LITERATURA INFANTIL E JUVENIL DO PNBE – O QUE ELAS NOS CONTAM?	148
6.1 OS TRÊS PRESENTES MÁGICOS: ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO	154
6.2 BETINA: ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO.....	161
6.3 LENDAS DA ÁFRICA MODERNA: ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO	167
6.4 ANÁLISE DAS PERSONAGENS NEGRAS EM LIVROS DO PNBE: TENDÊNCIAS QUE FAZEM OS LIVROS PROSEAR.....	172
6.4.1 Conflitos do Universo Infantil.....	173
6.4.2 Valorização da estética e da identidade negra.....	175
6.4.3 Resgate da herança e da ancestralidade africana	178
6.4.4 Enfrentamento ao racismo e promoção da Equidade Racial.....	180
CONSIDERAÇÕES	183
REFERÊNCIAS	195
APÊNDICE A – Carta de Apresentação da Pesquisa	210
APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	212
APÊNDICE C – Questionário para dados de identificação e levantamento.....	214
APÊNDICE D – Questionário para dados de identificação e levantamento.....	216
APÊNDICE E – Síntese do livro “Os três presentes mágicos” (Selecionado pela PNBE 2008).....	218
APÊNDICE F – Síntese do livro “Betina” (Selecionado pela PNBE 2010).....	219
APÊNDICE G – Síntese do livro “Lendas da África Moderna” (Selecionado pela PNBE 2012).....	220

APRESENTAÇÃO

Das mãos da minha mãe aos dedos das minhas mãos

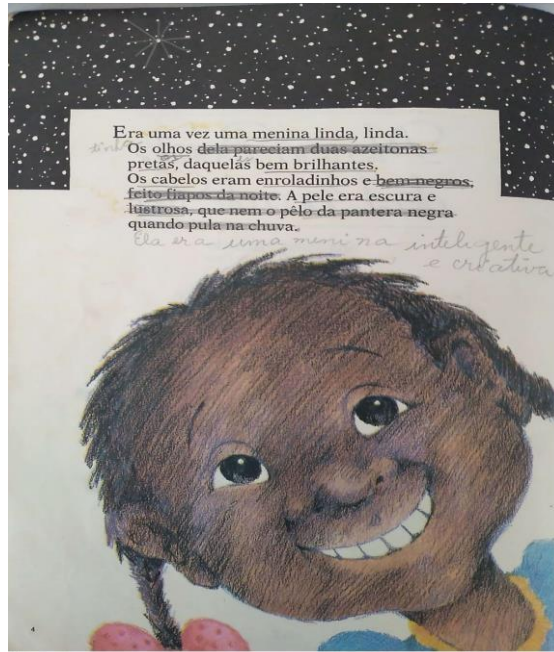
Venho apresentar minha trajetória: de menina negra que vivenciou o racismo no espaço escolar à pesquisadora da educação das relações étnico-raciais. Importante destacar que, sendo eu fenotípica e culturalmente de família negra, por meio das experiências ao longo de minha vida junto ou não de meus familiares, fui me conhecendo enquanto ser humano de pele negra, o que me possibilitou a percepção da problemática do racismo presente em nossa sociedade, ocasionando posteriormente reflexões e questionamentos acerca da educação das relações étnico-raciais no espaço escolar quando passo a atuar enquanto docente dos anos iniciais da educação básica.

Mas muito antes da docência me via no quintal de casa com uma lousa e bonecas. Sempre estavam os livros! Livros que minha mãe e meu pai me contavam, livros que meus irmãos liam para mim. E eu, era uma professora que lia. Quando criança lia para minhas bonecas. Quando adulta lia para as crianças que eram estudantes nas salas de aula das escolas em que fui professora. Hoje, leio para o meu filho desde a barriga.

Minha mãe lia para mim e de mãos dadas foram inúmeras as vezes que fomos à biblioteca. E ela fez isso com todos os filhos e também com o neto mais velho, Martin, com quem ela teve a oportunidade de conviver um pouco mais. Ela dizia que a leitura nos faria diferentes e que nos daria estratégias.

Não tenho como deixar de apontar que foram as leituras feitas por minha mãe, os diálogos com seu pai, meu avô Chiquinho que possivelmente lhes deram estratégias para usar os livros de literatura infantil como instrumento de fortalecimento das nossas identidades. Digo isso, pois minha mãe para me fazer gostar de quem eu era e também como eu era, usou o livro *Menina Bonita do Laço de Fita*. Mas o interessante é que apenas quando cresci percebi que a história do livro era bem diferente daquela contada pela minha mãe. E só quando li o livro que me foi dado por ela entendi a razão, com suas mãos e com o conhecimento que tinha sobre negritude, minha mãe, dona Beth, alterou com sua letra a história da Ana Maria Machado para que eu pudesse me ver e me perceber. Mas minha mãe foi muito além, ela descaracterizou aspectos alvo de críticas nesta obra a fim de contribuir positivamente com a construção da minha identidade negra.

Ilustração 1 - Página do livro “Menina Bonita do Laço de Fita”, de Ana Maria Machado. Ilustrações de Walter Ono. Cia Melhoramentos, 1986 [alterações em lápis realizadas pela mãe da autora]



Para além do livro com as páginas rasuradas pelas mãos da minha mãe, também me lembro das páginas de uma coleção que tinha os disquinhos coloridos e que tinham personagens negras assim como eu. Acho que era uma coleção dessas que se comprava com enciclopédias. Adorava ler aquelas histórias, folhear os livros e colocar os disquinhos para escutar. Mas o que eu mais gostava era que as personagens eram negras. E talvez depois da Menina Bonita, essas foram as primeiras ilustrações mais próximas do que eu era.

Minha mãe e meu pai, sempre investiam em livros. Enquanto filha caçula, sempre herdei livros dos meus irmãos. Herdei também o gosto pela leitura e pela música. Minha mãe lia muito e meus irmãos também. Então, eu também lia mesmo quando não fazia a leitura convencional fazia a leitura das ilustrações. Quando comecei a ler, eu também lia as letras de músicas das capas e encartes dos discos. Minha mãe a cada ida ao mercado para comprar algo voltava também com discos. Mas eu gostava de ver as capas dos discos. Lembro-me das conversas com meus tios, Edmir, Edson, Hermes sobre a capa de um disco, um single, da Natalie Cole. Escutava meus tios falando dessa cantora, gostavam de sua música e todos os natais a música “This Will Be” tocava tanto que eu quis saber quem era a artista. Meus tios me deram uma aula sobre cultura negra apenas me mostrando as capas dos discos. Nem preciso dizer que em minha casa, as(os) artistas negras(os), eram quem escutávamos. E me lembro dos

meus tios conversando e dizendo a importância de valorizarmos as músicas dessas(es) artistas. É por isso que sempre digo que aprendi já na tenra idade sobre ubuntu, mesmo só na adultez ter estudado e buscado a compreensão deste conceito.

Cresci escutando música negra brasileira e talvez por escutar “O negro é lindo!” de Jorge Ben Jor, já na infância algo me incomodava. Não sabia expressar muito bem, mas eram muitos os livros que eu não me via. Na música do Ben Jor, ser como eu era lindo, nas histórias contadas pelo meu avô também, na minha casa eu era linda, no salão da trançista Dona Conceição, no bairro de Vila Nair em SP. Minha mãe, eu, suas filhas, suas netas e todas as mulheres que lá frequentavam tinham cabelos lindos e não era lisos: ali aprendi sobre beleza negra, mas aprendi tantas outras coisas que fortaleceram a minha identidade negra. No salão que minha mãe frequentava na galeria 24 de maio, o cabelo black do cabelereiro tinha formato quadrado e eu achava lindo, mas nos livros que eu folheava: não éramos lindos ou ne aparecíamos! Algo me parecia errado, me doía e me incomodava demais.

Lembro-me de quando criança ter conversado com meu irmão mais velho, Junior sobre uma história do Monteiro Lobato que havia sido lida por minha professora. Falei para ele que não gostava do jeito que pessoas como nós apareciam nos livros dele. As ilustrações e como falavam de nós no texto, me incomodavam. Como se fosse hoje me lembro da professora Mônica pedindo para eu continuar a leitura e eu não sabia onde estava porque eu estava olhando a Tia Nastácia. Meu irmão me orientou a ler um livro intitulado “*O Apartheid*” da coleção Discindo a história publicado pela editora atual. O livro contava a história do Mandela e falava do regime de segregação racial na África do Sul. Lembro do meu irmão falando pra eu buscar conhecer mais sobre o Mandela. Fiz pesquisas em enciclopédias e li muito. Eu tinha uns 9 anos e foi nessa época, após essa leitura e pesquisas, que comecei a pedir para irmos morar na África. Meu irmão, que na época já era do Movimento Hip Hop e já participava das atividades do MNU, me disse que também havia uma África aqui no Brasil. Demorou muitos anos para entender que ele estava falando da diáspora.

Já um pouco mais velha lembro-me de quando esse mesmo irmão, enquanto escrevia a letra de rap, Sou Negrão, me chama e pergunta: “Você conhece essas pessoas?”. Talvez ele nem se lembre, mas enquanto rimava e me perguntava o que achei da música me contou quem era cada um dos nomes que citava. E me disse: “Viu só quanta gente? O negro é lindo, Nanda. Você é linda, Nandinha!”. Nunca mais esqueci essas palavras. E essas palavras tiveram/tem grande valor em minha trajetória.

Jamais não me esquecerei da primeira vez que fui xingada de neguinha. Eu estava no jardim I ou II. Tinha uns 5 anos. Não falei para minha mãe, mas contei para meu irmão do meio,

Fábio. A caminho da escola ele me puxando e me fazendo segurar a lancheira enquanto eu reclamava porque minha mãe costumava levar, eu o perguntei se eu era neguinha. Lembro-me do olhar do Fábio para mim. Ele ficou um pouco quieto e depois me disse: “Só na escola, Nandinha!. Mas não é algo que é bom e que gostamos. Você precisa se defender!” Ele me explicou o que dizer e coo e defender. Então, deixou-me na escola e foi embora. Na saída, a professora falou para minha mãe que eu tinha xingado e batido em uma criança. Lembro-me da minha mãe dizendo: “Vou conversar com a minha filha, mas conversem com os pais da criança que têm xingado a minha filha. Se vocês não conversarem, eu vou conversar!”.

Importante dizer que a minha mãe conversou comigo e me explicou muitas coisas. Tudo que ela me falou foi importante para o meu fortalecimento. Em nossa conversa, dona Beth me relatou uma situação vivenciada por ela na adolescência quando trabalhava como doméstica em uma “casa de família” e ao pedir para sair mais cedo, no dia seguinte, porque tinha dentista. Escutou que meninas como ela, não precisavam tratar dos dentes. Lembro dos olhos marejados da minha mãe, mas lembro da gargalhada ao dizer: “*Nesse dia, seu avô foi me buscar. Conte para ele. No dia seguinte, ele me levou para tratar os meus dentes e me orientou não voltar nesse serviço. Eu não voltei! Ele foi conversar e informar que eu não iria trabalhar mais lá. Na escola é diferente, você vai ter que voltar. E a mamãe, todos nós, sepre estaremos aqui, minha princesa!*” Com a minha mãe aprendi que por ter a pele negra, a minha presença incomodaria. Eu vivenciaria momentos nos quais seria preciso me defender e que quando saísse deveria ser um desejo meu. Também aprendi que o problema está no racismo.

Anos depois, aos 7 anos, teve uma situação, novamente na escola. Fiz o que minha mãe falou. Conte para ela que no dia seguinte foi à escola para conversar. Naquela semana, o menino melhorou, mas na semana seguinte os xingamentos voltara. Minha mãe enviou bilhete para professora e e falei com a professora inúmeras vezes. Como ela todas as vezes me mandou sentar, eu achei que mais uma vez era preciso bater. Lembrei da conversa com a minha mãe. Pedi para ele parar e saí da sala (sem falar com a professora) pra reclamar na direção. Na direção, falei o que aconteceu. Me pediram pra falar com a professora e e disseram que deveria esar lá com ela. Não fizeram nada e me mandaram voltar para sala de aula. Voltei, fui chamada atenção pela professora. Sentei e fui ao lixo apontar o lápis. O menino levantou e ao puxar minha trança disse: “*Neguinha de cabelo de plástico!*”. A professora ouviu e nada fez. Lembro-me do olhar dela para mim. Novamente, eu bati no menino. Eu chorei, chorei muito. Eu fui para direção e minha mãe foi chamada. Novamente ela disse a mesma coisa que havia falado da outra vez. Antes ela pediu que eu falasse para o diretor o que tinha acontecido. Lembro dela piscando para mim e dizendo, não precisava bater era só vir até a direção. Então relatei que

depois de falar várias vezes para professora havia ido na direção e ninguém tinha feito nada. Dessa vez, algo estava diferente, vi no olhar da minha mãe. Ela me pediu para sair da sala que precisava falar com o diretor. Não sei o que ela conversou com o diretor, embora, imagine! No caminho para casa lembro-me dela falando do Martin Luther King e do Malcom X. Só hoje, entendo a razão dela ter me falado sobre eles. As coisas nesta escola melhoraram, mas depois de um ano e meio diante de outra situação meus pais, no meio do ano, especificamente no mês de julho, me trocaram de escola. E foi bom para mim. Mesmo sempre querendo entender porque nesta escola que era grande haviam apenas 4 estudantes negros. Eu que estava na 3ª série, uma educanda que era da 5ª série, um educando do 1º colegial e um educando que fazia um curso técnico no noturno (sempre o via quando eu tinha treinos de handball). Muitas dessas vivências me fazem compreender a razão de ser uma professora com anos de atuação na sala de aula e hoje atuando na gestão educacional.

Como é possível perceber, em casa, ser negra era bom, era lindo. Meu povo tinha uma história. Lembro-me das histórias no quintal do meu avô, mas as histórias contadas pelo meu avô eram diferentes das que eu costumava folhear na escola. Nos diferentes momentos de minha formação escolar, muitas foram as situações de racismo que vivenciei que passaram a fazer sentido depois que cresci. Tais como: dificuldade em ter um par para dançar em eventos escolares, como festas juninas ou festas da primavera, por exemplo. O silenciamento da professora Mônica quando eu relatava as piadas feitas por meus colegas sobre minha pele ou cabelo. Suas falas de que pessoas como eu costumavam não ser boas em matemática. A não representação ou representação depreciativa das(os) negras(os) nos livros didáticos ou de literatura infantil me doíam.

A situação vivenciada por mim fez com que visse a escola como um espaço que vinha fortalecer a imagem negativa do ser negra, não contribuindo para um pertencimento étnico-racial positivo, o que era vivenciado de forma diferente junto de meus familiares: pais, irmãos, tias(os), avós.

Assim, como em outros processos identitários, a identidade negra se constrói gradativamente, num movimento que envolve inúmeras variáveis, causas e efeitos, desde as primeiras relações estabelecidas no grupo social mais íntimo, no qual os contatos pessoais se estabelecem permeados de sanções e afetividades e onde se elaboram os primeiros ensaios de uma futura visão de mundo. Geralmente este processo se inicia na família e vai criando ramificações e desdobramentos a partir das outras relações que o sujeito estabelece (Gomes, 2005, p. 43).

Enquanto estudante dos anos iniciais, pude perceber que a convivência entre negras(os) e brancas(os) é pouco harmoniosa, por ter vivenciado de diferentes formas o racismo oculto ou não. A relação com meu irmão mais velho, Antônio Luiz Junior (Rappin Hood),

rapper paulistano, que cotidianamente me apresentava letras de *Rap* para falar da nossa negritude, me contava das reuniões do Movimento Negro que participava e que aos 11 anos me disse que eu precisava ler mais sobre a minha história e me gostar. Naquele dia meu irmão me pediu para escutar duas músicas e me disse para prestar atenção na letra porque talvez depois não haveria muito o que ele precisasse me falar. As músicas eram “*Olhos Coloridos*” cuja letra foi composta por Macau e interpretada por Sandra Sá e “*Negro é lindo*” cuja letra foi composta por Paulinho Tapajós e interpretada por Jorge Ben (Jor). Os diálogos com meu irmão do meio, Fábio Luiz (Parteum), skatista e rapper paulistano, o qual me apresentava documentários e filmes do Spike Lee. Também era ele que dizia que eu precisava falar inglês porque isso me oportunizaria conhecer Atlanta. Como não lembrar de quando eu tinha 15 anos e no retorno de uma viagem que meu irmão havia feito aos EUA ele tira da mala algumas fitas de vídeo gravadas com séries cujas personagens eram interpretadas por pessoas negras e me diz: “*Isso vai ser importante para você aprender inglês! Mas vai te ensinar mais sobre ser negra. Os programas de TV de lá é bem diferente dos nossos! Tem muita gente igual a nós, Nanda!*”. Tudo isso me foi e ainda me é muito importante.

No ano de 1986, quando iniciei minha vida escolar, me percebi diferente dos meus coleguinhas de classe. Cabe aqui destacar que até então nunca tinha me dado conta disso. Foi ali, na escola, que descobri que era negra e diferente de todas(os) as(os) minhas(meus) coleguinhas. Achava lindo os meus cabelos! Adorava quando a dona Conceição fazia tranças em meu cabelo. O que era belo se tornou dúvida, por alguns momentos deixei de me gostar. Meus cabelos crespos ou trançados me pareciam feios, não queria ser como era. Já adulta, ao ler Fanon fiquei a refletir os sentimentos vivenciados por mim em tão tenra idade.

Sou negro, realizo uma fusão total com o mundo, uma compreensão simpática com a terra, uma perda do meu eu no centro do cosmos: o branco, por mais inteligente que seja, não poderá compreender Armstrong e os cânticos do Congo. Se sou negro não é por causa de uma maldição, mas porque, tendo estendido minha pele, pude captar todos os eflúvios cósmicos. Eu sou verdadeiramente uma gota de sol sob a terra (Fanon, 2008, p. 56).

No decorrer de minha trajetória discente, pude perceber que o meu conceito de belo aprendido junto de minha família era muito diferente do conceito de beleza imposto pela sociedade. 1988 foi um ano de muita dor para mim: foi a primeira vez que chorei por ser negra, foi a primeira vez que percebi que aqui no Brasil ter a cor da minha pele me traria dor e muitas vezes medo.

Naquele final de semana, fomos para Araraquara visitar os meus avós e me lembro de ter contado para o meu avô Chiquinho o que aconteceu e ele sentado me contou histórias de

como nosso povo era resistente. Lembro como se fosse hoje dele falando do continente africano e dizendo que eu era descendente de reis e rainhas e que jamais deveria deixar que me falassem algo diferente disso.

Na viagem de volta, lembro-me da conversa que tive com minha mãe e do pedido para viver num lugar só com pessoas negras porque os brancos não gostavam da gente e aquilo causava dor em meu coração. Lembro-me do meu pai em silêncio, olhando para minha mãe sem saber o que me dizer. Anos depois, comigo já adulta, ele me disse o quanto foi difícil aquela conversa e que doeu saber que eu passaria pelo mesmo que um dia ele passou.

Buscando lembranças de minha formação escolar, não me vem à memória nenhuma intervenção por parte das(os) professoras(es) para que fossem minimizadas as atitudes racistas que me agrediam. Aliás, elas(es) muito provavelmente não se davam conta do que estava acontecendo, ou, pior ainda, concordavam com as discriminações a que eu e meus colegas negras(os) éramos submetidas(os). Jamais presenciei uma professora minha tratar com respeito a história das(os) negras(os), muito menos problematizar as dificuldades das relações étnico-raciais, com a intenção de resolver, de alguma maneira, os efeitos de atitudes racistas e discriminatórias frequentes em sala de aula. Como falar de racismo em uma sociedade que o aceita e cultiva, renovando a cada dia o mito da democracia racial? (Luiz, 2013, p. 21).

A situação ficou mais latente quando já era estudante do curso de Magistério¹ e realizando meus primeiros estágios percebi crianças negras vivenciando situações semelhantes à que havia passado há mais de uma década. E ao buscar as lembranças de minha trajetória escolar, não encontrei em minha memória alguma intervenção por parte de minhas(meus) professoras(es) para a minimização das atitudes racistas que me feriam e me causavam sofrimento.

Então, no ano de 1999, ao terminar o Magistério e começar a dar aulas, percebi de fato a estrutura eurocêntrica presente no sistema educacional. Sendo assim, me dei conta de que esta estrutura influencia os pensamentos e as práticas pedagógicas de muitas(os) professoras(es). No Grupo Jovens Negros Conscientes – JONESCO, no município de Araraquara, passei a conversar com outra(os) Jovens negras(os) e junto delas(es) pensar ações de enfrentamento ao racismo.

Ao ingressar, no ano 2000, no curso de Normal Superior da Universidade de Araraquara – UNIARA, o que me gerava inquietações e me impulsionava desenvolver ações junto do grupo JONESCO passou a ser percebido com mais nitidez. Dei-me conta do quanto o racismo está fortemente estruturado e como o “mito da democracia racial” favorece a ocultação

¹ Formação de professoras(es) em nível de Ensino Médio que extinguiu-se após alterações da LDBEN no ano de 1996.

desse racismo na sociedade brasileira. Era necessário pensar estratégias de enfrentamento através de ações no espaço escolar.

Importante destacar que o “mito da democracia racial” se estabelece a partir do imaginário construído em torno da ideia de que vivemos harmoniosamente em uma democracia racial em que todas(os), negras(os) e brancas(os) têm os mesmos direitos e oportunidades. Considerando que as relações vivenciadas por todas(os) nós sofrem a influência desse mito, dificultando a percepção da realidade que envolve as(os) negras(os) em nosso país, é urgente trazer a discussão do racismo no espaço escolar de forma a possibilitar a desconstrução desse mito tão presente no modo de ver as relações étnico-raciais.

O mito já desmoronou, mas no imaginário coletivo a ideia de que nosso problema seja social, de classe socioeconômica, e não da cor da pele, faz com que ainda subsista. Isso é o que eu chamo de “inércia do mito da democracia racial”. Ele continua a ter força, apesar de não existir mais, porque o Brasil oficial também já admitiu ser um país racista. Para o brasileiro é, porém, uma vergonha aceitar o fato de que também somos racistas² (Munanga, 2012).

Sendo assim, cabe à(ao) docente reconhecer o racismo e, para além da denúncia, buscar uma prática pedagógica de enfrentamento a essa situação.

Não precisamos ser profetas para compreender que o preconceito incutido na cabeça do professor e sua incapacidade em lidar profissionalmente com a diversidade, somando-se ao conteúdo preconceituoso dos livros e materiais didáticos e às relações preconceituosas entre alunos de diferentes ascendências étnico-raciais, sociais e outras, desestimulam o aluno negro e prejudicam seu aprendizado. O que explica o coeficiente de evasão escolar, altamente elevado do alunado negro, comparativamente ao do alunado branco (Munanga, 2005, p.18).

De acordo com King (2011, p. 62), “a escola, o conhecimento acadêmico e as formas de conhecimento centrado na cultura europeia (ou na mais disseminada) contribuem para manter coesa a estrutura social existente”. Dessa maneira, é importante refletir acerca do material utilizado por professoras(es) e que podem contribuir ou não para que essa estrutura permaneça. Cabe, porém, ressaltar que, embora seja nosso papel refletir sobre os materiais que estão presentes no espaço escolar, o enfrentamento ao racismo não é apenas responsabilidade das(os) professoras(es) e sim de todas(os) aquelas(es) que atuam nesse espaço.

Em 2003, ano de conclusão de meu curso de graduação, aconteceu a promulgação da Lei 10.639/2003, a qual alterou a Lei 9394/1996, introduzindo o artigo 26^a A: “nos estabelecimentos de Ensino Fundamental e de Ensino Médio, públicos e privados, torna-se

² Munanga (2012) em entrevista concedida à Revista Carta Capital. Disponível em: <<http://www.viomundo.com.br/politica/kabengele-munanga-a-educacao-colabora-para-a-perpetuacao-do-racismo.html>>

obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira”. Importante salientar que nada aprendi sobre a lei em minha formação inicial. Era uma discussão muito presente na pauta do Movimento Negro de Araraquara. Lembro-me de reuniões onde a professora Nazaré ressaltava a importância dessa lei e da educação no combate ao racismo.

A Professora Nazaré sempre foi e ainda é uma grande inspiração para mim. Via nela a professora que eu gostaria de ser. Ao escutá-la, entendia a razão pela qual era tão importante ser professora e militante. Isso não era um problema, mesmo durante minha formação inicial eu tendo escutado inúmeras vezes: “Você precisa se afastar da militância para dar aula!”.

Já graduada, busquei em minha prática pedagógica trazer o que muitas(os) insistem em chamar de temática para a sala de aula. Falar e desenvolver atividades voltadas à reeducação das relações étnico-raciais, pensar sobre racismo, diversidade e o multiculturalismo presentes na sociedade brasileira me fazia muito sentido.

Em 2005, ingresso como professora efetiva na rede pública estadual na cidade de São Paulo. Foi nesta rede que junto de 3 professoras que também iniciavam suas trajetórias acadêmicas e com uma equipe de professoras experientes que nos acolhiam e nos escutavam, com uma equipe gestora acolhedora e humana que idealizei os primeiros projetos com o recorte racial na rede estadual. Passei por 4 escolas, uma na cidade de São Paulo e três na cidade de Araraquara, e em todas tive a oportunidade de fazer parcerias em prol da luta anti-racista o que muitas vezes me inquietava, pois afinal se o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira está previsto na LDBEN porque era preciso tamanho engajamento para que isso acontecesse?

Dessa forma, considerando minhas vivências enquanto filha da dona Beth e do seu Antônio, irmã do Júnior e do Fábio, militante, docente e pesquisadora atuando nos anos iniciais do Ensino Fundamental, vejo a necessidade de me aprofundar. E assim, aproximo-me das atividades desenvolvidas pelo NEAB-UFSCar e após leituras e mais leituras, no ano de 2011, ingresso no mestrado em educação no PPGE/UFSCar³.

Não me é possível falar do meu ingresso no mestrado sem citar amigos que e incentivaram e colaboraram. São elas(es): Clayton do Carmo, Keila Marcondes e Robson Amaral da Silva. Trabalhávamos juntos na rede estadual e não separávamos a docência da pesquisa! Isso porque sabíamos que se faz pesquisa no chão da escola e assim nos aconteceu. As amigas e parceiras de tantos projetos não poderia ser esquecidas: Edilene Pereira, Valquíria Tenório e Vera Rodrigues. E também o professor e vizinho, Milton Lauherta que a pedido da minha mãe, leu o projeto e fez sugestões preciosas. Com essas(es) amigas(os) aprendi que

³ Programa de pós-graduação em educação – Universidade Federal de São Carlos.

pesquisa se faz em diálogo e com apoio. Muitas pessoas afirmam que fazer pesquisa é solitário, mas escolhi não fazer pesquisa assim e desde o mestrado. Tive muita gente comigo, me incentivando, apoiando, dando as mãos.

Também há três pessoas que em meu ingresso já eram doutoras(es): Douglas Verrangia, Flávia Alessandra de Souza e Rosangela Malachias. Elas(e) não me conheciam efetivamente, mas leram meu texto e fizeram sugestões. Trocamos muitos emails. Talvez elas(ele) nem se lembrem, mas as sugestões de leituras e contribuições no projeto, com certeza, me foram importantes. Sabe a história de subir e puxar o outro, elas(ele) vivem(vive) isso. Eu não esqueci e hoje, faço o mesmo com quem me procura.

Sob orientação da Profa. Dra. Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva realizei a pesquisa intitulada “*Educação das relações étnico-raciais: Contribuições de cursos de formação continuada para professoras(es)*”, na qual investiguei as contribuições para mudanças (ou não) nas práticas pedagógicas de professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental advindas dos processos educativos desencadeados nos cursos de formação referentes à temática étnico-racial. Interessante que ao reler meu caderno de campo várias são as observações das participantes da pesquisa sobre o uso da literatura infantil para trazer a discussão sobre a questão racial, para fortalecer a identidade das crianças negras e para oportunizar conscientização junto das crianças não negras.

Posteriormente, no ano de 2017, ingressei no doutorado em educação no PPGE/UFSCar, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Anete Abramowicz, com o objetivo de realizar a presente pesquisa na qual busco compreender junto de escritoras e escritor a construção e apresentação das personagens negras em livros de literatura infantil e juvenil selecionados pelo PNBE e distribuídos nas escolas dos anos iniciais do Ensino Fundamental I da rede pública brasileira.

No ano de 2019, ingressei como vice-diretora educacional na rede pública municipal na cidade de Campinas, e vejo que esta é mais uma oportunidade para numa outra esfera de atuação no espaço escolar contribuir para implementação dos artigos 26^a e 79B da LDBEN. Sabemos que mesmo sendo que o Brasil, depois dos países africanos, o país que possui o maior número de pessoas negras tendo atualmente de acordo com os dados do PNAD - 2019, 56,2% da população composto por pretos (46,8%) e pardos (9,4%), as pessoas negras(os) em cargos de liderança ainda é minoritária se comparo o quantitativo de pessoas brancas nesses cargos.

De acordo com o IBGE, negras(os) ocupam menos de 30% dos cargos de liderança nas empresas privadas. E esse percentual não tem uma crescente. Cabe também destacar que os dados do IBGE nos levam a perceber que essa situação não é diferente no funcionalismo

público. Quando feito o recorte considerando a hierarquia de cargos e o nível de escolaridade, as pessoas negras (pretas/os e pardas/os) têm cargos de nível mais baixo onde se é exigido Ensino Fundamental ou Médio. Quando observado o quantitativo de pessoas negras nos cargos comissionados de livre nomeação, o cenário não é diferente.

Cotidianamente reflito acerca desses dados, pois me pergunto onde estão as(os) servidoras(es) negras(os) de carreira ou comissionadas(os) e se estas(es) ocupam cargos de decisão. Faço este questionamento pois ao atuar na vice-direção educacional na rede municipal de Campinas conto nos dedos a quantidade de pessoas negras que encontro nas reuniões de trabalho das equipes gestoras das unidades educacionais da região em que está localizada a escola em que trabalho. Também não vejo muitas(os) negras(os) nos cargos de “poder e decisão” da SME na qual atuo.

Durante minha trajetória escolar e universitária, percebi que as(os) estudantes negras(os) eram cada vez menos numerosas(os), à mudança de nível, da educação básica à pós-graduação. Diante dessa situação, passei a me questionar e fiquei cada vez mais inquieta fortalecendo ainda mais meu interesse em realizar um estudo no campo da educação que abordasse a reeducação das relações étnico-raciais no espaço escolar e em nossa sociedade.

Em minha trajetória acadêmica, a participação no Grupo de Estudos junto da linha de pesquisa *Relações Étnico-Raciais e educação* do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da UFSCar (NEAB-UFSCar)⁴ foi significativa em minha construção de mulher, docente, pesquisadora e mãe como também valiosa para o fortalecimento da minha negritude.

Não posso deixar de apontar que os anos enquanto professora na rede estadual e municipal, as parcerias que estabeleci, as amizades que tive a oportunidade de fazer, a atuação voluntária no Centro de Referência afro de 2009 à 2016 na cidade de Araraquara, a participação enquanto pesquisadora-colaboradora no Grupo de estudos em Educação das Relações étnico-raciais (Grupo ERE) - Unesp/ FCLar e no Grupo de estudos e pesquisas sobre Infância, Família e Escolarização (GEPIFE) - Unesp/ FCLar, a participação na Comissão da Verdade da Escravidão da OAB-Araraquara, a oportunidade de atuar na Coordenadoria Executiva de Direitos Humanos na cidade de Araraquara, o assumir do cargo de gestão enquanto Vice-diretora Educacional em um Centro de Educação Infantil na cidade de Campinas, a aproximação durante a pandemia de gestoras(es) negras(os) ocasionando o coletivo gestorxs negrxs me fortaleceram e muito significaram para o meu crescimento. O nascimento do meu

⁴ A história do NEAB-UFSCar (Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da UFSCar) faz com que se pense na importância da temática do estudo. Tendo o grupo sido fundado em 1991, se constitui como um núcleo de estudo que desenvolve pesquisas e discussões, particularmente nas áreas de educação e sociologia.

filho foi muito importante: ser mãe de um menino negro me aproximou ainda mais da minha ancestralidade, pois me é possível compreender as preocupações e dores da minha mãe e das minhas avós.

Para mim, é possível afirmar que minha trajetória docente, os processos educativos desencadeados junto da minha família, do Movimento Negro, os estudos acadêmicos e as conversas nos diferentes espaços nos quais me fiz presente foram importantes para construção de quem eu me tornei e me permitiu chegar à questão inicial desta pesquisa: Como as(os) personagens negras(os) são construídas(os) por escritoras(es) nos livros de literatura infantil e juvenil selecionados para o PNBE?

As motivações e questionamentos que me levaram à proposição desta pesquisa se dão no momento de análise dos dados da minha dissertação de mestrado associada à minha prática docente junto às crianças do 1º ciclo dos anos iniciais do Ensino Fundamental I, ao escolher livros de literatura infantil para contação de histórias.

Sendo assim, esta pesquisa buscará em diálogo com escritoras e escritor, compreender como se dá a construção das(os) personagens negras(os) presente nos livros de literatura infantil e juvenil especificamente dos livros selecionados e distribuídos pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) nos anos de 2008, 2010 e 2012.

Tal período se dá pelo fato de ter o ano de 2013 como um momento no qual se faz um balanço das políticas de Promoção da Igualdade Racial na Educação, uma vez que neste ano celebraram dez anos de publicação no Diário Oficial da União da Lei 10.639⁵, a qual simboliza um marco histórico da luta antirracista no Brasil e transformação da política educacional e social do nosso país. Cabe também ressaltar que embora no decorrer da pesquisa houvesse interesse em analisar os livros distribuídos no ano de 2014, não nos foi possível realizar essa análise uma vez que no site do PNBE não está mais disponível a lista dos acervos PNBE 2014⁶.

A apresentação acima descrita apresenta, portanto, um pouco da minha trajetória junto da minha família e também como se deu minha aproximação e o interesse em pesquisar as relações étnico-raciais em educação e culminância com a realização desta pesquisa intitulada “*Entre prosas e livros: A literatura infantil-negro brasileira interroga, tensiona e expande o campo da literatura infantil brasileira*” .

Assim, a referida tese ficou estruturada da seguinte forma:

⁵ A lei 10.639/03 alterou a lei 9394/1996 – Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nos artigos 26A e 79B. Instituiu a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Africana e Afro-brasileira. Ela foi alterada pela lei nº 11.645-08 a qual acrescentou a temática indígena.

⁶ Para a realização desta pesquisa optamos por trabalhar com os dados disponibilizados no site oficial do PNBE.

Abro esta tese com uma apresentação de quem sou e da minha trajetória, da infância à adultez. Faço isso, pois acredito que as minhas vivências foram importantes na construção das minhas identidades e no impulsionamento para realização desta pesquisa. Por isso, ao contextualizar para a(o) leitora(leitor) que como mulher negra, neta, filha, irmã, mãe, militante, brasileira, latino americana, professora, vice-diretora educacional e pesquisadora, trabalhadora é que responderei(ou não) as minhas inquietações e indagações.

No primeiro capítulo falo do surgimento da literatura infantil e juvenil no Brasil apontando a existência do racismo na construção das personagens presentes na obra de Lobato e ressaltando que as novas tendências literárias ressignificam a construção das personagens negras. A partir disso faço uma breve reflexão sobre a imagem da população negra nos livros e das mudanças decorrentes da alteração da LDBEN por meio da lei 10.639/03.

No segundo capítulo trago apontamentos como o Movimento Negro, por meio de suas ações, interfere no espaço escolar de forma a introduzir a educação das relações étnico-raciais nas escolas brasileiras.

No terceiro capítulo após fazer o levantamento da produção acadêmica sobre o PNBE apresento o histórico e as ações ao longo dos 17 anos de existência deste Programa. Faço um recorte sobre o PNBE Literário por ser a ação na qual os livros objetos dessa pesquisa integram o acervo.

No quarto capítulo explicito os caminhos que percorri para a realização desta pesquisa que foi desenvolvida em 4 fases. São elas: 1ª fase – etapas iniciais (Coleta e produção dos dados); 2ª fase – Etapas intermediárias (Exploração dos dados iniciais); 3ª fase – Etapas finais (Construção e compreensão dos resultados); 4ª fase – Resultados e proposições.

No quinto capítulo apresento o resultado das entrevistas realizadas com o escritor Rogério Andrade Barbosa e com as escritoras Nilma Lino Gomes, Heloísa Pires Lima, Rosa Maria Tavares Andrade. Neste capítulo, a partir do que nos foi falado por ele e por elas, apresento reflexões sobre a construção de personagens negras na perspectiva dele e delas e sobre o PNBE em suas trajetórias.

No sexto capítulo, trago a análise e interpretação dos livros *Os três presentes mágicos*, *Betina* e *lendas da África Moderna* os quais compõem o acervo do PNBE nos anos de 2008, 2010 e 2012 e que foram escritos por Rogério Andrade Barbosa, Nilma Lino Gomes, Heloísa Pires Lima, Rosa Maria Tavares Andrade, respectivamente. Para construção da análise e interpretação nos fundamentamos em 4 pilares. São eles: QUEM é/são a(s)/o escritora(s)/escritor do livro?; COMO as personagens negras foram construídas?; PARA

QUEM essa(s)/esse escritora(s)/escritor escrevem?; O QUE os livros apresentam à criança leitora?

Por fim, no sétimo e último capítulo, apresento minhas considerações. Nele busco relacionar minha trajetória com as reflexões possíveis dos diálogos estabelecidos com o escritor Rogério Andrade Barbosa e com as escritoras Nilma Lino Gomes, Heloísa Pires Lima, Rosa Maria Tavares Andrade, da análise dos livros selecionados para esta pesquisa. É assim que nesse capítulo, de mãos dadas com a minha ancestralidade e com quem está iniciando sua caminhada (meu filho), finalizo a pesquisa, mas não os questionamentos e nem a luta por uma sociedade equânime na qual negras(os) sejam reconhecidas(os) e sobretudo, valorizadas(os)..

CAPÍTULO 1 - PERCURSOS E PERCALÇOS: A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL BRASILEIRA

1.1 BREVE HISTÓRICO DO SURGIMENTO DA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

Contar histórias sempre fez parte das experiências culturais de diversos povos e por isso, ressaltamos que o continente africano ao valorizar a tradição oral nos deixa como herança, os griots, exímios contadores de histórias da África e conhecedores de suas raízes culturais. Pessoas importantes na complexa cultura africana, os quais representam uma casta familiar com tradições milenares. Até os dias de hoje, são eles os guardiões das tradições e responsáveis pela transmissão dos conhecimentos históricos da sociedade africana.

O griot quando conta sua história, revela os momentos sociais nos quais a prática de contar foi adquirida. Seus relatos têm relação com a identidade coletiva e permitem a sua identificação com o povo, com a comunidade. Daí o prestígio social especial que lhe é conferido pela tradição. A sua atuação ganha especial importância porque traz consigo a memória profunda que cuida da compreensão do tempo histórico e sua relação com o espaço. Some-se às várias funções e papéis acumulados pelo griot na sociedade, a de — embaixador, o maior representante de um clã nas transações com outras tribos (Melo, 2009, p. 149).

Esses contadores de histórias, mensageiros oficiais ou guardiões da memória, história e tradições, no passado, eram responsáveis por firmar transações comerciais entre os grupos, impérios e comunidades como também transmitir ensinamentos culturais, os mitos, as técnicas e as tradições de geração para geração.

Os griots foram importante agente vivo do comércio e da cultura humana. (...) Os griots tomaram parte em todas as batalhas da história, ao lado de seus mestres, cuja coragem estimulava relembrando-lhes a genealogia e os grandes feitos dos antepassados (Bâ, 2011, p. 196).

Ao longo da temporalidade histórica, o ato de contar histórias em grupo para distração ou para a consolidação de narrativas percorre e atravessa as práticas culturais em diversos espaços. A oralidade e a arte de contar histórias considerando as gerações sempre foi praticada e ensinada entre os povos da sociedade africana.

Uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, venerada no que poderíamos chamar elocuições-chave, isto é a tradição oral. A tradição oral pode ser definida, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra (Vansina, 2010, p. 139).

Na cultura africana, o uso das palavras pelos mais velhos se constitui no conhecimento desencadeado pelo diálogo, argumento e conselho dado por estes. Sendo assim, a história contada pelos griots carregam as marcas das experiências humanas de um povo ao longo dos tempos.

Um mestre contador de histórias africano não se limitava a narrá-las, mas podia também ensinar sobre numerosos outros assuntos (...) porque um ‘conhecedor’ nunca era um especialista no sentido moderno da palavra mas, mais precisamente, uma espécie de generalista. O conhecimento não era compartimentado. O mesmo ancião (...) podia ter conhecimentos profundos sobre religião ou história, como também ciências naturais ou humanas de todo tipo. Era um conhecimento (...) segundo a competência de cada um, uma espécie de ‘ciência da vida’; vida, considerada aqui como uma unidade em que tudo é interligado, interdependente e interativo; em que o material e o espiritual nunca estão dissociados. E o ensinamento nunca era sistemático, mas deixado ao sabor das circunstâncias, segundo os momentos favoráveis ou a atenção do auditório (Bâ, 2003, p. 174-175).

O contar histórias estimula o refletir da importância das raízes culturais favorecendo a identidade e pertencimento desta população, mantendo viva a memória e as origens dos africanos, aproximando diferentes gerações, possibilitando o redescobrir do sentimento de identidade de comunidades e populações que partilham os mesmos modos de vida.

A preocupação em educar e formar crianças por meio da repetição de histórias já contadas e do movimento da rememoração do passado e do presente, considerando a memória de um povo sempre foi prática dos africanos.

[...] resta perguntar o que sabemos a respeito de perspectivas africanas? Uma filósofa que nos ajuda a fazer uma aproximação da concepção de infância é a costa marfinense Tanella Boni (1954). Nos anos de 2013 e 2016, Tanella Boni ofertou poemas para a exposição *Gentú Ndaw (Sonhos de Infância)* com fotografias do cotidiano de crianças do Mali, Gana, Costa do Marfim, Níger, Togo, Burkina Faso, Senegal e Gâmbia do artista Ángel Luis Aldai. Em certa medida, os poemas convergem com as observações feitas por Amadou Hampâté Bâ (1900-1991) em *Amkoullel, o menino fula* (2003), a saber: a memória está no registro da infância. Conforme Bâ, o menino fula desde criança foi convidado a escutar histórias, saborear as palavras. Afinal, só é possível memorizar na condição de infância. Em outras palavras, a memória não seria algo apenas do registro da ancestralidade. Ela não deve ser entendida como propriedade exclusiva das pessoas mais velhas. As crianças e as pessoas investidas de infância guardam a tradição. Por excelência, infância e tradição são sinônimos. Porque um esforço tradicional africano está justamente na preservação da infância (Nogueira, 2019, p. 62).

Nesse sentido, é possível afirmar que na sociedade africana a criança sempre foi compreendida como sujeito singular, com necessidades, características próprias e não um adulto em miniatura, mas um ser que junto dos mais velhos se forma. Um sujeito que é de responsabilidade de todos e que é educado por todos.

Segundo Ariès (2011), o desencadear do sentimento de infância constitui-se enquanto um tipo de subjetividade e de tratamento em relação à criança no contexto europeu entre o

término do século XVI e início do século XVII. A criança passa a ter uma posição de destaque, surgindo a preocupação com a educação moral e pedagógica. Novos costumes começam a vigorar, tais como: o diferenciar o modo de vestir crianças e adultos; a separação de crianças por classes sociais.

Com o advento do capitalismo e da lógica do capital, surge na Europa a necessidade de uma nomenclatura específica e da separação de histórias a serem contadas para adultos e para crianças. Junto a isso, as noções de família e de criança centradas no contexto europeu serão o arcabouço no qual será forjada a ideia de literatura infantil.

A literatura infantil se materializa como fenômeno criativo, trazendo contribuições significativas para a formação e produção da criança leitora branca europeia e sendo assim, percebe-se o fortalecimento de uma identidade e pertencimento que desconsidera as crianças que integram outros grupos.

É preciso, porém, além de refletir acerca das concepções da infância no ocidente considerar as concepções de infância no continente africano e as influências dessas concepções no território brasileiro. E assim, buscamos compreender: Quais histórias são contadas e constituem o imaginário das crianças negras e não negras no Brasil?

Lajolo & Zilberman (1986) apontam que a literatura infantil brasileira, de forma insuficiente e esporádica, surge tempos depois do início da europeia a partir da Imprensa Régia, em 1808, que foi responsável pela publicação dos primeiros livros para crianças no Brasil. Entretanto, existem escritoras(es) que afirmam que foi somente após a Proclamação da República é que se iniciou de fato uma literatura infantil brasileira.

Se considerarmos que no Brasil, a produção literária dirigida ao público infantil inicia-se na primeira metade do século XIX com o objetivo de criar e divulgar o discurso, os símbolos e as metáforas da nova imagem do país republicano com obras literárias carregadas de referências europeias e como Lajolo & Zilberman (2007), apontam essas obras são adaptações do modelo europeu. Sendo assim, entendemos que essas obras não só exercem a função de contar histórias, mas servem como um instrumento de um projeto educativo e ideológico dirigido às crianças, primeiramente brancas por meio do texto infantil e da escola busca formar cidadãos que tem como modelo humano, o homem adulto heterossexual, de pele branca, cristão, rico.

Cabe ressaltar que as primeiras traduções a circular pelo Brasil mostravam uma projeção da imagem da criança. Utilizando de variadas situações, as obras apresentavam as crianças como personagens centrais, ora virtuosas, com comportamento exemplar, ora negligentes e cruéis, tendo por objetivo a formação de uma moral e subjetividades infantis.

Buscava-se, portanto, uma criança padrão, a qual devia seguir o modelo humano citado anteriormente neste texto, com características que destacam a história de opressão vivenciada pela população negra e contribuem para o apagamento das contribuições deixadas por esse povo.

Os africanos deixaram fortes influências na religião, na história, nas tradições, no modo de ver o mundo e de agir perante ele, nas formas das artes, nas técnicas de trabalho, fabricação e utilização de objetos, nos modos de falar, de vestir, na medicina caseira e em muitos outros aspectos sócio- culturais da nossa sociedade (Silva Filho, 2009, p. 1).

As contribuições da população negra incidem muito além de todas essas áreas citadas pelo escritor. Nesse sentido, percebemos que no processo de elaboração do histórico da literatura infantil brasileira não se considerou as contribuições da população negra presentes em nosso país no período escravagista que durou do século XVI ao século XIX e “terminou” com a Lei nº 3353 de 13-05-1888 – a Lei Áurea – que “extinguiu” a escravidão no Brasil.

Nesse sentido, a literatura infantil brasileira definiu-se historicamente pela formulação e transmissão de uma única visão de mundo pautada na cultura européia. Construiu-se, então, uma única concepção literária herdada do regime monárquico na qual se veiculava um ideal civilizatório europeizado e que parte do olhar do adulto.

O negro era uma personagem comumente ausente ou referida como personagem presente em histórias que relatavam o período escravocrata. Eram muitas(os) as(os) escritoras(es) que defendiam os ideais de progresso e civilização. E para elas(es), negras(os) eram representadas(os) ainda no regime de servidão ao branco ou como inferior ao branco, como podemos ver nas histórias de Tia Nastácia, de Monteiro Lobato. Era comum, os apelidos e chamamentos pejorativos a essa personagem. Sendo assim, é possível afirmar que a literatura infantil brasileira é construída num ideário racista.

Embora Tia Nastácia seja protagonista juntamente com Dona Benta, não há dúvidas de que as duas personagens não possuem relação de igualdade. Tanto no texto quanto nas ilustrações, a personagem negra é inferiorizada, seja pelo conhecimento advindo do seu povo, por suas vestimentas ou sua aparência física. No sítio do Pica Pau Amarelo, nos é possível identificar a personagem da Tia Nastácia como uma velha negra “ignorante”, que tem domínio do conhecimento popular, e só se aproxima do conhecimento empírico à partir dos apontamentos fundamentados da personagem Dona Benta. Personagem que além de encantar os netos com suas estórias é uma velha branca “sábia” e que detem o conhecimento empírico. Dessa forma, Tia Nastácia domina apenas a cozinha. Sendo este, portanto, único local e que tem espaço para fala e onde é considerada boa.

Essa personagem contribui para reforçar um estereótipo do que se espera da mulher negra mais velha: boa cozinheira, com conhecimento popular e contadora de histórias. Isso, portanto, nos leva a perceber o quanto o escritor contribui para o reforço do estereótipo da mulher negra. Isso inclusive fica evidenciado nas páginas do livro “Histórias da Tia Nastácia” em que a personagem principal tem suas histórias analisadas e qualificadas pelas dona Benta e pela demais personagens (Pedrinho, Narizinho e Emília).

Nesta pesquisa, não nos debruçaremos em fazer a crítica das obras desse escritor, pois, em nosso entendimento, existem pesquisas (Costa Neto, 2015; Cardoso, 2020; Rodrigues, 2022) que falam acerca disso e não temos por objetivo fazer essa análise. Em vez disso, desejamos valorizar a escrita de escritoras(es) que em suas obras, na ilustração e no texto, tragam personagens negras que venham de África ou da diáspora, com uma estética não estereotipada e que não estejam na condição de escravização, submissão e subalternização.

Entendemos, portanto, que uma vez que abordaremos aspectos do PNBE e que a obra desse autor está nos acervos se faz necessário alguns apontamentos para que possam compreender de onde partiremos.

1.2 MONTEIRO LOBATO E A LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA

Pesquisadores, porém, defendem que no Brasil, aquilo que se constitui enquanto literatura infantil nasce a partir das obras do “grande literato” Monteiro Lobato. Segundo Cademartori,

A literatura infantil brasileira se inicia sob a égide de um dos nossos mais destacados: Monteiro Lobato. Se isso, por um lado prestigiou o gênero no seu surgimento, por outro fez com que, após Lobato, por muito tempo, a literatura infantil brasileira vivesse à sobra de seu nome (1986, p. 43).

No século XX, mais precisamente na década de 1920, a partir de Monteiro Lobato que produziu o que muitos acreditam ser “contos memoráveis” surgem as primeiras obras da literatura infantil Brasileira. Coelho (2009) classifica Monteiro Lobato como aquele que promoveu a divisão do Brasil de ontem com o Brasil de hoje. Segundo o escritor, em suas obras, Lobato preocupava-se em valorizar a cultura brasileira, resgatava os personagens do folclore nacional e estabelecia uma ruptura com as influências europeias. Entretanto, não podemos deixar de afirmar que Lobato trazia um texto carregado de racismo e que em suas obras reforçava um estereótipo por meio dos personagens negras(os) apresentadas(os) em suas obras.

Os livros desse autor estavam presentes nas salas de aula enquanto estudante que fui e para minha surpresa, as mesmas obras estavam nas estantes das bibliotecas escolares das escolas nas quais passei e também nas caixas ou salas de leituras. Os livros eram os mesmos que me inquietavam na infância. Perguntava-me: “Como tantos anos depois isso é possível? Rotineiramente era necessário o debate com diretoras(es), coordenadoras(es) e professoras(es) sobre o racismo presente na obra do autor, mas era e ainda é comum escutar as pessoas dizendo que ele é um excelente literato. Mas, é possível que obras racistas sejam chamadas de excelentes? É possível que sejam escolhidas para ações de incentivo à leitura? É possível que sejam selecionadas em programas como o PNBE, por exemplo?”

Como já dito anteriormente, nas obras de Monteiro Lobato, a tia Nastácia é desvalorizada sendo associada apenas aquela que ouve e repete histórias sem conhecimento emérito das coisas precisando sempre da Dona Benta para saber como e o que fazer. Em um trecho do livro “Histórias da Tia Nastácia” (1937), o autor traz na fala de uma personagem sua opinião sobre negras(os):

Só aturo estas histórias como estudo da ignorância e burrice do povo. Prazer não sinto nenhum. Não são engraçadas. Não têm humorismo. Parecem-me muito grosseiras e bárbaras – coisa mesmo de negra beijuda, como Tia Nastácia. Não gosto. Não gosto e não gosto. (Lobato, 1937, p. 31)

De acordo com Dias (2008), as histórias de Tia Nastácia eram contos folclóricos de sabedoria popular dos seus antepassados que ela contava às crianças. Em determinadas circunstâncias, as histórias de Tia Nastácia são substituídas pelas de Dona Benta, mulher branca, conhecida nos livros de Lobato como inteligente, sábia, bem instruída e que utilizava livros para contar histórias verdadeiras. No trecho destacado abaixo, nota-se a negação do saber da personagem negra e a valorização do saber da personagem branca:

Não podemos exigir do povo o apuro artístico dos grandes escritores. O povo... Que é o povo? São essas pobres tias velhas, como Nastácia, sem cultura nenhuma, que nem ler sabem e que outra coisa não fazem senão ouvir as histórias de outras criaturas igualmente ignorantes, e passá-las para outros ouvidos mais adulterados ainda (Lobato, 1937, p. 30).

Outra peculiaridade nas produções de Lobato que nos chama bastante atenção é a maneira como ele descreve os atributos físicos das(os) personagens negras(os). É possível notar um discurso em que as partes do corpo negro são desqualificadas e comparadas a parte do corpo animal:

(...) enquanto o branco tinha “cabeça”, o negro “carapinha, ou carapinha dura”, o branco tinha “cabelo” e o negro “pixaim”, o branco possuía “lábios” e o negro “beijo”, “é beijado, tem gengivada vermelha”. O branco tinha “nariz” e o negro “ventas”. O

branco tinha “pele” e o negro era “lustroso”. Da mesma forma, a branca “se sentava” a negra “se escarrapachava” (Gouvêa, 2005, p. 88).

Ao animalizar as personagens negras, podemos identificar as características negativas dadas a esses personagens através do tratamento de inferioridade estética e, associada a ela, o da inferioridade cognitiva.

(...) característica presente em praticamente todos os textos referentes ao negro era a constante referência à raça, definidora dos personagens. Assim é que, invariavelmente, o nome dos personagens negros era substituído por vocábulos como: o negro, o negrinho, o preto, o pretinho, a negra, a negrinha, o preto velho, a negra velha. Era o “pertencimento” racial que situava os personagens na narrativa, ao contrário dos personagens brancos, cujas marcas raciais não eram nomeadas ao longo dos textos analisados. Pode-se analisar que a referência racial é que conferia identidade ao personagem, distinguindo-o dos demais, definindo uma alteridade. (Gouvêa, 2005, p. 88)

Cabe destacar a ação desencadeada, em setembro de 2010, pela então integrante do Conselho Nacional de Educação (CNE) e professora da UFMG Nilma Lino Gomes, que posteriormente foi Ministra da Secretaria de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR). Nesse período, enquanto conselheira do CNE, Gomes redigiu um parecer crítico sobre o livro “Caçadas de Pedrinho”, declarando que seu conteúdo apresentava estereótipos negativos em relação ao negro e ao universo africano. O CNE considerou o parecer que indicava uma preparação para o trabalho com o livro nas escolas a fim de que a obra de Monteiro Lobato não servisse como naturalizador do racismo junto das crianças leitoras.

Entre as ações, propôs-se não o veto da obra de Lobato, mas que ela fosse utilizada no espaço pedagógico a partir de um olhar crítico apontando o tratamento desigual às(aos) personagens negras(os) e para isso, sugeriu-se a introdução de uma nota explicativa na obra “Caçadas de Pedrinho” sobretudo em suas novas edições. Tal proposição se deu pelo fato de que as obras do autor já apresentavam notas explicativas⁷ no que se refere à questão do Meio Ambiente. Assim, haveria lastro para a mesma orientação no que tange às imagens estereotipadas e inferiorizadas que permitia o reforço dessa forma, do racismo e mantendo, nos indivíduos, a ideia de naturalização através de comportamentos como chamar as(os) negras(os) de macacas(os).

Situações como essas estão presentes neste livro e em outros do autor como na passagem de “Caçadas de Pedrinho” na qual Tia Nastácia é chamada de “macaca”:

Sim, era o único jeito - e Tia Nastácia, esquecida dos seus numerosos reumatismos, trepou, que nem uma macaca de carvão pelo mastro de São Pedro acima, com tal

⁷ O livro “Caçadas de Pedrinho”, escrito por Monteiro Lobato, traz em suas novas edições nota explicativa sobre o contexto em que a obra fora escrita tendo em vista o respeito ao Meio Ambiente. Isso porque, na época em que o livro foi escrito, os animais caçados não estavam em extinção.

agilidade que parecia nunca ter feito outra coisa na vida senão trepar em mastros (Lobato, 1994, p.23).

Outro livro de Lobato, “Reinações de Narizinho”, também traz trechos que mostram o racismo que o influenciava. Importante dizer nos livros deste autor que não é só da boca de Emília que lemos expressões como “macaca de carvão”, “negra beijuda” ou “negra de estimação”. Outros personagens e também o narrador se refere pejorativamente à Tia Nastácia como preta ou negra, muitas vezes agregando adjetivos como pobre ou boa. Mas por que será que Tia Nastácia é a única personagem que é designada pela cor da pele? E por que o uso da expressão “boa negra”? Seria uma forma de dizer “boa mesmo sendo negra”?

A condição de inferioridade na qual Tia Nastácia é colocada em relação aos outros personagens de Lobato pode ser percebida como manifestação racista do autor. Em *Reinações de Narizinho*, a personagem traz em sua fala o modo como Lobato vê a população negra.

[...] Também apresento a Princesa Anastácia. Não reparem ser preta. É preta só por fora, e não de nascença. Foi uma fada que um dia a pretejou, condenando-a a ficar assim até que encontre um certo anel na barriga de um certo peixe. Então o encanto se quebrará e ela virará uma linda princesa loura (Lobato, 2011, p.172).

Acreditamos que a discussão sobre as obras de Lobato no CNE trouxe à tona também toda a atuação de Monteiro Lobato junto às organizações eugênicas e sendo assim, provocou-se a refletir o quanto essa atuação interfere na escrita do autor. Nesse sentido, se Lobato era eugenista as obras escritas por ele trazem em si características do eugenismo.

Em nosso entendimento, a obra de Lobato é carregada do pensamento eugênico dos anos de 1920 e 1930 o qual defendia que para a melhoria racial era necessário a idealização de um projeto que favorecesse o predomínio da “raça branca” no Brasil. De acordo com Dávila (2006, p. 55), a eugenia brasileira se utilizava das ciências e das políticas públicas para justificar e defender a inferioridade racial da população negra. Nesse sentido, não há dúvidas que Lobato se utilizava da literatura para pregar o que defendia uma vez que nos é possível perceber que em seus livros negros(os) eram aquelas(es) que poderiam ser vistos como os que inferiorizavam e atrasavam o país. E justamente por isso, as personagens dedicadas a negros(os) estavam nos seus devidos “lugares” em consonância com o pensamento outrora descrito pelo autor em carta enviada a Arthur Neiva (etnógrafo, cientista e político brasileiro) em 1928:

País de mestiços, onde branco não tem força para organizar uma Ku-Klux-Klan (sic), é país perdido para altos destinos. [...] Um dia se fará justiça ao Ku Klux-Klan; tivéssemos aí uma defesa desta ordem, que mantém o negro em seu lugar, e estaríamos hoje livres da peste da imprensa carioca – mulatinho fazendo jogo do galego, e sempre demolidor porque a mestiçagem do negro destrói a capacidade construtiva (Nigrini, p. 24 – 33).

Importante destacar que Monteiro Lobato chegou a escrever um livro baseado nos ideais de eugenia: “O Presidente Negro – O Choque das Raças”, o qual foi publicado em 1926 e contava a história de um homem negro que assume a Casa Branca como presidente no ano de 2228. Por meio dele acontece a união de todos os brancos dos Estados Unidos e assim é possível esterilizar e exterminar todos os negros do país. E se novamente nos debruçarmos a uma leitura atenta de mais uma carta escrita pelo autor não teremos dúvidas dos objetivos do autor com suas obras:

Nos Estados Unidos, a eugenia está tão adiantada que já começam a aparecer 'filhos eugênicos'. Uma senhora da alta sociedade meses atrás ocupou durante vários dias a front page [primeira página] dos jornais mexeriqueiros graças à audácia com que, rompendo contra todos os preceitos da ciência e sem se ligar legalmente a nenhum homem, escolheu um admirável tipo macho, fê-lo estudar sobre todos os aspectos e, achando-o fit [adequado] para o fim que tinha em vista fez-se fecundar por ele. Disso resultou uma menina que está sendo criada numa farm [fazenda] especialmente adaptada para nursery [creche] eugênica (Carta enviada a Renato Kehl em 8 de julho de 1929).

Nesse contexto, nos cabe pontuar que Lobato além de entusiasta da eugenia mantinha relações de proximidade com o médico Renato Kehl, apontado como propagador do eugenismo brasileiro. Sabe-se que foi com Kehl que a teoria adquiriu adeptos e defensores aqui no Brasil.

As teorias raciais apresentaram-se no século XIX como um discurso científico que buscava explicar as diferenças entre os grupos humanos, distanciando-se cada vez mais dos dogmas religiosos. Serviram como legitimadoras do imperialismo europeu, possibilitando a hierarquização da humanidade de forma que o homem branco ocupasse o topo da evolução da espécie, símbolo maior do progresso e da civilização. Essas ideias tiveram ampla difusão na sociedade europeia e não tardaram a se espalhar pelo mundo, ganhando adeptos nos Estados Unidos, Argentina, Brasil, entre outros (Giarola, p. 7, 2010).

Cartas trocadas entre Kehl, Lobato e Neiva evidenciam a relação do autor com o eugenismo. Em várias de suas cartas, o autor exalta a Ku Klux Klan⁸ como também aponta seus ideais ao produzir seus textos.

Em uma de suas cartas destinadas a Kehl, o autor menciona explicitamente suas motivações ao escrever seu único romance:

Renato, tu és o pai da eugenia no Brasil e a ti devia eu dedicar meu Choque [ou – O presidente negro], grito de guerra pró-eugenia. Vejo que errei não te pondo lá no frontispício, mas perdoai a este estrope-ado amigo [...]. Precisamos lançar, vulgarizar estas ideias. A humanidade precisa de uma coisa só: póda. É como a vinha (Lobato *apud* Gonçalves, 2011).

⁸ Organização que tinha como objetivo evitar que negros recém-libertos adquirissem direitos civis. Também eram responsáveis por assassinatos como uma forma de "purificação racial".

Essas cartas escritas e enviadas por Lobato foram publicadas pelo jornal O Globo e também pela revista Bravo, estão arquivadas na Fundação Getúlio Vargas e Fundação Oswaldo Cruz. Esses artefatos são a comprovação da afinidade do autor com os princípios eugênicos e isso nos permite perceber como há influência da Eugenia nas obras de Lobato. Sem dúvida, o autor usava a Literatura para disseminar os princípios da Eugenia como para estimular a sua prática.

E sua relação de amizade com Renato Kehl não por acaso nos proporciona a chave interpretativa para uma discussão mais ampla sobre o movimento eugênico brasileiro. Certamente, a literatura de Monteiro Lobato contribuiu para que a eugenia no Brasil fosse divulgada e conhecida do grande público (Habib, 2007, p. 07).

Entretanto, embora possamos identificar o posicionamento eugênico e racista do autor, estudos e análises (Soares, 2006; Zilbermam, 1981) ainda o apontam como um importante marco na literatura infantil brasileira por meio de suas obras valorizar a cultura regional e folclórica ou tentam afastar a conotação racista presente nas obras lobatianas considerando seus escritos apenas uma representação da época (Lajolo, 1998). Porém, considerando que o autor expressa um projeto de embranquecimento da sociedade brasileira, marginalizando a população, não nos é possível dizer que sua obra não é racista. Por meio do texto escrito e da ilustração das personagens, é possível identificar uma representação do negro como sujeito inferior cuja qualidade deveria ser a da aspiração ao desejo de ser branco.

Tomando como referência a série de livros “Sítio do Pica Pau Amarelo”, observa-se seus textos engendrados em uma estrutura racista. A repercussão de suas obras foi bem recebida pela sociedade branca e dominante do início do século XX, justamente porque a produção literária de Monteiro Lobato destinada ao público infanto-juvenil contribuem para o fortalecimento da branquitude e manutenção do racismo, uma vez que o autor reforçava na construção das(os) personagens negras(os) estereótipos defendidos na época.

Lobato mesmo tendo em sua biografia evidências de sua participação no Movimento Eugênico continua sendo visto por muitos como importante referência da literatura infantil brasileira e talvez por isso identificamos que os livros “*Caçadas de Pedrinho*” e “*Reinações de Narizinho*” mesmo apresentando conteúdos racistas foram selecionados para integrarem o acervo de livros do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). E mesmo pesquisas evidenciando o racismo desse autor, esses livros estão em muitas bibliotecas escolares, salas ou caixas de leitura.

Por isso é lamentável saber que o Supremo Tribunal Federal (STF) julgou improcedente o mandado de segurança para a retirada do livro “*Caçadas de Pedrinho*” da lista

de livros do PNBE distribuído às escolas públicas por apresentar conteúdo racista. Não é compreensível as razões que levam o mercado editorial a se esforçar para manter em circulação as obras deste autor. Não é possível considerar a alegação de que nenhuma criança se torna racista porque lê Lobato! Este é um argumento que representa o racismo brasileiro que opera no Brasil de maneira tão sutil e sofisticada, que beatifica um autor racista. Não tenho dúvida de que a obra de Lobato contribui para que a criança negra e não negra continuem a ver como natural o fato de negras(os) vivenciarem situações de humilhação ou inferioridade contribuindo para o estigma sobre a população negra e para o fortalecimento do racismo.

Foi na década de 1970 durante a ditadura civil-militar brasileira que se observa tentativas de representações que buscavam romper os preconceitos e as discriminações, porém de acordo com Jovino (2006, p. 187), a maioria dos livros de literatura infantil ainda representava a população negra de forma negativa:

Somente a partir de 1975 é que vamos encontrar uma produção de literatura infantil mais comprometida com uma outra representação da vida social brasileira; por isso, podemos conhecer nesse período obras em que a cultura e os personagens negros figurem com mais frequência. O resultado dessa proposta é um esforço desenvolvido por alguns autores para abordar temas até então considerados tabus e impróprios para crianças e adolescentes como, por exemplo, o preconceito racial. O propósito de uma representação mais de acordo com a realidade, nem sempre é alcançado. Embora muitas obras desse período tenham uma preocupação com a denúncia do preconceito e da discriminação racial, muitas delas terminam por apresentar personagens negros de um modo que repete algumas imagens e representações com as quais pretendiam romper. Essas histórias terminavam por criar uma hierarquia de exposição dos personagens e das culturas negras, fixando-os em um lugar desprestigiado do ponto de vista racial, social e estético.

A veiculação estereotipada dos grupos não brancos em uma parte considerável destes materiais favorece uma representação negativa destes grupos. Rosemberg (1985), afirma que a literatura infantil brasileira, assim como outros gêneros, cria estereótipos e padrões. Desta forma, os personagens que fazem parte do imaginário das crianças são: princesas, príncipes, heróis, fadas todas(os) de pele branca, olhos claros, cabelos lisos representando os pensamentos, as atitudes e os padrões de uma cultura eurocêntrica, branca e cristã o que comumente não permite às crianças negras que se sintam representadas.

De acordo com Lima (2005), geralmente, quando aparecem personagens negras(os) nas histórias estão vinculados à escravidão. Para a autora, o problema não está em contar histórias de escravizadas(os) negras(os), mas ao contar as histórias dos negras(os) apenas nesta perspectiva faz com que as(os) estudantes negras(os) se sintam constrangidas(os), além de ocultar parte da realidade.

Na literatura brasileira as hierarquias raciais são profusas e profundas em grande parte e as análises sobre “o negro como objeto” da literatura apontam a presença pouco marcante de personagens negros(as) e os poucos personagens com tendência à subalternidade e inferioridade (Silva, 2011, s.n.).

Assim, contribui para a exclusão das(os) negras(os), levando a uma construção identitária negativa destas(es). A oportunidade de ter as crianças negras como interlocutoras iguais no processo de comunicação acontecerá quando a literatura incorporar de forma positiva a sua imagem e identidade.

A identidade não assinala aquele núcleo estável do eu que passa, do início ao fim, sem qualquer mudança, por todas as vicissitudes da história. Esta concepção não tem como referência aquele segmento do eu que permanece, sempre e já, mesmo, idêntico a si mesmo ao longo do tempo. Do ponto de vista do “eu coletivo”, nacional, não há um eu coletivo capaz de estabilizar, fixar ou garantir o pertencimento cultural ou uma unidade imutável que se sobrepõe a todas as outras diferenças. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical (Hall, 2000, p. 108).

Nesse sentido, entendemos a identidade, como um processo em constante construção e elemento de grande importância na constituição social da criança negra e não-negra a qual em sua relação com os referenciais coletivos de seu grupo se constrói histórico e culturalmente. Partimos do entendimento de que as identidades são móveis, diversas e se constituem e são produzidas em variados contextos. Elas se fundam no cruzamento de uma gama de marcadores socioculturais – cor/raça, etnia, gênero, geração, sexualidade, condição socioeconômica. Sendo assim, essa criança em seu cotidiano vivenciará os conflitos ou os privilégios da cor de pele que carrega.

Sabemos que a sociedade brasileira é formada com base no mito da democracia racial. Assim, é corrente a crença de que há convívio harmonioso entre os diferentes grupos étnico-raciais e a não existência de ideologias racistas que permeiam as relações sociais. Nessa perspectiva, justificam-se as desigualdades étnico-raciais, com o argumento da estratificação socioeconômica. Todavia, as desigualdades foram sendo construídas a partir dos processos culturais e políticos da colonização europeia, desde seu início, quando já aconteciam as lutas e resistência dos africanos e dos povos indígenas, diante da violência do projeto colonial português.

O mito da democracia racial pode ser compreendido, então, como uma corrente ideológica que pretende negar a desigualdade racial entre brancos e negros no Brasil como fruto do racismo, afirmando que existe entre estes dois grupos raciais uma situação de igualdade de oportunidade e de tratamento. Esse mito pretende, de um lado, negar a discriminação racial contra os negros no Brasil, e, de outro lado, perpetuar estereótipos, preconceitos e discriminações construídos sobre esse grupo racial. Se seguirmos a lógica desse mito, ou seja, de que todas as raças e/ou etnias existentes no Brasil estão em pé de igualdade sócio-racial e que tiveram as mesmas oportunidades desde o início da formação do Brasil, poderemos ser levados a pensar

que as desiguais posições hierárquicas existentes entre elas devem-se a uma incapacidade inerente aos grupos raciais que estão em desvantagem, como os negros e os indígenas. Dessa forma, o mito da democracia racial atua como um campo fértil para a perpetuação de estereótipos sobre os negros, negando o racismo no Brasil, mas, simultaneamente, reforçando as discriminações e desigualdades raciais (Gomes, p. 57, 2005).

No cotidiano escolar também são frequentes as situações de discriminação e preconceito racial. É possível apontar o uso de livros de literatura infantil como um instrumento de enfrentamento a estas situações, uma vez que as imagens narrativas podem ser a oferta de representações positivas da população negra. Jovino (2006) nos aponta um novo cenário no qual há um rompimento com a imagem estereotipada do negro. Sendo, então, possível encontrar livros cujos personagens negros enfrentam os preconceitos, resgatam sua identidade, desempenham papéis e funções sociais diferentes das que antes lhes eram recorrentes. Segundo a autora, a literatura infanto-juvenil contemporânea apresenta livros que buscam trazer uma representação não estereotipada do negro e de sua cultura, contribuindo para a não difusão de estereótipos negativos acerca da população negra, o que corrobora o enfrentamento ao racismo.

Na atualidade, existem livros de literatura infantil e juvenil que buscam a valorização da identidade negra, pois apresentam uma nova perspectiva da negritude por meio de uma representação das(os) personagens negras(os) que vai além da escravização.

1.3 IMPACTOS DE UM MARCO: A REPRESENTAÇÃO NEGRA NOS LIVROS DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL BRASILEIRA E A LEI 10.639/2003

Como já apontado anteriormente, a literatura surgiu para apoiar o processo de formação, produção e educação primeiramente, das crianças da elite, e posteriormente de todas as outras crianças. Por meio dela, a sociedade antecipa os valores que consideraria relevantes e/ou prejudiciais. Confirmação, negação, proposição, anunciação, denúncia e manifestação da visão de mundo de indivíduos e grupos predominantes. A forma como os conteúdos são organizados e estruturados sugerem ao leitor uma construção de conceitos no campo psíquico e emocional, pois as palavras e imagens nos tocam e têm o poder de nos impressionar e provocar uma reorganização no nosso interior.

Acreditamos que a literatura seja um campo onde a(o) escritora(escritor) se depara com a possibilidade de expressar ou não sua opinião política e sua posição social, injetando no texto ideias e visão de mundo, selecionando eticamente o que favorece e o que prejudica a propagação da sua concepção ideológica. O contato com livros literários que expõem a inquietação e indignação quanto à cultura socialmente imposta viabiliza a possibilidade da(a)

leitora(leitor) escolher qual postura pretende assumir no mundo. Nesse sentido, entendemos que seja essencial a presença de livros que nas mãos da(a) leitora(leitor), seja em ambiente educacional, seja no ambiente doméstico ou em qualquer outro contexto, promovam reconhecimento, valorização e reflexão considerando os grupos étnico-raciais na sociedade brasileira contribuindo assim para a desconstrução da estrutura eurocêntrica presente na sociedade brasileira.

Cabe destacar que pesquisas sobre a ausência e presença da figura do negro nos livros de literatura infantil (Rosemberg, 1980) assim como sobre a representação do negro nos livros didáticos (Negrão, 1987; Pinto, 1987; Silva, 1987, 2011) foram importantes para que pudéssemos refletir acerca da representação do negro nos livros de literatura infantil distribuídos e selecionados pelo PNBE.

Quando o negro é representado à consciência de um indivíduo, os objetos que estão na sua consciência, tais como os estereótipos e preconceitos, podem modelá-lo de tal forma, que, mesmo na sua ausência, o conceito o coloca estigmatizado em papéis e funções, estereotipado negativamente e subordinado, e à sua visão concreta esse conceito é ativado, provocando a discriminação e a exclusão. Dessa forma, a representação de algo pode não ser do objeto inicialmente percebido, mas do objeto construído a partir dos elementos que a ele acrescentamos, no processo de modelagem e reconstrução (Silva, 2011, p. 30-31).

Os primeiros livros literários infantis surgidos no início do século XX apresentam a figura do negro muito eventualmente, não deixando transparecer as marcas do período escravocrata. Conforme relata Gouvêa (2005), quando presente, o negro era personagem mudo, e assim a anulação da presença do corpo negro representava a ideologia predominante e imposta na era pós-abolição. Importante ressaltar que essas obras foram escritas no período pós-abolição, época em que governantes se esforçavam para apagar da sociedade brasileira todos os resquícios da escravatura e buscavam o prestígio social de uma civilização moderna e progressista.

É preciso lembrar que o contexto histórico em que as primeiras histórias com personagens negros foram publicadas era de uma sociedade recém saída de um longo período de escravidão. As histórias dessa época buscavam evidenciar a condição subalterna do negro (Jovino, 2006, p.187).

É necessário refletirmos sobre o fato de que sempre nos oportunizaram uma literatura pautada em um referencial europeu. Entretanto, na atualidade percebemos na literatura infantil livros com personagens que contribuem para o reconhecimento e valorização da população negra, possibilitando à criança negra leitora que tenha orgulho de ser quem é da sua história e da sua cultura.

A reivindicação de uma literatura que traga a representação de outros grupos raciais e étnicos, para além dos brancos, tem sido objeto de estudos com mais intensidade a partir da década de 1950, quando começaram a ser investigadas as questões referentes à raça em livros didáticos e paradidáticos.

O Brasil conta atualmente com escritoras(es) nacionais consolidadas(os) no campo da literatura infantil e juvenil que se preocupam em debater em suas criações questões voltadas ao reconhecimento e valorização da população negra, tratando a temática étnico-racial com uma consciência crítica e inovadora. Entre elas(es) estão: Júlio Emílio Braz, Madu Costa, Patrícia Santana, Heloísa Pires Lima, Sonia Rosa, Kiusam de Oliveira, Junião, Edimilson de Almeida Pereira, Carmem Lúcia Campos, Neusa Baptista Pinto, Otávio Júnior, Emicida, Lázaro Ramos. Algumas(alguns) destas(es) com trajetória mais consolidada no campo, outras(os) iniciando suas trajetórias, mas tendo em comum a escrita de livros que trazem as personagens negras numa perspectiva positiva. Cabe destacar que algumas(alguns) destas(es) escritoras(es) tiveram seus livros elencados no acervo literário do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE).

As crianças negras leitoras assim como as crianças não negras convivem no espaço escolar com livros que são referências para a sua compreensão do mundo, entretanto, nestes as(os) personagens negras(os) são muito pouco representadas como protagonistas e são muitos os livros que as(os) relacionam unicamente à escravidão.

[...] a história literária do negro no Brasil está associada intimamente à formação social que o trouxe a este país: a escravidão. Contudo, como ressaltam alguns autores, nos primeiros momentos da História Literária Brasileira, o que é menos importante enquanto um tema do negro é o sujeito social escravo. O que se sobressai é o sistema social que o conforma, servindo aquela literatura como uma ferramenta justificativa para tal situação abominável, em grande parte dos casos, fosse na prosa ou no teatro[...]. (Silva, 2011, p. 21)

Nesse sentido, se faz necessário termos personagens negras(os) em livros de literatura infantil, bem como escritoras(es) negras(os) que apresentam personagens e histórias que contraponham as histórias recorrentes nos livros de literatura infantil utilizados em nosso cotidiano no espaço escolar.

[...] cumpre registrar que a produção brasileira sendo muito intensa, uma vez que a escola é a grande consumidora desse tipo de literatura, oferece amplo campo de pesquisa, em especial porque aí encontram-se e efetivam-se hegemonicamente duas posturas ideológicas comprometedoras, a do branco e do adulto, considerando também que o leitor criança ou adolescente é muito mais vulnerável às influências. As consequências do descuido no tratamento da questão dos estereótipos raciais nessa área são desastrosas, o que torna a reflexão fundada cada vez mais urgente, pois estamos no âmbito educacional.[...] (Cutí, 2010, p. 143).

É necessário dizer que, após a lei 10.639/03, aumentou o número de publicações voltadas à temática racial. É preciso, entretanto, observar a qualidade dos textos e das imagens para assim utilizar livros que sejam uma produção mais consistente sobre a temática racial, os quais podem ser estratégias para ações voltadas à equidade no cotidiano das salas de aula dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

1.4 A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL BRASILEIRA E A IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.639/03 NOS ANOS INICIAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Debus (2012) aponta que com aprovação da atual LDBEN a partir da promulgação da lei 10.639/03, mudanças são desencadeadas na produção literária presente no espaço escolar. Desde os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), percebem-se alterações na difusão e aquisição de livros de literatura infantil e juvenil voltados à diversidade étnico-racial.

Sendo assim, a escola torna-se mais um instrumento importante para a luta por reconhecimento e valorização da História e Cultura Negra. E se antes essa ação era atribuída ao Movimento Negro vê-se as(os) profissionais da educação de diferentes níveis de ensino e áreas, serem desafiadas(os) a adotar práticas pedagógicas antirracistas⁹.

(...) tratar da discriminação racial em ambiente escolar não significa ajudar a criança negra a ser forte para suportar o racismo, como se apenas ela tivesse problema com sua identidade, com sua auto-estima. Faz-se necessário corromper a ordem dos currículos escolares, que insistem em apresentar a produção cultural eurocêntrica como único conhecimento científico válido (Santos, 2001, p. 106).

Contribuições significativas se deram com o advento da referida lei. Para o uso da literatura infantil com crianças negras e não negras, por exemplo, faz-se necessário uma seleção atenta dos livros disponíveis para crianças observando quais possibilitam o reconhecimento e a valorização das influências africanas. Sabemos que o racismo é uma realidade presente no ambiente escolar, por isso as(os) professoras(es) têm papel fundamental no sentido de mantê-lo ou de desconstruí-lo. Assim, esses profissionais devem buscar familiarizar-se com as discussões sobre as questões étnico-raciais no seguinte sentido:

Para superar a tudo isto, precisamos ultrapassar estereótipos, extinguir preconceitos, e como disse Senghor, em um de seus poemas, proceder a uma “desintoxicação semântica”, isto é, redefinir termos e conceitos, por exemplo, no nosso caso do campo educacional, a começar por educação, aprender, ensinar, saber, educar, educar-se (Silva, 2007a, p. 501).

⁹ O Movimento Negro vem, ao longo de sua existência, apontando a necessidade de ações num espaço escolar que reconheça/valorize a História e Cultura da população negra.

A escola e as(os) profissionais que nela atuam, precisam trabalhar para a reeducação das relações étnico-raciais para que negras(os), indígenas e outros grupos que se sintam discriminados tenham suas raízes valorizadas por meio do reconhecimento enquanto sujeitos históricos, produtores de cultura. Por meio dessa reeducação, professoras(es) poderão identificar práticas de discriminação racial no contexto escolar e assim combatê-las.

Combater o racismo, trabalhar pelo fim da desigualdade social e racial, empreender reeducação das relações étnico-raciais não são tarefas exclusivas da escola. As formas de discriminação de qualquer natureza não têm o seu nascedouro na escola, porém o racismo, as desigualdades e discriminações correntes na sociedade perpassam por ali. Para que as instituições de ensino desempenhem a contento o papel de educar, é necessário que se constituam em espaço democrático de produção e divulgação de conhecimentos e de posturas que visam a uma sociedade justa. A escola tem papel preponderante para eliminação das discriminações e para emancipação dos grupos discriminados, ao proporcionar acesso aos conhecimentos científicos, os registros culturais diferenciados, à conquista de racionalidade que rege as relações sociais e raciais, a conhecimentos avançados, indispensáveis para consolidação e concerto das nações como espaços democráticos e igualitários (Brasil, 2004, p.13-14).

Não deveria ser preciso dizer sobre a importância de se reeducar para as relações étnico-raciais como um dos caminhos para enfrentamento do racismo. As nossas escolas ainda estão alicerçadas em um currículo monocultural que ignora a história e cultura da população negra e indígena. Tal leitura oculta que a multiculturalidade que compõe o Brasil, e mais ainda, a violência que constitui a história desses encontros. Para que isso se faça presente no espaço escolar, existe a necessidade de compromisso firmado nos planos político-pedagógicos das escolas, como também nos planos de ensino de cada profissional da educação. E nessa perspectiva, acreditamos que o uso da literatura infantil no espaço escolar pode ser eficaz na construção de uma sociedade que reconheça e valorize a população negra. Para isso, porém, se faz necessário que as escolas tenham livros que tragam uma representação dessa população numa visão para além da escravização. A escola precisa falar da população negra numa outra perspectiva e evidenciar a existência do racismo para não manutenção do *status quo*.

Não dá mais para aceitar que nossas escolas sejam uma máquina de reprodução do racismo a qual exclui aquelas(es) que não se encaixam em um padrão hegemônico. É preciso romper esse padrão e quebrar o silêncio, reconhecer que o racismo afeta as crianças negras e não negras e assim, ao reconhecer, valorizar as diversidades étnico-raciais e promover a equidade, combatê-lo.

CAPÍTULO 2 - DE 1997 A 2014: O HISTÓRICO DO PROGRAMA NACIONAL BIBLIOTECA DA ESCOLA (PNBE)

Neste capítulo, apresentaremos um histórico do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) e nos ancoramos em (Soares, 2000; Fernandes, 2004, 2007; Oliveira, 2008; Fernandes e Cordeiro, 2012; Paiva, 2012; Ramos, 2013; Araújo, 2015). Para esta pesquisa, nos debruçaremos, em especial, sobre três edições do PNBE Literário (2008, 2010, 2012) dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

O PNBE apresenta a literatura como “(...) patrimônio cultural a que todos os cidadãos devem ter acesso” (Brasil, 2009, p. 25). Por esta razão, buscou atender de forma universal e gratuita todas as escolas públicas de educação básica cadastradas no Censo Escolar. É parte de uma política educacional de incentivo à leitura criada em 1997 com o objetivo de disponibilizar livros infanto-juvenis brasileiros e estrangeiros, bem como materiais de pesquisa e de referência a professoras(es) e estudantes de escolas públicas brasileiras.

De acordo com Oliveira (2008), os preços elevados dos livros como também a insuficiência de bibliotecas e livrarias evidenciam a importância do PNBE. O autor defende o desenvolvimento e manutenção de programas como este para que se favoreça o acesso à leitura de livros de literatura e destaca a necessidade de respeito à regionalidade na definição dos critérios de seleção e distribuição junto das editoras.

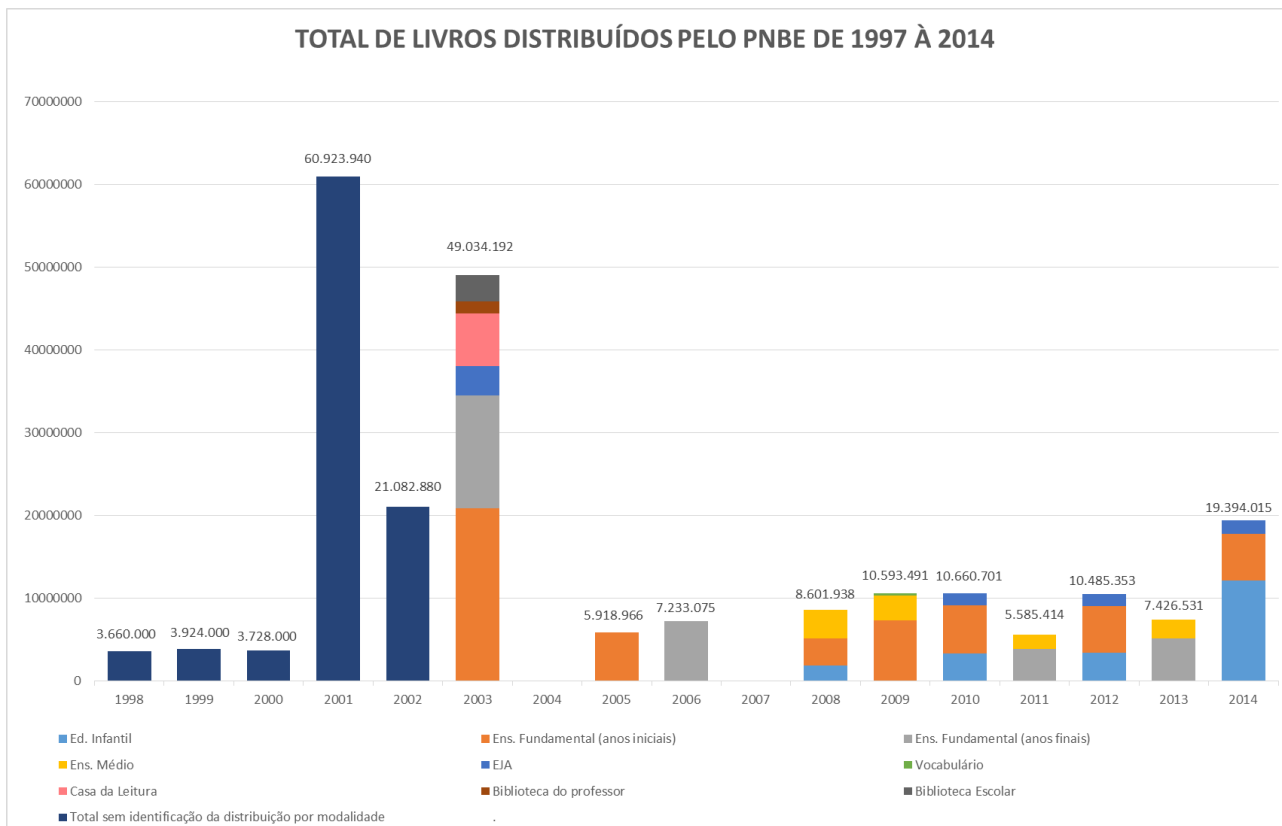
Esse programa se apresenta como continuidade de ações com o mesmo objetivo. Em nosso entendimento, para falarmos do PNBE se faz necessário o mapeamento e a compreensão das políticas públicas de leitura no Brasil nas últimas décadas. As primeiras ações do Governo Federal de incentivo à leitura e à formação de leitores tiveram início nos anos oitenta. Com o Programa Nacional Sala de Leitura (PNSL) nos anos de 1984 a 1987, depois com o Proler o qual teve início no ano de 1992 e ainda está em vigência. O Pró-Leitura na Formação do Professor que foi um programa que estabeleceu parceria entre o governo Francês e o governo Brasileiro entre os anos de 1992 e 1996, o Programa Nacional Biblioteca do Professor (PNBP) nos anos de 1994 a 1996 e enfim o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) do ano 1997 a 2014. Hoje, ações nesse sentido acontecem no PNLD Literário¹⁰.

¹⁰ O PNLD Literário integra as ações do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD). O PNLD, antes atribuído ao Programa Nacional do Livro Didático, sempre objetivou a distribuição de livros didáticos para as escolas de Educação Básica da rede pública. Porém, a partir da edição de 2018, o Programa passou a distribuir obras literárias para composição do acervo literário da sala de aula. Assim, passa a ser o Programa Nacional do Livro e do Material Didático.

Segundo informações oficiais, todas as escolas públicas cadastradas no Censo Escolar realizado anualmente pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) foram atendidas pelo programa, sem necessidade de adesão. Sendo assim, um fator positivo do programa foi a intenção de democratização do acesso de livros para professores e alunos.

Segundo informações presentes no site do PNBE, há um esforço para fazer com que estes livros cheguem às escolas públicas brasileiras contemplando todos os segmentos da educação básica, uma vez que existe uma preocupação com as especificidades de cada etapa etária. Na educação infantil, existem duas categorias listadas: Categoria 1 – livros indicados para crianças entre 0 a 3 anos de idade e Categoria 2 – Livros indicados para crianças entre 4 e 5 anos de idade. A produção editorial é maior na categoria 2, restando poucas opções de livros inscritos na categoria 1. No Ensino Fundamental, existe apenas uma categoria listada: Categoria 3 – Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Na EJA, também há apenas uma categoria listada: Categoria 4 – Educação de Jovens e Adultos. No Ensino Médio, também foi possível identificar uma categoria apenas, a Categoria 5 – Ensino Médio. Cabe destacar, que essa organização passou a ser feita a partir de 2010, pois antes apenas separava-se por nível de ensino. Importante dizer que a organização feita na educação infantil contempla a especificidade de cada etapa etária o que precisava ter sido revisto nos demais níveis de ensino (Ensino Fundamental, EJA e Ensino Médio).

O Programa foi instituído pela Portaria Ministerial nº 584, de 28 de abril de 1997, financiado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), em parceria com a Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação (SEB/MEC) contemplando Brasil para todas as modalidades de ensino da educação básica, distribuindo livros como é possível perceber no Gráfico 1.

Gráfico 1 - Estatísticas referentes à distribuição de livros do PNBE de 1997 a 2014

Fonte: FNDE – Elaborado pela autora

De acordo com o Gráfico 1, de 1998 a 2014, foram distribuídos pelo PNBE um total de 228.252.496 livros. O ano de 1997 tratou da organização do programa e, desta forma, em 1998 os primeiros exemplares foram distribuídos. Nos anos de 1998 a 2002, foram distribuídos 93.318.820 livros, mas não nos foi possível identificar para quais modalidades de ensino. No ano de 2003, executaram-se diferentes ações de incentivo à leitura: Literatura em Minha Casa (4ª série), Literatura em Minha Casa (8ª série), Palavra da Gente (EJA), Casa da Leitura, Biblioteca do Professor Biblioteca Escolar (6º ao 9º ano) e foram distribuídos 49.034.192 livros. No ano de 2004, se deu continuidade às ações do PNBE 2003, entretanto, não foi possível identificar a quantidade de livros distribuídos neste ano. No ano de 2006, os livros foram distribuídos para escolas dos Anos Finais do Ensino Fundamental. Em 2007, o Programa passou por readequações e não houve distribuição de livros. Desde então, nos anos pares (2008, 2010, 2012 e 2014) os livros foram distribuídos para escolas de Educação Infantil (creche e pré-escola), anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano) e Educação de Jovens e Adultos (EJA) e nos anos ímpares (2007, 2009, 2011 e 2013) os livros foram distribuídos para escolas dos Anos Finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) e para o Ensino Médio. Mais adiante

falaremos especificamente da distribuição dos livros de literatura infantil que se dá no PNBE Literário.

A partir da leitura dos editais e das informações presentes no site do FNDE/PNBE não identificamos uma ação articulando a distribuição dos materiais com o trabalho pedagógico realizado nas unidades educacionais. Também não foi possível perceber a continuidade dos diferentes programas de incentivo à leitura.

Certamente, não podemos desconsiderar que os programas tiveram sua significância no contexto das discussões sobre a promoção do incentivo à leitura na educação brasileira, e que os momentos políticos e históricos contribuem para a continuidade ou descontinuidade de determinadas ações governamentais. Assim, com a extinção do PNSL, Pró-Leitura e PNBP, em 1997 foi instituído o PNBE (Brandão, 2017, p. 18-19).

Importante salientar que de acordo com os documentos analisados o programa buscou reverter uma tendência histórica de restrição de acesso aos livros e à leitura a uma determinada parcela da população e foi organizado em quatro ações:

- *PNBE Literário;*
- *PNBE Periódicos;*
- *PNBE Temático;*
- *PNBE do Professor;*

2.1 AS AÇÕES DO PNBE

O *PNBE Literário* teve como objetivo avaliar, adquirir e distribuir livros literários cujos acervos eram compostos por textos em prosa, tais como: novelas, contos, crônicas, memórias, biografias e teatro, textos em verso, tais como: poemas, cantigas, parlendas, adivinhas, livros de imagens e também livros de história em quadrinhos. Sua primeira edição aconteceu no ano de 1998 e perdurou até o ano de 2015. Cabe destacar que a última distribuição de livros aconteceu no ano de 2014.

O *PNBE Periódicos* teve como objetivo adquirir e distribuir revistas pedagógicas para auxiliar o trabalho das(os) professoras(es) da rede pública e também da equipe gestora. A primeira edição aconteceu em 2001, entretanto a partir das informações do site não nos é possível identificar o ano em que se deu sua última distribuição.

O *PNBE do Professor* teve como objetivo adquirir livros de referência para ajudar professoras(es) da educação básica regular e da educação de jovens e adultos na preparação dos planos de ensino e na aplicação de atividades em sala de aula com os estudantes. A primeira

edição do PNBE do Professor ocorreu no ano de 2010. Na edição de 2013, houve a inclusão da educação infantil.

O *PNBE Temático* que tinha como objetivo adquirir e distribuir livros para atender às bibliotecas das escolas da rede pública de ensino, com livros de referência que ampliassem a compreensão de professoras(es) e estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, sobre as temáticas da diversidade, inclusão e cidadania. Segundo informações no site, por meio do PNBE Temático buscou-se atender estudantes e professoras(es) de escolas públicas federais e das redes de ensino municipais, estaduais e do Distrito Federal nos anos finais do Fundamental e Ensino Médio apresentando referenciais sobre a educação para as relações étnico-raciais que contemplassem a história e diversidade cultural afro-brasileira e africana; as trajetórias do povo negro no espaço geográfico, a autoestima e identidade étnico-racial, as relações sociais e diversidade dos diferentes povos que compõem a sociedade brasileira e a superação do racismo na escola..

Em 2013, foi criado o PNBE Temático, com a intenção de disponibilizar nas bibliotecas públicas escolares livros que contemplassem a temática da diversidade, inclusão e cidadania, na promoção de ações que buscassem desenvolver valores, práticas e interações sociais. A intenção foi possibilitar o acesso a livros que auxiliassem no reconhecimento e na valorização da diversidade humana para alunos e professores dos anos finais dos ensinos Fundamental e Médio. Foram estabelecidos nove temas para contemplar as especificidades dos povos indígenas, quilombola, campo, jovens e adultos, direitos humanos, sustentabilidade social e ambiental, educação especial, relações étnico-raciais e juventude formados por 45 títulos, para todas as escolas públicas cadastradas no Censo Escolar (Bernardes, 2018, p. 56-57).

No quadro abaixo podemos ver quais foram os livros selecionados e distribuídos pelo PNBE temático.

Quadro 1 - Livros selecionados e distribuídos pelo PNBE TEMÁTICO

LIVROS PNBE TEMÁTICO	CLASSIFICAÇÃO	ANO DA SELEÇÃO	TEMA/ SEGMENTO	EDITORA
Agrobiodiversidade e direitos dos agricultores	01	2013	Campo	Editores Peirópolis Ltda
Territórios educativos na educação do campo: escola, comunidade e movimentos sociais	02	2013	Campo	Editores Gutenberg Ltda
Novos tempos, novas engrenagens: as transformações no campo e suas dinâmicas urbanas	03	2013	Campo	Editores do Brasil S/A
Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia	04	2013	Campo	Edições mmm editora e livraria Ltda – EPP
Alimentos orgânicos – ampliando os conceitos de saúde humana, ambiental e social	05	2013	Campo	Serviço nacional de aprendizagem comercial

Cidadania, um projeto em construção – minorias, justiça e direitos	01	2013	Direitos Humanos	Editores claro enigma Ltda
A invenção dos direitos humanos	02	2013	Direitos Humanos	A página distribuidora de livros Ltda
Direitos Humanos: diferentes cenários, novas perspectivas	03	2013	Direitos Humanos	Editores do Brasil S/A
Cidadania no Brasil: o longo caminho	04	2013	Direitos Humanos	José Olympio Editora Ltda
História da cidadania	05	2013	Direitos Humanos	Editores Pinsky Ltda
Artes visuais na educação inclusiva: metodologias e práticas do Instituto Rodrigues Mendes	01	2013	Educação Especial	Editores Peirópolis Ltda
O desafio das diferenças na escola	02	2013	Educação Especial	Editores Vozes Ltda

Possibilidades de aprendizagens: ações pedagógicas para alunos com dificuldades e deficiência	03	2013	Educação Especial	Editora Átomo Ltda
Material de apoio para o aprendizado de LIBRAS	04	2013	Educação Especial	Phorte Editora Ltda
Uma menina estranha	05	2013	Educação Especial	Editora das letrinhas Ltda
O índio que mora na nossa cabeça: sobre as dificuldades para entender os povos indígenas	01	2013	Indígena	Editora Prumo Ltda
Povos indígenas & Educação	02	2013	Indígena	Editora mediação distribuidora e Livraria Ltda
Índios na aldeia	03	2013	Indígena	Berlendis editores Ltda
O caráter educativo do Movimento Indígena brasileiro (1970-1990)	04	2013	Indígena	Pia Sociedade filhas de São Paulo

Terra grávida	05	2013	Indígena	Distr. Record de serv. de imprensa S/A
Letramentos de reexistência – poesia, grafite, música e dança: Hip Hop	01	2013	Juventude	Parábola Editorial Ltda EPP
Diálogos com o mundo juvenil: subsídios para educadores	02	2013	Juventude	Ação educativa assessoria, pesquisa e informação
A juventude vai ao cinema	03	2013	Juventude	Autêntica Editora Ltda
Juventude negra no EJA: o direito à diferença	04	2013	Juventude	Mazza edições Ltda
Nascidos na era digital: entender a primeira geração de nativos digitais	05	2013	Juventude	Grupo A educação S/A
De olho em Zumbi dos Palmares – histórias, símbolos e memória social	01	2013	Quilombola	Editora Claro enigma Ltda

Quilombos: identidade e história	02	2013	Quilombola	Editora Nova Fronteira participações S/A
Liberdade por um fio – histórias dos quilombos no Brasil	03	2013	Quilombola	Editora Claro enigma Ltda
O fio d'água no quilombo : uma narrativa de Zambeze no Amazonas?	04	2013	Quilombola	Editora Prumo Ltda
Quilombolas e quilombos: histórias do povo brasileiro	05	2013	Quilombola	Rona Editora Ltda
Relações étnico-raciais e educação no Brasil	01	2013	Relações étnico-raciais	Mazza edições Ltda
África e Brasil africano	02	2013	Relações étnico-raciais	Editora Ática S/A
O negro no Brasil: trajetórias e lutas em dez aulas de história	03	2013	Relações étnico-raciais	Editora Objetiva Ltda

História e cultura afro- brasileira	04	2013	Relações étnico- raciais	Editora Pinsky Ltda
Origens africanas do Brasil contemporâneo: histórias, línguas, culturas e civilizações	05	2013	Relações étnico- raciais	Gaudi editorial Ltda
Manual do defensor do Planeta	01	2013	Sustentabilidade Socioambiental	Casa da palavra Produção Editorial Ltda
A terceira margem	02	2013	Sustentabilidade Socioambiental	Editora Schwarcz Ltda
A história das coisas	03	2013	Sustentabilidade Socioambiental	Jorge Zahar Editor Ltda
O desafio ambiental	04	2013	Sustentabilidade Socioambiental	Editora Record Ltda
Kubno e Velva: dois alienígenas verdes tentam entender o Planeta Azul	05	2013	Sustentabilidade Socioambiental	Editora Objetiva Ltda

Diálogos na educação de jovens e adultos	01	2013	Educação de Jovens e Adultos	Autêntica editora Ltda
Educação de jovens e adultos: a educação ao longo da vida	02	2013	Educação de Jovens e Adultos	Editora ibpex Ltda
Educação de jovens e adultos: prática pedagógica e fortalecimento da cidadania	03	2013	Educação de Jovens e Adultos	Cortez editora e livraria Ltda
O trabalho de campo como estratégia pedagógica no ensino de jovens e adultos	04	2013	Educação de Jovens e Adultos	rhj livros Ltda
Caminhando sobre fronteiras	05	2013	Educação de Jovens e Adultos	Summus editorial Ltda

Fonte: DOU de 28/01/2014.

Ao observar o Quadro 1, podemos identificar que o PNBE temático nos traz livros que abordam as relações étnico-raciais em três segmentos. São eles: Campo, Direitos Humanos, Juventude, Quilombola, Relações étnico-raciais e EJA. Sendo assim, nos é possível afirmar que se buscou trazer essa discussão para além do segmento destinado às africanidades.

Fernandes aponta que embora o edital do PNBE Temático trouxesse recomendações a respeito da não seleção de livros que apresentassem conteúdos e imagens racistas, não se assegurou de que a exclusão de livros com viés racista de fato fossem excluídos. Na análise feita pela autora evidencia-se:

[...] as marcas de estereotipia em relação à população negra, tanto no tocante às imagens quanto ao conteúdo. Tais resultados alertam para indícios de que o PNBE Temático possa não estar cumprindo, a contento, as expectativas de uma ação afirmativa dentro das políticas de distribuição de livros às escolas públicas brasileiras (Fernandes, 2015, p. 5).

A partir da leitura dos editais identificamos que além do PNBE Temático também houve outra iniciativa de trazer para o espaço escolar literaturas voltadas à temática da diversidade na perspectiva da História e Cultura indígena e tal iniciativa foi intitulada PNBE indígena.

No que diz respeito ao PNBE indígena, sabe-se que ele foi voltado ao atendimento de estudantes e professoras(es) da Educação Infantil, dos anos iniciais do Ensino Fundamental e no magistério/normal do Ensino Médio das escolas públicas federais e redes de ensino estadual, municipal e do Distrito Federal tinha como objetivo a convocação de editoras(es) que inscrevassem obras de literatura sobre a temática indígena que, por meio das artes verbais, contribuam para a divulgação e valorização da diversidade presente entre os povos indígenas brasileiros, bem como suas contribuições no processo histórico de formação da sociedade brasileira. Desta forma, esperava-se através do PNBE Indígena atender estudantes e professoras(es) de escolas públicas apresentando referenciais sobre a história e diversidade indígena; as trajetórias dos povos indígenas no espaço geográfico brasileiro, a valorização e identidade dos diferentes povos indígenas que compõem a sociedade brasileira. Vale ressaltar que embora o edital tenha sido publicado em 27/01/2014, a entrega dos livros para análise e seleção que seria entre 06 e 08/03/2014 não aconteceu. Por esta razão, não nos é possível apresentar um quadro com a lista dos livros selecionados e distribuídos.

Foi possível perceber que replanejamentos aconteceram no decorrer do programa e de acordo com a necessidade de ajustes e mudanças. Pudemos chegar a tal conclusão, pois a partir de leitura atenta das informações presentes no site do programa como também de artigos, dissertações e teses sobre o PNBE percebemos que o PNBE Literário e o PNBE Periódicos tiveram início em 2001 perdurando até 2014 quando se fez a distribuição dos últimos livros envolvendo este programa. Enquanto que o PNBE Professor teve sua primeira edição no ano de 2010, o PNBE Temático no ano de 2013 e o PNBE Indígena nem se concretizou. É possível

afirmar que desde sua implementação até sua suspensão, o PNBE passou por transformações sendo modificado a cada edição.

De acordo com o documento PNBE na Escola: Literatura fora da caixa – Guia 1 – Educação Infantil (2014), o acervo de livros era composto por obras de diferentes gêneros e tipos de texto de acordo com os níveis de ensino. Esses livros eram selecionados pelo programa e distribuídos em categorias abarcando os seguintes segmentos:

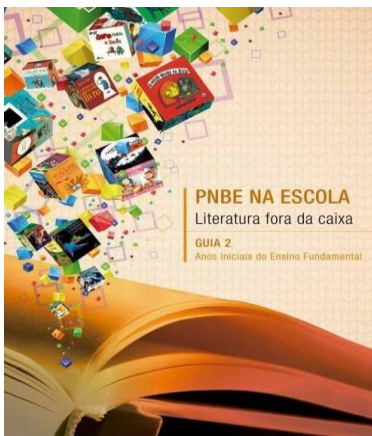
- Educação Infantil

Ilustração 2 - Capa do Guia 1 - Educação Infantil, PNBE- Literatura fora da caixa, de Brasil 2014.



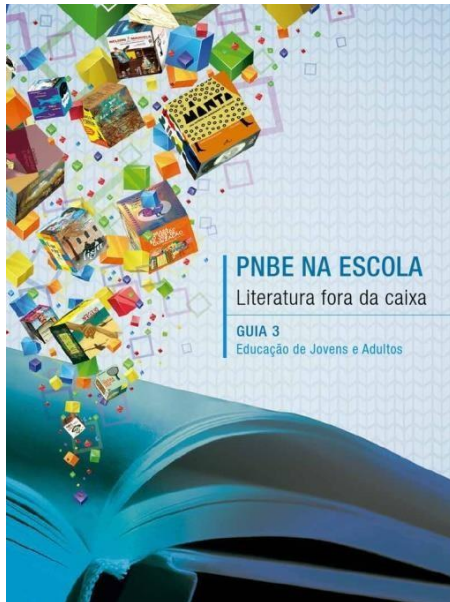
- Anos iniciais do Ensino Fundamental

Ilustração 3 - Capa do Guia 2 – Anos Iniciais do Fundamental, PNBE- Literatura fora da caixa, de Brasil 2014.



- Educação para Jovens e Adultos (EJA)

Ilustração 4 - Capa do Guia 3 – Educação de Jovens e Adultos (EJA), PNBE - Literatura fora da caixa, de Brasil 2014.



Importante ressaltar que no que tange à visibilidade e transparência da quantidade de livros, medidas foram aplicadas durante a primeira gestão do Governo do PT, o que pode ser verificado no próprio site uma vez que se têm disponibilizado apenas os acervos dos anos de 2006 a 2013 e os editais à partir do ano de 2003 até 2016 com o PNBE Periódicos. Cabe, portanto, destacar que o edital PNBE 2015 e o PNBE Periódicos 2016, não tiveram livros distribuídos.

Outra informação relevante é o fato de que as ações do PNBE aconteceram por quase duas décadas e apesar de ter se instituído como uma política de Estado ao longo de sua trajetória, no momento atual o Programa está com suas atividades suspensas, a última remessa de livros ocorreu no ano de 2014. “Esteve em vigor por 17 anos (1997 a 2014), e se configurou como o primeiro programa de incentivo à leitura que manteve continuidade como política pública” (Bernardes, 2018, p.41).

Cabe destacar que desde 2014 não há distribuição de livros de Literatura Infantil por este programa e desde 2017, o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) por meio do PNLD Literário passou a abranger entre suas ações a aquisição e distribuição dos materiais anteriormente vinculados ao âmbito do PNBE. É possível dizer que a primeira ação nesse sentido no PNLD aconteceu com um programa especial do PNLD 2013 por meio do PNLD Obras complementares.

Sendo o PNBE Literário uma ação importante para a democratização do acesso à leitura, se faz necessário pensar sua permanência e/ou continuidade como também pensá-lo além de uma política pública de incentivo à leitura, mas também como uma política antirracista que traz em seu bojo apontamentos específicos para a seleção e distribuição de livros de Literatura Infantil voltados ao reconhecimento e valorização da população negra.

Vivemos um momento de retrocesso e a descontinuidade do PNBE revela a atmosfera em que estamos na política nacional de educação. Os desafios serão muitos e a luta será árdua. As políticas de ações afirmativas estão ameaçadas e precisaremos de comprometimento político para o enfrentamento do desmonte vivenciado na educação.

2.2 PNBE LITERÁRIO: DA ESCOLHA ÀS MÃOS DA CRIANÇA LEITORA

Quanto aos critérios para seleção dos livros de literatura infantil do PNBE Literário para o segmento anos iniciais do Ensino Fundamental de acordo com os editais, é possível afirmar que buscava-se analisar:

- Qualidade textual;
- Qualidade temática;
- Qualidade gráfica;

No que se refere à qualidade textual, de acordo com Fernandes (2017, p. 227), "em linhas gerais, os editais apresentam uma explicação introdutória sucinta sobre o critério de qualidade do texto, indicando a contribuição que o texto literário deve proporcionar aos leitores."

Quanto à qualidade temática, sabe-se que:

O edital coloca em relevo a diversidade temática e seus diferentes contextos sociais, culturais e históricos para contemplar a multiplicidade que compõe a sociedade brasileira. Nos editais 2010, 2012 e 2014, foram acrescentados os contextos "socioeconômicos" e "ambientais", ampliando o panorama a ser abarcado nas obras. Observa-se o cuidado de compor um acervo com temas diversificados, com representações de vários contextos, adequados aos interesses dos numerosos leitores, e de acordo com o segmento destinado. Com efeito, ao lado dessa variação temática, considera-se o endereçamento da obra a ser selecionada, que deve estar adequada às expectativas e aos interesses do público-alvo (Fernandes, 2017, p. 228-229).

Sobre a qualidade gráfica, diante das várias alterações perceptíveis em cada edição do edital, é possível afirmar que um conjunto é avaliado: "capa, uso de tipos gráficos, espaçamento e distribuição textual, equilíbrio na distribuição do texto e das imagens e na distribuição do texto e informações complementares, funcionalidade do sumário, dos prefácios, das notas" (Brasil, 2006, p. 15).

Convém destacar que esses critérios não foram explicitados nas primeiras edições do PNBE. Somente a partir de 2001 são estabelecidos em edital, publicado no Diário Oficial e colocado à disposição na internet. Mas até 2004 ainda há muitas insuficiências na exposição desses critérios.

Apesar de, desde o ano de 2005, haver critérios mais explicitados, é necessário haver, por parte de pesquisadores, estudos no que se refere aos editais, para verificar quais são os critérios norteadores dos documentos oficiais sobre o que vem a ser literatura de qualidade (Fernandes; Cordeiro, 2012. p. 322).

O PNBE Literário é composto por: obras clássicas da literatura universal, livros de literatura infantil e juvenil, poemas, contos, crônicas, novela, teatro, texto da tradição popular, romance, memória, diário, biografia, relatos de experiências, livros de imagens e histórias em quadrinhos. A distribuição dos acervos é organizada para atender a Educação Infantil, anos iniciais e finais do Ensino Fundamental, educação de jovens e adultos (EJA) e Ensino Médio. Nos anos de 2008 a 2013, o acervo distribuído pelo PNBE somou 76.245.423 livros, de acordo com as informações do site do PNBE. Desta soma, 37.972.575 eram livros de Literatura Infantil e Juvenil destinados às escolas de educação infantil (creche e pré-escola), anos iniciais do Ensino Fundamental e educação de jovens e adultos (EJA).

É preciso destacar que o PNBE Literário tem como característica principal a distribuição de livros de literatura para as bibliotecas das escolas públicas. Entretanto, muitas são as escolas que não têm esse espaço e por essa razão distribuem os livros em salas de aula, dificultando inclusive a organização desses acervos. Tal situação foi verificada por mim no decorrer da busca de escolas para realização desta pesquisa.

Professores e bibliotecários são responsáveis pela mediação. Esse é outro ponto pouco explorado pelo PNBE que, mesmo tendo como principal objetivo o de promover o acesso à cultura incentivando à leitura dos alunos e dos professores pela distribuição de acervos de obras literárias, não se preocupou, desde seu primeiro ano, com a utilização das obras em sala de aula ou na organização e disponibilização dos acervos aos alunos dentro do espaço escolar (Lopes, 2012, p. 47).

Considerando que em muitas escolas públicas não há bibliotecas tendo ausência de espaços compartilhados para leitura nas unidades educacionais brasileiras, é muito comum que os livros recebidos pelo PNBE acabem guardados, escondidos, deixados de lado ou até mesmo esquecidos em caixas. Algumas das razões disso acontecer: falta de espaço adequado para expô-los, ausência de espaço para construção de uma biblioteca, falta de verba para construção ou adequação de um espaço para biblioteca, falta de profissionais para catalogação e organização dos livros, gestoras(es) que não vêem as bibliotecas como espaços de investimento para verbas públicas ou de projetos, falta de ações e/ou intervenções para valorização da biblioteca. É preciso,

porém, ressaltar que existem escolas que disponibilizam salas de leituras e outras que fazem rodízio dos livros organizados em caixas presentes nas salas de aulas.

De acordo com as informações disponíveis no site do programa, os livros selecionados para composição do acervo a ser distribuído nas escolas eram selecionados por meio de edital publicado anualmente no Diário Oficial da União e disponibilizado na Internet. Este estabelecia as regras para a inscrição e avaliação dos livros a serem selecionados pelo PNBE. Era por meio deste edital, que se determinava as regras de aquisição e o prazo para a apresentação dos livros pelas empresas detentoras de direitos autorais.

Após essa etapa, realizava-se a avaliação e seleção dos livros inscritos por um colegiado, instituído anualmente, por portaria ministerial, composto por representantes do Conselho Nacional de Secretários da Educação (CONSED), da União Nacional de Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME), do Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER), de intelectuais e de técnicos e especialistas na área de leitura, literatura e educação do Ministério da Educação e de universidades.

Feita a avaliação e seleção dos livros que fariam parte dos acervos do PNBE, o FNDE era responsável por realizar um processo de negociação com as editoras. Importante destacar que a aquisição dos livros era realizada por inexigibilidade de licitação, o que está previsto na Lei nº 8.666/93, tendo em vista os direitos autorais dos livros.

Após a conclusão da negociação, firmava-se um contrato FNDE e as editoras eram informadas sobre a quantidade e as localidades de entrega para distribuição dos livros.

A entrega desses livros era feita diretamente pelas editoras às escolas, a um centro de mixagem, para formação das coleções e posterior envio às escolas ou pelo PNBE através da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT).

Para esta pesquisa, será apresentada a análise de três livros de literatura infantil e juvenil que compõem o *PNBE Literário*. Optamos pela análise de três livros do referido programa após levantar nas listas de cada ano a quantidade de livros de autoria de escritoras(es) brasileiras(os), depois de contato e devolutiva das(os) escritoras(es).

Importante salientar que o *PNBE literário* busca avaliar e distribuir livros literários, cujos acervos são compostos por textos em prosa (novelas, contos, crônica, memórias, biografias e teatro), em verso (poemas, cantigas, parlendas, adivinhas), livros de imagens e livros de histórias (literatura infantil e juvenil) e histórias em quadrinhos. É proposição desse programa que os textos e ilustrações presentes nestes materiais fossem utilizados nas salas de aulas dos anos iniciais do Ensino Fundamental nos debruçaremos apenas nesta ação do programa.

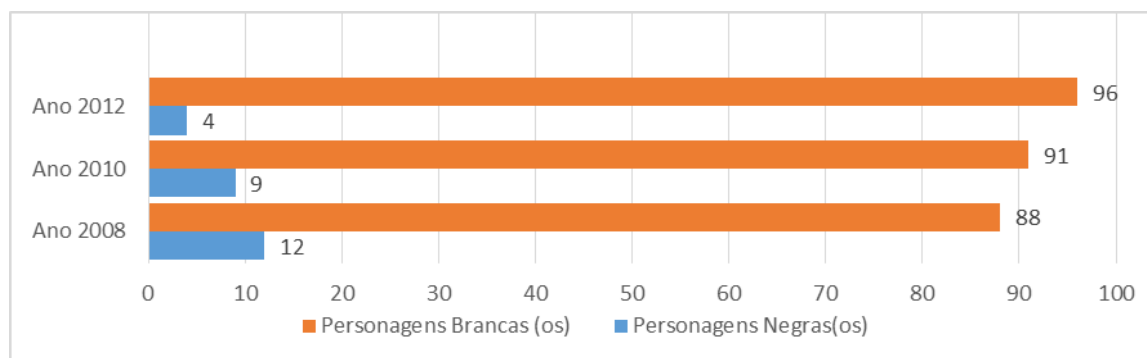
2.3 AS PERSONAGENS NEGRAS NOS LIVROS DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL DO PNBE LITERÁRIO

O PNBE Literário pode também se tornar uma ferramenta importante de enfrentamento ao racismo no espaço escolar por intermédio do acesso ao livro de literatura infantil aos anos iniciais do Ensino Fundamental da Educação Básica.

Para que as(os) estudantes percebam como parte do processo vivenciado no espaço escolar, acreditamos que nos livros de Literatura Infantil e Juvenil, as personagens negras precisam estar presentes nas histórias e representados de forma positiva.

Analisando os quatro acervos voltados aos anos iniciais do Ensino Fundamental do PNBE Literário dos anos de 2008, 2010 e 2012 foram selecionados um total de 300 livros de Literatura Infantil sendo que: no ano de 2008 foram distribuídos 5 acervos com 20 livros em cada dando um total de 100 livros temos 88 livros com personagens brancas(os) e apenas 12 livros com personagens negras(os), no ano de 2010 foram distribuídos 4 acervos com 25 livros em cada dando um total de 100 livros temos 91 livros com personagens brancas(os) e apenas 9 livros com personagens negras(os) e no ano de 2012 foram distribuídos 4 acervos com 25 livros em cada dando um total de 100 livros temos 96 livros com personagens brancas(os) e apenas 4 livros com personagens negras(os). Conforme podemos ver no gráfico abaixo:

Gráfico 2 - Estatísticas referentes à quantidade de livros do PNBE com personagens brancas(os) e negras(os) nos acervos dos anos de 2008, 2010 e 2012



Fonte: Lista dos acervos dos anos de 2008, 2010 e 2012 disponíveis no site do FNDE.

Nas linhas abaixo trazemos um quadro com os livros selecionados e distribuídos pelo PNBE Literário nos anos de 2008, 2010 e 2012.

São:

Quadro 2 - Livros da literatura infantil para anos iniciais o EF com personagens negras selecionados e distribuídos pelo PNBE Literário – 2008, 2010, 2012

QUANTIDADE	LIVROS PNBE ANOS INICIAIS DO EF	ESCRITORA (ESCRITOR)	ILUSTRADORA (ILUSTRADOR)	ANO DA SELEÇÃO	ACERVO	EDITORIA
01.	O cabelo de Lelê	Valéria Barros Belém Dias	Adriana Mendonça	2008	Acervo 1	Companhia Editora Nacional
02.	Os três presentes mágicos	Rogério Andrade Barbosa	Salmo Dansa	2008	Acervo 1	Editora Record Ltda
03.	Aula de carnaval e outros poemas	Ricardo José Duff Azevedo	Ricardo José Duff Azevedo	2008	Acervo 1	Editora Ática S/A
04.	Melhores amigas	Rosane Svartman	Fabiana Egrejas	2008	Acervo 2	Jorge Zahar Editor Ltda
05.	Os chifres da Hiena e outras histórias da África Ocidental	Mamadou Diallo	Yilli Maria Roras Diaz	2008	Acervo 2	Comboio de corda Editora Ltda

06.	Uloma, a casa da beleza e outros contos	Ikechukwu Sunday Nkeechi (Sunny)	Denise Nascimento	2008	Acervo 3	Pia Sociedade filhas de São Paulo
07.	O príncipe corajoso e outras histórias da Etiópia	Praline Gay-Para	Sophie Dutertre	2008	Acervo 4	Comboio de corda Editora Ltda
08.	Os gêmeos do tambor	Rogério Andrade Barbosa	Ciça Fittipaldi	2008	Acervo 4	DCL – Difusão Cultural do Livro Ltda
09.	O rei preto de Ouro Preto	Sylvia Orthof Gostkorzewicz	Rogério Nunes Borges	2008	Acervo 4	Editora Gaia Ltda
10.	Lá vem história (O rei que queria alcançar a Lua)	Heloisa Braz de Oliveira Pietro	Daniel Kondo	2008	Acervo 4	Editora Schwarcz Ltda
11.	Chuva de Manga	James Rumford	James Rumford	2008	Acervo 5	Brinque Book Editora de livros

12.	O que tem na panela, Jamela?	Niki Daly	Niki Daly	2008	Acervo 5	Edições SM Ltda
13.	Contos ao redor da Fogueira	Rogério Andrade Barbosa	Rui de Oliveira	2010	Acervo 1	Agir Editora
14.	Azur & Asmar	Michel Ocelot	Michel Ocelot	2010	Acervo 2	Edições SM
15.	Histórias de Ananse	Adwoa Badoe	Baba Wage Diakite	2010	Acervo 2	Edições SM
16.	Berimbau e outros Poemas	Manoel Bandeira	Graça Lima	2010	Acervo3	Editora Nova Fronteira
17.	A caixa de lápis de cor	Maurício Veneza da Silva	Maurício Veneza da Silva	2010	Acervo 3	Editora Positivo
18.	Nina África – Contos de uma África menina para ninar gente de todas as idades	Arlene do Holanda Nunes Maia, Maria Lenice Gomes da silva,	Maurício Veneza da Silva	2010	Acervo 3	Elementar publicações e Editora

		Clayson Gomes de Almeida				
19.	Valentina	Márcio Vassalo de Freitas	Vivian Mara Suppa	2010	Acervo 3	Glaudi Editorial
20.	O casamento da Princesa	Celso Sisto Silva	Simone Matias	2010	Acervo 4	Editora Prumo
21.	Betina	Nilma Lino Gomes	Denise Nascimento	2010	Acervo 4	Mazza Edições
22.	Obax	André Neves	André Neves	2012	Acervo 1	Brinque Book
23.	Lendas da África Moderna	Rosa Maria Tavares Andrade e Heloísa Pires Lima	Denise Nascimento	2012	Acervo 3	Elementar publicações e Editora
24.	Lila e o segredo da chuva	David Conway	Jude Daly	2012	Acervo 3	Editora Biruta

25.	O coelho que fugiu da história	Rogério Paulino Manjate	Florence Breton	2012	Acervo 4	Editora Ática
-----	--------------------------------	----------------------------	-----------------	------	----------	---------------

Fonte: Lista dos acervos distribuídos nos anos de 2008, 2010 e 2012 disponível no site do FNDE.

Nos acervos distribuídos pelo PNBE para as escolas dos anos iniciais do Ensino Fundamental dos anos de 2008, 2010 e 2012, encontramos num total de 300 livros de Literatura Infantil 24 livros que traziam personagens negras. Cabe destacar que no ano de 2008 temos 5 acervos de 20 livros cada e nos anos de 2010 e 2012 temos 4 acervos com 25 livros cada.

De acordo com os dados apresentados no quadro 3, identificamos que em alguns acervos não há nenhum livro com personagem negro. Como por exemplo, nos anos de 2010 e 2012, não há livros de Literatura Infantil com personagens negras no acervo 4 e no acervo 2, respectivamente. Desta forma, se alguma escola recebesse apenas os livros de Literatura Infantil desse acervo não receberia nenhum livro com representação negra.

Observando o gráfico 2 e o quadro 3, percebemos que a quantidade de livros de literatura infantil com personagens negras(os) selecionados pelo PNBE foi diminuindo nos acervos dos anos de 2008, 2010 e 2012. Desta forma, há cada vez menos no espaço escolar livros de Literatura Infantil com representação negra o que pode contribuir ou não para reforçar o padrão de branquidade.

A branquidade é algo sobre o qual não temos que pensar. Ela está simplesmente aí. Trata-se de um estado naturalizado de ser. Trata-se de uma coisa normal. Tudo o mais é o outro. É o lá que nunca está lá. Mas está lá, porque ao nos reposicionarmos para ver o mundo, como constituído a partir de relações de poder e privilégio, a branquidade como privilégio desempenha um papel crucial (Apple, 2001, p. 39-40).

Salientamos que, com relação à representação das personagens negras nos livros de Literatura Infantil dos acervos do PNBE Literário nas três edições analisadas notou-se uma prevalência das personagens brancas. Se houvesse um aumento na seleção e distribuição de livros de literatura infantil dos acervos do PNBE que trouxessem uma representação positiva de personagens negras além do programa contribuir para a luta anti-racista também perceberíamos o fortalecimento de uma política anti-racista.

Importante salientar que entre 2008 e 2013 nos documentos selecionados para esta pesquisa não foi possível identificar uma política dentro de programa que reconhecesse a necessidade de distribuir livros com personagens negras visando à aplicabilidade da lei 10.639/03. Não identificamos nos editais de seleção pontos específicos que levassem a um aumento gradativo de livros que fossem voltados à temática racial ou que se apontasse a seleção de livros pensando na importância de obras que trouxessem a representatividade negra. Cabe, entretanto, destacar que no edital do PNBE 2005 o anexo II que trata dos critérios de avaliação e seleção trazia um novo critério: o de representatividade. Tal critério aparece apenas no edital de 2005 não tendo continuidade nos editais subsequentes.

Tendo em vista a diversidade do fazer literário, a representatividade das obras é um fator relevante na análise. Os títulos devem ser representativos de diferentes propostas e programas literários – desde aqueles que já firmaram uma tradição e conquistaram o reconhecimento de diferentes instâncias da instituição literária, àqueles que rompem com esta tradição e propõem – contemporaneamente – novos modelos e princípios para a produção literária. No caso de antologias é importante que a obra apresente unidade e consistência da seleção, bem como diversidade de estilo, época e região (Brasil, p. 14, 2004).

Entendemos que se faz necessário que os editais desse programa e demais políticas dessa natureza busquem contemplar escritoras(es) e livros referenciais na área dos estudos das relações étnico-raciais que contribuam para o reconhecimento e valorização da cultura afro-brasileira e africana na formação identitária da criança negra leitora.

2.4 O ACERVO DO PNBE LITERÁRIO: PERSONAGENS NEGRAS NOS LIVROS DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL DE AUTORIA BRASILEIRA

Apresentamos a seguir a lista dos dezesseis livros com personagens negras selecionados e distribuídos pelo PNBE Literário escritos por escritoras(es) brasileiras(os) foram identificados entre os 300 livros que compõem os acervos distribuídos para os anos iniciais do Ensino Fundamental nos anos de 2008, 2010, 2012.

A partir de informações encontradas no site do FNDE no que diz respeito aos investimentos realizados, quantitativo de estudantes atendidos, quantitativo de unidades educacionais dos anos iniciais do Ensino Fundamental beneficiadas, quantitativo de livros de literatura infantil e juvenil e acervos distribuídos, organização dos acervos para distribuição e critérios de atendimento organizamos os dados estatísticos do PNBE dos anos de 2008, 2010 e 2014.

Quadro 3 - Dados estatísticos referente aos acervos do PNBE (2008,2010 e 2012) – Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

PNBE – ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL				
	2008	2010	2012	TOTAL
Valor investido	R\$ 17.336.024,72	R\$ 29.563.069,56	R\$ 45.955.469,82	R\$92.854.564,10
Nº de estudantes atendidos	16.430.000	15.577.108	14.565.893	46.573.001
Nº de escolas beneficiadas	127.661	122.742	115.344	365.747
Quantidade de livros distribuídos	3.216.600	5.798.801	5.574.400	14.589.801

Quantidade de acervos distribuídos	160.830	234.295	222.976	618.101
Organização dos acervos	5 acervos diferentes com 20 títulos cada	4 acervos diferentes, cada um com 25 títulos	4 acervos distintos, cada um com 25 obras	Não há preenchimento
Crítérios de atendimento	<ul style="list-style-type: none"> - Escola do ensino fundamental (até 250 alunos): 1 acervo - Escola do ensino fundamental (251 a 500 alunos): 2 acervos - Escola do ensino fundamental (501 a 750 alunos): 3 acervos - Escola do ensino fundamental (751 a 1000 alunos): 4 acervos - Escola do ensino fundamental (1001 alunos ou mais): 5 acervos 	<ul style="list-style-type: none"> - Escola de 1º ao 5º ano (1 a 50 alunos): 1 acervo - Escola de 1º ao 5º ano (51 a 150 alunos): 2 acervos - Escola de 1º ao 5º ano (151 a 300 alunos): 3 acervos - Escola de 1º ao 5º ano (acima de 300 alunos): 4 acervos 	<ul style="list-style-type: none"> - Escolas com anos iniciais do Ensino Fund.(até 50 alunos): 1 acervo - Escolas com anos iniciais do Ensino Fund. (51 a 150 alunos): 2 acervos diferentes - Escolas com anos iniciais do Ensino Fund. (151 a 300 alunos): 3 acervos diferentes - Escolas com anos iniciais do Ensino Fund. (mais de 300 alunos): 4 acervos diferentes 	Não há preenchimento

Na análise dos dados estatísticos do PNBE, no que diz respeito à distribuição dos livros de literatura infantil e juvenil para os anos iniciais do Ensino Fundamental nos anos de 2008, 2010 e 2012, observamos que em cada ano houve aumento dos valores gastos. Sendo um aumento de 29,47% de 2008 para 2010 e 55,45% de 2010 para 2012. Entretanto, embora houvesse aumento nos gastos identificamos a queda no número de estudantes atendidos e de escolas beneficiadas. No que se refere à quantidade de livros distribuídos, identificamos que no ano de 2008 para 2010 houve um aumento de 197 % e há diminuição no ano de 2010 para 2012. Essa porcentagem também pode ser identificada na quantidade de acervos distribuídos. No que diz respeito à organização dos acervos percebe-se que em 2008 eram distribuídos 5 acervos de 20 livros e nos anos de 2008 e 2010 foram 4 acervos de 25. Sendo assim, nos anos de 2008, 2010 e 2010 o total de livros dos acervos eram 100. Nos critérios de atendimento do referido programa percebemos que em 2008.

A partir das listas de livros dos anos de 2008, 2010 e 2012 organizamos um quadro no qual se pode identificar os títulos dos dezesseis livros escritos por escritoras(es) brasileiras(os). No quadro é possível identificar os nomes das escritoras(es) e ilustradoras(es), ano de seleção pelo PNBE, acervo e Editora que compõem.

Quadro 4 - Livros de literatura infantil e juvenil escritos por brasileiras(os) com personagens negras selecionados e distribuídos pelo PNBE.

LIVROS DO PNBE ESCRITO E ILUSTRADO POR BRASILEIRAS(OS)	ESCRITORA (ESCRITOR)	ILUSTRADORA (ILUSTRADOR)	ANO DA SELEÇÃO	ACERVO	EDITORA
O cabelo de Lelê	Valéria Barros Belém Dias	Adriana Mendonça	2008	Acervo 1	Companhia Editora Nacional

Os três presentes mágicos	Rogério Andrade Barbosa	Salmo Dansa	2008	Acervo 1	Record Editora Record Ltda
Aula de carnaval e outros poemas	Ricardo José Duff Azevedo	Ricardo José Duff Azevedo	2008	Acervo 1	Editora Ática S/A
Melhores amigas	Rosane Svartman	Fabiane Egrejas	2008	Acervo 2	Jorge Zahar Editor Ltda
Os gêmeos do tambor	Rogério Andrade Barbosa	Ciça Fitipaldi	2008	Acervo 4	DCL – Difusão Cultural do Livro Ltda
O rei preto de Ouro Preto	Sylvia Orthof Gostkorzewicz	Rogério Nunes Borges	2008	Acervo 4	Editora Gaia Ltda
Lá vem história (O negrinho do pastoreio e O rei que queria alcançar a Lua)	Heloisa Braz de Oliveira Pietro	Daniel Kondo	2008	Acervo 4	Editora Schwarcz Ltda
Contos ao redor da Fogueira	Rogério Andrade Barbosa	Rui de Oliveira	2010	Acervo 1	Agir Editora
Berimbau e outros Poemas	Manoel Bandeira	Graça Lima	2010	Acervo 3	Editora Nova Fronteira

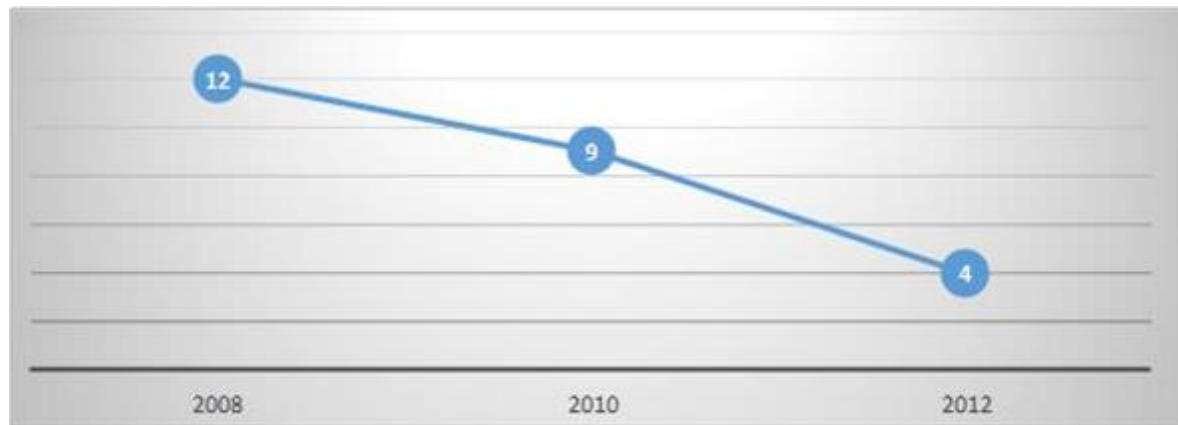
A caixa de lápis de cor	Maurício Veneza da Silva	Maurício Veneza da Silva	2010	Acervo 3	Editora Positivo
Nina África – Contos de uma África menina para ninar gente de todas as idades	Arlene do Holanda Nunes Maia, Maria Lenice Gomes da Silva, Clayson Gomes de Almeida	Maurício Veneza da Silva	2010	Acervo 3	Elementar publicações e Editora
Valentina	Márcio Vassalo de Freitas	Vivian Mara Suppa	2010	Acervo 3	Glaudi Editorial
O casamento da Princesa	Celso Sisto Silva	Simone Matias	2010	Acervo 4	Editora Prumo
Betina	Nilma Lino Gomes	Denise Cristina do Nascimento	2010	Acervo 4	Mazza Edições
Obax	André Neves	André Neves	2012	Acervo 1	Brinque Book
Lendas da África Moderna	Rosa Maria Tavares Andrade e Heloísa Pires Lima	Denise Cristina do Nascimento	2012	Acervo 3	Elementar publicações e Editora

Fonte: A partir da lista de acervos(2008,2010 e 2012) distribuídos disponibilizada no site do PNBE.

De acordo com o quadro que foi elaborado pela autora à partir da lista de acervos(2008,2010 e 2012) disponibilizada no site do PNBE nos foi possível identificar que: no ano de 2008, num total de 100 livros (5 acervos de 20 livros) temos 7 livros de literatura infantil e juvenil de autoria brasileira com personagens negras sendo 3 livros do acervo 1, 1 livro do acervo 2 e 3 do acervo 4; no ano de 2010, num total de 100 livros (4 acervos de 25 livros) temos 7 livros de literatura infantil e juvenil de autoria brasileira com personagens negras sendo 1 do acervo 1, 4 livros do acervo 3 e 2 livros do acervo 4; no ano de 2012, num total de 100 livros (4 acervos de 25 livros) temos 2 livros de literatura infantil e juvenil de autoria brasileira com personagens negras sendo 1 livro do acervo 1 e 1 livro do acervo 3.

Não nos foi possível, por exemplo, identificar um aumento de livros cujos personagens fossem negras. Ao contrário, entre os anos de 2008 a 2012 o número de livros foi diminuindo. Como é possível perceber no gráfico a seguir:

Gráfico 3 - Quantidade de livros distribuídos pelo PNBE com personagens negras(os) nos anos de 2008, 2010 e 2012



Fonte: Lista dos acervos dos anos de 2008, 2010 e 2012 disponíveis no site do FNDE.

E no que diz respeito ao quantitativo de livros de literatura infantil e juvenil com personagens negras de autoria brasileira é ainda menor se compararmos o quantitativo de livros de literatura infantil e juvenil com personagens brancas, o que nos chama atenção uma vez que, segundo a última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), realizada em 2019, pretos representam 46,8% da população e pardos representam 9,4% sendo, portanto, a maioria da população brasileira. E se somos a maioria em população, qual é a razão de não sermos também maioria na representação dos livros de literatura infantil e juvenil selecionados e distribuídos nas escolas públicas brasileiras?

Fazemos tal apontamento para que possamos refletir acerca do racismo também estabelecido em uma política de incentivo à leitura financiada com verba pública e também para ressaltar que embora no decorrer dos dezoito anos de sua existência, o PNBE tenha tido alterações nos editais, nos anos de 2008, 2010 e 2012, não identificamos critérios que levassem às mudanças na seleção dos livros de literatura infantil e juvenil visando à efetivação dos artigos 26^aA e 79^aB da LDBEN.

No que se refere a cada uma das listas percebemos que nos acervos não há livros ou coleções repetidas indo ao encontro do que é determinado no item caracterização das obras dos editais. Entretanto, embora os títulos não se repitam, vê-se que o escritor Rogério Andrade Barbosa tem três livros selecionados e de editoras diferentes, o escritor e também ilustrador Maurício Veneza tem dois livros ilustrados por ele selecionados e de editoras diferentes.

No que se refere às editoras, encontramos livros de 20 editoras diferentes e identificamos que as editoras maiores e mais conhecidas têm seus livros selecionados em mais de um acervo e em diferentes anos do PNBE. Após realizarmos buscas nos sites de todas essas editoras identificamos que apenas cinco delas têm outros livros voltados à temática étnico-racial também publicados, o que nos faz refletir acerca da produção literária voltada à crianças que apresentem personagens negras.

A instituição da lei 10.639/2003, bem como, o estabelecimento das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico- Raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira, determina a expansão da produção de livros que abordam a temática étnico-racial. Neste sentido, a literatura de temática da cultura africana e afro-brasileira tem função fundamental nos processos educativos, tornando emergente a investigação e o estudo sobre esta produção, na intenção de contribuir para o seu reconhecimento e disseminação e exigir do mercado editorial um olhar apurado sobre os títulos publicados.

Nesse sentido, em concordância com Araújo e Silva (2012) ressaltamos que possivelmente editoras mais tradicionais têm pouca preocupação com a temática étnico-racial, talvez por já terem seu espaço no mercado editorial garantido e/ou não perceberem ser

necessário dessa tendência em suas pautas de produção, o que pode representar resistência ao cumprimento do artigo 26A da LDBEN.

Após uma leitura inicial de cada um desses percebemos que: 2 livros (*O Cabelo de Lelê e Betina*) trazem histórias nas quais a discussão principal se dá em torno aparência física, tematizando sobre o corpo negro com ênfase nos cabelos dessas personagens e abordando também sobre a identidade das mesmas, 1 livro (*Melhores amigas*) traz uma história de amigas sendo uma negra e outra branca tematizando sobre a amizade evidenciando o fato de que o importante é a amizade e não a cor da pele, 1 livro só com imagens (*A caixa de lápis de cor*) traz a história de um menino engraxate que trabalha nas ruas e recebe uma caixa de lápis de cor como pagamento por seu trabalho, 2 livros (*Aula de Carnaval e outros poemas, Berimbau e outros poemas*) com poesias sobre carnaval, o dia-a-dia dos batuqueiros, faz alusão à escola de samba através de poesias sobre aula de cavaquinho e pandeiro. Traz ritmo em poesias que transformam o barulho do despertador em uma animada marchinha. Algumas das poesias desse livro foram ilustradas com personagens negras sempre ligadas à cultura negra no que diz respeito ao carnaval, 1 livro (*Lá vem história*) traz histórias populares tendo 2 histórias ilustradas com personagens negras sendo uma de um rei mandão que queria chegar à lua e outra que traz a história de um menino negro que na época da escravização sumiu pelos pastos da fazenda em que trabalhava por medo de ser castigado, 1 livro (*Valentina*) traz a história de uma menina negra filha de um casal inter-racial, 1 livro (*O rei preto de Ouro Preto*) traz em versos a história de um rei negro africano que foi traído pelos brancos, e então, aprisionado e escravizado. O livro retrata o sonho de liberdade dos negros africanos escravizados e exalta a luta e busca pela liberdade, 1 livro (*Lendas da África Moderna*) traz lendas africanas numa perspectiva mais contemporânea e busca proporcionar um olhar de uma outra África diferente das que normalmente aparecem nas histórias e 6 livros (*Os três presentes mágicos, Os gêmeos do tambor, Contos ao redor da Fogueira, Nina África – Contos de uma África menina para ninar gente de todas as idades, O casamento da Princesa e Obax*) apresentam lendas e mitos africanos.

Ressaltamos que nem todos os livros citados anteriormente serão analisados nesta pesquisa, mas apenas os três livros citados no capítulo anterior. São eles: *Os três presentes mágicos, Betina e Lendas da África Moderna*.

A linguagem verbal (texto) e a linguagem visual (ilustração) têm igual importância em um livro. Para a leitura do texto é necessário conhecer o domínio da leitura e no que diz respeito à leitura da ilustração acreditamos que leitoras(es) de qualquer idade mesmo que ainda não tenham domínio da leitura e da escrita possam fazê-la. Sendo assim, o livro da literatura infantil

e juvenil não é voltado apenas para aquelas crianças que sabem ler e escrever, por isso, as ilustrações desempenham papel relevante uma vez que possibilitam a leitura não apenas do texto. Sendo assim, a leitura já se inicia a partir da capa do livro.

E é por entendermos que a ilustração presente na capa é um instrumento por meio do qual a criança leitora decodifica(rá) a personagem negra que, mesmo não tendo a intenção de fazer a análise das capas dos dezesseis livros apresentados neste capítulo, apresentaremos aqui. Isso para que, a partir da discussão feita sobre a presença e construção das personagens negras, seja possível refletirmos, mesmo que não de forma aprofundada, sobre cada uma das capas.

Ilustração 5 - Capa do livro “O cabelo de Lelê”, de Valéria Belém. Ilustrações de Adriana Mendonça. Companhia Editora Nacional, 2007.

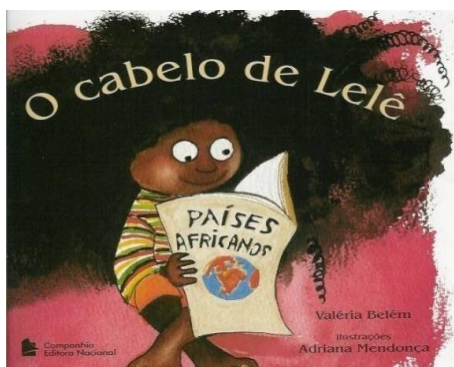


Ilustração 6 - Capa do livro “Os três presentes mágicos”, de Rogério Andrade Barbosa. Ilustrações de Salmo Dansa. Editora Record, 2007.

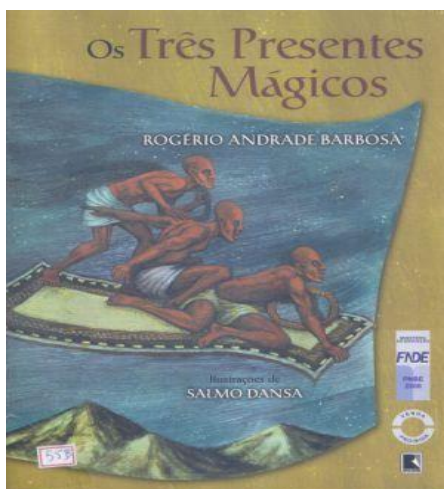


Ilustração 7 - Capa do livro “Aula de Carnaval e outros poemas”, escrito e ilustrado por Ricardo Azevedo. Editora Ática, 2008.



Ilustração 8 - Capa do livro “Melhores amigas”, de Rosane Svartman. Ilustrações de Fabiane Egrejas. Zit Editora, 2006.

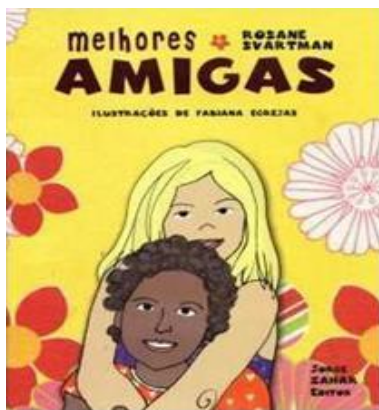


Ilustração 9 - Capa do livro “Os gêmeos do tambor”, de Rogério Andrade Barbosa. Ilustrações de Ciça Fitipaldi. DCL Editora, 2006.

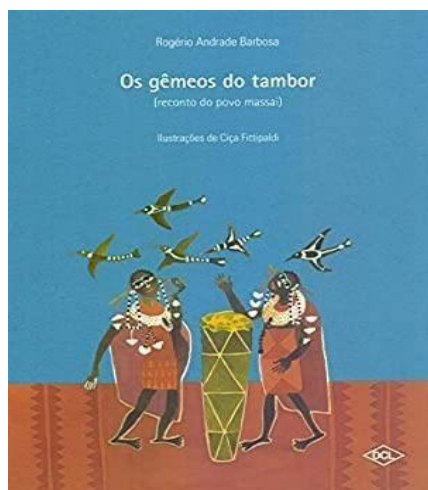


Ilustração 10 - Capa do livro “O rei preto de Ouro Preto”, de Sylvia Orthof. Ilustrações de Rogério Borges. Global Editora, 2008.

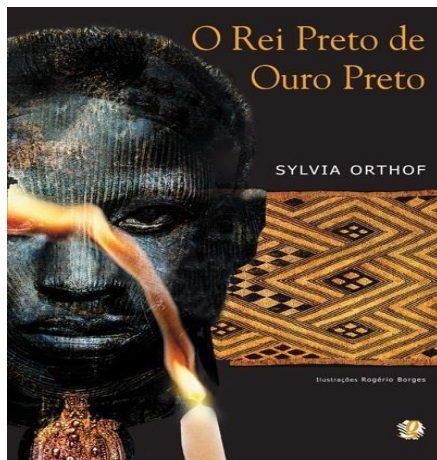


Ilustração 11 - Capa do livro “Lá vem história”, de Heloísa Prieto. Ilustrações de Daniel Kondo. Companhia das Letrinhas, 1997.

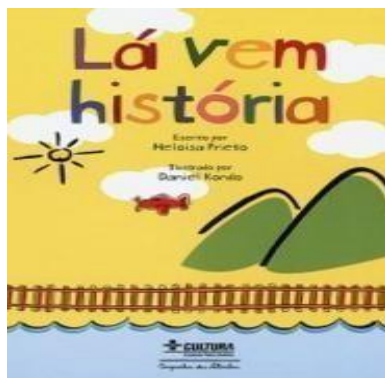


Ilustração 12 - Capa do livro “Contos ao redor da fogueira”, de Rogério Andrade Barbosa. Ilustrações de Rui Barbosa. Agir Editora, 2001.

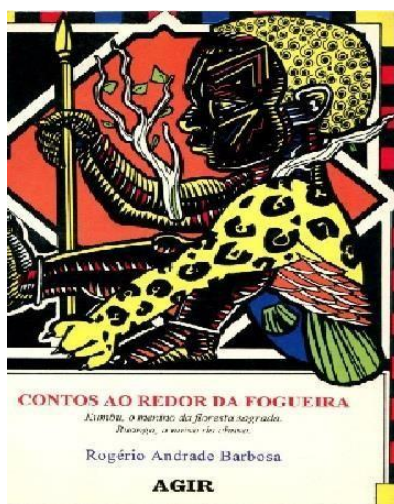


Ilustração 13 - Capa do livro “Berimbau e outros poemas”, de Manoel Bandeira. Ilustrações de Graça Lima. Global Editora, 2008.

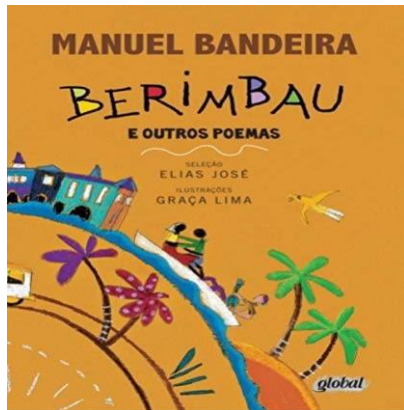


Ilustração 14 - Capa do livro “A caixa do Lápis de cor” escrito e ilustrado por Maurício Veneza. Editora Positivo, 2008.

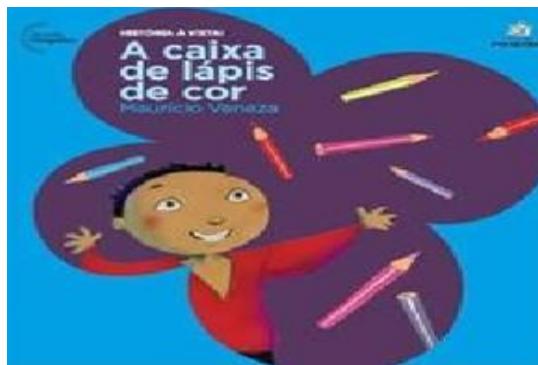


Ilustração 15 - Capa do livro “Nina África – Contos de uma África menina para ninar gente de todas as idades”, de Lenice Gomes, Arlene Holanda e Clayton Gomes. Ilustrações de Maurício Veneza. Editora Elementar, 2009.

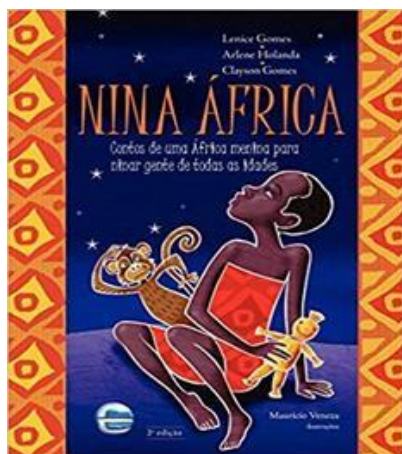


Ilustração 16 - Capa do livro “Valentina”, de Márcio Vassallo. Ilustrações de Suppa. Global Editora, 2007.

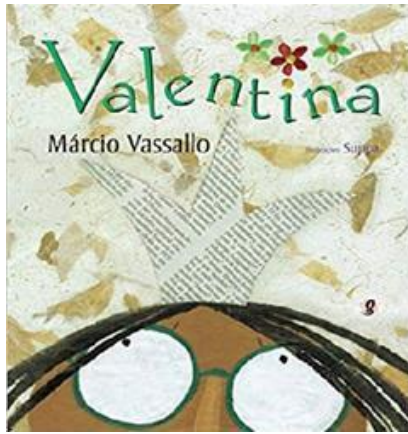


Ilustração 17 - Capa do livro “O casamento da Princesa”, de Celso Sisto. Ilustrações de Simone Matias. Editora Prumo, 2009.



Ilustração 18 - Capa do livro “Betina”, de Nilma Lino Gomes. Ilustrações de Denise Nascimento. Mazza Edições, 2009.

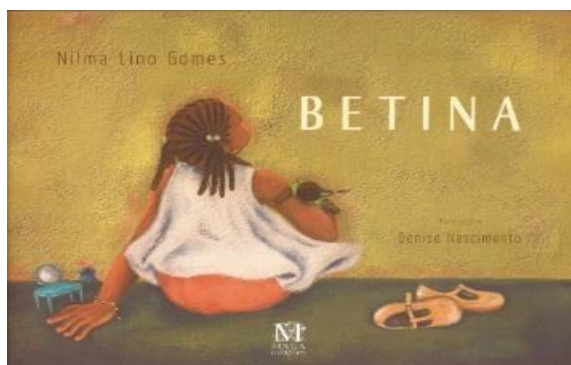


Ilustração 19 - Capa do livro “Obax”, escrito e ilustrado por André Neves. Editora Brinque Book, 2010.

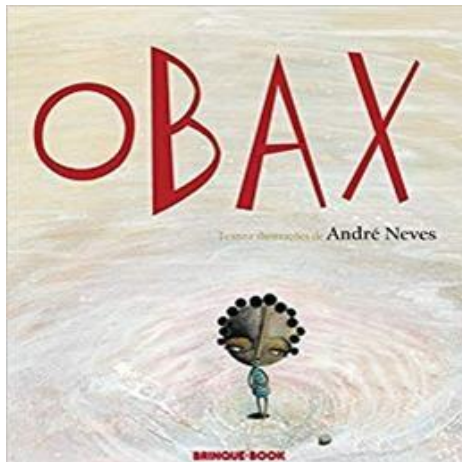
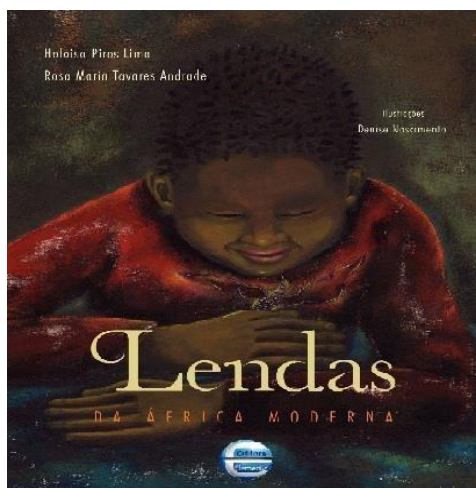


Ilustração 20 - Capa do livro “Lendas de uma África Moderna”, de Rosa Maria Tavares Andrade e Heloísa Pires Lima. Ilustrações de Denise Nascimento. Editora Elementar, 2010.



Observando as capas desses livros, nos é possível dizer que a maioria apresenta as personagens negras com ilustrações que fazem parte da narrativa e com as quais a criança leitora se deparará no decorrer de sua leitura. Com exceção da capa do livro “Lá vem história” na qual é possível ver uma montanha, nuvens, o sol, o mar, um avião e um trilho de trem. Vemos o avião e o trem como elementos que podem ser lidos como o meio pelo qual viajaremos durante a leitura dos contos deste livro.

Cabe destacar que Araújo (2015, p.163-4), nos resultados da avaliação diagnóstica das bibliotecas escolares identificou no PNBE resultados preocupantes na relação entre os acervos e as bibliotecas. Destes o que mais lhe chamou atenção “é o fato de que não é apenas a distribuição de livros que muda as práticas pedagógicas de professoras/es quanto ao uso da

literatura na escola”. E muito embora, a autora aponte problemas no que diz respeito ao PNBE, a referida pesquisa também indica possíveis alternativas que possibilitem a superação dos problemas apontados.

Por fim, para a consecução do objetivo desta pesquisa, considerando a linguagem verbal (texto) e a linguagem visual (ilustrações) como também as percepções das(do) escritoras(escritor) de cada livro apresentaremos no próximo capítulo o três livros objetos desta pesquisa.

Não temos dúvida de que a presença desses livros no espaço escolar por meio do PNBE é de grande relevância uma vez que

[...] As crianças precisam conhecer o mundo que as cerca, dar sentido e significado aos elementos e aspectos presentes no seu dia a dia. Podem ter acesso a esses conhecimentos mediante a leitura literária, encontrando, nas narrativas, elementos como a ludicidade e a fantasia, importantes para a formação leitora e a construção de um repertório abrangente e diverso, que englobe as diferenças culturais, sociais, étnicas, presentes nas sociedades (Bernardes, 2018, p. 95).

CAPÍTULO 3 - DA LITERATURA NEGRA À LITERATURA NEGRA DO AFETO: PERSONAGENS NEGRAS EM DIFERENTES PERCURSOS

A representação da população negra presente no espaço escolar, na maioria das vezes se dá de forma folclórica ou para reforçar um estereótipo que envolve essa população. Parte da literatura infantil e juvenil brasileira disponibilizada nas salas de aula e nas bibliotecas escolares foi escrita e pensada a partir de uma imagem de criança que não contempla a pluralidade e diversidade da população brasileira. É possível perceber isso ao folhear os livros de literatura infantil presentes nas salas de aulas e bibliotecas escolares. Livros esses que trazem textos e ilustrações que colocam negras(os) com a marca da branquitude. Isso nos leva a considerar que todas as crianças ao serem privadas de uma pluralidade de vozes e narrativas, são vitimadas pela estrutura racista que opera na sociedade.

É esta dualidade igual-desigual que explica o fato de, num mesmo texto, discursos igualitários coexistirem com representações discriminatórias de personagens. O preconceito veiculado pela literatura se justifica na medida em que tais obras são produzidas para educar a criança branca (Negrão, 1987, p. 86).

Dessa forma, a valorização da brancura faz com que as crianças não negras ao folhearem as páginas de livros de literatura infantil e juvenil perceberem que ocupam espaço de destaque e privilégio assim como as crianças negras percebem o lugar de subalternização o que interfere negativamente em suas identidades.

Souza (2002) em sua pesquisa nos aponta que as crianças negras revelaram, muitas vezes, o desejo de serem brancas, de cabelo liso, querendo ser como as personagens das histórias infantis que rotineiramente liam, reforçando a imagem que a criança negra faz de si, evidenciando a negação de sua condição racial.

Essa é uma das razões pelas quais acreditamos ser preciso repensar as produções literárias selecionadas e distribuídas no espaço escolar, sendo, portanto, necessário outra representação das personagens negras nos livros de literatura infantil e juvenil brasileira. Por esta razão, neste capítulo, pretendemos refletir acerca de mudanças nas produções literárias destinadas às crianças nas quais escritoras(es) e ilustradoras(es) oportunizam o reconhecimento e valorização da população negra por meio de uma produção literária.

Considerando a discussão apresentada por Cuti, nos é possível dizer que hoje, temos na produção literária infantil e juvenil, escritoras(es) que acreditam na constituição e na influência de uma epistemologia negra de forma que por meio da linguagem verbal (texto) e linguagem visual (ilustração) de seus livros trazem em seu bojo consciência racial, valorizando

o continente africano e as culturas afro-brasileiras, oportunizando às crianças leitoras, negras ou não, narrativas com personagens negras e com histórias que buscam o reconhecimento e valorização do povo negro colocando numa perspectiva diferenciada daquela apresentada em muitos livros da literatura infantil e juvenil.

3.1 A LITERATURA NEGRA NO BRASIL

Para falar de Literatura Negra no Brasil é preciso trazer à tona a condição imposta à população negra na sociedade brasileira a qual convive cotidianamente com tensas relações que evidenciam a marginalização vivenciada por negras(os) em diferentes espaços. Neste sentido, o racismo vivenciado em sociedade também pode ser observado na forma como as personagens negras aparecem/apareciam nos livros de literatura infantil e juvenil brasileira adotados em nossas escolas.

Personagens, essas, em sua maioria condição de subalternidade, constantemente retratado por autoras(es) que reforçavam a condição de negras(os) “escravas(os)”¹¹.

A humilhação e a depreciação da cultura de um povo sempre foi o instrumento mais eficiente de dominação de um povo, muito mais até que a violência, que não raro acaba por instigar o oprimido à resistência. No Brasil esse recurso foi amplamente utilizado. A ridicularização das características físicas, sociais e intelectuais dos escravos negros servia para demonstrar uma suposta inferioridade do negro em relação ao branco, justificando assim a escravidão. É claro que os longos anos de escravidão e as muitas tentativas de apagamento da cultura africana não conseguiram destruí-la. Como toda manifestação cultural, especialmente aquelas cujas bases de transmissão são orais, passou por vários processos de ressignificação, mesclou-se a outras influências culturais, transformou-se, sobreviveu (Lima, 2009, p. 68).

Entretanto, a partir das obras de escritoras(es) como Domingos Caldas Barbosa, Lima Barreto, Solano Trindade, Luís Gama e Maria Firmina dos Reis, temos a certeza de que desde o século XVIII já existia uma literatura negra, conforme aponta Duarte (2004, p. 01), “não só existe como se faz presente nos tempos e espaços históricos de nossa constituição enquanto povo; não só existe como é múltipla e diversa”.

Mas foi a partir da década de 1950, inspirada pelo Movimento dos direitos civis dos negros nos Estados Unidos e na França, que a Literatura Negra no Brasil passou a ter maior destaque. Sabe-se que mesmo antes mesmo da extinção do tráfico negreiro, no século XIX existia uma produção em que se abordava a questão negra conforme ressaltam Gregory Rabassa

¹¹ Importante refletir sobre os termos ‘escravo’ e ‘escravizado’. Necessário destacar que ‘escravo’ difere de ‘escravizado’. Pois ser escravo foi uma condição imposta em algum momento da vida, ainda que no ventre da mãe, conforme nos aponta Munanga (2010), “O correto é ‘escravizado’ e não ‘escravo’. Não há uma categoria de escravo natural”.

(1965), Benedita Damasceno (1988), Domício Proença Filho (1997), Zilá Bernd (1988) e Florentina Silva Souza (2005).

Foi no início do século XX, momento de fortalecimento do Movimento Negro, que vivenciamos também a consolidação da *Literatura Negra*. Cabe, porém, destacar que embora o conceito de Literatura Negra tenha aparecido apenas no século XX, a produção literária feita por negras(os) e trazendo a subjetividade negra existe no Brasil desde o século XIX, mesmo antes do fim do tráfico negreiro.

A literatura negra é um imaginário que se forma, articula e transforma no curso do tempo. Não surge de um momento para o outro, nem é autônoma desde o primeiro instante. Sua história está assinalada por autores, obras, temas, invenções literárias. É um imaginário que se articula aqui e ali, conforme o diálogo de autores, obras, temas e invenções literárias. É um movimento, um devir, no sentido de que se forma e transforma. Aos poucos, por dentro e por fora da literatura brasileira, surge a literatura negra, como um todo com perfil próprio, um sistema significativo. Um sistema no sentido de obras ligadas por denominadores comuns, com notas dominantes peculiares desta ou daquela fase, deste e daquele gênero (Ianni, 2011, p. 183).

Nesse sentido, é importante ressaltar que existem diversas tendências literárias que definem a *Literatura Negra*.

Falar sobre literatura negra é também falar sobre a condição social do afro-descendente dentro da sociedade brasileira. Pode-se traçar um paralelo entre a forma como o negro era mostrado na literatura brasileira desde seus primórdios e a maneira como essa figuração foi se transformando, na medida em que os movimentos pela igualdade étnica e social foram se fortalecendo, e o afro-descendente pôde assumir a narração de sua própria história (Lima, 2009, p. 67).

Suas características mudam de acordo com o país e o contexto histórico no qual o texto é produzido.

As dificuldades de conceituação são semelhantes ao problema em se definir o que seja Literatura. Entretanto, a Literatura Negra e a Marginal possuem agravantes particulares: o que faz dessas literaturas serem negra ou ligadas à condição social marginal/periférica? Tratam-se de pontos nevrálgicos e sob os quais o consenso é igualmente difícil. E as respostas mais simples, como a de que a Literatura Negra é aquela escrita por um autor auto-referenciado ou identificado; ou, ainda, um eu lírico/narrador que se queira negro, o mesmo valendo para a questão marginal ou periférica, também abrem brechas significativas para divergências. No entanto, a recorrência da história literária dessas confecções estéticas é de que, com raras exceções, nenhum autor que não se tenha autodenominado negro ou periférico assumiu o rótulo de ter escrito algo chamado de Literatura Negra ou Periférica (Silva, 2011, p. 18-19).

A literatura negra produzida no início do século XX nos Estados Unidos é diferente da produzida pelo Negrismo Crioulo, em Cuba, que, por sua vez, difere das publicações produzidas pelo movimento da Negritude, em Paris, na década de 1930, assim como aqui no Brasil a

Literatura Negro-Brasileira tem suas especificidades e um papel importante na construção da identidade de pessoas negras.

3.2 A LITERATURA NEGRO-BRASILEIRA: CONSCIENTIZAÇÃO POLÍTICA, LUTA POR RECONHECIMENTO E VALORIZAÇÃO.

Nesta pesquisa entendemos por *Literatura Negro-Brasileira*, a produção literária na qual se tem como escritoras(es) negras(os) que, a partir de suas subjetividades e vivências, produzem narrativas trazendo reconhecimento, valorização, conscientização política e luta dos coletivos negros.

Nesse sentido, é possível afirmar que a *Literatura Negro-Brasileira* surge no Brasil como ferramenta para fortalecimento da identidade negra, para o combate ao racismo, para alimento do corpo e alma negra, como expressão da subjetividade negra imprimindo uma nova epistemologia à produção literária.

Em um movimento de ruptura de paradigmas essa produção ainda enfrenta a resistência seja no campo editorial ou pelas(os) leitoras (es), mas não temos dúvida que através dela vemos emergir questões e mudanças significativas.

A literatura brasileira de brancos vai se pautar pela tarefa de reforçar os estereótipos da vida cotidiana, cuja função era de impedir a autoestima do africano escravizado e de sua descendência.

É de se perguntar o porquê de tal função. Seriam tais autores de uma maldade congênita que os levasse à maquiavelicamente insistir na manutenção de miserabilidade da população negra? Não. Estavam sim, imbuídos da crença na superioridade congênita da raça branca (Cuti, 2010, p. 64).

Nesse sentido, uma literatura que desafia uma literatura “padrão” em prol da identidade branca hegemônica é exemplo de resistência. Ao reivindicar um espaço próprio deixa sua marca na história da literatura, mas, sobretudo dá visibilidade à princípios presentes na História e Cultura do povo negro.

Certa mordaza em torno da questão racial brasileira vem sendo rasgada por seguintes gerações, mas sua fibra é forte, tecidas nas instâncias do poder, e a literatura é um de seus fios que mais oferece resistência, pois, quando vibra, ainda entoa lo as às ilusões de hierarquias congênitas para continuar alimentando, com seu veneno, o imaginário coletivo de todos os que dela se alimentam direta ou indiretamente. A literatura, pois, precisa de forte antídoto contra o racismo nela entranhado. Os autores nacionais, principalmente os negro-brasileiros, lançaram-se a esse empenho, não por ouvir dizer, mas por sentir, por terem experimentado a discriminação em seu aprendizado (Cuti, 2010, p. 13).

Um importante marco para a consolidação da Literatura Negro-Brasileira foi o surgimento dos Cadernos Negros, em 1978 que temos acesso a uma literatura feita por militantes negras(os) que viviam a negritude na pele e assim, se empenhavam em produzir uma literatura com uma narrativa de valorização de um princípio estético.

Se entre os grupos dominantes das sociedades periféricas desenvolveu-se uma cultura urbana dependente, que procurou identificar-se cultural e existencialmente com os centros hegemônicos europeus, entre os grupos dominados situou-se uma sociedade marginal urbana caracterizada fundamentalmente pelos grupos afro-brasileiros responsáveis pela criação da cultura marginal urbana contradependente (Bernd, 1989, p. 77).

É preciso compreender a razão de se ter uma Literatura Negro-Brasileira, Cuti (2010) ressalta que quando nos referimos à uma produção cultural do Brasil a qual é produzida por negras(os) que se identificam com as questões da negritude, talvez possamos utilizar a expressão “*negro-brasileira*”. Isso porque se utilizarmos a expressão “*afro-brasileira*”, estaremos fazendo menção à relação entre Brasil e países africanos de uma maneira geral, e não apenas àqueles países da lusofonia ou de maioria negra.

Mas qual o significado desses termos? Eles se referem a uma literatura brasileira que têm relações com o continente africano? Ou a uma literatura produzida por negras(os) brasileiros? O que é a Literatura afro-brasileira? E a literatura Negro-Brasileira? Posso dizer que ela é identificada pela cor da pele de quem a escreve? Só negras(os) produzem esse tipo de literatura?

Cuti, ao expressar seu ponto de vista, evidencia que a cor da pele não basta:

(...) então, além do dado da cor, teria de haver o dado da escrita. Que escrita será essa? Parece-nos que a escrita afro-brasileira ou afrodescendente tenderia a se diferenciar da escrita negro-brasileira em algum ponto. O ponto nevrálgico é o racismo e seus significados no tocante à manifestação das subjetividades negra, mestiça e branca. Quais as experiências vividas, que sentimentos nutrem as pessoas, que fantasias, que vivências, que reações, enfim, são experimentadas por elas diante das consequências da discriminação racial e de sua presença psíquica, o preconceito? Esse é o ponto! (Cuti, 2010, p. 38-9).

É revolucionário o processo de ampliação da consciência realizado por meio da literatura negro-brasileira que além do fortalecimento das identidades negras também traz à luz estratégias aplicáveis no cotidiano das(os) negras(os) leitoras(es).

Essa literatura tem grande relevância, pois nos apresenta as personagens negras sob o ponto de vista dos próprios sujeitos da vivência confrontando uma produção literária na qual a representação negra seja pela narrativa ou ilustrações eram depreciadas e desvalorizadas. A literatura negro-brasileira coloca a personagem negra como agente e somos, portanto, representados a partir da subjetividade negra.

Os sentimentos mais profundos vividos pelos indivíduos negros são o aporte para a verossimilhança da literatura negro-brasileira. [...] O sujeito étnico negro do discurso enraíza-se, geralmente, no arsenal de memória do escritor negro. E a memória nos oferece não apenas cenas do passado, mas formas de pensar e sentir, além de experiências emocionais (Cutí, 2010, p. 87-89).

Dessa forma, pode-se afirmar que a produção literária de escritoras(es) traz um viés diferente daquela apresentada pelas(os) escritoras(es) brancas(os) e isso é o que define os pontos de sustentação que constituem a literatura negro-brasileira.

Não posso deixar de apontar que meu primeiro contato com essa literatura se deu em minha infância pelas leituras feitas pelo meu tio Edmir. Quando estávamos reunidos ele tinha o hábito de “tomar” as nossas leituras. E lembro-me dele ter me dado um texto para ler. Por alguma razão, esse texto em diferentes momentos que vivenciava vinha a minha mente. Ele dizia:

Anos depois, mais precisamente no ano de 2019, me deparo com este texto nas páginas dos Cadernos Negros durante uma palestra realizada pelo Cutí no SESC de Campinas. E ao mesmo tempo em que a emoção tomava conta de mim diante de tantas lembranças me questionava sobre como essa literatura teria um papel importante na construção da identidade de bebês, crianças, adolescentes e jovens negros.

Hoje, portanto, acredito que se temos uma literatura negro-brasileira que tem papel importante na trajetória de adultas(os) negras(os) nos é possível afirmar a existência de uma literatura infantil e juvenil negro-brasileira a qual fortalece a identidade de crianças e jovens negras(os).

3.3 A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL NEGRO-BRASILEIRA NA CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES

É possível afirmar que os resultados de pesquisas brasileiras (Oliveira, 2003; França, 2006; Venâncio, 2009) sobre relações étnico-raciais na literatura infantil e juvenil brasileira apontam para um tratamento desigual entre personagens negras e não negras.

O aspecto degradado, ocupado por séculos no espaço social, atinge a construção ficcional, caracterizando o negro como elemento potencialmente perigoso, entrave, lascivo, maligno, estúpido, interesseiro etc. Resultados do período escravocrata e de suas decorrências na vida social brasileira, os estereótipos literários associados ao negro, segundo vários autores, cumpriram a função de delimitar espaços, melhor dizer, barreiras sociais e literárias, em suas mais amplas acepções (Silva, 2011, p. 24).

Por muito tempo, a produção literária voltada ao público infantil e juvenil tinha como referência o pensamento de origem europeia. Sendo assim, a literatura brasileira “oficial” ou canônica presente nos currículos escolares refletia o paradigma da dominação cultural branca de forma que as personagens negras eram representadas de forma caricaturada reforçando estereótipos impostos à população negra.

[...] os descendentes de escravizados são utilizados como temática literária predominantemente pelo viés do preconceito e da comiseração. A escravização havia coisificado os africanos e sua descendência. A literatura, como reflexo e reforço das relações tanto sociais quanto de poder, atuará no mesmo sentido ao caracterizar as personagens negras, negando-lhes complexidade e, portanto, humanidade (Cutí, 2010, p. 16).

Entretanto, observa-se que com o transcorrer dos tempos e das transformações sócio-políticas, econômicas, culturais e sociais, forjadas por lutas constantes dos grupos subalternizados, essa produção vem passando por mudanças, trazendo outras referências as quais valorizam os demais grupos sociais, dando abertura à ressignificação, reconhecimento e valorização da História e Cultura do povo negro, de forma a possibilitar o enegrecer os livros de literatura infantil e juvenil.

Necessário destacar que, de acordo com Silva (2011), enegrecer “é a face a face em que negro e branco se espelham, se comunicam, sem deixar de ser o que cada um é”. Nesse sentido, uma literatura infantil que seja voltada ao reconhecimento e valorização da História e Cultura negra africana e afro-brasileira se faz necessária para se discutir as diferentes identidades presentes na sociedade brasileira desde a mais tenra idade e com as especificidades de cada criança negra.

Somos tentados a exibir o significante "negro" como um dispositivo que pode agregar a todos negros e negras, [...] “Negro” não é uma categoria de essência numa direção à homogeneidade, existe um conjunto de diferenças históricas e experiências que devem ser consideradas e que localizam, situam e posicionam o povo negro (Hall, 2009, p. 345).

Nesse sentido, é possível dizer que a literatura infantil e juvenil negro-brasileira, quando selecionada e distribuída às escolas públicas compondo os acervos das bibliotecas escolares, contribui para o enegrecimento desse espaço e, “Enegrecer o mundo, eis nosso motivo. Enegrecer não como antônimo de embranquecer, portanto, não para absorver o branco.” (Silva, 2011, p. 147).

Ao refletir acerca da produção da Literatura Negro-Brasileira passamos a nos questionar sobre a produção dessa literatura infantil e juvenil a qual nesta pesquisa chamamos de Literatura infantil e juvenil negro-brasileira. Literatura essa produzida e escrita por

negras(os) que a partir de sua negritude trazem suas subjetividades, vivências e pontos de vista para narrativas voltadas à crianças negras. Destacamos, portanto, que o fato de uma(um) escritora(escritor) ter a pele negra não a(o) faz enquanto alguém que produz essa vertente da literatura. Ressaltamos, então, que para a escrita de uma Literatura infantil e juvenil negro-brasileira existem outras características a serem observadas para além da cor da pele.

Nessa literatura, usando a linguagem verbal (texto) e a linguagem visual (ilustração), as(os) escritoras(es) buscam romper o padrão presente na literatura infantil e juvenil escrita por escritoras(es) brancas(os) e prioritariamente o enfrentamento ao racismo. Assim as personagens negras são construídas de forma a terem uma identificação. Protagonistas ou não, são apresentadas por seus nomes, fazem parte de uma família, não são ilustradas de forma caricata.

Cabe, portanto, destacar que a literatura infantil e juvenil negro-brasileira não busca reservar à(ao) escritora(escritor) negra(o) apenas o lugar para publicar livros sobre africanidades, negritude, África, preconceito e temáticas afins. Mas é um instrumento importante e necessário para a construção da identidade de crianças negras, servindo também de alerta para tensionar o campo da literatura infantil e juvenil brasileira a assumir o quanto é racista. Precisando, portanto, refletir acerca do assunto de forma a ampliar e reconstruir o campo apresentando as personagens negras para além da escravização.

Acreditamos que a literatura infantil e juvenil negro-brasileira é um instrumento para a valorização da estética negra e que suas(seus) escritoras(es) negras(os) rompem com o círculo vicioso do racismo presente em grande parte das obras presentes nos espaço escolar e contribuem, portanto, positivamente para a construção da identidade de crianças negras como também favorecem um outro tipo de produção textual e imagética das personagens negras provocando a expansão do campo da literatura infantil e juvenil brasileira.

A preocupação com os materiais utilizados no espaço escolar e como esses interferem na construção identitária da criança negra não é recente e vem sendo foco das ações do Movimento Negro notadamente desde as décadas de 1970/1980 através de atividades que buscavam contribuir para a construção de caminhos para o reconhecimento e valorização da cultura negra e da história dos africanos e seus descendentes.

(...) o Movimento Negro é um importante protagonista nessa luta por uma educação antirracista e por mudanças no sistema educacional brasileiro no que se refere a educação da população negra, uma vez que buscou combater o racismo por meio do reconhecimento e da valorização da história e cultura afro-brasileira nos diferentes espaços da sociedade brasileira. Sua luta tem sido importante para aquilo que se vive ainda na atualidade, não só no sentido de proporcionar educação de qualidade para as(os) negras(os) como no de valorizar as diferentes raízes culturais brasileiras e beneficiar a todas(os) com a educação das relações étnico-raciais através da qual se percebe as diferentes raízes culturais brasileiras (Luiz, 2013, p. 33-34, sic).

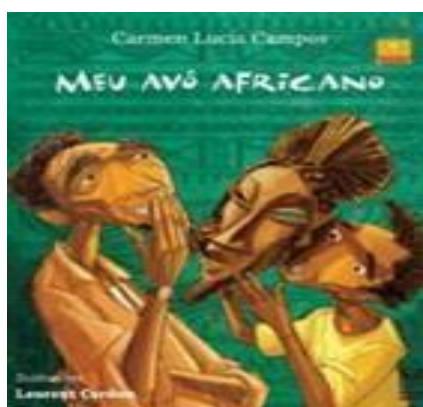
A educação sempre foi uma plataforma das ações desenvolvidas pelo Movimento Negro¹² no enfrentamento ao racismo. Outra dessas ações reconhecida e com projeção foi a utilização do recurso da escrita, como o caso da Imprensa Negra que, aliás, teve importante papel na imprensa brasileira, uma vez que a Associação Brasileira de Imprensa (ABI) foi fundada por um escritor negro, Gustavo de Lacerda.

[...] os jornais da imprensa negra paulista instavam a “população de cor” a procurar o caminho da educação formal. Mas não eram apenas os jornais. As associações negras que floresceram nas primeiras décadas do século XX vislumbravam, na educação, senão a solução, pelos menos um pré-requisito indispensável para a resolução dos problemas da “gente de cor” na sociedade brasileira (Domingos, 2008, p. 03).

Na atualidade essa escrita se faz também presente para o público infantil através de uma literatura infantil e juvenil negro-brasileira por meio de livros com histórias que trazem uma representação positiva das personagens negras como nos é possível perceber por meio de mudanças significativas no campo da literatura infantil através da qual hoje diferente do século XIX é possível encontrar livros que apresentam mais favoravelmente as personagens negras.

Mas o que nos leva a apontar a existência de uma literatura infantil e juvenil negro-brasileira? Quando, por exemplo, folheamos as páginas dos livros: *Meu Avô Africano*, *Cabelo Ruim? A história de três meninas aprendendo a se aceitar*, *Meu Pai Vai Me Buscar na Escola*, *Amoras* vemos livros com personagens negras numa outra perspectiva. E isso, nos faz perceber uma mudança significativa na produção literária de livros infantis e juvenis.

Ilustração 21 - Capa do livro “Meu avô africano”, de Carmem Lúcia Campos. Ilustrações de Laurent Cardon. Panda Books, 2010.



¹² De acordo com Silva Júnior (2007), o Movimento Negro é, portanto, um ator coletivo e político, constituído por um conjunto variado de grupos e entidades políticas (e também culturais) distribuídos nas cinco regiões do país. Possui ambiguidades, vive disputas internas e também constrói consensos, tais como: o resgate de um herói negro, a fixação de uma data nacional, a necessidade de criminalização do racismo e o papel da escola como instrumento de reprodução do racismo (apud GOMES, 2012, p. 735)

Ilustração 22 - Capa do livro “Cabelo Ruim? A história de três meninas aprendendo a se aceitar”, de Neusa Baptista Pinto. Ilustrações de Nara Sylver. Editora Tanta Tinta, 2010.

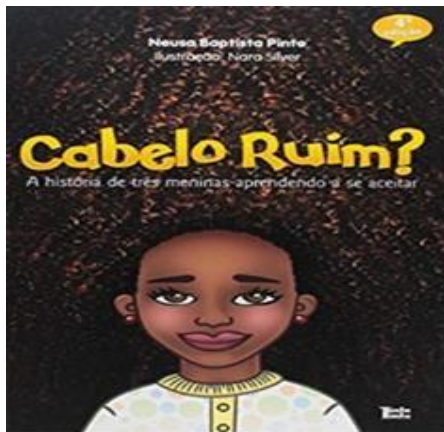


Ilustração 23 - Capa do livro “Meu pai vai me buscar na escola”, de Junião. Ilustrações de Junião. Zit Editora, 2016.



Ilustração 24 - Capa do livro “Amoras”, de Emicida. Ilustrações de Aldo Fabrini. Companhia das Letrinhas, 2018.

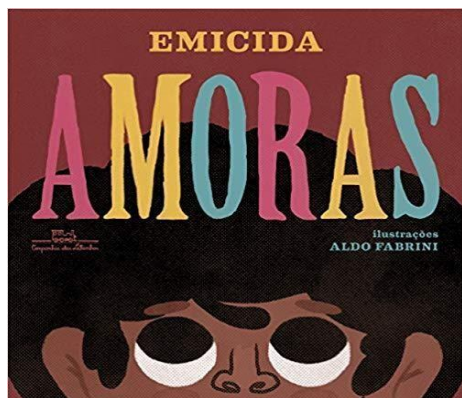


Ilustração 25 - Capa do livro “Sinto o que sinto: e a incrível história de Asta e Jaser”, de Lazáro Ramos. Ilustrações de Ana Maria Sena. Carochinha Editora, 2019.

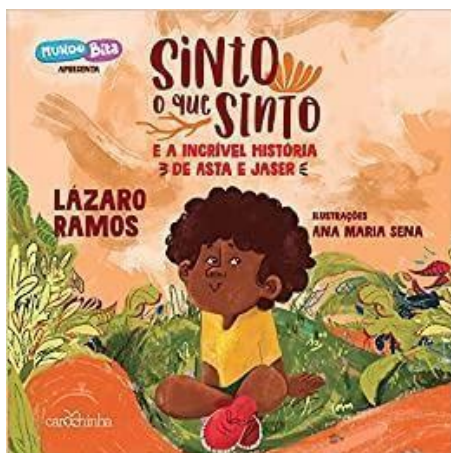
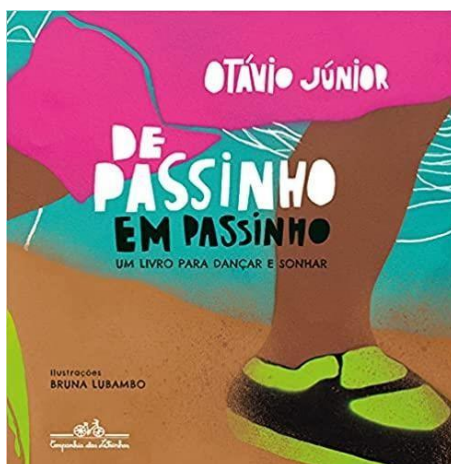


Ilustração 26 - Capa do livro “De passinho em passinho”, de Otávio Júnior. Ilustrações de Bruna Lubambo. Companhia das Letrinhas, 2021.



Perguntamo-nos, então: quem são as pessoas que estão por trás desses livros? Quem são essas(es) escritoras(es) e ilustradoras(es)? Quais são as suas histórias e trajetórias? Por que escrevem e ilustram histórias com personagens negras? Preocupam-se com a representatividade negra? Por quê?

O texto e as ilustrações de livros de literatura infantil e juvenil retratam uma linguagem verbal e visual que estão associados à forma de pensar de quem os escreve e ilustra, as concepções de mundo da escritora(escritor)/ilustradora(ilustrador) se apresentam nas páginas de seus livros.

Entretanto, não podemos deixar de apontar que embora existam muitas(os) escritoras(es) que objetivam o reconhecimento e valorização da história e cultura negra por

meio de suas obras também existem aquelas(es) que se aproveitam de um nicho editorial para se promover. Não tendo, portanto, uma preocupação com a luta anti-racista e consequentemente, com a qualidade da obra apresentada.

Por isso, nos cabe dizer que um livro integra a literatura infantil e juvenil negro-brasileira quando escrito por pessoas negras que a partir de suas vivências e subjetividades buscam o enfrentamento ao racismo visando o fortalecimento da identidade da criança negra possibilitando a valorização das tradições, identidade e costumes relacionados à população negra. Trazendo, portanto, uma nova perspectiva e formando a criança não negra para o respeito, reconhecimento e valorização à diversidade do povo brasileiro.

A questão do racismo deve ser apresentada à comunidade escolar [**crianças e adultos, negros e brancos**] de forma que sejam permanentemente repensados os paradigmas, em especial os eurocêntricos, com que fomos educados. Não nascemos racistas, mas nos tornamos racistas devido a um histórico processo de negação da identidade e de coisificação dos povos africanos (Rocha; Trindade, 2006, p. 56, grifo nosso).

Sendo assim, vislumbrando uma educação de qualidade e equânime, acreditamos que os livros de literatura infantil e juvenil negro-brasileira, podem ser importantes instrumentos no enfrentamento ao racismo e das desigualdades étnico-raciais no espaço escolar ou fora dele. Isso porque

O sujeito étnico branco do discurso bloqueia a humanidade da personagem negra, seja promovendo sua invisibilização, seja tornando-a mero adereço das personagens brancas ou apetrecho de cenário natural ou de interior, como uma árvore ou um bicho, um móvel ou qualquer utensílio ou enfeite doméstico. Aparece, mas não tem função, não muda nada, e se o faz é por mera manifestação instintiva, por um acaso. Por isso tais personagens não têm história, não têm parentes, surgem como se tivessem origem no nada. A humanidade do negro, se agride a humanidade do branco, é porque esta última se sustenta sobre as falácias do racismo. O sujeito étnico negro do discurso enraíza-se, geralmente, no arsenal da memória do escritor negro. E a memória nos oferece não apenas cenas do passado, mas formas de pensar e sentir, além de experiências emocionais (Cuti, 2010, p. 88-89).

Considerando que muitos dos livros infantis e juvenis não apresentam personagens negras como protagonistas ou trazem essas de forma caricaturada (Arena, Lopes, 2013; Sousa, 2016), vemos nos livros da literatura infantil e juvenil negro-brasileira uma nova possibilidade para as crianças negras e não negras leitoras uma vez que além de nesses livros as personagens negras são protagonistas o que coloca a população negra como agente, para além das abordagens mitológicas e folclóricas colocando essas personagens em situações de empoderamento contrapondo a representação presente em muitos livros da literatura infantil brasileira que representa os personagens negras em situações de subalternidade, escravização e pobreza.

Se às crianças não negras são dadas as representações de reis, rainhas, princesas, príncipes, heróis e heroínas, questiono-me: o que resta às crianças negras? É possível afirmar que tal situação representa um impacto na construção da identidade dessa criança. Tendo implicações negativas sobre o legado africano. E como seria então essa literatura infantil e juvenil negro-brasileira que através do texto e imagem provoca a ruptura na hegemonia branca ao reconhecer e valorizar a História e Cultura Africana e Afro-brasileira.

Entendemos, pois, como literatura infantil e juvenil negro-brasileira, o conjunto de livros da literatura infantil e juvenil produzidas por escritoras(es) negras(os)-brasileiras(os) para crianças tendo personagens negras como protagonistas ou não e tendo como tema central aspectos e contextos sociais referentes à história e cultura do povo negro, no continente africano ou na diáspora.

Uma das formas que o autor negro-brasileiro emprega em seus textos para romper com o preconceito existente na produção textual de autores brancos é fazer do próprio preconceito e da discriminação racial temas de suas obras, apontando-lhes as contradições e consequências. Ao realizar tal tarefa, demarca o ponto diferenciado de emanção do discurso, o “lugar” de onde fala (Cutí, 2010, p. 25).

A literatura infantil e juvenil negro-brasileira ao não reproduzir a lógica dos cânones apresentando através da narrativa, das personagens e das ilustrações negras como protagonistas tirando-as da lógica da subalternização passa a ser também aquela na qual escritoras(es) e ilustradoras(es) contribuem para a desconstrução dos estereótipos por outrora construídos e, assim, para a superação e o rompimento com o mito da democracia racial, oportunizando reflexão sobre o racismo como também acerca da construção da identidade de crianças negras e não negras.

E para além da reflexão contribuir para que de fato as crianças negras e não negras tenham a possibilidade de se sentir parte nos espaços onde estão presentes.

Segundo Hall (2005), considerando as mudanças constantes na sociedade é possível perceber o declínio das identidades correspondentes a um determinado mundo social, fazendo com que novas identidades surjam num processo de fragmentação do indivíduo moderno. Assim, o autor ressalta uma mudança no conceito de identidade, uma vez que as identidades modernas estão sendo "descentradas".

[...] “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como sujeito unificado. Assim a chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social” (Hall, 2005, p. 9).

Nesse sentido, acreditamos que a literatura infantil e juvenil negro-brasileira pode ser instrumento para favorecer a construção de uma nova identidade junto de crianças negras e não negras leitoras desses livros.

Entendemos, portanto, que a temática tratada nesta literatura como também a estética presente nas personagens são aspectos que a diferencia uma vez que nela é possível perceber por meio dos textos e da imagem uma preocupação com o resgate da história do povo negro, seja no continente africano ou na diáspora; a denúncia do racismo; a apresentação e valorização de heroínas(heróis) negras(os); a exaltação da beleza negra; aspectos relacionados à ancestralidade.

Entretanto, se faz necessário que livros nessa perspectiva estejam nas bibliotecas escolares e nas salas de aula das escolas públicas por meio de políticas de incentivo à leitura como também sua aquisição e utilização nas escolas privadas. A presença destes livros associada aos processos formativos sobre EREER é mais uma possibilidade de que as unidades escolares repensem suas práticas e busquem uma atuação que possibilite as(os) estudantes negras(os) e não negras(os) perceberem a diversidade presente em nossa sociedade. Vale destacar que a utilização dos livros de literatura infantil e juvenil negro-brasileira será mais um recurso para o enfrentamento ao racismo no espaço escolar, mas não o único.

Acreditamos que por meio da difusão dos livros de literatura infantil e juvenil negro-brasileira proporcionar-se-á às crianças negras uma representação positiva do ser negra(o) e, conseqüentemente, o fortalecimento da identidade dessas crianças negras leitoras.

[...] a identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros (Hall, 2005, p. 39)

Espera-se, assim, um espaço escolar mais democrático, justo, equânime, onde todas(os) estejam e se sintam representadas(os).

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. [...] A representação compreendida como um processo cultural estabelece identidades individuais e coletivas [...] (Silva, 2007, p. 17)

Mas há que se ressaltar que embora seja de grande relevância uma biblioteca com esses livros tê-los nas prateleiras das bibliotecas escolares não garante que uma escola seja anti-racista. Essa representação negra presente nos livros que serão folheados pelas(os) estudantes precisa estar associada a outras iniciativas.

Nesse sentido, se faz necessário pensar acerca do uso destes livros como também na formação proporcionada à professoras(es) e à todas(os) profissionais que atuam no espaço escolar para o trato da EREER.

3.4 O USO DA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL NEGRO-BRASILEIRA PARA O ENFRENTAMENTO DO RACISMO E DAS DESIGUALDADES ÉTNICO-RACIAIS NO ESPAÇO ESCOLAR

Sabemos que no processo de escolarização, crianças negras e não negras, vivenciam cotidianamente os impactos da desigualdade. Enquanto, as crianças brancas vivenciam uma racialização não explícita é possível afirmar que as crianças negras sentem dificuldades e sofrem por não se verem representadas nos materiais utilizados e assim seja na sala de aula ou nos corredores da escola, sofrem por serem como são uma vez que não estão nos livros, nos desenhos e cartazes nas paredes e portas da escola.

Acreditamos que o espaço escolar tem papel preponderante na superação do racismo e de acordo com os apontamentos feitos nas Diretrizes Curriculares para Educação das Relações Étnico-raciais, a escola e as(os) profissionais da educação:

Têm que desfazer mentalidade racista e discriminadora secular, superando o etnocentrismo europeu, reestruturando relações étnico-raciais e sociais, desalienando processos pedagógicos. Isto não pode ficar reduzido a palavras e a raciocínios desvinculados da experiência de ser inferiorizados vivida pelos negros, tampouco das baixas classificações que lhe são atribuídas nas escalas de desigualdades sociais, econômicas, educativas e políticas (Brasil, 2004).

Desta forma, para que possamos ter um espaço escolar que busque a minimização ou até a eliminação do racismo e das desigualdades étnico-raciais, faz-se necessária a efetivação dos artigos 26^aA e 79^aB da LDBEN nas práticas dos diferentes segmentos profissionais que atuam nesse espaço.

Ainda é grande a luta para que se alcance tal objetivo, de forma que se tenha uma escola que contemple elementos da cultura africana e afro-brasileira e que combata as hierarquias impostas desde a colonização de nosso país. Para isso, esperamos que as(os) professoras(es) estejam não apenas instrumentalizadas, mas que mudem sua forma de ver o negro. Assim, diante de tais questões, não mais se permitirão silenciarem-se, buscando repensar a educação oferecida às(aos) estudantes negras(os) e brancas(os), isso porque as(os) professoras(es) comprometidos com uma educação que contribui para a construção de novas relações e não apenas para reprodução do que já existe hegemonicamente, não somente ensina determinados conteúdos, mas sobretudo oportunizando as(aos) estudantes o exercício dos direitos básicos à cidadania e assim busca a superação dos problemas de desigualdades, exclusões e discriminações (Luiz, 2013, p.42).

Sendo assim, vislumbrando uma educação de qualidade e equânime, acreditamos que os livros de literatura infantil e juvenil negro-brasileira, sejam importante instrumento no enfrentamento ao racismo e às desigualdades étnico-raciais. O uso desses livros evidencia a potencialidade pedagógica da literatura infantil e juvenil negro-brasileira para reeducação das relações étnico-raciais junto de crianças negras e não negras dos anos iniciais do Ensino Fundamental. De acordo com Oliveira (2009),

Materiais com potencialidades pedagógicas são aqueles que geram aprendizagens, que permitem a conexão da experiência vivida, no dia-a-dia, com aquela que o material explicita, são aqueles que mostram possibilidades de multiplicar ações positivas de humanidade, de pertencimento étnico-racial, de luta por mudanças de realidade social adversa, de respeito e orgulho de gênero e orientação sexual, de respeito às gerações mais antigas e mais novas, de respeito e valorização a diferentes formas de religiosidade, às manifestações culturais de diferentes raízes étnico-raciais, à história de todos os povos que contribuíram e contribuem para a construção da nação e de toda a humanidade (Oliveira, 2009, p. 47).

Nesse sentido, deixamos aqui um alerta de que a proposta de análise é de pluralidade. Destacamos, porém, que considerando a diversidade étnico-racial da sociedade brasileira presente no espaço escolar é preciso que isso seja considerado na seleção e distribuição de livros para crianças estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Em suma, considerando a necessidade de apresentarmos às crianças, negras e não negras, não apenas livros com personagens pautados na representação da população branca, mas também livros com personagens negras que demonstrem essa representação estereotipada que coloca a população negra à margem cabe a elaboração de políticas públicas que pensem aspectos referentes à representatividade já nos editais de seleção desses livros para que assim professoras(es) possam adotar esses materiais e atuarem numa perspectiva antirracista.

É importante destacar os limites dessas políticas públicas e de sua implementação no interior da escola. Apesar da evolução da literatura infanto-juvenil brasileira no que se refere à representação de personagens de crianças negras, tanto sobre o plano quantitativo quanto qualitativo (esses personagens são hoje mais visíveis, menos estereotipados e associados a temáticas mais diversificadas), a quantidade de livros disponíveis nas escolas públicas, a exemplo de Salvador na Bahia é ainda muito limitado. Um professor pode, por exemplo, não encontrar livros adequados à idade de seus alunos, ou ainda não ser seduzido pelas histórias propostas, seu tratamento narrativo, ilustrações ou o posicionamento ideológico dos seus autores. A ausência de formação pode igualmente constituir uma barreira para os professores que nem sempre sabem como lidar com essas questões, que permanecem sensíveis, em sala de aula. Entre a vontade política, a realidade de possíveis usos pedagógicos e dos recursos disponíveis na escola, o professor encontra-se às vezes em dificuldade, quando não um impasse. Para enfrentar esses limites, como discutir os desafios e perspectivas dessas políticas educacionais em questão, alguns professores se mobilizam com ações cooperativas, formais e informais, envolvendo outros atores da escola (diretores, coordenadores pedagógicos, secretários ...), ou atores externos à instituição escolar, membros de instituições acadêmicas (professores universitários, estudantes) militantes e também religiosos. Essas relações entre professores e esses diferentes atores podem se manifestar de diversas maneiras, como, por exemplo,

formações para organizar novas formas de trabalho pedagógico em sala de aula, empréstimos de livros entre as escolas, ou ainda coleta de novos títulos de literatura infanto-juvenil (Barbosa; Sirota, 2016, p. 380).

Temos escritoras(es) e ilustradoras(es), as(os) quais já citamos anteriormente que estão desafiando o mercado literário, desfazendo as imagens pejorativas as quais são submetidas as personagens negras. Entretanto, se faz necessário que estas(es) tenham seus livros selecionados e distribuídos nas escolas para que professoras(es) possam a partir da utilização desses materiais contribuir para uma escola de fato diversa.

Esperamos que as(os) professoras(es) estejam engajadas nessa luta contra o racismo, de forma que mudem suas práticas pedagógicas buscando reconhecer a participação efetiva dos povos africanos na formação de nossa nação potencializando a efetivação das políticas públicas voltadas à educação das relações étnico-raciais. Acreditamos que, embora a escola seja reconhecida como um espaço de reprodução dos interesses e da cultura das classes hegemônicas, ela também é um espaço de confronto de forças, de mudanças (Luiz, 2013, p. 41).

Nesse sentido, destacamos que uma vez estando presente no espaço escolar o uso da literatura infantil e juvenil negro-brasileira é responsabilidade das(os) professoras(es) e todas(os) as(os) profissionais que atuam no espaço escolar as(os) quais no cotidiano de tudo que acontece na escola são responsáveis pela formação e produção da identidade das crianças negras e não negras.

Para isso, um aspecto a se ressaltar é que é importante reconhecermos a existência do racismo na sociedade brasileira. Destacamos, portanto, que o enfrentamento ao racismo deve ser uma luta de todas(os) e não apenas das pessoas negras. Isso porque considerando que o racismo atinge a população negra e não negra seu enfrentamento deve ser de toda sociedade desde a tenra idade. E na escola, os diferentes segmentos presentes nesse espaço devem se juntar à essa luta: da portaria à gestão da escola. Isso porque se acreditamos que acontecem processos educativos junto de todas(os) que convivem com as(os) estudantes, as(os) profissionais da portaria, da zeladoria, da vigilância, da cozinha, da limpeza, professoras e professores, monitoras(es), agentes e equipe gestora precisam estar engajados nessa luta..

3.5 TENDÊNCIAS DA PRODUÇÃO LITERÁRIA INFANTIL E JUVENIL NA CONTEMPORANEIDADE: A LITERATURA NEGRA BRASILEIRA DO ENCANTAMENTO E A LITERATURA NEGRO AFETIVA

Embora, outrora, já tenhamos apontado o aumento da produção literária de livros infantis e juvenis voltados à temática africana e afro-brasileira, cabe-nos aqui ressaltar que ainda

vivemos em uma sociedade racista e sendo assim, há urgência em termos livros voltados às crianças que apresentem o protagonismo negro. De forma que se possa ao folhear suas páginas identificar uma linguagem visual e textual que evidencie uma representatividade negra positiva oportunizando destaque, reconhecimento e valorização à dignidade da pessoa negra. Livros infantis e juvenis nos quais a beleza e a força identitária da “negritude” se fazem presente contrapondo o que está presente na maioria dos livros presentes nas bibliotecas escolares, caixas e salas de leitura.

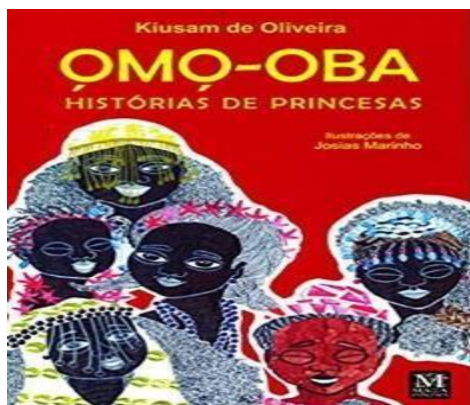
E nos é possível afirmar que, na contemporaneidade, há um grupo de escritoras negras e escritores negros que muito mais que perceberem um nicho editorial tem um comprometimento com a construção da identidade das crianças negras e sendo assim, têm se debruçado na escrita de livros infantis e juvenis.

Sendo assim, essas(es) escritoras(es) negras(es) cunham novas tendências na produção literária infantil e juvenil da contemporaneidade. Neste momento, falaremos de duas escritoras que por meio de suas obras vêm contribuindo para essas novas tendências e para enaltecimento das personagens negras nos livros infantis e juvenis. São elas: Kiusam de Oliveira e Sonia Rosa.

Kiusam de Oliveira, nascida na cidade de Santo André/SP. É Iyalorixá. Escritora, Artista multimídia. Arte-educadora. Bailarina e coreógrafa. Contadora de histórias da mitologia afro-brasileira. Pedagoga pela Fundação Santo André habilitada em Orientação Educacional, Administração Escolar e Deficiência Intelectual. Tem doutorado em Educação e mestrado em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP). Professora por mais de 25 anos, tendo dedicado grande parte deste período à atuação na Educação Especial e também na Formação Continuada de profissionais de Educação no município de Diadema/SP, contribuindo para a implantação da lei 10.639/03.

Desde o ano de 2009 com a publicação de seu primeiro livro, se dedica a escrita de suas obras para a temática negro e afro-brasileira. Tem nove títulos publicados e sua obra inaugural foi *Omo-Oba: histórias de princesas*, história que reconta seis mitos do povo ketu apresentando para o público infantil e juvenil os diferentes modos de ser feminino.

Ilustração 27 - Capa do livro “*Omo-Oba: Histórias de princesas*”, de Kiusam de Oliveira. Ilustrações de Josias Marinho. Mazza Edições, 2009.



Nos livros da Kiusam de Oliveira é possível identificar sua preocupação em possibilitar um processo de construção identitária infantil e juvenil voltado à negritude contribuindo, portanto, para uma educação anti-racista e para o empoderamento feminino negro.

Apresentamos aqui as obras da referida escritora: *Omo-Oba: histórias de princesas*, *O mundo no black power de Tayó*, *O mar que banha a ilha de Gorè*, *O Black Power de Akin*, *Com qual penteado eu vou?*, *Tayó em quadrinhos*, *Solfejos de Fayola*, *Menina pretinha & menino pretinho*.

E ressaltamos que a mesma, a partir de sua compreensão do conceito de literatura negro-Brasileiro desenvolvido por Cuti (2010), cunha a ***literatura negra brasileira do encantamento***.

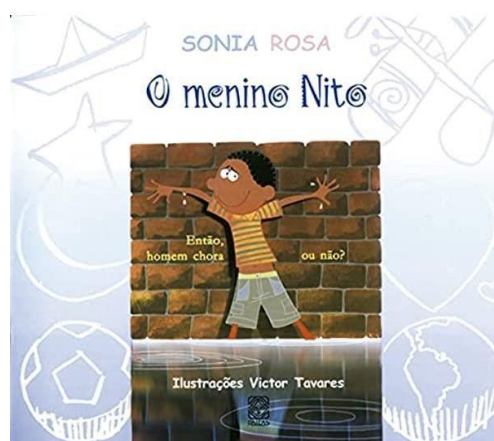
Assim, modifico aqui a forma com a qual tratava a literatura infantil e juvenil que eu estava elaborando como Literatura Negra do Encantamento, passando a utilizar o termo Literatura Negro-Brasileira do Encantamento, e reflito ainda na possibilidade do uso de Literatura Negra-Brasileira do Encantamento, no feminino, uma vez que meu foco é fortalecer as identidades das crianças e jovens negras através do encantamento na escrita literária, pensando que há uma forma de construir tal texto elaborado como num bordado, por mulheres negras que como eu partem de realidades vividas e sentidas por esses públicos e que cruzam questões de raça e gênero sem desassociá-las, promovendo sobremaneira o combate ao racismo e sexismo ao mesmo tempo, instrumentalizando crianças e jovens negros para que se fortaleçam nas elaborações psíquico-estruturais e práticas. Reconheço eu tenho atuado com compromisso nas questões de raça e gênero, o que faz grande diferença no íntimo das meninas negras (Oliveira, 2020, p. 10).

As obras da Kiusam de Oliveira assim com a literatura cunhada por ela contribuem para que as crianças negras possam se encantar pelos seus próprios corpos negros apesar do racismo presente em nossa sociedade e que ao folhear das páginas dos livros dessa escritora se percebam enquanto cidadãos de direitos com posicionamento de enfrentamento ao racismo com identidades fortalecidas.

Sonia Rosa nascida na cidade do Rio de Janeiro/RJ é uma escritora compromissada com o protagonismo negro na literatura, Contadora de histórias. Consultora em Letramento racial. Pedagoga pela UERJ. Especialista em leitura pela PUC/RJ. Tem mestrado em Relações étnico-raciais pelo CEFET/RJ. Professora por 30 anos, atuando na rede pública municipal do Rio de Janeiro. Atuou como professora e também, como orientadora pedagógica. Suas ações sempre foram focadas para o reconhecimento da cultura negra no espaço escolar.

Desde o ano de 1995, a escritora dedica a escrita de suas obras para a temática das africanidades. Tem mais de cinquenta títulos publicados e sua obra inaugural foi O menino Nito, história que traz um menino negro como protagonista sem fazer no texto apontamentos sobre relações étnico-raciais. O livro provoca a criança leitora a refletir sobre o choro e se meninos também choram.

Ilustração 28 - Capa do livro “O menino Nito”, de Sonia Rosa. Ilustrações de Victor Tavares. Editora Pallas, 2002.



Nos livros da Sonia Rosa, é possível identificar sua preocupação em possibilitar um processo de construção identitária infantil e juvenil voltado à negritude contribuindo, portanto, para uma educação antirracista e para o empoderamento feminino negro.

Apresentamos aqui algumas das obras da referida escritora: *Aparício, Amores de Artistas, Cortes e Recortes, Palmas e vaias, O dragão do mar, Palavras encantadas, Os tesouros de Monifa, O Mar de Ângela, Vovó Benuta, Abraços pra lá e pra cá, Lindara – a menina que transbordava palavras, A lenda do Timbó, A bela adormecida do samba, Quando a escrava esperança Garcia escreveu uma carta, O menino de olhar apertadinho que enxergava longe, Cadê Clarice ?, Como é bonito o pé de Igor, É o aniversário do Bernardo, O Segredo do Vento, O Piquenique da Monique, A Manta, Dona Brígida, Zum-Zum-Zumbi – A história de Zumbi dos Palmares para crianças, Coleção Lembranças Africanas (Jongo,*

Capoeira, Maracatu, O tabuleiro da baiana e Feijoada), Alice vê, Já vai o Rui, Enquanto o almoço não fica pronto, É o tambor de crioula!, Nilo e as águas, Chama o sol, Matias!, Três histórias de encanto, Origens, Traços e tramas, Histórias amareladas e O casaco.

Importante destacar que, por se considerar uma escritora afro-brasileira, Sonia Rosa nomeava obras como sendo uma literatura afro-brasileira. Desde 2019, a escritora vem definindo suas obras como **Literatura Negro Afetiva** pelo fato de trazer em suas histórias a representatividade negra e a afetividade. Espera que esse seu movimento sirva de subsídio para pesquisadores do campo da literatura infantil reflitam acerca e que também nomeiem obras de outras(os) escritoras(es) a partir deste conceito.

É uma Literatura Negro Afetiva porque é repleta de personagens negros, muitos deles em protagonismo, É afetiva porque é repleta de amor. Sim. Amor. Está palavra tão humana e fundamental nas nossas relações interracialis cotidianas que emanam potência para quebrar as barreiras do racismo pela vida afora, dentro e fora das escolas (Rosa, 2021).¹³

As obras escritas por Sonia Rosa assim como a literatura pela qual nomeia suas obras são resultado do amor da escritora pela escrita de histórias voltadas à infância. Suas personagens são criadas com cuidado e humanidade com o objetivo de tocar o coração das crianças leitoras e chamar atenção da necessidade de respeito às vidas negras para o enfrentamento ao racismo dentro e fora do espaço escolar.

Acreditamos que vivemos um momento de mudanças na produção literária e também no mercado editorial. Diante da ausência de personagens negras ou de uma representação estereotipada viu-se a necessidade de um outro tipo de livros para crianças negras ou não negras. Embora, ainda não se tenha atingido o esperado nos é possível afirmar que há escritoras e escritores cuja produção contribui positivamente na apresentação das personagens negras. Na contemporaneidade, encontramos livros de literatura infantil e juvenil que deixam de apresentar as personagens negras relacionando-as à humilhações, agressões físicas e verbais. Há livros nos quais as personagens negras são ressignificadas e têm uma representação afirmativa e humana.

Percebemos, então, a existência de novas tendências na produção literária infantil e juvenil. Tendências essas que, ao apresentar, positivamente, as personagens negras como protagonistas ou ao apresentar uma linguagem verbal(texto) e linguagem visual(ilustração) que ressignifica a história sobre a população negra reconhece e valoriza a História e Cultura desse povo e conseqüentemente, rompe com as hierarquias estabelecidas pela branquitude.

¹³ Rosa (2021) em artigo escrito ao Portal GELEDÉS. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/literatura-negro-afetiva-para-criancas-e-jovens/>>

CAPÍTULO 4 - PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

No presente capítulo tratamos da metodologia utilizada nesta pesquisa tem natureza qualitativa e apresenta um desenho metodológico em 4 fases: 1ª fase – etapas iniciais (Coleta e produção dos dados), 2ª fase – Etapas intermediárias (Exploração dos dados iniciais), 3ª fase – Etapas finais (Construção e compreensão dos resultados), 4ª fase – Resultados e proposições.

Para melhor conhecermos o campo no qual essa pesquisa está inserida se fez necessário o mapeamento de pesquisas relacionadas ao tema junto à Biblioteca Virtual da Capes, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e à Biblioteca on-line SciELO.

Para o acesso, a busca e o mapeamento utilizamos inicialmente as palavras-chave *Literatura Infantil, Personagens Negros* durante a segunda quinzena do mês de julho de 2019, posteriormente na primeira quinzena do mês setembro do ano de 2019 acrescentamos como palavra-chave Racismo e por fim, na última quinzena do mês de dezembro de 2019 acrescentamos PNBE como palavra-chave.

Na busca inicial, na Capes não encontramos nenhuma pesquisa, na BDTD foi possível levantar um número total de 19 pesquisas realizadas, sendo 16 dissertações de mestrado e 03 teses de doutorado. Ao ler os resumos de cada uma dessas pesquisas pudemos identificar que apenas 11 delas (08 dissertações e 03 teses) discutem acerca da literatura infantil e representação de personagens negras(os) e apenas 1 fala de um dos acervos do PNBE do ano de 2010. Cabe ressaltar que apenas 3 destas pesquisas abordam especificamente os anos iniciais do Ensino Fundamental

Na segunda busca, ao acrescentar Racismo como palavra-chave, na Capes continuamos não encontrando nenhum trabalho e na BDTD encontramos apenas 03 dissertações de mestrado e 01 tese de doutorado.

Na terceira busca, retiramos Racismo e acrescentamos PNBE como palavra-chave, na Capes continuamos não encontrando nenhum trabalho e na BDTD encontramos apenas 03 dissertações de mestrado.

Segue abaixo quadro com informações sobre as referidas pesquisas e que confirmam as observações feitas anteriormente.

Quadro 5 - Mapeamento de pesquisas relacionadas ao tema (BTDT E Biblioteca da Capes)

ANO	TIPO	PALAVRAS-CHAVE	BASE DE DADOS	ÁREA	INSTITUIÇÃO	AUTORIA	TÍTULO DA PESQUISA
2010	Tese	Literatura infantil; Personagens negros	BDTD	Letras	Universidade Federal do Paraíba - UFPB	Maria Anória de Jesus Oliveira	Personagens negros na literatura infanto-juvenil no Brasil e em Moçambique (2000-2007): entrelaçadas vozes tecendo negritude
2011	Dissertação	Literatura infantil; Personagens negros	BDTD	Educação	Universidade Federal do Ceará - UFC	Leyla Beatriz de Sá Oliveira	Cultura afro-cearense: um estudo sobre africanidades, educação e currículo numa escola pública de Fortaleza

2012	Dissertação	Literatura infantil; Personagens negros /Literatura Infantil; Personagens negros; PNBE	BDTD	Educação	Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP	Naiane Rufino Lopes	Programa Nacional da Biblioteca na escola (PNBE): Personagens negros como protagonistas e a construção da identidade étnico-racial
2013	Dissertação	Literatura infantil; Personagens negros	BDTD	Letras	Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste	Vera Regina Vargas Dupont	A criança negra na literatura infantil Brasileira contemporânea
2013	Dissertação	Literatura infantil; Personagens negros /Literatura Infantil; Personagens negros; PNBE	BDTD	Educação	Universidade de São Paulo - USP	Gilmara Aparecida Guedes dos Santos Dadie	Personagens negros nos livros de educação infantil: estudo do acervo de uma escola de educação infantil do município de São Paulo

2013	Dissertação	Literatura infantil; Personagens negros	BDTD	Educação	Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS	Daniela Lemmertz Bischoff	Minha cor e a cor do outro: qual a cor dessa mistura? Olhares sobre a racialidade a partir da pesquisa com crianças da Educação Infantil
2015	Tese	Literatura infantil; Personagens negros	BDTD	Educação	Universidade Federal do Paraíba - UFPB	Tarcia Regina da Silva	Criança e negra: o direito à afirmação da identidade negra na Educação Infantil
2016	Dissertação	Literatura infantil; Personagens negros /Literatura infantil; Personagens negros; Racismo	BDTD	Educação	Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN	Wagner Ramos Campos	Os griôs aportam na escola: por uma abordagem metodológica da Literatura infantil negra nos anos iniciais do Ensino Fundamental

2017	Dissertação	Literatura infantil; Personagens negros	BDTD	Políticas públicas e gestão educacional	Universidade Federal de Santa Maria - UFSM	Mariele Ferreira Leal	Do legal ao real: a abordagem das políticas étnico-raciais na formação continuada de professores da Educação Infantil
2017	Dissertação	Literatura infantil; Personagens negros	BDTD	Letras	Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG	Renan Fagundes de Souza	Das teias de Ananse para o mundo- Áfricas e africanidades na literatura infantil e juvenil contemporânea em língua espanhola
2017	Dissertação	Literatura infantil; Personagens negros; Racismo /Literatura Infantil; Personagens negros; PNBE	BDTD	Educação	Universidade do Extremo Sul Catarinense –UNESC	Ivana Beatriz dos Santos	Educação, infância e literaturas: ouvindo meninas negras a partir de algumas leituras (E.M.E.I.E.F. Oswaldo Hülse, Criciúma - SC)

2018	Dissertação	Literatura infantil; Personagens negros	BDTD	Educação	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP	Luciene Ribeiro da Silva	O projeto leituraço: significados para a descolonização do currículo
2018	Dissertação	Literatura infantil; Personagens negros / Literatura infantil; Personagens negros; Racismo	BDTD	Educação	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ	Nágila Oliveira dos Santos	Revista e africanidades: Educação anti-racista na perspectiva dos docentes da Educação Básica
2018	Tese	Literatura infantil; Personagens negros / Literatura infantil; Personagens negros; Racismo	BDTD	Educação	Universidade Nove de Julho - UNINOVE	Mônica Abud Prez de Cerqueira Luz	Representação dos personagens negros e negras na literatura infantil Brasileira

Fonte: Autora, base de dados BDTD e Biblioteca da Capes

Observando esse quadro não nos foi possível perceber um número elevado de pesquisas envolvendo a política do PNBE, literatura infantil, racismo e personagens negros. Assim, parece ter havido ao longo dos últimos anos, um crescimento significativo do número de produção científica acerca do tema.

Na busca inicial, no SciELO Capes não encontramos nenhum artigo e no SciELO Periódicos encontramos 3 artigos publicados em revistas sendo 1 deles resultado da pesquisa de mestrado realizada por uma das autoras encontradas na BDTD.

Quadro 6 - Mapeamento de artigos relacionados ao tema (SciELO)

TÍTULO DO ARTIGO	BASE DE DADOS	REVISTA	ANO
Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica	SciELO	Educação e Pesquisa, Mar 2005, Volume 31, nº 1, Páginas 79 - 91	2005
PNBE 2010: personagens negros como protagonistas	SciELO	Educação & Realidade, Dez 2013, Volume 38, nº4, Páginas 1147-1173	2013

Educação, infância e literaturas: ouvindo meninas negras a partir de algumas leituras (E.M.E.I.E.F. Oswaldo Hülse, Criciúma - SC)	SciELO	Educar em Revista Métricas, Jun. 2018, Volume 34, nº 69, Páginas 61-76	2018
---	--------	--	------

Fonte: Autora, base de dados SciELO

Na segunda busca ao acrescentar *Racismo* como palavra-chave, no SciELO Capes continuamos não encontrando nenhum artigo e no SciELO Periódicos encontramos 3 artigos publicados, encontramos apenas 03 dissertações de mestrado e 01 tese de doutorado.

Na terceira busca, retiramos *Racismo e acrescentamos PNBE* como palavra-chave, no SciELO Capes continuamos não encontrando nenhum artigo e no SciELO Periódicos encontramos apenas 1 artigo publicado. Sendo este resultado de uma dissertação a qual já havia aparecido na busca na BDTD.

Posteriormente, foi necessário buscar os documentos que apresentam o PNBE. Sendo estes:

1. Editais dos anos de 2008, 2010 e 2012 para seleção dos livros a serem selecionados e distribuídos pelo PNBE;
2. Lista de livros selecionados e distribuídos pelo PNBE dos anos de 2008, 2010 e 2012, os quais são destinados às crianças estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental das escolas públicas brasileiras.
3. Livros com personagens negras(os) dos acervos do PNBE nos anos de 2008, 2010 e 2012.

Após leitura dos editais e listas, identificamos os livros que trazem personagens negras. Seleccionamos 1 livro de cada ano para realização de entrevista com escritoras(es). Depois desta seleção, considerando a linguagem verbal e visual, realizamos a leitura destes livros e após a entrevista traremos nossa leitura e interpretação das personagens negras destes livros de literatura infantil e juvenil brasileira. Para isso, optamos por tomar como balizador, desta pesquisa, a construção dessa leitura e interpretação a partir das nossas impressões considerando nossa trajetória em relações étnico-raciais.

A análise e interpretação apresentada nesta pesquisa, será feita a partir de um *corpus* formado por 03 livros selecionados em um total de 300 livros de Literatura Infantil e Juvenil que compõem 13 acervos de livros selecionados e distribuídos pelo PNBE nos anos de 2008, 2010 e 2012 dos quais 16 deles com personagens negras e de escritoras(es) brasileiras(os). Ainda no que tange à metodologia aplicamos um questionário respondido pelas escritoras Nilma Lino Gomes, Heloísa Pires Lima, Rosa Maria Tavares Andrade e pelo escritor Rogério Andrade Barbosa dos livros *Os três presentes mágicos*, *Betina e lendas da África Moderna*, respectivamente que se disponibilizaram contribuir com a pesquisa. Após responderem os questionários nos foi possível realizar a entrevista com as escritoras e escritor, separadamente. Vale lembrar que para se chegar no *corpus* foi necessário um contato inicial com documentos disponíveis no site do FNDE que traziam a descrição do PNBE.

Importante, entretanto, destacar que a escolha se centrou nesses 16 livros, pois optamos por trabalhar apenas com os livros escritos e ilustrados por escritora(es) brasileiras(os). Tais livros se encontram descritos no quadro 07 apresentado no capítulo anterior.

A análise dos livros será feita de acordo com um conjunto de itens:

- Identificação da(o) Escritora (Escritor);
- Identificação da(o) Ilustradora (Ilustrador);
- Título do livro;
- Ano de publicação e edição;
- Tema desenvolvido;
- Foco Narrativo
- Texto;
- Ilustração;
- Editora.

A partir desses itens, levantamos questionamentos sobre a exploração do material e então tratamos os resultados. Assim, apresentamos uma interpretação considerando a análise

de cada um desses livros e buscando evidenciar como nestes estão apresentadas as personagens negras, seja na linguagem verbal (texto), seja na linguagem visual (ilustração).

4.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: CADA FASE UMA DESCOBERTA

Nas linhas a seguir, apresentamos como se deu o passo a passo e cada uma das fases desta pesquisa:

1ª fase – Etapas iniciais da Pesquisa (Coleta e produção dos dados)

A 1ª fase se constitui nos primeiros passos para concretização da pesquisa e foi organizada em:

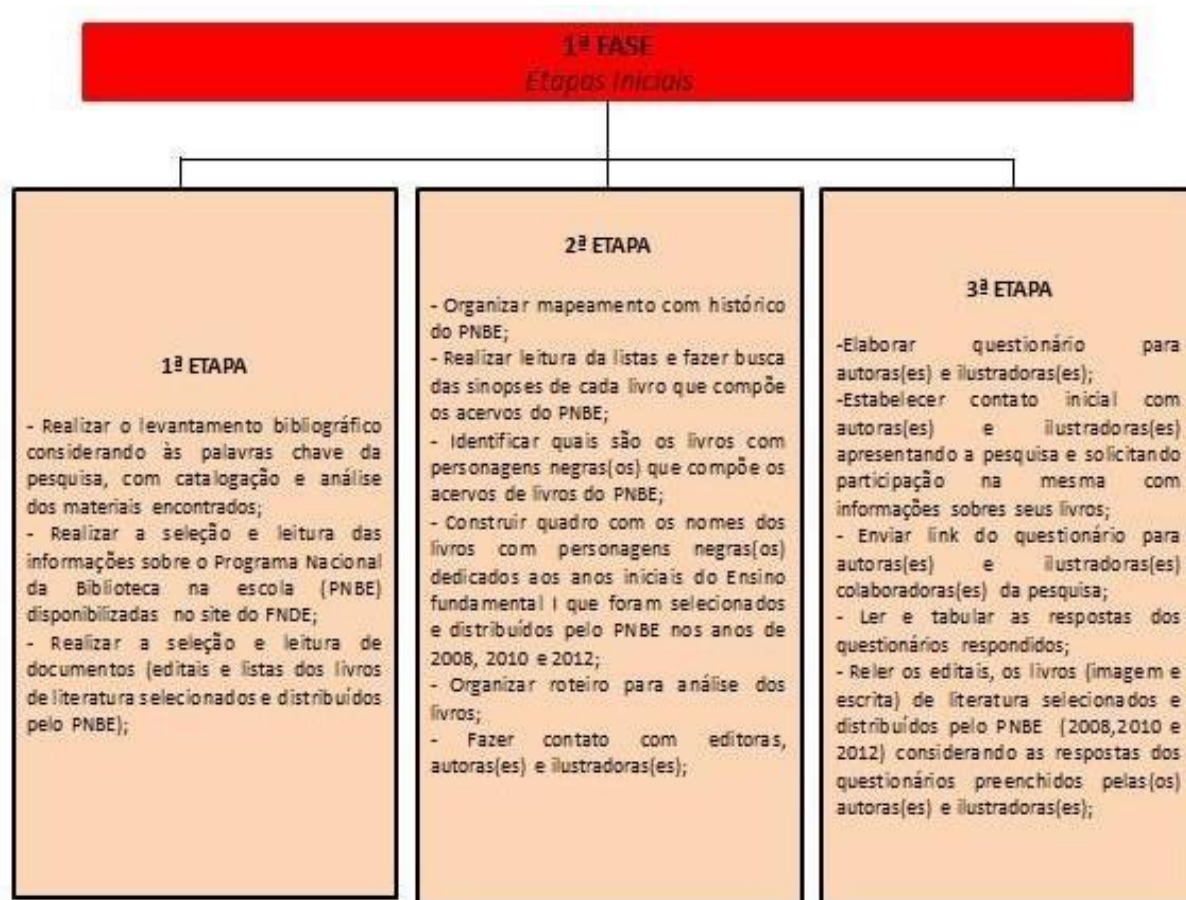
- a) Seleção dos documentos;
- b) Leitura;
- c) Constituição do Corpus;
- d) Produção dos dados iniciais;

Nesta primeira fase da pesquisa, buscamos compreender o que é o PNBE e levantar quais são os livros de literatura infantil e juvenil brasileira, dedicados às crianças estudantes dos anos iniciais da rede pública, selecionados e distribuídos pelo PNBE nos anos 2008, 2010 e 2012, com personagens negras os quais serão objetos da pesquisa.

Para isso, foi necessário realizarmos uma busca no site do FNDE e localizarmos os documentos que nos trouxessem informações sobre o Programa Nacional da Biblioteca da Escola (PNBE) e informações sobre os referidos livros. Sendo assim, é possível dizer que esta fase tem por objetivo a identificação dos livros com personagens negras que compõem os acervos distribuídos pelo PNBE como também quem são suas(seus) escritoras(es) e ilustradoras(es).

Organizamos essa fase da pesquisa em três etapas conforme esquema a seguir:

FIGURA 1 - 1ª Fase da pesquisa – Etapas iniciais



Fonte: Elaborada pela autora.

Selecionamos como documentos para serem lidos e analisados nesta pesquisa:

- Editais e listas de acervos distribuídos pelo PNBE disponibilizados no site;
- Questionários aplicados de forma on-line com escritoras(es) e ilustradoras(es) as(os) quais tiveram seus livros selecionados e distribuídos pelo PNBE e que serão analisados nesta pesquisa por trazerem representação de personagens negros(os);
- Transcrição das entrevistas realizadas com as(os) escritoras(es) e ilustradoras(es) de três dos dezesseis livros com personagens negros(os) selecionados e distribuídos pelo PNBE nos anos de 2008,2010 e 2012;
- Três livros de escritoras(es) e ilustradoras(es) brasileiras(os) descritos no quadro 9 os quais foram selecionados e distribuídos pelo PNBE nos anos de 2008, 2010 e 2012;

Foi nesta fase que realizamos a leitura geral de todos os documentos selecionados e sistematizamos as ideias iniciais visando à compreensão das informações coletadas. Destacamos que essa sistematização foi importante para a leitura e interpretação que apresentaremos nesta pesquisa.

2ª Fase – Etapas Intermediárias da Pesquisa (Exploração dos dados iniciais)

Concluída a primeira fase, acima descrita, partimos para a segunda fase da pesquisa na qual realizamos a exploração do material coletado e construído a partir do diálogo com as(os) escritoras(es). Não foi possível realizar o diálogo individual com uma das escritoras. Diante disso, e considerando o período pandêmico, entendemos que as lives com sua participação seriam uma forma de diálogo e por isso selecionamos três delas nas quais a escritora tivesse participado dialogando sobre o tema que fosse ligado à nossa pesquisa e juntando as três tivemos aproximadamente o tempo do diálogo feito com o escritor e duas escritoras. Importante salientar que participei ao vivo de todas as lives, fazendo inclusive perguntas. São elas: MESA: Africanidades e Literatura Infantil organizada pelo XI Copene (Transmitido ao vivo em 12 de nov. de 2020 e disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yITk6v6ir5s>); #DEBATES: Infâncias, Educação e Direitos Humanos organizada pelo SESC de Ribeirão Preto (Transmitido ao vivo em 29 de abr. de 2021 e disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AZKpybVnOQU>); A ESCRITA LITERÁRIA: Autoras negras de Literatura Infantil (Transmitido ao vivo em 17 de jun. de 2021 e disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dQAokzhici0>) organizada pela Secretaria Municipal de Educação de Serra no estado do Espírito Santo.

Foi nessa fase que após realização das entrevistas e participação das lives que fizemos a leitura inicial das transcrições das entrevistas do escritor Rogério Andrade Barbosa e das escritoras Heloísa Pires Lima e Rosa Maria Tavares Andrade como também das transcrições das lives ao vivo em que a escritora Nilma Lino Gomes participou.

Sendo assim, considerando nossa leitura dos textos dos editais, das respostas dos questionários, das transcrições das entrevistas/lives e das ilustrações/textos dos livros buscamos identificar nossas palavras-chaves e assim, realizar uma primeira categorização. Essas primeiras categorias, são agrupadas em temas correlatos dando origem às categorias iniciais.

Destacamos que para a leitura das imagens buscamos olhar a caracterização das personagens, ou seja, a estética delas. E sendo assim, fizemos também a interpretação do contexto: O que aquela personagem está vivendo? O que está fazendo? Com quem ela está?

Para então, a partir do nosso olhar enquanto criança negra que fomos e como mulher negra, mãe e pesquisadora em ERER que somos, fazer a análise das ilustrações da obra.

Para efetivação desta fase também foi necessário organizarmos algumas etapas:

FIGURA 2 - 2ª Fase da pesquisa – Etapas intermediárias



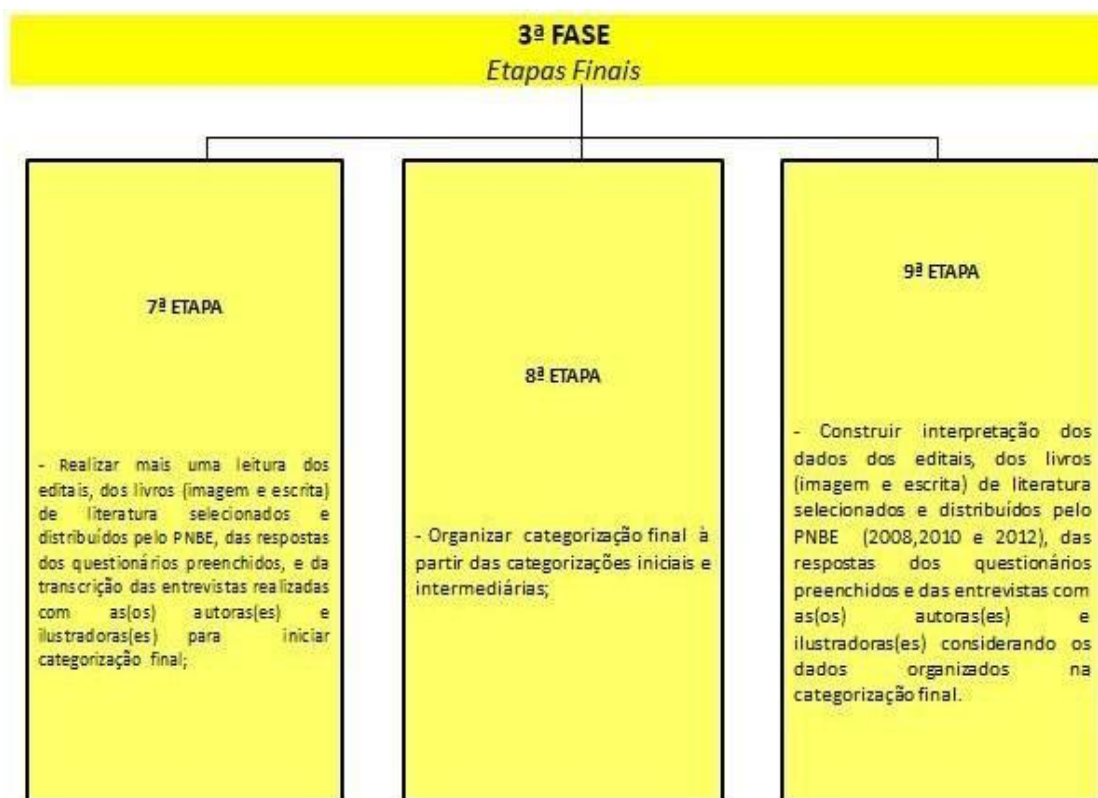
Fonte: Elaborada pela autora.

3ª Fase - Etapas finais (Construção e Interpretação dos resultados)

Essa terceira fase compreende o período no qual construímos e buscamos a chegar na interpretação dos resultados. É nesta fase que apresentamos os dados obtidos nos questionários e entrevistas uma síntese de cada um dos livros objetos desta pesquisa.

Para nossa organização, nesta terceira fase da pesquisa estabelecemos uma etapa conforme apresentado no esquema a seguir:

FIGURA 3 - 3ª Fase da pesquisa – Etapa final



Fonte: Elaborada pela autora.

Nesta terceira fase, buscamos responder: Como se dá a construção das personagens negras dos livros de literatura infantil e juvenil brasileira dedicados às crianças estudantes dos anos iniciais da rede pública, selecionados e distribuídos pelo PNBE nos anos de 2008, 2010 e 2012?

Nesta fase, nos debruçamos nos três livros selecionados para esta pesquisa. Cabe destacar que, tal escolha, se deu após levantarmos a lista de livros nos anos de 2008, 2010 e 2012. São eles: *Os três presentes mágicos*, escrito por Rogério Andrade Barbosa; *Betina*, escrito por Nilma Lino Gomes e *Lendas da África moderna* escrito por Heloísa Pires Lima e Rosa Maria Tavares Andrade.

Selecionamos esses livros por serem eles escritos por escritor brasileiro e escritoras brasileiras, por serem livros respectivamente dos editais de 2008, 2010 e 2012, e por fim, por terem sido essas escritoras e esse escritor aquelas(es) que nos deram retorno após contato. A dificuldade de retorno foi o que nos fez optarmos por analisar e interpretar um livro de cada edital.

Após levantarmos os livros a serem interpretados e analisados nesta pesquisa enviamos o Termo de Consentimento Livre Esclarecido para o aceite de participação por parte das escritoras e do escritor. Sendo assim, agendamos e realizamos a entrevista com cada uma delas e com ele.

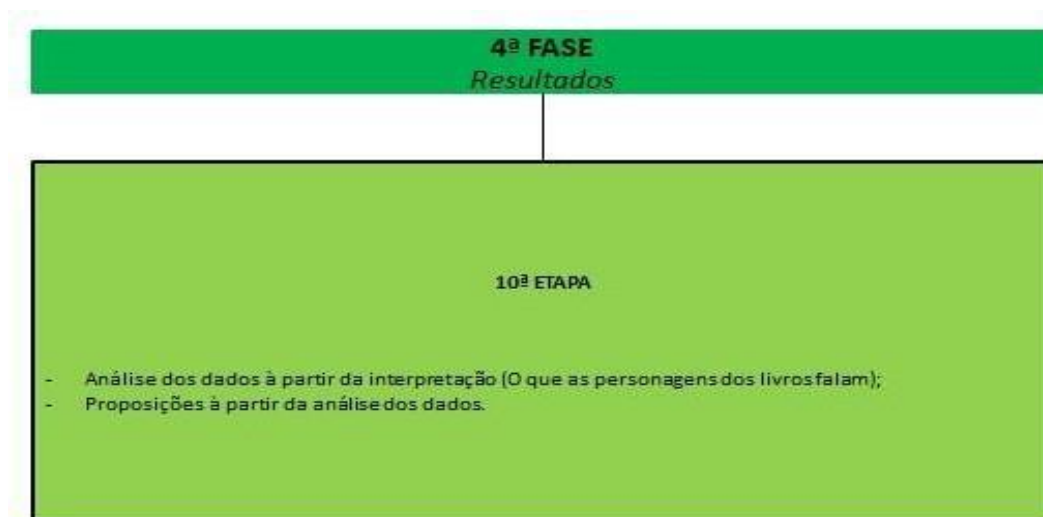
Antes da entrevista enviamos um link com um questionário¹⁴ que foi respondido pelas escritoras e pelo escritor participante desta pesquisa com o objetivo de a partir das respostas do questionário ter uma diretriz para elaboração das perguntas a serem feitas na entrevista a qual foi realizada posteriormente.

4ª Fase - Análise dos resultados e proposições

Essa quarta fase compreende o período no qual nos debruçamos em uma análise atenta e detalhada de cada livro que se fundamentará em nossa leitura e interpretação dos resultados das entrevistas em diálogo com as(os) teóricas(os) que embasam essa pesquisa.

Para nossa organização, nesta quarta fase da pesquisa nos organizamos conforme o esquema a seguir:

FIGURA 4 - 4ª Fase da pesquisa – Resultados e Proposições



Fonte: Elaborada pela autora.

Nesta quarta fase, apresentamos os dados das entrevistas e a análise dos livros. Para então apresentar nas considerações as proposições desta pesquisa.

¹⁴ As perguntas do questionário e da entrevista estão disponíveis no apêndice III e IV, respectivamente.

CAPÍTULO 5 - DIÁLOGOS COM ESCRITORAS E ESCRITOR SOBRE A CONSTRUÇÃO DE PERSONAGENS NEGRA NOS LIVROS DA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL E O PNBE

Neste capítulo, apresentarei o resultado da entrevista sobre: literatura infantil e juvenil, construção das personagens negras e PNBE. A entrevista foi realizada com Rogério Andrade Barbosa, Nilma Lino Gomes¹⁵, Heloísa Pires Lima e Rosa Maria Tavares Andrade. Cabe aqui destacar que o escritor e as escritoras foram quem escreveram os livros que serão analisados nesta pesquisa. Realizar essas entrevistas com o escritor Rogério Andrade Barbosa, com as Heloísa Pires Lima e Rosa Maria Tavares Andrade, selecionar as lives com participação da escritora Nilma Lino Gomes foi para mim um momento de muita alegria, pois o escritor e as escritoras são parte da minha história com os livros de literatura infantil e juvenil em difentes momentos da minha vida.

Em um momento para lá de prazeroso tive a oportunidade de entrevistar individualmente o escritor Rogério Andrade Barbosa, as escritoras Heloísa Pires Lima e Rosa Maria Tavares Andrade. Também tive a oportunidade de conversar e trocar ensagens (sem intenção de entrevistar) com a escritora Nilma Lino Gomes e à partir de considerações feitas por ela pensar em estratégias de garantir sua permanência nesta pesquisa.

Seguimos um roteiro com perguntas que nos permitissem conhecer um pouco mais da trajetória do escritor e das escritoras: quem são, como constroem as personagens negras de seus livros, o que querem transmitir por meio de seus livros, para quem escrevem e como classificam suas obras. O escritor e as escritoras também nos falaram do PNBE e de sua importância.

Como o escritor e as escritoras antes da entrevista responderam um questionário, nos foi possível a partir do questionário levantar os pontos que poderiam ser aprofundados na entrevista.

Para esta pesquisa, a realização da entrevista, a escuta das lives e transcrição foram importantes por serem mais um elemento que contribuiu para análise dos livros: *Os três*

¹⁵ Não foi possível realizar a entrevista com a escritora Nilma Lino Gomes devido suas agendas. Mas a mesma fez o preenchimento do questionário e se colocou à disposição para diálogos posteriormente. Para esta pesquisa, além das respostas dadas por ela no questionário optamos por usar suas falas em 3 lives nas quais a escritora participou e dialogou sobre infâncias, educação, direitos humanos, literatura infantil e autoria negra.

presentes mágicos, *Betina*, *Lendas da África Moderna*, escritos respectivamente por Rogério Andrade Barbosa, Nilma Lino Gomes, Heloísa Pires Lima e Rosa Maria Tavares Andrade.

Acreditamos que a realização das entrevistas com o escritor e as escritoras nos permitiu um contato mais direto, pois nos permitiu olhar para suas obras a partir de suas perspectivas e subjetividades. A cada pergunta feita com o objetivo de aprofundamento das respostas dadas no questionário preenchido anteriormente nós voltávamos às narrativas e as ilustrações presentes nos livros. Cabe, então, destacar que a entrevista nos serviu de diretriz para a construção da análise dos livros apresentados no próximo capítulo desta pesquisa.

5.1 PROSEANDO COM ROGÉRIO ANDRADE BARBOSA

Na apresentação desta tese falo do quanto minha mãe e meu pai acreditavam que investir em livros era algo bom para nossa educação. Meu pai, Seu Toninho, trabalhou durante oito anos na Cia Melhoramentos de papel e a editora Melhoramentos faz parte dessa Cia. Meu pai rotineiramente me trazia livros de literatura infantil e juvenil, mas algo que me marcou muito foi quando em 1992 ele me levou na Bienal do livro e no stand da Editora distribuíram um kit com livros. Coincidência ou não, no meu kit veio a coleção “*Bichos da África*” do Rogério Andrade Barbosa. Essa coleção apresenta à criança leitora contos tradicionais africanos os quais são contados oralmente por um griot. Mal sabia que esse kit no futuro seria muito usado por mim em sala de aula em um projeto de contação de história no qual meu avô contava alguns desses contos e outros. Atuando no ciclo I do Ensino Fundamental foram muitas as vezes que após escutarmos ou lermos os contos presentes no livro fizemos a reescrita seja de forma coletiva, em duplas ou individual. Quando ganhei os livros fiquei muito feliz ao perceber que o livro tinha alguma relação com a África, pois esses livros chegaram até mim quando eu tinha 11 anos e como havia lido a história do Nelson Mandela tudo que falava da África me interessava. Lembro-me do meu entusiasmo falando dos livros ao meu irmão, de ler e reler os contos destes livros, de ler para meu pai inúmeras vezes o conto intitulado “*A mosca trapalhona*” antes de dormir e de rir com ele. Não consegui contar essas histórias ao Rogério, fiquei muito envergonhada, mas muito grata pela oportunidade de conhecê-lo e por poder lembrar esses momentos. Fazer essa entrevista foi como falar com o primeiro escritor que li falando do continente africano e que de alguma forma aguçou em mim a vontade de conhecer a cultura africana.

Rogério Andrade Barbosa, escritor pardo (identificação atribuída pelo escritor) nascido em Campo Belo/MG que durante sua infância mudou-se bastante devido ao trabalho

do pai que buscando melhores condições de trabalho não permanecia sempre no mesmo lugar. Atualmente reside no Rio de Janeiro. Graduado em Letras na UFF, Pós-Graduado em Literatura Infantil Brasileira na UFRJ. Seu pai era professor e também tinha a prática da escrita, foi ele quem lhe incentivou à leitura e o influenciou a escrever. Na década 1980 foi voluntário das Nações Unidas em Guiné-Bissau por dois anos tendo a oportunidade de conhecer pessoas e lugares do continente africano. Pessoas e lugares que para além da sua memória também aparecem em suas histórias. É escritor, contador de histórias e professor. Neste ano o escritor completa 35 anos de atuação no campo da literatura infantil e juvenil. Tem cerca de 105 livros publicados dos quais identificamos cerca de mais de 50 voltados ao resgate da herança e da ancestralidade africana, reconhecimento e valorização da cultura africana e afro-brasileira. São eles: *La-le-li-lo-luta - um professor brasileiro na Guiné Bissau*, *Bichos da África 1 – A mosca trapalhona / A tartaruga e O leopardo*, *Bichos da África 2 – A moça e a serpente / A vingança de eraga / O cassolo e as abelhas*, *Bichos da África 3 – Por que os cães cheiram uns aos outros? / O julgamento da tartaruga*, *Bichos da África 4 – O jabuti e o chacal / A águia e o gavião / O cão e o gato*, *O anel de Tutancâmon*, *Na terra dos gorilas*, *O filho do vento*, *Histórias africanas para contar e recontar*, *Como as histórias se espalharam pelo mundo*, *Contos africanos para crianças brasileiras*, *Outros contos africanos para crianças brasileiras*, *Três contos africanos de adivinhação*, *Duula – A mulher canibal*, *Nyangara Chena, a cobra curandeira*, *Memórias das palavras*, *Os gêmeos do tambor*, *O senhor dos pássaros*, *Nas asas da liberdade*, *ABC do Continente Africano*, *Uma ideia luminosa*, *O segredo das tranças e outras histórias africanas*, *Irmãos Zulus*, *Os três presentes mágicos*, *Não chore ainda não*, *Pigmeus – os defensores da floresta*, *Histórias que nos contaram em Luanda*, *Pra lá de Marrakech*, *Kalahari – uma aventura no deserto africano*, *Jambo! – uma manhã com os bichos da África*, *A Caixa dos segredos*, *Em Angola tem? No Brasil também!*, *Ndule, ndule – Assim brincam as crianças africanas*, *Madiba - O menino africano*, *Nem um grão de poeira*, *Zanzibar, a ilha assombrada*, *karingana wa karingana - histórias que me contaram em Moçambique*, *A tatuagem – Reconto do povo Luo*, *Naninquíá, a moça bonita*, *Lobu ku xibinhu – histórias que as crianças me contaram em Cabo Verde*, *Sundjata, o príncipe leão*, *Contos ao redor da fogueira*, *Soyas de sun tataluga*, *Danite e o Leão*, *Beijados pelo sol*, *Kakopi, kakopi*, *Orelha vai à escola todos os dias - provérbios africanos para ler*, *Sona – Contos africanos desenhados na areia*, *O espanta moscas - conto de enigma do povo ashanti de Gana*, *Nas garras dos babuínos: um reconto da tradição oral do povo zulu*, *A turma do Ferrinho e Doze brincadeiras indígenas e africanas da etnia maraguá e de povos do Sudão do Sul*.

Embora pesquisas sobre produção literária para infância e juventude apontem que foi a partir da lei.10.639/03 que a temática africana e afro-brasileira tenha maior evidência no mercado editorial brasileiro destacamos que Rogério Andrade Barbosa já buscava através de sua escrita o resgate da herança e da ancestralidade desde a década de 1980. Não é um escritor que se aproveitou de um nicho para realizar publicações, pois já tinha um olhar atento a essa temática.

O escritor buscando a valorização e o reconhecimento acerca da diversidade étnico-racial participa de programas de incentivo a leitura realizando palestras, organizando oficinas voltadas à leitura (Debus; Bernardes; Silveira; Pereira, 2018). Em nosso entendimento, a trajetória do escritor evidencia que ações por ele desenvolvidas como os livros escritos por ele cumprem importante papel para a valorização da identidade, da história e da cultura negra.

Já percorri boa parte do continente africano, recolhendo histórias e com as próprias crianças! Então eu vejo que às vezes falta eh esse cuidado. Sabe? **(Trecho da transcrição da entrevista realizada com Rogério Andrade Barbosa)**

Quando leio um livro fico sempre curiosa para saber como aquela personagem protagonista foi construída. Quando há personagens coadjuvantes e secundários fico tentando entender porque eles estão na história. A linguagem verbal (texto) sempre me interessou, quando era criança pedia para minha mãe, meu pai ou meus irmãos lerem para mim. Ficava imaginando as personagens. Minha mãe tinha o hábito de ler fazendo as vozes das personagens e isso me levava a entender que algumas histórias tinham muitos personagens. A linguagem visual não era o que mais gostava nas histórias, como criança negra que fui, evitava folhear as histórias de princesa, por exemplo. Eu nunca estava ali!

E talvez tenha sido a minha criança que me fez querer compreender como as personagens de um livro são construídas. Escutar o Rogério falar das personagens dos livros que escreveu foi interessante, pois ele apontava que a criação de suas personagens se davam a partir de suas vivências, dedicação e estudo sobre o continente africano. Seu comprometimento com a construção de suas personagens fica evidente durante a entrevista.

As personagens são criadas com muita pesquisa, com muito cuidado! Eu leio muito, pesquiso muito, viajo muito, né? Conheço o continente africano e recorro à esse conhecimento para criar. **(Trecho da transcrição da entrevista realizada com Rogério Andrade Barbosa)**

E se a criação das personagens envolve vivência e estudo fiquei curiosa para saber como se dá essa construção junto de quem fará a ilustração de um livro. Foi perceptível que para um escritor com mais de 40 anos de atuação é possível fazer a escolha de quem fará suas ilustrações e junto dessa pessoa refletir acerca desta construção.

Eu sempre tenho muito cuidado. Todos os meus livros eu entro em contato com meus ilustradores. Eu sempre envio o material pra eles, fotografias, sabe? Pra situar. Eu não escrevo livro de orelhada. E essa parceria com quem vai ilustrar é importante porque a ilustração tem um papel assim primordial. Se senão você mata o personagem. **(Trecho da transcrição da entrevista realizada com Rogério Andrade Barbosa)**

Percebemos que o processo de construção das personagens de um livro se dá com leveza e embora haja uma preocupação em contribuir para a valorização da cultura africana e afro-brasileira, as personagens negras que aparecem nos livros do Rogério não foram criadas para a criança negra, mas as vozes dessas personagens acabam possibilitando que o ser negro, a cultura do povo negro seja reconhecida e valorizada pela criança não negra e motivo de orgulho para criança negra.

As histórias escritas pelo Rogério são voltadas à todas as crianças sejam elas negras ou não negras uma vez que vivemos em uma sociedade onde a diversidade étnico-racial se faz presente. A mensagem que passam pode ser melhor compreendida quando se faz a leitura do livro *“La-le-li-lo-luta: um professor brasileiro na Guiné-Bissau”*, no qual o escritor conversa com as(os) leitoras(es) sobre suas vivências enquanto voluntário pelas Nações Unidas no projeto desenvolvido em Guiné Bissau em um contexto pós independência, o país que se reconstruía. Após a leitura desse livro em consonância com a entrevista dada pelo escritor me foi possível perceber que as experiências vivenciadas por ele nesse projeto o possibilitou muitas descobertas e ocasionou marcas significativas para sua obra.

Os meus livros são fruto das minhas pesquisas e das andanças pela África. Escrevo para as crianças brasileiras porque quero que todas elas tenham a oportunidade de conhecer uma outra África e uma outra personagem negra. Aquela que tem é como a Tia Anastácia representada como uma macaca. Isso não dá! **(Trecho da transcrição da entrevista realizada com Rogério Andrade Barbosa)**

O escritor, além desse livro que não era voltado ao público infantil e juvenil, também publicou pela editora Thesaurus, o livro *“No ritmo dos tantãs - antologia poética dos países africanos de língua portuguesa”*.

Cabe destacar que embora a maior parte de sua produção literária voltada à infância e juventude seja de temática africana e afro-brasileira, percebemos que no livro *Rio acima Mar abaixo* o escritor explora e reconta lendas e costumes oriundos de comunidades remanescentes de quilombolas no Brasil. No livro *Lendas e Fábulas da Nossa América*, o escritor faz uma incursão pelo continente americano apresentando para quem lê, tradições orais de países da América. O escritor explora outras temáticas como nos é possível identificar ao ler os livros: *O Boi-de-Mamão*, *O menino que sonhava transformar o mundo*, *A Carta do pirata Francês*, *A viagem de Shaozu*.

Após a leitura das obras do escritor Rogério Andrade Barbosa e da entrevista realizada podemos afirmar que suas narrativas buscam a valorização da cultura africana e embora façamos esse movimento de compreender que tipo de literatura é feita pelo escritor ele nos diz,

Eu escrevo para as crianças brasileiras! Minha literatura é para toda a criança. Gosto de escrever sobre a África e o que vivi lá. Olha eu não diria que escrevo só para as crianças negras, mas sim para as crianças em geral. As personagens negras são voltadas para as crianças. Mas se você vê o Sítio Pica-Pau Amarelo, as crianças todas são brancas, né? A negra ali é a Anastácia, né? Meu livro vai falar de outra forma com as crianças. O livro é como espelho a criança também ela precisa se ver refletida ali né? **(Trecho da transcrição da entrevista realizada com Rogério Andrade Barbosa)**

Para o escritor muito mais que tentar definir que tipo de literatura se faz, cabe a ele pensar no que está apresentando em seus livros, que tipo de texto e ilustrações as(os) leitoras(es) encontrarão. É preciso oferecer livros que permitam que as(os) leitoras(es) se reconheçam nos textos e que as ilustrações retratem a diversidade étnica.

Eu diria que escrevo literatura infanto-juvenil focada na temática africana. Quer dizer, boa parte da minha produção. Eu não tenho apenas livros sobre África. Mas eu não escrevo especificamente pro público negro. Falo isso porque nós temos crianças de todas as cores aqui no Brasil, né? Pela nossa formação, pela nossa formação cultural, né? Nós somos um país miscigenado. Agora a gente sabe toda história, né? O negro sempre teve dificuldade em vencer uma série de barreiras e como a maioria das crianças de escolas públicas é afro-brasileira. Daí a importância de também ter obra(s) com personagens negros no acervo da biblioteca(s), pois o livro é como um espelho. E todas as crianças precisam se ver nele. **(Rogério Andrade Barbosa)**

No que diz respeito ao PNBE, segundo o escritor ele tem mais de 10 livros selecionados por esse programa. Livros como: *Duula a mulher canibal*, *Contos ao redor da fogueira*, *Os gêmeos do tambor*, *Os três presentes mágicos*. Importane destacar que o fato do escritor ter uma trajetória reconhecida e ter seus livros publicados por editoras grandes o possibilitou ter uma quantidade expressiva de livros selecionados pelo referido programa.

O escritor acredita que ter um livro selecionado e distribuído pelo PNBE é algo bom para quem escreve, pois se tem a oportunidade de nas mãos das(os) leitoras(es) como também de professoras(es) tornar sua obra conhecida e ainda mais que isso dar visibilidade para temática africana e afro-brasileira. E isso é bom para o escritor e também para a editora.

É bom ter o seu livro lido no Brasil inteiro. Né? Quando comprado pelo PNBE, o livro vai para as escolas espalhadas pelo Brasil. Isso é muito bacana, sabe? Você saber que lá no interior da Bahia lá na biblioteca de uma escola, terão pelo menos cinco exemplares de um livro seu. Isso aí é uma satisfação enorme, esses programas aí foram primordiais porque o livro no Brasil infelizmente o livro é caro. O livro é caro! [] fica fora do alcance da da da criança de classe C, D, né? A criança de escola pública vai ter acesso na escola, né? O problema é as vendas antigas que eram imensas eles foram diminuindo, diminuindo, diminuindo, diminuindo e acabaram. Isso foi ruim para gente que deixa de vender uma quantidade maior de exemplares e para as editoras. Mas o que me entristece é saber que os livros deixarão de estar nas mãos das

crianças que só tem acesso aos livros na escola. **(Trecho da transcrição da entrevista realizada com Rogério Andrade Barbosa)**

5.2 PROSEANDO COM NILMA LINO GOMES

Minha relação com a Nilma tem início no último ano da graduação. Ela foi indicada por uma professora como leitura para refletir sobre práticas desenvolvidas na escola com o objetivo de se pensar a identidade negra. O título do artigo indicado é “*Educação e identidade negra*”. Alguns anos depois, em meu segundo COPENE e primeiro ano do mestrado, apresentei trabalho em uma mesa coordenada com ela e me lembro de ao término ela nos perguntar aonde iríamos almoçar. Entre nós, foi um grande alvoroço: A Professora Nilma iria almoçar conosco? Mais tarde, estávamos todos sentados em uma mesa e almoçando, estudantes da pós-graduação da UFSCar, UFSC e nossa grande referência. Lembro da conversa e das orientações dadas. Nossos olhos e ouvidos estavam atentos, era bom demais escutá-la! Anos depois, já no doutorado, tive a oportunidade de convívio enquanto Nilma fazia seu pós-doutorado com a Professora Petronilha. Foram atividades, palestras, cafés, caronas que significaram muito para mim.

Quando atuei na Coordenadoria de Direitos Humanos, de 2017 a 2019, as conversas e conselhos nas mesas do PQ da UFSCar como também as trocas de mensagens contribuíram para minha trajetória na política. Crescia a cada momento de diálogo e aprendia como a trajetória dela abria portas para pessoas como eu que estava nos primeiros passos. A admiração só cresceu e continuava sendo bom demais escutá-la. Na verdade, continua.

Neste período de pandemia, escutar as observações feitas pela professora durante *lives* ao vivo e as suas trocas com estudantes que iniciam na academia me fortaleceu. Sendo assim, diante da dificuldade de encaixarmos um dia e horário em sua agenda para a realização da entrevista foi fácil encontrar uma solução. Tínhamos os dados iniciais com o preenchimento do questionário. Foi assim que optamos por selecionar três lives ao vivo nas quais a professora participou e dialogou sobre infâncias, educação, direitos humanos e literatura. A escolha se deu pelo tema e também pelo tempo total das três que se aproximam do tempo das entrevistas com o escritor Rogério Andrade Barbosa e com as escritoras Heloísa Pires Lima e Rosa Maria Tavares Andrade.

Nilma Lino Gomes, escritora negra (identificação atribuída pela escritora) nascida em Belo Horizonte, cidade na qual reside atualmente. Graduada em Pedagogia pela UFMG. Tem mestrado em Educação pela UFMG e doutorado em Antropologia Social pela USP. Pós-

doutorado pela Universidade de Coimbra. Professora Emérita da Faculdade de Educação da UFMG. Membro da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN), da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) e da Associação Brasileira de Antropologia (ABA). Foi a primeira mulher negra reitora de uma Universidade Federal brasileira (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB). Foi Ministra da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial -SEPPIR e do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos do governo da presidenta Dilma Rousseff. Vivenciou bem de perto o Golpe de 2016.

Tem como temas de pesquisa diversidade étnico-racial, políticas educacionais, cultura e educação, relações étnico-raciais e educação, formação de professoras(es) e movimentos sociais e educação. Suas publicações incluem livros e artigos que têm consonância com seus temas de pesquisas. Também inclui livros de literatura infantil e juvenil.

Eu fico emocionada de me ver sendo citada por vocês que são pessoas que eu respeito muito na produção teórica que realizam e principalmente na produção de conhecimento sobre o campo da literatura e da literatura afro-brasileira. Eu penso que quando eu escrevi meu primeiro livro, o *Betina*, eu acho não imaginava muito. Eu não imaginava muito que estava entrando nessa seara que é o campo da literatura afro-brasileira. Essa seara que é ao mesmo **(Trecho da transcrição da LIVE XI COPENE com Nilma Lino Gomes)**

A escritora tem dois livros escritos e publicados, que são voltados para o público infantil e juvenil, são eles: *“Betina”* e *“O menino coração de tambor”*. Ambos foram publicados pela Mazza Edições e escritos com base na história de vida de duas pessoas que, para a escritora e para editora, são importantes na luta negra.

São duas obras que eu tenho muito carinho por elas porque elas surgem num contexto de uma tomada de posição que eu tenho na sociedade brasileira há muito tempo que é fazer uma leitura afirmativa de nós negras e negros. Fazer uma leitura afirmativa da nossa ancestralidade, da nossa cultura da nossa vida. Não é isso? E das nossas crianças. **(Trecho da transcrição da LIVE XI COPENE com Nilma Lino Gomes)**

Em nosso entendimento, a trajetória familiar, profissional e acadêmica da pesquisadora evidencia as razões pelas quais ela torna-se também escritora de literatura infantil e juvenil com livros voltados à valorização da identidade, da História e da Cultura negra.

[...] E durante minha trajetória como professora de crianças e adolescentes eu sempre gostei muito da literatura, eu sempre gostei muito de trabalhar com a literatura. Eu gosto de literatura como pessoa, né! Como uma forma de viver, de estar o mundo. E levei isso para minha atuação docente [...] Eu sempre gostei de ler histórias, de contar histórias.[...] E eu sou filha de uma senhora, a dona Glória, para as pessoas que conhecem a minha mãe que é uma pessoa maravilhosa, não é só porque é minha mãe! Ela está com 92 anos. E a minha mãe como toda boa mineira é uma boa contadora de histórias, dos causos mineiros. Então eu também cresci com a minha mãe contando

muitas histórias, né! A narrativa, como nós sabemos a dimensão da oralidade é muito forte no universo afro-brasileiro. Então também teve essa dimensão que minha mãe é uma boa contadora de histórias. Eu quando criança eu gostava de escrever.[...] Eu também escrevia inventando muitas histórias! **(Trecho da transcrição da LIVE A ESCRITA LITERÁRIA com Nilma Lino Gomes)**

Sua estreia como escritora de livros de literatura infantil e juvenil se deu com a publicação do livro *“Betina”*, no ano de 2009, após convite feito pela Mazza Edições. O referido livro que foi selecionado pelo PNBE no ano de 2010 retrata a história de uma menina com a sua avó que enquanto trança os cabelos por meio do diálogo com sua mais velha percebe que seu corpo e seu cabelo são símbolo da identidade negra. É possível identificar a relação deste livro com as pesquisas realizadas pela escritora no âmbito acadêmico. Cabe aqui destacar que a tese da escritora intitulada *“Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra”*, discorre sobre o cabelo como veículo de expressão e símbolo de resistência.

O seu primeiro livro infantil e juvenil *“Betina”* traz elementos de sua trajetória e de sua pesquisa. Em *Betina*, a escritora se inspira na vida da cabelereira Betina e nas páginas do livro mistura ficção e realidade. Tem como eixo central falar do cabelo crespo, resistência e identidade negra.

[...] A Mazza que é a dona da Mazza Edições na qual eu tenho vários livros publicados. A Mazza um dia ela conversou ela comigo e me fez um desafio: ela falou Nilma eu quero que você escreva um livro. Um livro de literatura infantil, infanto-juvenil. E eu gostaria que você fizesse um livro falando da história da Betina. Então para as pessoas que não sabem, a Betina existe! A Betina é uma mulher negra, cabelereira afro aqui em Belo Horizonte que tem uma história belíssima de luta, de resistência. É ela que eu entrevistei, ela é uma das cabeleireiras que eu entrevistei para escrever minha tese de doutorado.[...] Eu aceitei esse desafio e aí tentei compor um livro, né! Com uma história que misturava ficção e realidade. Então, no livro *Betina*, pra quem já leu. Tem histórias que são histórias de nós mulheres negras quando crianças com a relação com o nosso cabelo, a nossa estética, tem partes, de passagens da vida da Betina e tem passagens da minha vida como uma mistura autobiográfica. **(Trecho da transcrição da LIVE A ESCRITA LITERÁRIA com Nilma Lino Gomes)**

O seu segundo livro infantil e juvenil foi o *“O menino coração de tambor”*, que foi publicado em 2013. Inspirado na vida do bailarino Evandro Passos, traz uma história sobre ritmo, música, arte, corpo, movimento que provoca leitoras(es) olharem para corporeidade negra e para a presença dos corpos negros na arte.

[...] E em relação ao Evandro Passos, que é o menino coração de tambor, o meu outro livro também a Mazza me fez o mesmo desafio: ela falou agora que você já escreveu o da Betina, o segundo desafio você também, eu te convidei a escrever também algo na perspectiva da literatura sobre Evandro Passos que é um querido bailarino afro de renome nacional e internacional. Que é uma pessoa belíssima com trabalho político também belíssimo. Não é apenas a arte no sentido da contemplação da arte, do movimento. O Evandro, ele é um homem negro comprometido com a superação do racismo, comprometido com uma série de ações, né! De luta contra as desigualdades de todas as ordens, luta contra o racismo. E dança do Evandro é uma dança que transmite resistência. Ela expressa resistência, ela expressa força. E também eu fiz a

mesma coisa. Conhecendo o Evandro, eu fiz um livro que ele mistura realidade e mistura ficção também. Pensando nessa dimensão da musicalidade e do som dos tambores que acompanha a batida do nosso coração e que é algo muito forte nas culturas africanas e nas culturas afro-brasileiras. **(Trecho da transcrição da LIVE A ESCRITA LITERÁRIA com Nilma Lino Gomes)**

Afirmamos que, embora não houvesse intencionalidade da pesquisadora no campo das relações étnico-raciais em ser vista como uma escritora de literatura voltada a crianças e adolescentes ao aceitar o desafio da Mazza Edições, Nilma Lino Gomes torna-se uma escritora de literatura infantil e juvenil que apresenta as personagens negras em um lugar afirmativo e de humanidade.

[...] E principalmente no Brasil de hoje essa dimensão da humanidade ela é tão necessária para todos nós. E tem uma marca da solidariedade também e da força. Eu faço a opção de falar dessas pessoas por meio da literatura, mas não só delas porque muito das histórias delas são também nossas histórias. E aí com a ficção que eu acho que é aquilo que dá o brilho. **(Trecho da transcrição da LIVE A ESCRITA LITERÁRIA com Nilma Lino Gomes)**

Acreditamos que o desafio feito pela Mazza Edições para a escrita dos livros *“Betina”* e *“O Menino coração de tambor”* oportunizou uma vivência importante na trajetória da pesquisadora que em sua atuação na Educação Básica valorizava a literatura infantil e juvenil em sua prática. A escritora traz um aspecto importante no que diz respeito à necessidade de leitura de livros de literatura infantil e juvenil por professoras(es) que atuam na Educação Básica. Ela destaca que professoras(es) que dedicam suas atuações às salas de aulas precisam ler para além da fruição, mas ler com compromisso profissional que as(os) permitam apresentar, discutir, orientar e fazer um trabalho da literatura como um sentido nela mesma uma vez que a literatura fala de desejos, fantasias mas também fala da realidade. Nessa perspectiva, então, dizer que se o racismo é uma realidade se faz necessário uma literatura que abarque isso em suas páginas.

[...] Se isso é para a literatura de um modo geral, a dimensão estética que ela apresenta quanto mais para o caso da literatura afro-brasileira. Por quê? Essa literatura tem um compromisso com a formação de leitores e leitoras. E mais ainda tem um compromisso com a emancipação de determinados sujeitos e determinados coletivos sociais na sociedade tratados de forma desigual num contexto que é o contexto do racismo e de uma série de opressões. **(Trecho da transcrição da LIVE XI COPENE com Nilma Lino Gomes)**

No que diz respeito ao Programa Nacional da Biblioteca na Escola (PNBE), a escritora que tem o livro *Betina* selecionado e distribuído pelo referido programa, no ano de 2010, ao ser perguntada sobre ter seu livro no PNBE destaca que fica muito feliz e honrada por ter seu livro acessível à crianças de escolas públicas brasileiras pois assim é possível atingir o objetivo de alcançar um grande número de crianças negras e não negras.

Em nosso entendimento, esse livro se usado na perspectiva apresentada pela escritora durante a live pode ser uma literatura libertadora que dará visibilidade à História e Cultura Negra contribuindo, portanto, para a construção afirmativa da imagem das pessoas negras junto das(os) leitoras(es), como também, para o enfrentamento ao racismo no espaço escolar.

É uma forma de comunicar e partilhar com as crianças um olhar positivo, afirmativo e de valorização da diversidade. O mundo está cruel e difícil de viver. A literatura pode fazer emergir uma forma criativa e sensível de ver e viver a vida! **(Resposta dada em questionário preenchido por Nilma Lino Gomes)**

No que diz respeito à construção das personagens negras, a escritora também se pauta em suas vivências enquanto negra que foi educada positivamente acerca de sua pele e cabelo retrata em sua fala a dor vivenciada por ela enquanto uma criança negra no espaço escolar e que não é diferente do que muitas crianças negras ainda vivenciam. Pesquisas confirmam o que diz a escritora e evidenciam que é no espaço escolar, que a criança vivenciará negra, muitas vezes, o racismo pela primeira vez.

[...] Eu me lembrava de quando criança como a minha corporeidade me foi apresentada quando eu entrei no espaço da escola. E como aquela corporeidade vista de forma positiva, dotada de beleza que eu aprendi com a minha família, na minha família ela foi questionada quando eu entrei na instituição escolar. Não só...ela foi questionada, ela foi indagada, ela foi estereotipada e desqualificada. Então, eu me lembro muito bem! Que tem um marco na minha vida como criança de como eu passei a me enxergar com os olhos de racismo. Eu passei a me enxergar com os olhos do racismo: como feia, com o cabelo feio, com uma estética estranha, diferente demais das outras, eu passei a enxergar assim quando entrei na instituição escolar. Isso é muito forte. Isso é muito pesado! **(Trecho da transcrição da LIVE XI COPENE com Nilma Lino Gomes)**

Percebe-se que a escritora tem uma preocupação com a qualidade do que apresenta em seus livros: narrativa e a ilustração que apresentem a personagem negra de forma positiva para crianças. A escritora acredita que a reeducação para as relações étnico-raciais seja um instrumento importante para a emancipação social e étnico-racial no espaço escolar.

[...] E eu luto para que outras crianças negras não precisem passar mais por isso. Vai ser uma luta muito longa, tem sido. Mas luto muito! E uma das formas de lutar é a gente reeducando os adultos. Reeducando as pessoas adultas e dentre essas pessoas: principalmente professores e professoras, pedagogas e pedagogos. Quem lida com a infância. Principalmente com a infância com o objetivo profissional de formação. **(Trecho da transcrição da LIVE XI COPENE com Nilma Lino Gomes)**

Não há por parte da escritora uma definição do que ela escreve. Ou seja, não há por parte da escritora uma definição se ela faz literatura afro-brasileira, literatura negra, literatura negro-brasileira ou qualquer outro tipo de literatura. Cabe destacar que a escritora entende que, na contemporaneidade, diante da luta antirracista é importante, que negras e negros, ocupem o

mercado editorial voltado à produção de livros de literatura infantil e juvenil. Isso precisa ser feito com consciência racial e dimensão política do que se produz. Sobre isso, ela nos diz,

[...] Mas a luta contra o racismo não nos permite ficarmos num único espaço. Nós precisamos de ampliar os nossos espaços e cada um e cada uma vai descobrir é esse pra onde ampliar. Aonde quer ampliar, aonde tem condições de ampliar. Então eu acho que no meu caso eu amplio no tipo de pesquisa que eu procuro fazer, eu amplio na formação da juventude negra no Nível Superior. E eu amplio também no sentido pensar, construir e produzir um outro tipo de literatura numa perspectiva étnico-racial vamos dizer assim. Independentemente das brigas que tem no campo: se existe literatura ou não existe literatura, se é possível literatura afro-brasileira ou não. Eu acho que a gente não pode se ater à esse tipo de questão. Que as vezes vira um falso problema. Mas o que nós temos que fazer é produzir, sim! E disputar nesse mercado editorial as nossas perspectivas, os nossos sentimentos, a nossa forma de dar força e de resistir a esse racismo que está impregnado em tudo aquilo que é o escolar no Brasil. **(Trecho da transcrição da LIVE A ESCRITA LITERÁRIA com Nilma Lino Gomes)**

Segundo Silva, as crianças desenvolvem sua consciência racial nas experiências junto de sua família (2002, p. 57). A escritora Nilma Lino Gomes, entretanto, nos leva a pensar que essa consciência se desenvolve também no espaço escolar e sendo assim, os livros de literatura infantil e juvenil podem contribuir positivamente nesse processo de desenvolvimento da consciência racial como também para a emancipação das crianças leitoras. A escritora, também nos provoca a refletir em como os direitos humanos atravessa a vida das crianças, negras e não negras. E ainda mais, deixa-nos como desafio o reconhecimento das crianças integrantes dos mais diversos grupos, negras e não negras, como pessoas que pensam e produzem conhecimento.

[...] A relação entre crianças, educação e direitos humanos ela precisa ser compreendida, eu penso...junto com valores e com alguns conceitos chaves que eu vou chamar atenção aqui: liberdade, equidade, justiça social, justiça cognitiva, democracia e bem viver. Também concordando com a minha colega Lucimar! Assim, quem sabe, nós poderemos alcançar na construção de uma política, uma cultura, uma pedagogia emancipatórias junto com as crianças e não somente para as crianças ou sobre as crianças. O desafio que eu lanço, então, neste momento, a nós adultas e adultos, é: reconhecer as crianças como integrantes de um importante ciclo da vida, nas sociedades ocidentais, diga-se de passagem, a saber a infância nas suas múltiplas formas de realização. Em nosso país, em especial, porque falamos aqui no Brasil compreendendo como os diferentes grupos: negros, indígenas, brancos, ciganos, quilombolas, povos do campo, ribeirinhos, elite, classe trabalhadora a constróem e lidam com ela. Não existe só um tipo de infância! Tudo isso, junto e misturado, como diz a juventude, nos mostra as determinações que incidem sobre o tipo de vida que as crianças podem vivenciar e os direitos que podem gozar e reivindicar e usufruir. [...] E se queremos nós, se nós queremos construir políticas públicas pautadas nos direitos humanos e-man-ci-pa-tó-rios, volto a insistir, das crianças para que vivam infâncias dignas nós deveremos nos perguntar: como a liberdade, a equidade, a justiça social, a justiça cognitiva, a democracia e o bem viver tem sido vivenciadas, entendidas pelas próprias crianças. Se não as vivenciam para além de uma mudança individual da nossa postura será urgente que nós lutemos pela construção de políticas públicas e políticas culturais e políticas econômicas e políticas educacionais que sejam de fato emancipatórias para essas crianças ou para as nossas crianças porque serão para nós mesmos! Ao construirmos situações de emancipação para as crianças, nós construímos situações de emancipação para nós mesmos, para o próprio mundo do

adulto se desadultizar (Trecho da transcrição da LIVE #DESAFIO com Nilma Lino Gomes)

A trajetória da escritora no campo das relações étnico-raciais e educação nos leva a compreender a razão dela ter sido desafiada pela Mazza Edições para a escrita de dois livros de literatura infantil e juvenil. Nilma Lino Gomes tem consciência racial, conhecimento e reflexões importantes sobre as relações étnico-raciais. Ela não se aproveitaria de um nicho editorial para escrever um livro uma vez já tinha um olhar atento a essa temática e poderia contribuir com a educação das crianças (negras e não negras) e na reeducação de pessoas adultas. Ela não só poderia, como escreveu, dois livros, com linguagem, verbal (texto) e visual (ilustração), que favorecem o reconhecimento e valorização da população negra, mas sobretudo trouxe humanidade às personagens.

Quero transmitir beleza, força, sensibilidade, inteligência, arte, cultura, competência e compromisso das pessoas negras. Tudo isso tem sido sistematicamente deturpado pelo racismo e o machismo. **(Resposta dada em questionário preenchido por Nilma Lino Gomes)**

5.3 PROSEANDO COM HELOÍSA PIRES LIMA

Como disse no início deste capítulo, as escritoras e o escritor entrevistado já fazem parte da minha trajetória. E a Heloísa adentrou minha vida em um momento importante da trajetória profissional. O ano era 2006 e eu iniciava minha trajetória como professora efetiva em uma escola pública da rede estadual na cidade de São Paulo. Ali junto de quatro professoras interessantes (Adriana, Rosana, Tatiana e Kelly) com quem eu tive a oportunidade de pensar e idealizar projetos. Lembro-me que naquela escola tínhamos uma estudante que sempre me perguntava se eu gostava do meu cabelo. Aquilo me chamou a atenção e como fazíamos rodízio semanal das turmas as professoras que citei anteriormente conheciam a aluna. Começamos a pensar o que poderíamos idealizar e foi então que sugerimos à coordenadora que usássemos um HTPC mensal para estudar sobre a questão racial e nosso estudo se pautou na obra “*Histórias da Preta*”. Livro que contribuiu para pensarmos estratégias junto desta criança negra uma vez que a história tem como personagem principal uma menina negra. Os momentos junto desta estudante e dessas parceiras me fizeram propor um projeto para o ano seguinte. Projeto esse que foi apresentado em um seminário na diretoria da nossa unidade educacional e que deu visibilidade para a discussão da ERER na escola e nesta diretoria. Durante a entrevista com a Heloísa falei sobre esse livro ter sido importante para estudos realizados em uma das escolas

que trabalhei e segundo a escritora esse livro que foi escrito para crianças também tem contribuições nesse sentido.

É então isso que você está falando da preta, humm é o tipo de depoimento que eu ouço assim de muitos os lugares. Que a até hoje a preta é muito utilizada em curso de formação é como se ele pegasse na mão de quem nunca teve contato com o debate, sabe! História das pretas foi feito para crianças, mas esse livro pega nas mãos das crianças e também dos professores dessas crianças. Fico feliz com isso! **(Trecho da transcrição da entrevista com Heloísa Pires Lima)**

Heloísa Pires Lima, escritora negra (identificação atribuída pela escritora) nascida em Porto Alegre/RS. Reside em São Paulo desde os nove anos. É graduada em Psicologia pela PUC/SP e em Ciências Sociais pela USP Tem mestrado em Antropologia pela USP e doutorado em Antropologia Social também pela USP.

Em sua produção acadêmica pesquisa sobre representações culturais do século XIX e desde a década de 1990 tem se dedicado à escrita e publicação de livros para a infância e juventude voltados à cultura negra. Durante a entrevista relatou que o livro “*Histórias da Preta*” foi o seu primeiro livro e nasceu de uma provocação de uma professora dela.

Em 1997 tinha uma professora que lançou esse desafio de se trabalhar para criança essa questão do racismo. Ela jogou para todo mundo assim e aí algumas pessoas responderam a esse desafio. E eu acabei fazendo uma proposta que é o Histórias da Preta que é de 98, mas que eu levei dois anos pra escrever. E eu fui mostrando pra editora que foi gostando do material, tentei fazer curvas assim porque falar da questão racial mesmo que fosse pela ficção era muito quadrado você tinha que falar de alguns temas e tal. E eu queria outra coisa né. Então eu inventei um personagem a partir de uma pergunta que é “Qual é a diferença entre uma menina negra e todas as outras meninas que não são negras, né. Esse foi o mote! E aí a preta surgiu, a personagem e ela faz uma jornada mesmo em busca de respostas. Ela passa e se indaga por varias questões bem do cotidiano e que envolve o dia a dia das crianças negras. Também faz parte da estrutura dessa obra um conjunto de informações sobre África o que nessa época não tinha nada. Então falar de etnia, o que é uma sociedade africana, África como continente, mas sim um país que não é homogêneo, tem as etnicidades. Na jornada da Preta ela vai para o continente e conhece quem cria essas histórias. Essa chave da história sempre passa com importância por todo o trabalho. Ela vai para África e volta para o Brasil. E na volta ao invés de reforçar essa ideia dos negros escravizados. A gente usa esse termo! A Preta traz os negro de uma outra forma. Ela levanta os momentos de vitória. Não traz representação de uma África perdedora. **(Trecho da transcrição da entrevista com Heloísa Pires Lima)**

A escritora também atuou no campo editora sendo a responsável pela criação da Selo Negro Edições, do Grupo Summus Editorial. Selo esse que teve fundamental importância para a difusão da temática negra no campo editorial. Heloísa Pires Lima também atuou como editora nos anos de 1999 e 2000.

Eu faço parte de um segmento da população negra que cria demandas. A literatura, não só a literatura, as mídias em geral (o cinema, o teatro) fornecem elementos para o imaginário. Se a gente não tomar posse de inverter algumas representações o racismo

vai viver feliz da vida por muito tempo mais, por muitas gerações. É muitas responsabilidades de criar materiais que contribuam para o fim do racismo, né? Hoje tem uma expressão que é uma literatura antirracista né? Ao invés de valorizar uma literatura racista, né? E ela tá muito amparada no ponto de vista de quem escreve. Então eu faço Movimento Negro no circuito editorial, né? Eu já criei um selo que é o selo negro Edições. A gente tem que ter voz. É importante atuar nesses espaços. **(Trecho da transcrição da entrevista com Heloísa Pires Lima)**

No que diz respeito à construção das personagens negras, a escritora nos fala que na década de 1980 teve uma escola, a Ibeji – Casa Escola. Era uma escola com uma proposta muito diferente para aquela época.

Na verdade minha história começa com uma escola que eu tive aqui em São Paulo. Eu ajudei a inventar essa escola. Porque a gente não tinha uma proposta de vamos construir uma escola, uma empresa. Nós apenas queríamos construir um espaço diferenciado para as crianças pequenas em que tivessem brinquedos que não fossem de plástico, uma alimentação diferenciada, que trabalhasse todas as questões que minha geração puxava forte. Era inventar uma escola mesmo e deu certo. A gente foi inventando (risos) uma escola que fosse diferente daquela da minha geração. Foi aí que eu descobri a biblioteca, mas eu sempre gostei de registrar né, de trabalhar a reflexão a partir dessa vivência escolar. E eu comecei a escrever muito sobre literatura e criança. **(Trecho da transcrição da entrevista com Heloísa Pires Lima)**

Foi na biblioteca dessa escola que a escritora se aproximou da literatura e das personagens negras. Ela queria uma escola cuja biblioteca contemplasse a diversidade étnico-racial e ali a escritora percebeu que não queria na biblioteca da escola que estava à frente livros com Nastácias ou Barnabés. Queria uma biblioteca mais democrática na qual a existência negra fosse reconhecida e valorizada nas páginas dos livros de literatura infantil que ali estavam.

Ao perceber a ausência ou a representação estereotipada de personagens negras nos livros de literatura infantil e juvenil, a escritora começa a pesquisar sobre o tema e, posteriormente, passa à criação de personagens, afinal era preciso livros para além da Menina Bonita do Laço de Fita e Menino Marrom. E é por isso que nos livros que escreve ou coordena dá atenção à linguagem verbal e também à linguagem visual de forma que essas personagens tenham uma representação positiva.

De novo a escola. A roda de histórias na escola que tive. A partir da roda de histórias eu sempre percebi não o livro, mas o acervo. O acervo traz uma história, um livro que vc traz para criança traz a origem continental... essas histórias não são ingênuas! E sobre a origem continental africana o que havia era um horror. A partir daí construir personagens positivos, produtivos. Isso não quer dizer que vc tem que romantizar o mundo africano, mas pelo menos nessa minha fase de produção era muito importante compensar o acervo. Precisava encher ela de referências que equilibrassem.... Meu foco foi e é sempre chamar a atenção das editoras. As editoras fizeram muito pouco para a produção do racismo. Falta o ponto de vista negro. É assim que uma geração vai conseguir pelo menos problematizar o racismo que rolava solto. Que era absolutamente naturalizado. Minhas personagens trazem esse ponto de vista porque não dá para as crianças terem acesso sempre aos mesmos livros que a gente já sabe e que não tem uma boa representação do negro. **(Trecho da transcrição da entrevista com Heloísa Pires Lima)**

A escritora toca em pontos importantes e traz isso em suas obras. Ela tem 13 livros para o público infantil e juvenil publicados e destes três foram selecionados pelo PNBE. São eles: *O espelho dourado*, *A semente que veio da África* e *Lendas da África moderna*.

Todos os livros da escritora estão voltados à história e cultura negra. São eles: *Orgulho da raça*, *Histórias da preta*, *O espelho dourado*, *Benjamin - o filho da felicidade*, *O comedor de nuvens*, *O marimbondo do quilombo*, *O coração do baobá*. A escritora tem 06 livros escritos com outras(os) escritoras(es). São eles: *A semente que veio da África*, *A beira da beira do rio Zambeze*, *Lendas da África moderna*, *Toques do Griô*, *Infâncias*, *O fio d'água do quilombo: uma narrativa do Zambeze no Amazonas*.

Percebe-se que a escritora tem uma preocupação com a qualidade da ilustração apresentada em seus livros. É preciso que a narrativa e a ilustração apresentem a mesma ideia. Por isso, ela costuma se disponibilizar para o diálogo com quem fará a ilustração, fornece materiais.

Você não pode contar um conto que tem um baobá...é preciso ter um certo cuidado com a referência que você vai utilizar. Quanto mais você pesquisa, melhor fica o texto, seu olhar para a ilustração. Parece que a história vai se moldando. É incrível! Os meus textos têm essa preocupação. Eu me coloco à disposição, passo minhas referências o que pesquisei para quem vai ilustrar. Hoje eu me coloco, inclusive, para as editoras. **(Trecho da transcrição da entrevista com Heloísa Pires Lima)**

A escritora ressalta que hoje tendo o tempo de atuação enquanto escritora e também experiência no campo editorial fica mais fácil fazer isso. Mas nem sempre foi assim. Ela já vivenciou situações que a frustraram, como ela mesmo nos relata quando fala do livro do palhaço Benjamin de Oliveira.

[...] uma vez eu entreguei um material, uma pesquisa iconográfica fenomenal que eu fiz no Rio de Janeiro sobre o Benjamin de Oliveira que é um palhaço real. Fiz uma pesquisa fantástica com fotos inéditas, com recorte de jornal, falei com a família e tal E entreguei isso pra editora. A editora não quis nem saber e contratou um ilustrador que inventou o palhaço dele e aí quando eu fiquei muito assim foi muito complicado assim porque os meus personagens eu amo. A gente tem paixão, né. E principalmente porque essa obra era inspirada na vida real, né? O personagem existiu, né? Mas aí eu tive como resposta da editora é que não haveria tempo de produzir a pesquisa porque o livro era para Bienal. E a gente sabe que essa é uma realidade das editoras. Mas esse livro saiu assim de um jeito que eu acabei nunca divulgando assim né? Eu divulgo a vida do Benjamin mas o livro, não. Mas mesmo assim é um livro que andou super bem. É um livro que entrou no PNBE inclusive! **(Trecho da transcrição da entrevista com Heloísa Pires Lima)**

Segundo a escritora, a escrita de um livro infantil e juvenil nem sempre acontece da mesma forma. Tem livros que exigem pesquisa e tempo de estudo, tem livros que nascem de um sonho, tem livros que nascem de suas vivências. Mas todos os livros trazem algo para as(os)

leitoras(es) seja pela linguagem verbal ou pela linguagem visual, sendo assim, é preciso ter cuidado e ter atenção. Mas para a escritora as suas produções têm um papel importante.

Para mim escrever livros é a forma que tenho para cuidar de uma geração. **(Resposta dada em questionário preenchido por Heloísa Pires Lima)**

Como já apontamos, existem livros escrito por Heloísa que são pensados para leitoras(es) infantis e juvenis, entretanto, a autora sabe que adultos também leem suas histórias e muitas são as(os) professoras(es) que utilizam seus livros para estudo e aprofundamento no que diz respeito à história e cultura da população negra. Mas a escritora prefere não classificar o tipo de literatura que faz. Embora entenda que sua literatura é de autoria negra e traga contribuições importantes para as crianças negras.

Assim...eu nunca me encaixo muito em nada. Alguns vão dizer que é uma literatura antirracista, outros vão chamar de literatura negra, outros de literatura preta. Ah, eu sei lá qual é né? Porque as pessoas definem quando lêem. A literatura que **eu** faço apresenta a diversidade, o olhar estético de várias áfricas, apresenta personagens negras com uma representação positiva. Mas eu não daria um nome! **(Trecho da transcrição da entrevista com Heloísa Pires Lima)**

Sobre o PNBE a escritora inicia falando do quanto a entristece o término do PNBE, pois para ela o referido programa tem relevância na aproximação dos livros para as(os) estudantes da escola pública. A escritora tem 1 livro selecionado pelo programa e para ela é uma grande oportunidade enquanto escritora, mesmo sabendo que a vantagem maior é para a editora.

Ter o seu livro selecionado pelo PNBE é uma possibilidade de contribuir pra esse desmanche ao racismo através desse acervo que vai chegar nas escolas com seu livro que traz uma representação positiva da personagem negra. Os livros que são comprados pelo PNBE são comprados em grande escala. É bom para você que é escritor e que depois de publicar seu livro, bota debaixo do braço e vai vender. Então, você vende pra sua vó, depois vende pro vizinho, depois vende pros amigos e assim vai, né? O PNBE ele faz uma compra que ele vai colocar na biblioteca da Bahia do Rio Grande do Sul, de Minas, do Oiapoque, né? Então pra mim foi completamente surreal, né? Ter meu livro selecionado pelo PNBE foi uma felicidade. Mas os escritores negros precisam fazer o seu livro não só para vender na esquina. Tem que fazer o livro e vender em grande escala, né? Teu material ele vai chegar em quem precisa chegar e conhecer o que você está falando. **(Trecho da transcrição da entrevista com Heloísa Pires Lima)**

A escritora reconhece a sua importância na luta por uma produção literária com personagens negras que não sejam estereotipadas, mas ressalta que quem está iniciando nesse caminho também tem papel importante na continuidade dessa luta.

Nessa conversa com você, você não imagina minha felicidade. De ver você que é de outra geração. A pesquisa vai continuar mesmo se eu não estiver. Pra mim tem um sentido maior! É uma conversa entre gerações sempre! A literatura é isso você é que conta o mundo. Quando você abre o livro você está contando, recontando. Esse

narrador é fundamental. E cruzando com o lado da pesquisa. Ontem fui eu, hoje é você, amanhã você é quem estará fazendo essa conversa! Isso é maravilhoso. Isso precisa acontecer! **(Trecho da transcrição da entrevista com Heloísa Pires Lima)**

5.4 PROSEANDO COM ROSA MARIA TAVARES ANDRADE

Conversar com a Rosa me trouxe tantas memórias. Rosa é professora em cursinho pré-vestibular e tem uma atuação militante nesse espaço. A fala da Rosa me trouxe memórias de quando dei aula no cursinho pré-vestibular da UFSCar na disciplina de africanidades. E o mais interessante é que quando assumi a disciplina uma amiga me indicou a leitura do livro da Rosa. Então conversar com ela foi reviver tanta coisa, rememorar minha trajetória enquanto aluna de cursinho popular e posteriormente como professora.

Rosa Maria Tavares Andrade, escritora negra (identificação atribuída pela escritora) nascida em São Paulo, cidade na qual reside. É graduada em Biologia. Tem especialização em Microbiologia e Imunologia pela USP. Foi locutora de televisão tendo apresentado o programa na TV Educativa.

Durante a entrevista relatou que sua estréia com a escrita de livros de literatura infantil e juvenil se deu em 2010 com a parceria com a escritora e amiga Heloísa Pires Lima no livro *“Lendas da África Moderna”*. Antes desse livro, por conta de sua atuação em cursinhos universitários, no ano de 2002, havia escrito o livro *“Aprovados! Cursinho pré-vestibular e população Negra?”*.

Nunca me vi como escritora! Sou apenas uma pessoa que junto de uma amiga escrevi algo. A Heloísa é escritora de livros para crianças, eu me vejo como coautora apenas. Ela me ensinou e me ensina muita coisa nesse universo. **(Trecho da transcrição da entrevista com Rosa Maria Tavares Andrade)**

Em sua produção acadêmica pesquisa sobre a representação negra nas ciências biológicas e sempre se dedicou a atividades voltadas ao campo de formação na área de relações étnico-raciais na biologia. Por isso, no livro *“Lendas da África Moderna”* traz na lenda *“O brinco de ouro”* uma pesquisadora como mãe da personagem protagonista. Relatou-nos que nos diálogos com a escritora Heloísa Pires Lima, foi compreendo como suas vivências poderiam se tornar lendas deste livro.

Foi no convívio com sua madrinha que a escritora se aproximou da literatura. Era grande o incômodo por não se ver nas páginas dos livros de literatura infantil e juvenil que folheava. Mas foi a partir dos diálogos e provocações feitas pela amiga Heloísa que se permitiu escrever para o público infantil e juvenil trazendo suas vivências e a partir de sua subjetividade.

A minha atuação no Movimento Negro foi e ainda é importante. Eu tive a oportunidade de fazer amigos. Estar em espaços importantes para mim. As atividades que eram organizadas por nós, as discussões que aconteciam nesses espaços associado ao que minha mãe e minha madrinha me ensinavam. Nossa! **(Trecho da transcrição da entrevista com Rosa Maria Tavares Andrade)**

Sua trajetória pessoal, profissional e acadêmica sempre caminhou junto à questão racial. A escritora relata que desde criança foi estimulada por sua madrinha a jamais abaixar a cabeça. E isso foi importante para que ela sempre fosse atrás do que queria.

Eu nunca abaixei a cabeça. Fui ensinada assim! Quando eu trabalhava na secretaria da educação soube do lançamento da TV Educativa. Eu fui conversar e pedi para fazer um teste. Fui orientada a fazer um curso no SENAC. Fui lá e fiz. Enquanto já estava fazendo o programa estava estudando para me aperfeiçoar. **(Trecho da transcrição da entrevista com Rosa Maria Tavares Andrade)**

Percebe-se que a escritora tem uma preocupação com uma construção das personagens negras diferente da que lhe foi apresentada em sua infância. Ela valoriza que suas personagens tenham um nome, uma família cuja formação seja destacada na narrativa, pessoas com profissões diferentes daquelas que costumam ser apresentadas nos livros. Ela quer que as(os) leitoras(es) de suas narrativas se deparem com personagens negras que sejam médicas, advogadas, cientistas. Ela traz isso em suas narrativas e também faz com que as(os) estudantes com as(os) quais convive nas aulas e atividades que realiza vivenciem isso.

Em uma atividade, eu estava conversando e olhei pra uma estudante e disse que ela tinha jeito de quem seria advogada. A menina olhou com cara de assustada. Quando a atividade acabou veio falar comigo. Ela me perguntou se eu achava mesmo que ela poderia ser advogada. Me falou que tinha pensado em fazer um curso técnico apenas! Eu disse que tinha certeza que ela poderia ser advogada. Então a estudante sorriu e me falou que ela poderia ser mesmo advogada, caso quisesse! **(Trecho da transcrição da entrevista com Rosa Maria Tavares Andrade)**

Segundo a escritora, sua aproximação com a escrita de um livro infantil e juvenil é algo recente em sua trajetória, ela vem se debruçando na escrita de um livro infantil e juvenil voltado para o seu campo de atuação. Ela quer publicar, mas ainda não tem previsão de quando isso acontecerá. Pontua que foi provocada pela Helóisa Pires e que por conta da coautoria no livro “*Lendas da África*” percebeu ser algo possível em sua trajetória.

Ao ser perguntada sobre como classificaria o que escreve, a escritora aponta que neste momento não consegue classificar o tipo de literatura que fez. Mas destaca,

Não saberia te dizer que tipo de literatura faço. Mas se um dia optar por dizer que faço literatura X ou Y, não tenho dúvida de que será uma literatura voltada à população negra e que tenha como base meu campo de atuação que é a biologia. Acho importante ter uma literatura voltada para essa questão! **(Trecho da transcrição da entrevista com Rosa Maria Tavares Andrade)**

Sobre o PNBE, a escritora ressalta a importância do referido programa que atende as(os) estudantes das escolas públicas. A escritora tem 01 livro selecionado pelo programa e para ela:

O livro estar nas escolas públicas amplia o olhar infantil, de maneira positiva sobre imagens e histórias, provavelmente não conhecidas. Há representatividade da beleza e poder, principalmente para as crianças negras (maioria estudantes de escolas públicas). **(Trecho da transcrição da entrevista com Rosa Maria Tavares Andrade)**

Fico pensando o quanto a ancestralidade me foi generosa ao me conduzir para realização desta pesquisa e ao permitir estar junto do escritor Rogério Andrade Barbosa e das escritoras Nilma Lino Gomes, Heloísa Pires Lima e Rosa Maria Tavares Andrade, pois sempre estiveram perto de mim nas atividades que desenvolvi nas escolas por onde passei. Já havia admiração e respeito antes de conhecê-lo(as), mas hoje há também um reconhecimento ainda maior de suas trajetórias. Se antes no planejamento das atividades de um projeto¹⁶ desenvolvido nos anos iniciais do Ensino Fundamental em uma escola da rede pública estadual no município de Araraquara as obras desse escritor e dessas escritoras estavam presentes, hoje é parte de ações sobre literatura na escola onde integro a equipe gestora. Pois se eu tive a oportunidade de perceber a riqueza no que diz respeito à qualidade temática, textual e visual e acredito que uma vez sendo gestora educacional se faz necessário provocar que a equipe de educadoras à reflitem sobre os livros de literatura infantil e juvenil que levam para as salas de aula. Mas cabe também a mim oportunizar que essa equipe tenha acesso à materiais de qualidade como esses apresentados nessa pesquisa.

¹⁶ “Brincando conhecemos a África” é o nome do projeto desenvolvido e foi vencedor no 7º Prêmio Educar para Igualdade Racial e de Gênero

CAPÍTULO 6 - DEPOIS DA PROSA A GENTE SE ENTENDE: PERSONAGENS NEGRAS EM LIVROS LITERATURA INFANTIL E JUVENIL DO PNBE – O QUE ELAS NOS CONTAM?

Neste capítulo apresentarei a análise e interpretação das obras pesquisadas para a realização desta tese. Para construção da análise dos dados foi necessário cruzar as informações presentes no questionário e nas transcrições das entrevistas/lives com respostas/falas das escritoras Nilma Lino Gomes, Heloísa Pires Lima, Rosa Maria Tavares Andrade e do escritor Rogério Andrade Barbosa com as entrevistas realizadas.

Organizamos um quadro com informações sobre *Os três presentes mágicos*, *Betina* e *Lendas da África moderna*. Neste quadro é possível identificar: os títulos dos livros; os nomes das escritoras(es); os nomes das(os) ilustradoras(es); ano de seleção pelo PNBE, acervo que compõe; Editora.

Quadro 7 – Livros da literatura infantil escrito por brasileiras(os) com personagens negras selecionados/distribuídos pelo PNBE e analisados na pesquisa

LIVROS DO PNBE ESCRITO E ILUSTRADO POR BRASILEIRAS(O)	ESCRITORA (ESCRITOR)	ILUSTRADORA (ILUSTRADOR)	ANO DA SELEÇÃO	ACERVO	EDITORIA
Os três presentes mágicos	Rogério Andrade Barbosa	Salmo Dansa	2008	Acervo 1	Record Editora Record Ltda
Betina	Nilma Lino Gomes	Denise Cristina do Nascimento	2010	Acervo 4	Mazza Edições
Lendas da África Moderna	Rosa Maria Tavares Andrade e Heloísa Pires Lima	Denise Cristina do Nascimento	2012	Acervo 3	Elementar publicações Editora

Fonte: A partir da lista de acervos(2008,2010 e 2012) distribuídos disponibilizada no site do PNBE.

Além do quadro com o objetivo de apresentar informações importantes dos livros analisados nesta pesquisa, também elaboramos uma síntese dos respectivos livros a qual pode ser encontrada nos apêndices.

Para análise dos livros, organizamos informações sobre os mesmos (identificação da(o) Escritora(Escritor), identificação da(o) Ilustradora(Ilustrador), título do livro, ano de publicação e edição; tema desenvolvido, foco Narrativo, texto, ilustração, Editora) foi necessário conhecer um pouco mais da trajetória das escritoras e do escritor para isso buscamos levantar a produção literária das escritoras e do escritor. Sendo assim, considerando nosso referencial teórico e nosso percurso metodológico, buscamos responder os seguintes questionamentos: Qual o pertencimento racial das(os) escritoras(es) e ilustradoras(es) Qual o ano de publicação dos livros? As personagens negras que aparecem nos livros têm um nome? Quantas são as personagens negras que aparecem no livro? As personagens negras estabelecem um diálogo entre si? O foco central da narrativa está em personagens negras ou não negras? As personagens negras reforçam estereótipos? As ilustrações trazem elementos racistas? As ilustrações trazem alguma expressão ou termo pejorativo em relação à população negra? O texto escrito traz elementos racistas? O texto escrito traz alguma expressão ou termo pejorativo em relação à população negra?

Por fim, a partir das respostas obtidas a esses questionamentos buscamos entender o que falam as personagens dos livros analisados nessa pesquisa. Para nossa análise e interpretação foi necessário, portanto, compreender quais seriam os nossos pilares. São eles:

- **QUEM** é a(s)/o escritora(s)/escritor do livro?
- **COMO** as personagens negras foram construídas?
- **PARA QUEM** essa(s)/esse escritora(s)/escritor escrevem?
- **O QUE** os livros apresentam à criança leitora?

Para isso, foi preciso relacionarmos as informações trazidas nos questionários e transcrições das entrevistas/lives, o conteúdo de cada livro considerando o texto e a ilustração para então, identificarmos as tendências presentes em cada um dos livros. Tendências essas que foram pré-estabelecidas nesta pesquisa considerando as pesquisas de Araújo (2018). Neste capítulo nos debruçaremos apenas o último pilar uma vez que os três primeiros foram apresentados no capítulo anterior.

Após leitura de cada um desses livros, selecionadas pelo PNBE e voltado à crianças estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos é possível dizer que o livro “*Os três presentes mágicos*” apresenta uma lenda africana dando ênfase à uma África mítica trazendo à memória as etnias presentes no continente africano, o livro “*Betina*” discute acerca da aparência

física da mulher negra, abordando a partir dos cabelos aspectos relacionados à identidade e ancestralidade e o livro *“Lendas da África Moderna”* traz lendas africanas numa perspectiva à se valorizar a contemporaneidade do continente africano como também considerando as lutas pela igualdade racial muito presente na história da África do Sul.

Interessante perceber que há uma relação na razão pela qual o escritor e as escritoras optaram por escrever essas obras com personagens negras.

As viagens, pesquisas e recolhas de contos orais que tenho feito ao longo de vários anos pelo Continente Africano. Perceber que um outro olhar do Continente era possível! **(Trecho da transcrição da entrevista com Rogério Andrade Barbosa)**

A força da cultura negra, o protagonismo de mulheres e homens negros, a humanidade de negras e negros que vivem em uma sociedade racista e injusta que a todo custo tenta invisibilizar a história da população negra e age de forma a subalternizá-la. **(Resposta dada em questionário preenchido por Nilma Lino Gomes)**

O imaginário sobre África no Brasil foi o ponto de partida. Selecionamos 4 principais referências que circulavam como vínculo imediato: Mandela, Griô, Wangari Maathai. Já a Rosa puxou algumas modernidades, como a pesquisa em dna em Gana. Estudamos a linguagem das lendas, transformamos os personagens em crianças mas, as personalidades reais baseado na biografia delas. Era uma outra forma de apresentar o continente africano. **(Trecho da transcrição da entrevista com Heloísa Pires Lima)**

Por ter contato bem próximo com Heloísa Pires Lima, recebi o convite dela, para criar uma história que trouxesse minha visão de regiões africanas que conheci, cruzando com a área biológica. Trazendo a África a partir do meu olhar de mulher negra, bióloga e professora. **(Trecho da transcrição da entrevista com Rosa Maria Tavares Andrade)**

O escritor e as escritoras questionado(as) sobre o que as histórias desses livros representam disseram,

“A riqueza e a diversidade da literatura oral africana!” **(Trecho da transcrição da entrevista com Rogério Andrade Barbosa)**

É preciso que as crianças negras e brancas construam um olhar positivo sobre o universo afro-brasileiro.” **(Resposta dada em questionário preenchido por Nilma Lino Gomes)**

“Quebrar a ideia de uma África sempre no passado distante. Ela é dinâmica, moderna, viva enfim. Também foi o projeto que conseguiu reunir autoras e a ilustradora negra. A arte de Denise Nascimento é fascinante.” **(Trecho da transcrição da entrevista com Heloísa Pires Lima)**

São lendas dentro de histórias, um continente africano positivo, nobre, uma África que pode ser referência de conhecimento e de ações que trazem melhorias ao mundo. **(Trecho da transcrição da entrevista com Rosa Maria Tavares Andrade)**

Em nossa análise, consideraremos o livro em sua totalidade. Ou seja, olharemos para a linguagem verbal e para a linguagem visual. Em nosso entendimento, texto e ilustração são

importantes para a análise de um livro de literatura para criança. Pois através do texto que nos é possível identificar o discurso textual e por meio da ilustração nos é possível identificar o discurso imagético de cada uma das obras analisadas nesta tese. Para assim, chegar às categorias iniciais as quais estão organizadas no quadro abaixo e levam em conta as ilustrações de cada livro:

Quadro 8 - Caracterização das personagens negras nos de livros infantis e juvenis analisados na pesquisa

OBRAS	NOME PERSONAGEM	EXPERIÊNCIA PRINCIPAL	TEXTO POSITIVO	ILUSTRAÇÃO POSITIVA
<i>Os três presentes mágicos</i>	Nenhuma personagem tem nome	Sobrenatural	Sim	Sim
<i>Betina</i>	Apenas personagem protagonista tem nome	Cabelo e ancestralidade	Sim	Sim
<i>Lendas da África Moderna</i>	Apenas as personagens protagonistas têm nome	Continente africano e contemporaneidade	Sim	Sim

Acreditamos que a ilustração também pode ser lida uma vez que um livro de literatura infantil e juvenil não é apenas para aquelas(es) que dominam a leitura e a escrita. A ilustração é elemento importante de decodificação do outro. De acordo com Cuti (2010, p. 24), decodificamos o outro com o que aprendemos em nossa vida até o momento do contato. E se através das imagens presentes nos livros apresenta a população negra apenas como escravizada também é possível oportunizar uma decodificação positiva do ser negra(o) e que não parta apenas do pressuposto da estereotipização da personagem negra.

E é por isso, que em nossa análise observaremos o livro já a partir da ilustração presente na capa. Entendemos a capa dos livros de literatura para criança como um instrumento

através do qual a criança leitora decodifica(rá) a personagem negra presente na história dos livros analisados nesta pesquisa.

Acreditamos que as capas dos livros muito nos dizem, pois em nosso entendimento a leitura de um livro já se inicia por ela. Ressaltamos, portanto, que as ilustrações desempenham papel relevante junto das pessoas que vão manusear os livros e falam com as(os) leitoras(es) desde a capa uma vez que por meio dela nos é possível observar o trato no que se refere a humanidade das personagens negras retratadas em um livro de literatura infantil e juvenil.

Neste sentido, a ilustração da capa traz em si a função de apresentar esse livro é de encantar as(os) leitoras(es). Pode trazer uma descrição da personagem apresentando suas características, relacionando ou não com o texto apresentado no livro.

Buscamos saber junto das escritoras e do escritor saber como se dá a escolha da ilustração de capa. Segundo elas e ele, essa é uma escolha da editora. Entretanto, dependendo do tipo de contrato e da editora é possível opinar mais. Cabe, porém, destacar que hoje, as escritoras e o escritor têm uma trajetória no mercado editorial tendo mais possibilidades de interferir no que é proposto pela editora, o que possivelmente não acontece com pessoas que estão a menos tempo no mercado.

No que diz respeito à escolha das capas dos livros, o escritor e as escritoras apontam que nem sempre é possível fazer a escolha. Tudo depende do que foi acordado com a editora. Identificamos que no livro *“Os três presentes mágicos”*, a ilustração de capa faz parte das ilustrações que compõem o enredo. Já os livros *“Betina”* e *“Lendas da África Moderna”*, a ilustração foi elaborada para a capa.

Capas de livros são deveras importantes nos livros infantis, funcionam como portas de abertura para a leitura, assim como um título bem chamativo. Sem falar, nas ilustrações. **(Trecho da transcrição da entrevista com Rogério Andrade Barbosa)**

As capas? Elas falam com o leitor! É preciso cuidado na escolha! **(Trecho da transcrição da entrevista com Heloísa Pires)**

A capa de um livro precisa chamar atenção de quem vai ler. Precisa tocar, mexer com o leitor! E com criança, nossa! **(Trecho da transcrição da entrevista com Rosa Maria Tavares Andrade)**

Os livros pesquisados são de três editoras diferentes e todas têm, além dos livros apresentados nesta pesquisa, outras obras ilustradas com personagens negras(os). Entretanto, vale salientar que apenas uma das editoras têm majoritariamente livros dedicados às questões raciais e de africanidades.

Isso, porém, nos leva a pensar no que nos foi apontado pelas(o) escritoras(escritor) durante nossa entrevista.

Hoje temos mais publicações com personagens negras do que quando comecei. O problema é que temos coisas boas e também coisas ruins. Temos obras como as do Júlio Emílio Braz e da Heloísa Pires Lima, por exemplo. E de pessoas mais jovens como o Otávio Júnior, um menino muito talentoso! Mas temos algumas que prefiro nem comentar. Depois da lei 10.639/03 aumentaram as publicações. Mas me preocupa a qualidade dos livros que tem sido apresentado. **(Trecho da transcrição da entrevista com Rogério Andrade Barbosa)**

Mas voltando para o editorial quero dizer que antes da publicação da Preta a gente tem a o Joel Rufino que é um é um escritor que foi indicado inclusive pelo Brasil mais de uma vez para o prêmio Hans Christian né, o Júlio Emílio Braz que tem muitas obras, a gente tem a Geni Guimarães que também é uma presença importante, né. A gente tem na década de 60 vários escritores que não são negros mas começam a trazer, né pra esse universo do imaginário alguns personagens tal. E foi a época que também os personagens nordestinos ah né? Tem uma discussão de feminismo assim veio um pouco nisso mas ah autoria negra mesmo pra criança porque qdo você pensa para adulto você encontra um campo muito mais largo, mas para infância, hummm é complicado. E essa é a minha briga com a população negra, eu falo sempre escreve!!! Inventar, cria e pensa nas crianças. Porque tem que se pensar na geração que tá vindo. E graças a Deus hoje a gente tem um booooo de produção. A tecnologia também mudou, né? Então hoje é muito mais fácil você publicar, né? Eh o difícil é entrar num circuito assim, um em que você possa ser conhecido no Oiapoque, mas também no Chuí, né? Isso é um pouco mais difícil. Mas no adulto por exemplo a gente tem O Torto e Arado que é o mais vendido da Amazon. Nossa, minha felicidade. Porque a gente precisa escrever para nossas crianças. Você não imagina, eu sonhei muito com isso. De ver que a literatura do ponto de vista negra que sempre era muito excuso. Os editores sempre torceram o nariz. Sempre desqualificaram. Nossa! É uma alegria assim, sabe? De de ver que as coisas estão mudando. **(Trecho da transcrição da entrevista com Heloísa Pires)**

Precisamos estar neste espaço e não fazer qualquer livrinho, não! As imagens precisam ser lindas como nós somos. Na minha área mesmo recentemente teve um estudante de medicina na nigéria que trouxe ilustrações com pele negra em livros nos quais não aparecemos. Ele com certeza provocou muita gente. Eu amei! Quanta dificuldade eu tenho de achar imagens para minhas aulas e para as formações que realizo. Com certeza muitas portas se fecharam antes dele conseguir publicar. Mas ele com certeza oportunizou um olhar sobre isso nos livros dessa área. Quantos livros trazem esse tipo de imagem? **(Trecho da transcrição da entrevista com Rosa Maria Tavares Andrade)**

Tais falas evidenciam que possivelmente haja no mercado editorial certa resistência em publicar livros com personagens negras(os), situação essa que vem se transformando a partir dos artigos 26^a e 79B da LDBEN que fez com que muitas editoras voltassem seus olhares para a representatividade negra presente nos livros de literatura infantil e juvenil, uma vez que editais de seleção de livros como o PNBE, por exemplo, exigiam obras com esse perfil. Entretanto, nem sempre há um olhar atento e criterioso na qualidade textual e da imagem desses livros que estão sendo apresentados ao público infantil e juvenil.

Cabe destacar que algumas editoras que por ativismo já atuavam nesse mercado passaram a ter mais visibilidade, entretanto, aquelas menores tinham dificuldade na distribuição

de uma quantidade grande de livros. Cabe também destacar que houve também um aumento de escritoras(es) produzindo livros infantis e juvenis com personagens negras.

[...] Na pesquisa “A representação do negro na literatura brasileira para crianças e jovens: negação ou construção de uma identidade?”, realizada junto ao Programa de Incentivo à Pesquisa da Unisul no ano de 2006, mapeamos a produção literária para crianças a partir de sete catálogos de casas editoriais (Ática, Companhia das Letrinhas, DCL, FTD, Paulinas, Salamandra e Scipione – 2005). Como resultado do estudo, pôde-se constatar que a representação de personagens negras na literatura infantil, mesmo tendo ganhado, nos últimos anos, mais espaço nas editoras, ainda ocupa um lugar muito pequeno, em relação ao total de títulos. Do total de 1.785 títulos levantados, 79 trazem personagens negras, e, das editoras investigadas, as que mais têm se dedicado à temática são a DCL e a Paulinas. Os escritores Rogério Andrade Barbosa, Joel Rufino dos Santos e as escritoras Georgina Martins e Heloisa Prieto são os que têm mais títulos dedicados ao tema (Debus; Balça, 2008, p. 66-67).

Essas(esse) escritoras(escriptor) têm vivência e atuação no Movimento Negro. Com olhar atento às africanidades, é preceptível a preocupação em escrever livros que falam da história e cultura do povo negro com pesquisa e verdade, desconstruindo olhares.

Eu gosto de trazer a África como a vi. Acho que isso aí é o grande diferencial dos meus livros. Eu não conheço nenhum outro autor brasileiro que tenha eh viajado pela África fazendo esse trabalho. Eu quando sento pra escrever história é como se eu tivesse lá Precisamos mostrar com muito cuidado, com muita pesquisa. Em cada linha e imagem fazer com que se veja quem e como são os africanos! **(Trecho da transcrição da entrevista com Rogério Andrade Barbosa)**

O livro narra a história de uma mulher negra e cabelereira afro da cidade de Belo Horizonte. A Betina existe e foi uma das sujeitas da minha pesquisa de doutorado. Possui uma história de luta e superação. A sua história é uma homenagem às mulheres e meninas negras lutadoras do Brasil! **(Resposta dada em questionário preenchido por Nilma Lino Gomes)**

Cada história nasce de um jeito, mas não abre mão de trazer outra representação negra em meus livros! **(Trecho da transcrição da entrevista com Heloísa Pires)**

Precisamos mostrar a cultura negra lá na África e aqui. Precisamos desconstruir esse olhar tão negativo. Nós não somos o que dizem. As crianças e jovens precisam saber que eles podem! Por isso na lenda do brinco a mãe era pesquisadora o pai era diplomata. **(Trecho da transcrição da entrevista com Rosa Maria Tavares Andrade)**

6.1 OS TRÊS PRESENTES MÁGICOS: ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO

O livro “*Os três presentes mágicos*” foi escrito por Rogério Andrade Barbosa e ilustrado por Salmo Dansa. Além deste livro, o escritor tem 02 livros que compõem os acervos do PNBE deste mesmo ano. São eles:

Em sua ficha catalográfica, o livro “*Os três presentes mágicos*”, o qual será objeto de análise nesta pesquisa, é caracterizado como conto infanto-juvenil brasileiro e foi publicado

pela editora Record. Sua 1ª publicação foi em 2007. Faz parte do acervo do PNBE do ano de 2008. Traz na aba da capa a biografia do escritor e ilustrador.

Na capa do livro está uma ilustração que compõe as ilustrações internas. A foto da capa está disponibilizada na página 85 desta tese. Na capa as personagens protagonistas aparecem voando em um tapete e é a ilustração de um trecho da narrativa que traz um ponto importante da história que tem relação com o desfecho da obra. Nas páginas internas 16 e 17, a(o) leitora(leitor) se deparará com a mesma ilustração da capa que ocupa duas páginas do livro e sem dividir espaço com o texto.

Na composição do livro, escritor e ilustrador dividem os espaços do seguinte modo: existem páginas com texto e ilustração, páginas com texto seguido de ilustração e vice-versa. Há também duas páginas apenas ilustradas, que são a mesma ilustração da capa. As ilustrações trazem três homens negros, que na narrativa são chamados três irmãos. Eles são as personagens protagonistas do início ao fim do conto. As personagens coadjuvantes são os *quimpasse*, manicongo, anciãos e princesa. As personagens figurantes são os convidados, quimbandas, adivinhos, curandeiros. Nenhuma personagem é apresentada pelo seu nome.

O escritor tem preocupação de como as personagens são apresentadas à criança leitora, seja ela negra ou não negra.

Acredito que as minhas histórias sejam um espelho para as crianças afro- brasileiras. Mas quero que todas as crianças leiam as minhas histórias escrevo para todas elas. O meu desejo é que se elas se encantem pela magia da leitura e pelas imagens que olham. **(Resposta dada em questionário preenchido por Rogério Andrade Barbosa)**

No que diz respeito à construção das personagens de seus livros, o escritor ressalta que assim como o texto, a ilustração é parte importante. Ele pensa a respeito disso, pois suas histórias em sua maioria são resultado de suas vivências no Continente africano e não é possível apresentar algo que não tenha relação com o que está escrito.

Não dá para você escrever uma história africana sem trazer uma representação, em todo o livro, do lugar e das pessoas daquela determinada região que você fala na história. É preciso muita pesquisa. Eu tenho esse cuidado! **(Trecho da transcrição da entrevista com Rogério Andrade Barbosa)**

O escritor tem admiração pelo trabalho do ilustrador e apontou que assim como ele, esse é um ilustrador que acredita na importância de estudar e se aprofundar no texto a ser ilustrado, o que foi significativo para a apresentação final da obra.

Cada ilustrador tem um traço e às vezes eu acho assim que esse ilustrador é mais indicado pro meu livro e eu indico. Você está entendendo? E o diálogo que eu tenho com eles é sempre muito bom eles adoram poder ter esse diálogo comigo porque eles precisam do material, né? Eles podem pesquisar por conta própria. Mas se eles já

recebem sabem qual caminho percorrer em suas pesquisas. Tem inclusive muitos que vem aqui em casa, sabe? A ilustração tem um papel assim, muito importante! Mas eu vejo vários colegas que dizem que não querem saber quem é o ilustrador porque eles escrevem. Mas eu tenho muito esse cuidado , até porque meus livros tem uma especificidade. Preciso pensar na representação que trago. São vários povos, né? Então cada um tem que ter suas roupas, tem seus costumes, essa coisa toda. Eu tenho muito cuidado! **(Trecho da transcrição da entrevista com Rogério Andrade Barbosa)**

A narrativa é composta por 10 imagens. Sendo 04 em páginas individuais e 06 em páginas duplas. As imagens do livro são compostas pelas cenas que são narradas no texto e tem relação com as ações das personagens. As ilustrações seguem, portanto, a sequência de fatos narradas na história.

O livro inicia com um provérbio africano e oportuniza a criança leitora conhecer um conto congolês que apresenta uma das variantes presentes nos contos africanos por meio de uma história-enigma. Neste tipo de conto cabe à(ao) leitora(leitor) sugerir o destino das personagens envolvidas na narrativa.

Segundo o escritor, o processo de escrita lhe é prazeroso e com esse livro não foi diferente. Suas vivências no Continente africano lhe fizeram valorizar a escrita de histórias de enigmas e ao dividir com as crianças leitoras essa história e convidá-las a escrever, também por terem que construir um final para o conto, ele acredita oportunizar esse prazer.

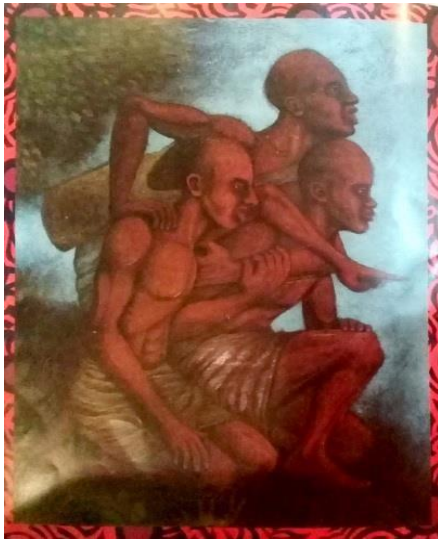
Eu sempre gostei de estar perto dos leitores. Sou um escritor que vai até a escola conversa com a criançada. Falo sobre a história que eles leram, falo sobre mim. Gosto de fazer isso! **(Trecho da transcrição da entrevista com Rogério Andrade Barbosa)**

O livro foi escrito em terceira pessoa. O enredo centra-se na história de três irmãos congolezes que se apaixonam pela mesma mulher, uma princesa real.

Três irmãos, há muito tempo e muito tempo, viviam em uma pequena aldeia no antigo reino do Congo. Os rapazes eram perdidamente apaixonados pela princesa real, filha de um poderoso manicongo. Mas como eram simples aldeões, sabiam que nenhum deles poderia se casar com a moça. (p.)

O livro se abre com uma imagem dos três irmãos: eles estão numa mata, com o corpo coberto com tecido e de pés descalços. Um deles carrega uma bolsa. Essa ilustração considerando o contexto da história pode significar a ligação das personagens com a natureza pelos pés descalços em meio à natureza. Essa aproximação entre as personagens pode significar a relação de parceria e cumplicidade entre os três irmãos.

Ilustração 29 - Página 04 do livro “Os três presentes mágicos”, de Rogério Andrade Barbosa. Ilustrações de Salmo Dansa. Editora Record, 2007.

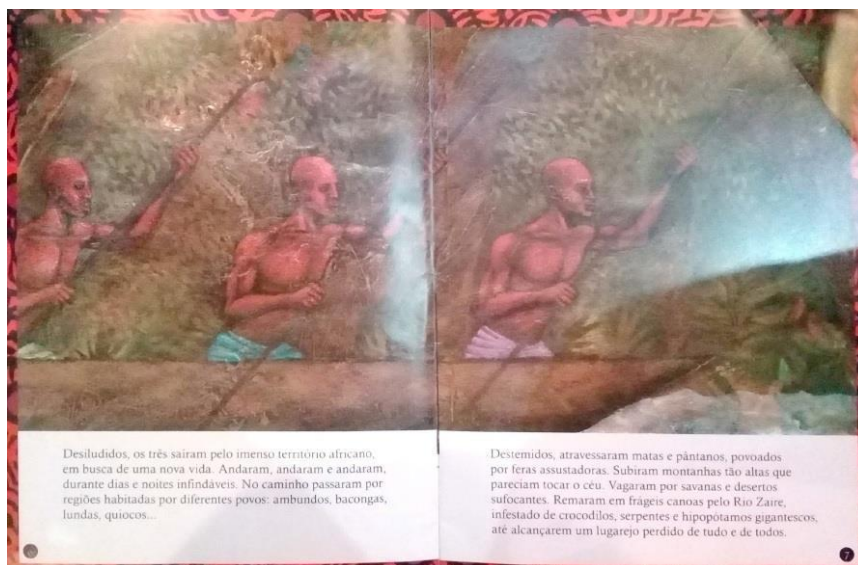


Nessa história, os irmãos aldeões saem em busca de uma vida nova pelo território africano. Por um tempo, esses irmãos foram embora e passam por diferentes lugares conhecendo diferentes povos (ambundos, bacongás, lundas, quiocos), atravessando matas, pântanos e feras assustadoras. As imagens mostram os três irmãos fazendo isso num barco de remo.

É interessante perceber que o texto busca evidenciar e valorizar os diferentes povos presentes nessa região do continente africano no qual a história acontece e ao mesmo tempo provocar a criança leitora a pensar sobre a realidade do continente africano.

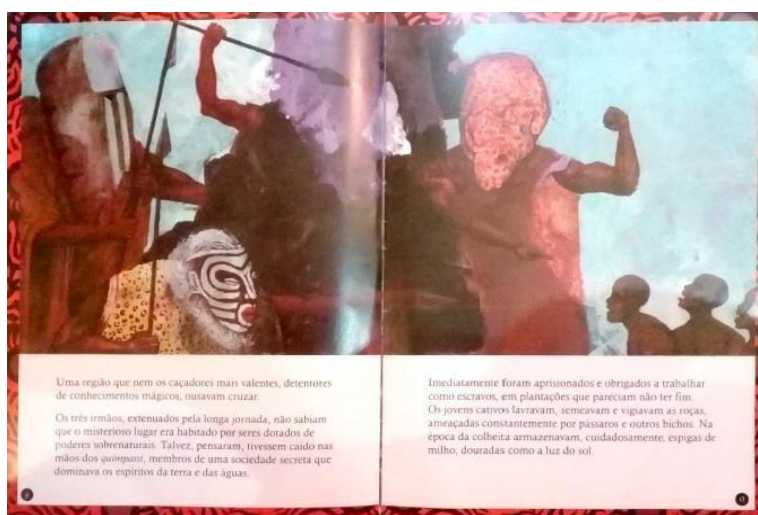
É possível perceber que para a construção das personagens presentes nesta história foi preciso a busca por conhecer mais sobre a região (espaço físico), sobre os povos, sua cultura. Livros como esse só podem ser escritos com qualidade, com muita pesquisa e conhecimento da cultura do povo retratado, pois caso isso não aconteça corre-se o risco de contribuir para o olhar estereotipado do povo representado, sua cultura e local.

Ilustração 30 - Páginas 06 e 07 do livro “*Os três presentes mágicos*”, de Rogério Andrade Barbosa. Ilustrações de Salmo Dansa. Editora Record, 2007.



A forma como o texto e a ilustração apresentam os três irmãos nos leva a enxergá-los como homens fortes, corajosos, destemidos e ousados. E foram essas características associadas aos poderes sobrenaturais que fez com que os três irmãos fossem capturados, aprisionados e forçados a trabalhar como escravos em plantações. Os irmãos foram prisioneiros de um quimpassi¹⁷.

Ilustração 31 - Páginas 08 e 09 do livro “*Os três presentes mágicos*”, de Rogério Andrade Barbosa. Ilustrações de Salmo Dansa. Editora Record, 2007.

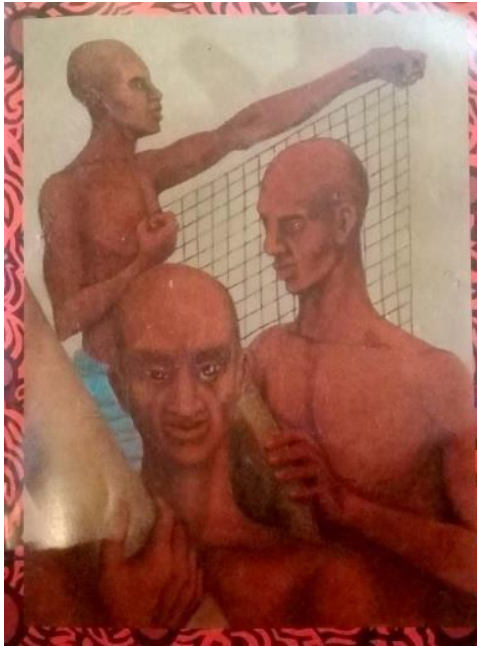


A liberdade veio depois da conclusão dos trabalhos. Pela obediência, cada um deles recebeu um presente mágico. O mais velho ganhou um espelho mágico através do qual podia

¹⁷ “[...] membros de sociedade secreta que dominava os espíritos da terra e das águas”. (p. 08)

ver tudo. O do meio, um tapete voador. E o mais novo, uma rede de aço inquebrantável que permitiria capturar o que desejasse.

Ilustração 32 - Página 13 do livro “Os três presentes mágicos”, de Rogério Andrade Barbosa. Ilustrações de Salmo Dansa. Editora Record, 2007.



Esse presente possibilitou que a princesa fosse salva de casar com um monstro. Através do espelho mágico, os irmãos conseguem ver que a princesa real está sendo enganada e prestes a casar-se com um monstro. Por isso, para salvar a princesa, juntos os três voam no tapete voador em direção ao local onde o casamento acontecerá. Quando é desfeita a farsa, o rei oferece sua filha em casamento como prova de gratidão para um dos três irmãos.

Considerando a importância dos mais velhos, a história aponta o fato de que os mais velhos discutiram a situação em busca de uma solução. “Os mais velhos discutiram durante várias horas, mas não chegaram a nenhuma conclusão. Nem os quimbandas, adivinhos e curandeiros respeitados por todos, souberam resolver a questão” (Barbosa, 2007, p. 21).

O conto nos faz olhar para a importância de se valorizar o conhecimento dos mais velhos, de enxergá-los como sábios e de escutá-los. Marcas da cultura negra estão presentes no texto e ilustração deste livro.

O conto termina dando destaque a atuação dos três irmãos na libertação da princesa e evidenciando que apenas um dos três se casaria com a mesma. Entretanto, caberá à(ao) leitora(leitor) definir quem será esse pretendente conforme é possível ler na última página do

livro: “E você leitor? Em sua opinião, qual dos três irmãos merecia desposar a bela princesa: O dono do espelho? O detentor do tapete voador? Ou o que possuía uma rede invencível? Por quê?” (Barbosa, 2007, p.22).

Nessa última página depois de ler e reler texto e imagem ao tentar responder para quem o escritor escreve vejo que esse livro pode ter inúmeros finais e tudo depende de quem o lê. O mesmo acontece com a leitura da ilustração, pois podemos criar um conto a partir delas também.

Podemos dizer que algumas das personagens presentes neste livro apresentam características sobre-humanas, outras dotem poderes mágicos por meio dos objetos que lhes pertencem e outras se utilizam da sabedoria ancestral para resolução de conflitos. Sendo assim, nos é possível considerar essa obra como fortalecedora da história africana. Assim, ela busca o resgate da herança e da ancestralidade africana.

A narrativa apresenta as personagens negras de forma positiva em consonância com um livro de temática africana na qual apenas o rei e a princesa aparecem vestidos. Estando as demais personagens apenas com parte do corpo coberto. Identificamos que todas as personagens masculinas apresentam os mesmos traços fenóticos. Entretanto, indagamos se esse fato poderia reforçar um estereótipo. Em nosso entendimento não, pois a obra foi escrita a partir de um contexto no qual o objetivo é valorizar a inteligência e também a força física dos três irmãos.

As personagens são todas negras e aparecem pintadas com a cor marrom. Não há variação de tez de pele Também nos foi possível apenas uma personagem com um diferente tipo de cabelo, o qual se aproxima das características do cabelo crespo. Uma personagem, o rei, usa kufi na cabeça e a princesa usa um turbante, colares e pulseiras coloridas, brincos e um Contra Egum. Embora o livro traga essa exaltação à beleza da mulher negra, ela é colocada pelo seu pai como prêmio das três personagens protagonistas.

No que diz respeito à linguagem verbal não identificamos expressões, palavras ou termos pejorativos, que denotassem racismo ou contribuísse para um olhar estereotipado das personagens.

As personagens deste livro, apresentadas anteriormente, são todas negras e nos falam tantas coisas que contrapõem o que outrora foi dito sobre as pessoas negras. Elas apresentam um país africano com beleza e conhecimento, evidenciam a história de pessoas cuja cultura valoriza a sabedoria ancestral como também reconhece os seus mais velhos. Elas mostram a beleza da mulher negra. Elas falam de segurar as mãos e não soltar.

Após a leitura desse livro considerando os apontamentos feitos pelo escritor no questionário e também durante a entrevista, acreditamos que essa obra, a partir das tendências

apontadas por Araújo (2018), busca a valorização da estética e da identidade negra como também faz o resgate da herança e da ancestralidade africana. A história nos faz pensar sobre religiosidade negra, ancestralidade e valorização dos mais velhos, beleza da mulher negra.

6.2 BETINA: ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO

O livro *Betina* foi escrito por Nilma Lino Gomes e ilustrado por Denise Nascimento. A escritora tem apenas esse livro compondo os acervos do PNBE. Em sua ficha catalográfica é caracterizado como literatura infanto-juvenil brasileiro foi publicado pela Mazza Edições. Sua 1ª publicação foi no ano de 2009. Compõe o acervo do PNBE do ano de 2010. Traz na última página foto e biografia da escritora e ilustradora. A capa do livro não apresenta ilustração que compõe as páginas da narrativa. Identificamos que o livro é composto por 12 imagens sendo 09 em páginas individuais e 04 em páginas duplas. As ilustrações mostram a Betina, personagem negra protagonista, em diferentes cenas e todas relacionadas à narrativa. A ilustração de capa não compõem as ilustrações internas do livro. A foto da capa está disponibilizada na página 89 desta tese. Desde a capa do livro nos é possível identificar as possibilidades de leitura que a obra nos provoca. A protagonista aparece de costas olhando para frente, num espaço que possivelmente seja sua casa. A personagem está sentada no chão, ao seu lado esquerdo tem uma penteadeira de brinquedo e uma boneca branca sentada da mesma forma que ela. A menina possivelmente esteja descalça, pois a sua direita tem um par de sapatos estilo boneca. A personagem segura em seus braços uma boneca negra. Sendo as tranças o enredo principal da história nota-se evidência no penteado da menina. A menina tem uma pulseira de bolinha no braço esquerdo.

Uma história que articula biografia e ficção expressas na vivência e aprendizados de uma menina negra com a sua estética. Por meio da relação familiar afirmativa e marcada pelo afeto Betina aprende a se autoafirmar como negra. O corpo negro e o cabelo crespo são valorizados principalmente por meio da relação intergeracional entre avó e neta. Uma história de mulheres e de ancestralidade. **(Resposta dada em questionário preenchido por Nilma Lino Gomes)**

Na composição do livro, escritora e ilustradora, dividem os espaços do seguinte modo: para cada página escrita há uma ilustração. Nessa história, a escritora e ilustradora, por meio do texto e da ilustração, levam a criança leitora a perceber o caminho traçado pela Betina da infância à idade adulta. As ilustrações trazem uma menina e sua avó, que na narrativa são chamadas de Betina e avó. Elas são as personagens protagonistas do início ao fim da narrativa. As personagens coadjuvantes são as coleguinhas da escola da Betina e a diretora da escola

municipal Pixinguinha. As personagens figurantes são as(os) estudantes da escola em que Betina vai ministrar uma palestra. Apenas uma das personagens protagonistas é apresentada pelo seu nome, que é a Betina.

Betina é narrada em terceira pessoa e tem como protagonista uma menina negra que tem o mesmo nome do título do livro e que mora com sua família e tem uma relação especial com a sua avó. Durante a narração e ilustrações, é possível conhecer a rotina da Betina, personagem principal, que enquanto criança brinca com sua avó, brinca com as suas amigas, brinca em casa com seus brinquedos, frequenta a escola. E na escola, como muitas crianças negras, ela vivencia situações que envolvem a cor de sua pele. O enredo da história tem como referência os cabelos e começa com a relação de uma menina e sua avó no momento de cuidados com os cabelos e possíveis penteados. Cabe apontar que diferente do que rotineiramente se vê em muitos livros de literatura infantil com personagens negras(os), Betina é uma personagem negra que na narrativa tem uma composição familiar o que é uma evidência de uma outra perspectiva presente neste livro uma vez que as personagens negras não aparecem dessa forma.

Os dois livros que escrevi são homenagens a pessoas negras vivas e que possuem uma importante participação artística e política na cena belorizontina. As personagens mesclam elementos biográficos e de ficção. **(Resposta dada em questionário preenchido por Nilma Lino Gomes)**

O enredo da história traz as memórias da infância de uma cabeleireira negra que aprendeu com sua avó sobre a cultura negra, sobre ancestralidade e sobre a arte de trançar. Nesse sentido, é possível afirmar que a história tem como referência os cabelos e gira em torno da relação de uma menina com sua avó evidenciando os diálogos desenvolvidos entre as duas nos momentos de cuidados com os cabelos da menina.

A mescla biografia e ficção presente no livro traz elementos da minha própria biografia e de tantas outras mulheres negras no processo de construção da identidade negra e de aceitação do cabelo crespo. Esse processo geralmente é vivido com intensidade na infância. **(Resposta dada em questionário preenchido por Nilma Lino Gomes)**

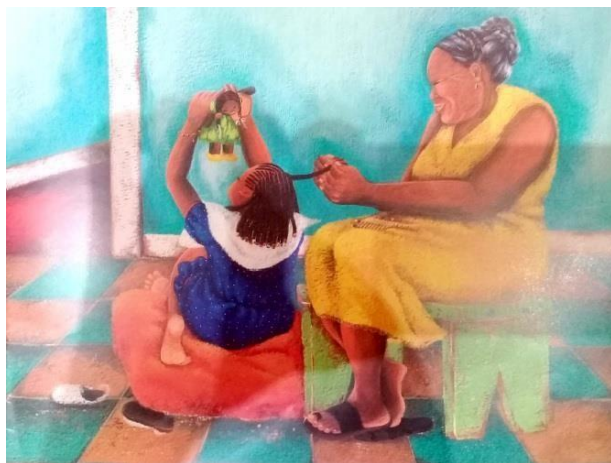
Desde a capa, considerando a ilustração, podemos identificar as múltiplas possibilidades de leitura dessa obra. A protagonista, em sua casa, aparece de costas, também aparece sentada no chão ou rodeada de brinquedos. Mas, são as tranças da personagem que trazem o principal discurso. O livro tem 23 páginas e em cinco o leitor vê a menina junto da avó, uma de tranças se olhando no espelho e uma adulta valorizando o seu cabelo crespo já como trancista. Nos é possível afirmar que a ilustração, inclusive, é o que contribui para a valorização do enredo presente em toda a escrita.

Vemos ilustrações que, em nosso entendimento, se comparadas às obras que costumam estar nas bibliotecas escolares, foram construídas com afastamento dos estereótipos relacionados à população negra. Betina é uma menina com uma família e que tem amigos, estuda, brinca. Identificamos que, de maneira particular, a ilustradora representa os personagens como humanos. Ao folhear as páginas parece que nos deparamos com imagens de pessoas reais. Nas imagens, as personagens são todas negras e aparecem pintadas sem variação no tom de pele, sendo todas representadas com a cor marrom.

O livro se abre com uma imagem da menina pulando corda cantando uma cantiga infantil. Na segunda página podemos ver a imagem da menina ainda brincando com a avó olhando pela janela. Nas duas imagens a ilustração traz a menina de tranças assim como a sua avó. Essa segunda ilustração pode se relacionar com o olhar atento dos mais velhos com as novas gerações e esse olhar evidencia o cuidado, o afeto e a troca. O ato de trançar é o eixo principal da narrativa. O texto em conjunto com as ilustrações, inclusive, aponta isso.

O realizar das tranças são momentos em que avó e neta conversam sobre história de seu povo e aspectos da vida. Como recurso literário a escritora utiliza expressões simples e interjeições para aproximar-se da criança leitora. Em toda a narrativa é possível perceber situações que remetem o cotidiano vivenciado por muitas meninas negras em seu ambiente familiar, escolar ou profissional marcadamente do universo feminino negro. O livro traz marcas da oralidade tão presentes na cultura negra. Provoca de forma sutil a discussão sobre o envelhecimento que é possível dizer que permeia toda história.

Ilustração 33 - Página 07 do livro “Betina”, de Nilma Lino Gomes. Ilustrações de Denise Nascimento. Mazza Edições, 2009.



Através do cuidado com os cabelos da menina que a relação da neta e avó se desenvolveu, criando um elo entrelaçado de afeto e cumplicidade conforme é possível perceber na ilustração e texto. “Enquanto trançava, avó e neta conversavam, cantavam e contavam histórias. Era tanta falação, tanta gargalhada que o tempo voava! E, no final, o resultado era um conjunto de tranças tão artisticamente realizadas que mais parecia uma renda” (Gomes, 2009, p.06). Betina nessa relação com a avó aprende, desde pequena, a história dos seus antepassados o que a leva valorizar a sua ancestralidade e isso se dá pelo ato de trançar os cabelos. Não sendo este um ato qualquer, mas um ato importante para sua identidade de menina negra em uma sociedade racista. Sendo assim, trançar os cabelos é um ato político.

A história ressalta que Betina gostava das tranças feitas pela avó e gostava de se olhar no espelho. Sabemos que muitas mulheres negras têm dificuldade em se olhar no espelho e essa história provoca a se ver como bela.

Quando a avó terminava o penteado, Betina dava um pulo e corria para o espelho. Ela sempre gostava do que via. Do outro lado do espelho, sorria para ela uma menina negra, com dois olhos grandes e pretos como jabuticabas, um rosto redondo e bochechas salientes, cheia de trancinhas como bolinhas coloridas nas pontas (Gomes, 2009, p. 08).

Avó e neta dialogam durante toda a história. A menina vai crescendo numa relação de cumplicidade e parceria com sua avó que percebendo que está envelhecendo conversa com a menina sobre ancestralidade e destaca que antes de se tornar sua ancestral precisa ensinar a menina a trançar.

É possível perceber uma relação de respeito, amizade e cumplicidade entre avó e neta o que nos leva a identificar um traço importante da cultura negra que é o valor aos mais velhos. Também se vê que, há na neta, ainda criança, uma admiração ao que avó é e uma busca por conhecer mais sobre sua ancestralidade o que a levará posteriormente, ao reconhecimento e valorização da história e cultura do povo negro na idade adulta. Também é possível perceber o cuidado da menina com a avó.

Ilustração 34 - Página 15 do livro “Betina”, de Nilma Lino Gomes. Ilustrações de Denise Nascimento. Mazza Edições, 2009.



Quando adulta, Betina, torna-se uma trancista que milita na causa negra junto das suas clientes e também realizando em escolas palestras sobre a representatividade negra.

Falar do cabelo crespo e do corpo é uma das estratégias da escritora deste livro é pesquisadora que tem como interesse de pesquisa os temas: diversidade, cultura e educação, relações étnico-raciais e educação, formação de professoras(es) e diversidade étnico-racial, políticas educacionais, desigualdades sociais e raciais, movimentos sociais e educação. Em nosso entendimento, o fato da escritora usar o campo da literatura infantil como mais um espaço para o enfrentamento ao racismo evidencia o comprometimento da mesma com o Movimento Negro e com a luta antirracista. Ao escrever um livro de literatura infantil e juvenil com uma protagonista de cabelo crespo e de corpo negro, a escritora rompe com uma literatura eurocentrada nas quais as personagens brancas são sempre protagonistas e as personagens negras sempre subalterizadas ilustradas de forma caricata. Dessa forma, suas narrativas apresentam possibilidades de uma representação negra positiva, seja pelo texto ou pela ilustração. A menina negra ao folhear as páginas desse livro, lendo texto e imagens, além de se reconhecer, pode também se inspirar em Betina. Nesse sentido, cabe destacar que, de acordo com a escritora, corpo e cabelo são alguns caminhos para a discussão da identidade e isso não significa reduzir o complexo sistema de classificação racial brasileiro às impressões e opiniões sobre cabelo e a cor da pele (Gomes, 2008, p. 21).

Um livro como esse pode contribuir para a desestruturação de um espaço escolar eurocêntrico e possibilitar alternativas de quais atitudes contribuem para um espaço que reconhece e valoriza a diversidade étnico-racial presente em nossa sociedade. Entendemos que,

o livro *Betina*, desempenha papel importante na construção de narrativas positivas sobre a história e cultura negra possibilitando a desconstrução dos papéis hegemônicos nos quais a personagem negra é objetificada, exotizada, estigmatizada e inferiorizada. Apresentando à criança leitora, negra ou não negra, um paradigma que ao romper com o modelo historicamente construído acerca da população negra contrapõe a dominação cultural branca.

A cada penteado feito por sua avó, Betina aprendia um ensinamento. Entendeu que a avó aprendeu os penteados com a mãe dela que aprendeu com outra mãe que tinha aprendido com uma tia. O valor dessa relação entre os mais velhos e a importância da relação entre gerações fica evidente.

O tempo passou ainda mais (êta tempo que voa, né?). A avó de Betina foi se encontrar com os ancestrais e Betina tornou-se uma mulher adulta e com uma energia contagiante. Mas, além de crescer, a nossa Betina-menina- trançadeira virou Betina-mulher-cabelereira. Ela montou um salão de beleza que cuidava, trançava e penteava todos os tipos de cabelo e de todo tipo de gente. Mas o seu salão tinha algo especial: era um dos poucos da cidade que sabia pentear e trançar com muito charme e beleza os cabelos crespos (Gomes, 2009, p.18).

Betina, portanto, foi além e espalhou os ensinamentos deixados por sua avó para filhas, mães e avós com as quais não tinha parentesco. Ela abriu um salão de beleza e ficou conhecida. Servia de inspiração para muitas(os) negras(os) como é possível perceber na última frase da história. “- Poxa!- suspirou uma menina negra sentada bem à frente de Betina. - Então, a gente tem muita história para aprender e contar. Fale mais, Betina!!!!” (Gomes, 2009, p.22).

As personagens negras são apresentadas de forma positiva. Por meio do texto é possível perceber que há uma personagem coadjuvante que é indígena, mas esta não é retratada nas ilustrações. Também fica evidente a existência de personagens brancas. Identificamos que todas as personagens negras que aparecem na narrativa são pintadas na cor marrom assim como a boneca da Betina. Há apenas variação na tez das peles nos quadros que aparecem na ilustração da página 19 na qual aparecem uma criança negra de tez mais clara e uma mulher de costas.

No que diz respeito à linguagem visual não encontramos nenhuma imagem que denotasse racismo ou que contribuísse para um olhar estereotipado das personagens. Já na linguagem verbal nos chama atenção o trecho escrito na página 22 que ao descrever uma personagem com traços indígenas pode contribuir para que se entenda que há um jeito de ser que envolve a população indígena. “Ah! Então, uma ensinava a outra! – Concluiu uma adolescente com jeito de índia.” Em nosso entendimento tal observação se deve ao fato de nesse trecho a escritora desejar apresentar a diversidade entre as(os) estudantes da escola.

As personagens deste livro, apresentadas anteriormente, são negras. Reconhecem as infâncias negras. Nos falam da beleza negra, de intergeracionalidade, História e Cultura negra,

enfrentamento ao racismo. Falam da sabedoria dos mais velhos. Falam de estética do cabelo ao darem evidencia ao cabelo crespo e assim tocam em um ponto importante que é a construção da identidade de meninas e mulheres negras. O cabelo da mulher negra, da infância à adultez, é marca de uma estética preterida. As personagens falam da beleza desse cabelo, da história que esse cabelo carrega e retratam o conhecimento presente nos salões afros e nas cabeleiras negras.

Após a leitura desse livro, nos é possível dizer que essa obra a partir das tendências apontadas por Araújo (2018), busca a valorização da estética e da identidade negra como também faz o resgate da herança e da ancestralidade africana. Um aspecto que identificamos foi o posicionamento de enfrentamento ao racismo por meio de ações da personagem já na adultez. A história nos faz pensar sobre cabelo crespo e corpo negro, ancestralidade e valorização dos mais velhos, importância de se reconhecer e valorizar a cultura negra.

6.3 LENDAS DA ÁFRICA MODERNA: ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO

O livro *Lendas da África Moderna* foi escrito por Heloísa Pires Lima e Rosa Maria Tavares Andrade. Ilustrado por Denise Nascimento, também ilustradora do livro *Betina*. A escritora Heloísa Pires Lima tem além desse, dois livros que compõem os acervos do PNBE. São eles: *O espelho Dourado* e *A semente que veio da África*, ambos do PNBE 2005. A escritora Rosa Maria Tavares Andrade tem apenas esse livro publicado e selecionado pelo PNBE.

Em sua ficha catalográfica, é caracterizado como livro de literatura infanto-juvenil brasileiro. Foi publicado pela Editora Elementar. Sua 1ª publicação foi em 2010. Compõe o acervo do PNBE do ano de 2012. Traz na última página foto e biografia das escritoras e ilustradora. A capa do livro não apresenta ilustração que compõe as páginas da narrativa.

De acordo com as escritoras, as personagens que aparecem no livro foram inspiradas em vivências das escritoras no continente africano, nas trajetórias do Mandela e Wangari Maathai e também nos Griôs quem tem papel importante na cultura africana.

A ilustração de capa não compõe as ilustrações internas do livro. A foto da capa está disponibilizada na página 90 desta tese. Desde a capa do livro nos é possível iniciar a leitura da obra. Na capa é possível ver a personagem da lenda “*Madiba, uma lenda viva!*”. Mandela tem cabelos curtos e crespos, está sorrindo e segurando um pequeno pássaro nas mãos. Seu olhar para o animal é de cuidado e carinho. Considerando que Mandela representa no Continente africano é possível que tenha se escolhido ele para ilustrar a capa.

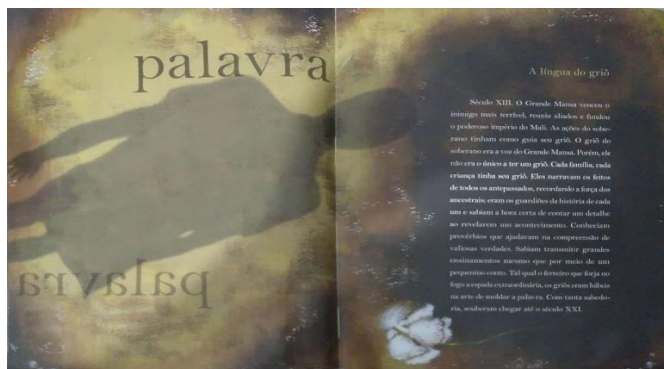
Na composição do livro, escritoras e ilustradora dividem os espaços do seguinte modo: existem páginas com texto e ilustração, páginas com texto seguida de ilustração e vice-versa. Identificamos ilustrações que apresentam as personagens das lendas apresentadas no livro ou algo que dê destaque a alguma situação narrada. A narrativa é composta por 39 imagens sendo 07 em páginas individuais e 32 em páginas duplas.

O livro traz em sua apresentação uma definição de lenda de sua importância na relação com o real e no olhar das escritoras. Tem um enredo inspirado em: griôs, menestréis, contadores, construtores de instrumentos, trovadores africanos e contadores de histórias; Nelson Mandela; Wangari Maathai. Assim, os contos e recontos das lendas da atualidade africana nos permitem viajar pelo Continente africano. Com a sabedoria dos Griôts - contadores de histórias, com a coragem da menina Kikuiu que ajudou a salvar o Quênia, com a ousadia do Madiba – a lenda viva da África do Sul o qual solucionava conflitos através do diálogo pacífico, com a beleza do brinco de uma Princesa africana de Gana, com a inteligência de Wangari Maathai e com riqueza da arte africana nessa viagem pelo Continente descobrimos uma África que embora moderna valoriza as tradições do seu povo e valoriza a sua história.

Interessante perceber que o livro mistura lendas africanas com a história de pessoas reais que se tornaram lendas para seus países e povos. Esse livro já traz em sua apresentação uma importante referência da cultura africana e o seu primeiro texto abre uma lenda sobre um griô o que faz muito sentido se pensarmos que, griô é uma palavra de origem africana a qual denomina aquelas(es) que são guardiões da memória da história oral que são reconhecidas(os) por serem quem transmite valores de um povo ou comunidade. E se essa obra trará lendas envolvendo a cultura africana e pessoas desse continente nada melhor que abrir o livro com uma lenda na qual a personagem protagonista é um griô.

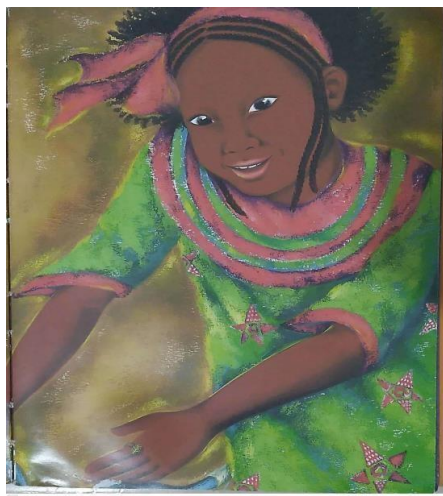
A lenda intitulada *A língua griô* conta a história do griô Fasseké. Ele é um contador de histórias que por meio delas viaja para diferentes lugares ensinando as pessoas por meio de suas histórias. Fasseké usa as palavras para envolver as pessoas ao abrir a boca dá vida às personagens de suas histórias no avião ou na escola suas lendas ensinam e possibilitam a reflexão, podendo inclusive levar as pessoas a repensarem o final contado por ele. As pessoas costumam enxergar as personagens que saem pela boca de Fasseké, mas ao terminar ele sempre as recolhe com a língua, pois pode precisar delas novamente para mais uma vez ensinar alguém com aquela lenda.. A personagem protagonista dessa lenda não é retratada na ilustração de forma que consigamos ver o seu rosto. Podemos ver ilustrada sua sombra, as pessoas para quem conta suas histórias e suas personagens.

Ilustração 35 - Páginas 08 e 09 do livro “*Lendas da África moderna*”, de Heloísa Pires Lima e Rosa Maria Tavares Andrade. Ilustrações de Denise Nascimento. Editora Elementar, 2011.



A lenda intitulada *A visionária menina Kiukiu* conta a história contada pelo único flamingo vivo de uma determinada região que sofre com o deserto. Então uma pequena menina de pele negra, sorridente e visionária começa a fazer perguntas para tentar provocar as pessoas a pensarem sobre o que estava acontecendo e se mobilizam para a mudança. Na história vê-se que ela conseguiu influenciar um grupo de meninas que mesmo desacreditadas pelas outras pessoas se posicionaram e agiram para algo mudar. E foram elas que conseguiram, nunca mais se viu a menina visionária que com certeza contribuiu muito. A personagem protagonista dessa lenda é retratada de forma positiva tanto no texto quanto na ilustração..

Ilustração 36 - Página 33 do livro “*Lendas da África moderna*”, de Heloísa Pires Lima e Rosa Maria Tavares Andrade. Ilustrações de Denise Nascimento. Editora Elementar, 2011.



Embora seja o flamingo quem nos conta a história, ele não aparece como personagem, mas apenas como narrador. Temos personagens negras que são figurantes. Aparecem na ilustração e no texto, mas não participam ativamente. Vemos outras personagens negras que são coadjuvantes, como é o caso das meninas que fazem o plantio, mas embora tenham uma representação positiva na ilustração não tem nomes. As personagens são todas negras e aparecem pintadas com a cor marrom. Não há variação de tez de pele.

A lenda intitulada “*Madiba: a lenda viva!*” conta a história do Madiba. Esse é o nome do Nelson Mandela, aquele que antes de ser presidente na África do Sul liderou um movimento contra o Apartheid razão pela qual ficou preso por 27 anos. Foi vencedor do Nobel da Paz no ano de 1993 e, para muitas pessoas, ele é o líder mais importante da África negra.

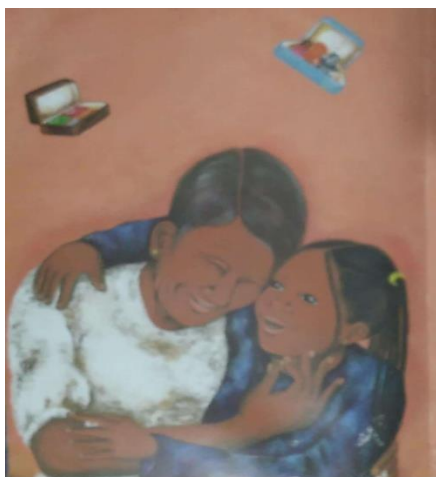
Na história, sua trajetória é retratada a partir de sua infância e de sua origem. Mandela é a personagem negra protagonista, sendo representado na cor marrom, por meio de uma ilustração positiva e com texto que destaca sua engenhosidade, inteligência e educação ao lutar e vencer com o que na história a autora chama de “monstro de pêlo branco”. Nos foi possível identificar cuidado na representação dos cabelos da personagem em sua infância e adultez para se aproximar dos cabelos crespos. Ele é a única personagem dessa lenda e não há ilustração de mais ninguém. Podemos ver, nas duas primeiras páginas, as ovelhas que são animais que tem relação com a infância do Madiba e os pássaros nas páginas em que retrata a saída dele em direção à Johannesburgo para lutar e vencer. Pássaros que possivelmente representam a “liberdade” e a “paz”.

Ilustração 37 - Páginas 46 e 47 do livro “Lendas da África moderna”, de Heloísa Pires Lima e Rosa Maria Tavares Andrade. Ilustrações de Denise Nascimento. Editora Elementar, 2011.



A lenda intitulada “*O brinco de ouro*” conta a história da Gabriela, uma menina negra brasileira que tem um pai diplomata. Por esta razão, ela, o pai e a mãe estavam com viagem marcada para o Gana. A mãe estava entusiasmada, pois teria a oportunidade de atuar em um projeto científico da Universidade de Kumasi. Gabriela, porém, não estava animada porque não queria ficar longe da avó com quem tinha uma relação de muita cumplicidade e cuidado. O pai e a mãe tentaram de todas as formas animar a menina, mas nada a fazia achar essa viagem como algo bom. Ela estava muito chorosa e bem triste e foi então que derrubou sua caixa com sua coleção de brincos e para piorar se desprenderam algumas das conchinhas que enfeitavam suas tranças. A avó então com muita sabedoria, viu ali uma oportunidade para animar a menina. Então pegou o brinco de princesa que havia comprado para a neta em uma viagem à Washington D.C./EUA quando teve a oportunidade de visitar o Museu Nacional Africano. A avó contou para a menina como era o museu e contou para a neta a lenda da princesa Axânti. E assim, conseguiu acalmar o coração da neta e o seu. As personagens negras protagonistas dessa lenda são retratadas de forma positiva seja na linguagem verbal(texto) como na linguagem visual(ilustração) presente na narrativa. Não apresentam características ou traços estereotipados. O pai e a mãe da menina não são aparecem nas imagens, mas nos parece significativo ter como personagens negras, um pai negro diplomata e uma mãe negra cientista, mesmo sendo eles coadjuvantes nesta história. As personagens negras da lenda contada pela avó são retratadas na mesma perspectiva que as personagens protagonistas. Cabe também ressaltar que todas as personagens negras aparecem vestidas e calçadas. São representadas na cor marrom e em suas representações não identificados variação na tez de suas peles.

Ilustração 38 - Página 60 do livro “*Lendas da África moderna*”, de Heloísa Pires Lima e Rosa Maria Tavares Andrade. Ilustrações de Denise Nascimento. Editora Elementar, 2011.



Todas as personagens negras ilustradas não apresentam características ou traços estereotipados. As imagens, características e expressões faciais são proporcionais e por isso são ilustrações positivas. Não identificamos no texto escrito nenhuma palavra, termo, expressão que fosse pejorativo ou racista.

As personagens deste livro, apresentadas anteriormente, são todas negras. São belas, inteligentes, sábias, crianças, adultos, pais, mãos, avós, netos, cientistas, contadores de história. São africanas ou descendem de África. Elas apresentam uma outra perspectiva de negritude. Evidenciam a História e Cultura negra, valorizam o conhecimento dos mais velhos, reconhecem a sabedoria ancestral. Falam das mudanças vivenciadas quando evidenciam que há cientistas negras(os). Falam de intergeracionalidade. Evidenciam a beleza da mulher negra. Reconhecem as infâncias negras.

Acreditamos que as personagens negras do livro *Lendas de uma África Moderna* presentes nas lendas contadas apresenta uma África para além do exótico provocando à quem lê perceber uma África com saber, conhecimento e beleza oportuniza a criança leitora, negra ou não negra, contrapor o esteriótipo do negro e do continente africano trazido em muitos livros presentes no espaço escolar. Dessa forma, considerando as tendências apontadas por Araújo (2018), as personagens dessa obra buscam o resgate da herança e da ancestralidade africana e também a valorização da estética e da Identidade Negra.

6.4 ANÁLISE DAS PERSONAGENS NEGRAS EM LIVROS DO PNBE: TENDÊNCIAS QUE FAZEM OS LIVROS PROSEAR

Ao folhear as páginas desses três livros de literatura, identificamos que as personagens negras presentes nessas obras, seja em seu fenótipo ou em seus papéis sociais, contemplam a diversidade étnico-racial considerando a diversidade dos corpos seja pela forma de representar seus cabelos crespos ou de se apresentar uma variedade geracional. No que diz respeito à pele negra, o fato desses livros representarem com a cor marrom apenas um tom de pele para as personagens negras de todos os livros, possibilita a reflexão sobre a necessidade de também se representar as diferentes identidades entre pessoas negras. E talvez seja esse um aspecto importante para se trazer representado entre as personagens negras dos livros de literatura infantil e juvenil.

O escritor Rogério Andrade Barbosa e as escritoras Nilma Lino Gomes, Heloísa Pires Lima, Rosa Maria Tavares Andrade apontam como característica importante para a criação de personagens negras a pesquisa para o conhecimento da representação negra não estereotipada. Suas vivências e trajetória também contribuem para esse processo criativo que precisa ser em parceria com quem realizará a ilustração de seus livros.

Os textos e ilustrações dos livros *Betina*, *Os três presentes mágicos*, *Lendas da África Moderna* desempenham papel importante por contribuírem para a construção positiva da identidade negra por trazer representações que contrapõe o estereótipo do negro trazido em muitos livros presentes nas bibliotecas escolares, salas ou caixas de leituras presentes nas escolas de crianças negras e não negras estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental.


As tendências levantadas e aqui apresentadas, expressam a importância de ter livros com personagens negras que refletem e expõem as relações raciais numa perspectiva na qual a população negra africana e da diáspora não esteja apenas subalternizada.

Cabe ressaltar que as três primeiras tendências foram inferidas e interpretadas a partir das pesquisas realizadas por Araújo (2018) e a quarta foi elaborada por mim. Considerando os textos e as ilustrações dos livros identificamos as tendências apresentadas no quadro a seguir:

Quadro 9 – Tendências nos livros infantis e juvenis do PNBE Literário (2008, 2010 e 2012)

Sendo assim, discorreremos como as tendências apresentadas no quadro aparecem nos textos e ilustrações de cada um dos livros desta pesquisa.

6.4.1 Conflitos do Universo Infantil

OBRAS	TENDÊNCIAS			
	Conflitos do Universo Infantil	Valorização da estética e da Identidade	Resgate da herança e da ancestralidade africana	Enfrentamento ao racismo e promoção da Equidade Racial
<i>Os pres</i> <i>Má</i>			X	
<i>Bet</i>			X	X
<i>Let</i> <i>da África</i> <i>Moderna</i>		X	X	X

Os livros desta tendência envolvem dilemas do universo infantil (medo, saudade, birra, ciúmes, entre outros). As personagens negras que aparecem nesses livros não são marcadas racialmente no texto, mas sim nas ilustrações. O carinho, a atenção e o amor mútuo também estão presentes nas personagens desta tendência (Araújo, 2018, p. 225-226).

No livro *Betina*, seja no texto ou na ilustração, é possível perceber que a personagem protagonista é uma menina que vive conflitos decorrentes de sua infância. Identificamos no texto e na ilustração algo que nos remete a apontar que, em um processo de reconhecimento da ancestralidade, a personagem protagonista não quer deixar a avó tornar-se ancestral por não desejar sentir saudade.

- E eu posso ir com você encontrar os ancestrais, vó? Não quero deixar você ir sozinha. A avó sorriu e passou a mão no rostinho da neta:

- Ainda não! Você ainda tem que viver muito nesta terra, querida! E tem que ensinar muita coisa as outras pessoas. Quem sabe um dia você irá me encontrar! Mas, por enquanto, vai ficar por aqui, vivendo sua vida e fazendo muitas coisas interessantes. Mas, antes de partir, eu quero lhe deixar um presente” (Gomes, 2009, p. 16).

Ilustração 39 - Página 17 do livro “*Betina*”, de Nilma Lino Gomes. Ilustrações de Denise Nascimento. Mazza Edições, 2009.

Embora Araújo (2018), destaca que nessa tendência o texto não faz menção a personagem como pessoa negra (p. 225). Acreditamos que o livro *Betina* se encaixa nesta tendência mesmo trazendo em seu texto aspectos referentes à cor da pele, cabelo e conflitos raciais nos levando perceber que a personagem é negra o que impossibilita que a ilustração seja de uma personagem branca. Isso, portanto, nos faz refletir acerca das tendências apontadas pela autora.

6.4.2 Valorização da estética e da identidade negra

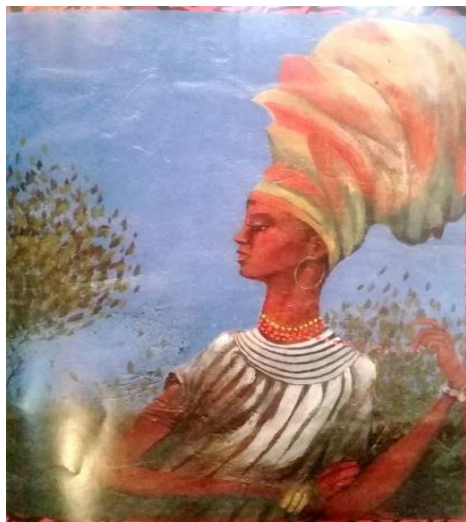
Os livros desta tendência apresentam positivamente a estética das personagens negras. O texto escrito demarca a valorização identitária e da origem africana reconhecendo a beleza do corpo negro: lábios, cor da pele, nariz e cabelos (Araújo, 2018, p. 232).

Vemos e convivemos com mulheres negras que cotidianamente travam uma batalha diária em busca da valorização e reconhecimento de suas estéticas e identidades. É possível dizer que na atualidade vivenciamos mudanças no paradigma da beleza que contrapõe um padrão hegemônico da branquidão. Hoje, meninas negras podem se sentir belas com seus cabelos crespos, suas peles e estão cada dia mais empoderadas para enfrentar os desafios de ser negra num país racista como o nosso.

Embora no imaginário da maioria das pessoas e na maioria dos livros de literatura infantil e juvenil a beleza esteja nos cabelos lisos e na pele clara, alguns dos livros analisados nesta pesquisa trazem outra beleza e permite que as meninas se enxerguem e se percebam como princesas.

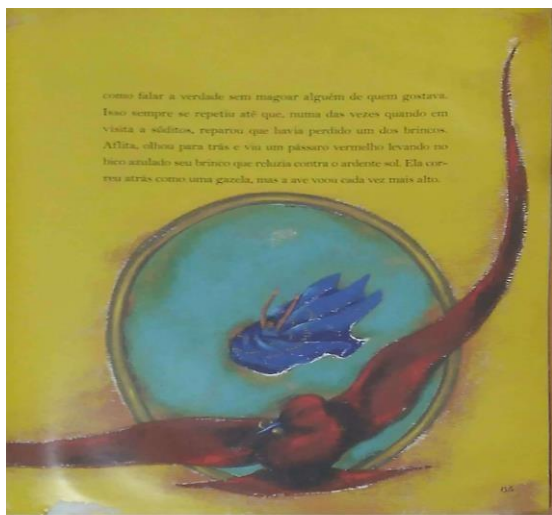
O livro “*Os três presentes mágicos*” fala de uma princesa que não tem pele branca, cabelos longos e loiros, olhos claros e de coroa. A princesa dessa lenda tem a pele negra, olhos castanhos e turbante na cabeça.

Ilustração 40 - Página 23 do livro “*Os três presentes mágicos*”, de Rogério Andrade Barbosa. Ilustrações de Salmo Dansa. Editora Record, 2007.



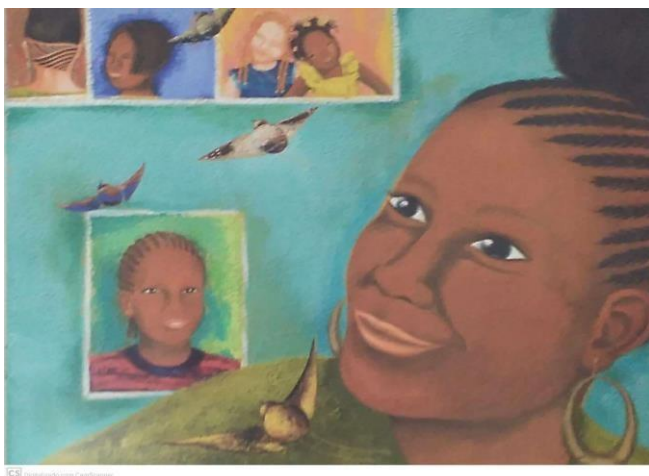
E nessa contraposição da beleza a partir do “padrão” de princesas presentes nos livros de literatura infantil e juvenil, o livro “*Lenda da África moderna*” na lenda “*O brinco de ouro*” fala de uma princesa do povo Axanti, povo que vivia na região onde hoje fica Gana. “A beleza do realce do brinco em sua pele negra, da cor do ébano, chamava a atenção” (Lima; Andrade, 2011, p. 64).

Ilustração 41 - Páginas 65 do livro “*Lendas da África moderna*”, de Heloísa Pires Lima e Rosa Maria Tavares Andrade. Ilustrações de Denise Nascimento. Editora Elementar, 2011.



O livro “*Betina*” traz em todo seu enredo essa valorização do cabelo crespo e em todos os detalhes, desde o pentear e trançar pela avó, ao processo da Betinha aprender sobre esses cuidados como na adultez quando ela tem um salão especializado em cabelos crespos: “Mas o seu salão tinha algo especial: era um dos poucos na cidade que sabia pentear e trançar com muito charme e beleza os cabelos crespos” (Gomes, 2009, p.18).

Ilustração 42 - Página 19 do livro “*Betina*”, de Nilma Lino Gomes. Ilustrações de Denise Nascimento. Mazza Edições, 2009.



É possível afirmar que o livro “*Betina*” e a lenda “*O brinco de ouro*”, do livro “*Lendas da África moderna*”, nos colocam um questionamento acerca da estética e identidade de mulheres negras, da infância à velhice.

A ilustração da personagem negra protagonista na lenda “*A visionária menina Kiukiu*”, do livro “*Lendas da África moderna*”, apresenta positivamente os aspectos estéticos da negritude e o texto demarca a origem africana e valoriza a identidade negra.

Ninguém sabe ao certo como se deu a aparição. Há aqueles que dizem que ela tomou a forma de gente a partir do perfume de managu. A beleza de sua pele negra é como do broto de managu. O sorriso é como a alegria de encontrar a flor de managu, que se esparrama após a colheita do milho. E os olhos, bem..você já viram os olhos de uma visionária? Parecem ter uma claridade de iluminar pensamentos sem precisar dizer uma só palavra (Lima; Andrade, 2011, p. 32).

A partir da linguagem verbal e da linguagem visual presentes nesses livros, entendemos que os mesmos favorecem a valorização da estética e identidade da mulher negra.

6.4.3 Resgate da herança e da ancestralidade africana

Os livros desta tendência trazem histórias míticas sobre o continente africano e a diáspora. As personagens têm atributos sobre-humanos e resolvem os conflitos com ajuda de poderes mágicos ou da sabedoria ancestral (Araújo, 2018, p. 235).

Para os povos africanos, o velho é aquele que detém os conhecimentos estando junto dele as tradições de um povo, através do velho é que o conhecimento chega aos mais novos, corroborando a força de sua experiência e de sua memória na construção desse ser que está num processo. O velho é o veículo do saber e em alguns dos livros analisados nesta pesquisa nos foi possível perceber essa valorização e respeito aos velhos.

No livro “*Betina*”, através da relação da personagem Betina com a sua avó, foi possível perceber a importância de sua avó na construção da identidade da personagem que, quando criança, teve vivências significativas junto da avó: “Enquanto trançava, avó e neta conversavam, cantavam e contavam histórias” (Gomes, 2009, p.06).

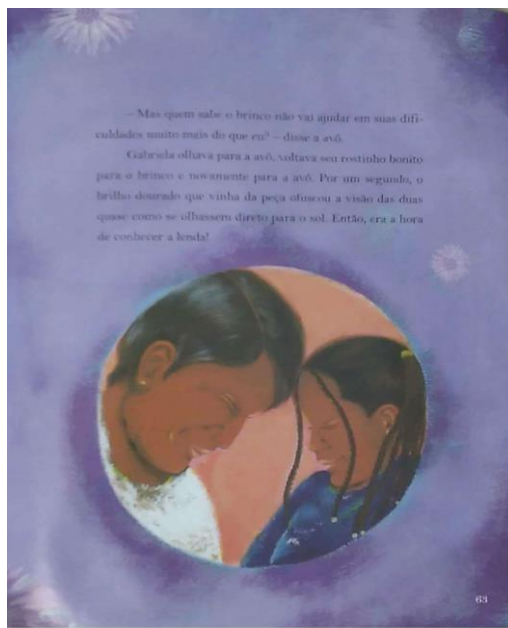
Também nos é possível perceber o respeito e o valor dado aos velhos quando no livro “*Os três presentes mágicos*” o escritor aponta que: “(...) Os anciãos determinaram apenas que dois dos pretendentes teriam direito a casar com as irmãs da princesa real” (Barbosa, 2008, p.21) Esse trecho nos leva a perceber que a palavra final fora dada pelos velhos que, embora não chegaram a uma conclusão de quem se casaria com a princesa, deram um direcionamento importante no desfecho.

No livro “*Lendas da África moderna*”, na lenda “*a língua do Griô*”, identificamos no texto um trecho que evidencia o valor dado aos velhos na cultura africana:

[...] Cada família, criança tinha seu griô. Eles narravam os feitos de todos os antepassados, recordando a força dos ancestrais; eram os guardiões da história de cada um e sabiam a hora certa de contar um detalhe ao revelarem um acontecimento. Conheciam provérbios que ajudavam na compreensão de valiosas verdades. Sabiam transmitir grandes ensinamentos mesmo que por meio de um pequenino conto. Tal qual o ferreiro que forja no fogo a espada extraordinária, os griôs eram hábeis na arte de moldar a palavra. Com tanta sabedoria, souberam chegar até o século XXI (Lima; Andrade, 2011, p. 09).

Já na lenda “*O brinco de ouro*”, também no livro “*Lendas da África moderna*”, o diálogo entre avó e neta mostra essa relação de respeito entre a menina e a avó que, com sua sabedoria, faz com que a menina perceba que pode ter experiências legais no lugar em que se mudará.

Ilustração 43 - Páginas 63 do livro “*Lendas da África moderna*”, de Heloísa Pires Lima e Rosa Maria Tavares Andrade. Ilustrações de Denise Nascimento. Editora Elementar, 2011.



Sendo assim, identificamos nas páginas dos livros “*Os três presentes mágicos*”, “*Betina*” e “*Lendas da África moderna*” personagens negras cujas ações se voltam ao resgate da tradição ancestral africana de valorização do velho por ser ele o guardador da memória do povo.

No que diz respeito à ancestralidade africana cabe destacar que o culto à ancestralidade se faz presente na cultura negra e por esta razão acredita-se que o antepassado continua a viver em seus descendentes. Sendo assim, ela(e) não será esquecida(o) uma vez que seus descendentes se recordarão dela(e).

O reconhecimento do valor da ancestralidade nos permite a compreensão das nossas raízes familiares. Nesse sentido, o livro *Betina* nos oportuniza uma reflexão acerca disso. Conforme é possível perceber no diálogo da cabeleireira com crianças de uma escola que foi convidada a visitar:

- Lá, no fundo, uma menina negra, com bochechas salientes e olhos pretos, levantou a mão e disse:
- Betina, quem ensinou você a trançar cabelo? A cabeleireira respondeu:
 - Foi a minha avó – e seus olhos se encheram de saudade.
 - E quem ensinou a sua avó? – perguntou um menino negro de olhos cor de mel.
 - A mãe dela.
 - E quem ensinou a mãe dela? – indagou uma adolescente branca com piercing no nariz.
 - A mãe dela... – respondeu Betina.
 - E quem ensinou a outra? – gritou uma criança lá atrás, quase escondida, levantando o braço.
 - A tia dela!!
 - Ah, então, uma ensinava a outra! – concluiu uma adolescente com jeito de índia.
 - É isso mesmo! Na história da minha família, a arte das tranças foi ensinada de mãe para filha, de tia para sobrinha, de avó para neta e assim por diante. Uma mulher foi ensinando a outra até chegar em mim. Mas isso não aconteceu só na minha família. É uma forma muito comum de ensinar e aprender presente na história de muitas famílias brasileiras (e também de outros países), principalmente, as negras. Em nosso país, muito do que sabemos hoje, tem sido comunicado dessa maneira-explicou a cabeleireira emocionada” (Gomes, 2009, p. 22).

No livro *“Lendas da África moderna”*, na lenda *“a língua do Griô”*, é possível perceber a importância de reconhecer e levar os ensinamentos deixados pela ancestralidade para vida.

Na atualidade, esses antigos griôs sobrevivem como menestrelis, contadores, construtores de instrumentos tradicionais e trovadores africanos. Também como incríveis contadores de histórias, honrando a descendência do primeiro griô a serviço do mais antigo dos soberanos (Lima; Andrade, 2011, p. 09).

6.4.4 Enfrentamento ao racismo e promoção da Equidade Racial

O racismo atinge a população negra e está assentado na tradição cultural, na estrutura da sociedade brasileira, nas estruturas econômicas do nosso país e conseqüentemente, nas relações de poder que fortemente se estabelecem entre brancas(os) e negras(os). Essa forma de violência é praticada contra pessoa negra, somente por sua condição de ser negro(a), explicitando as desigualdades étnico-raciais presentes na sociedade brasileira que coloca a população negra à margem desde quando se é um bebê negro.

Partindo do pressuposto que os livros de literatura infantil e Juvenil podem à partir do que apresentam no texto e ilustração fomentar o debate sobre direitos humanos, justiça social e direitos fundamentais identificamos, portanto, uma lacuna nas tendências apresentadas por

Araújo (2018) e por esta razão nesta pesquisa considerando os apontamentos apresentados no capítulo 3 desta tese durante as análises das linguagens verbal (texto) e visual (ilustração) presentes no livro “*Betina*” e da lenda “*Madiba – a lenda viva!*” no livro “*Lendas da África moderna*” afirmamos a existência de uma tendência que aborda para o público infantil e juvenil as diferentes maneiras como o racismo se manifesta. Trazendo a dor, a tristeza e o sofrimento, mas, sobretudo, a resistência e/ou resiliência da população negra como uma característica importante para um posicionamento de enfrentamento e de promoção da Equidade Racial.

Acreditamos que mesmo que ainda tenhamos um longo caminho a percorrer para o alcance da equidade. Ao contrapor o princípio de universalidade e reconhecer que não somos todos iguais, ela passa a ser um ponto importante em nossa luta na construção de uma sociedade equânime. Entendemos que equidade é levar em conta, as circunstâncias de cada pessoa para, então, estabelecer ações que possibilitem a correção das desigualdades. É possibilitar que todas as pessoas saiam do mesmo ponto de partida. Entretanto, para que todas as pessoas tenham direito às mesmas oportunidades é preciso dar de acordo com a necessidade de cada pessoa: dar mais para quem precisa mais; menos para quem precisa menos; nada para quem não precisa. Necessário, portanto, dizer que a Equidade Racial visa reverter a condição vivenciada pelas pessoas negras que além de vivenciar as dores do racismo são submetidas às desigualdades entre brancas(os) e negras(os). E se essas dores do racismo são vivenciadas desde a tenra idade, os livros de literatura infantil e juvenil tem um papel importante.

As obras desta tendência apresentam personagens negras considerando as situações de racismo vivenciadas pelas pessoas negras desde a infância e nos diferentes espaços de convivência, a diversidade dos corpos, a variedade geracional, os diferentes tons de pele negra, as diferentes texturas dos cabelos, diferentes formas de se vestir ou falar. As personagens não apresentam características ou traços estereotipados. Mas, sobretudo a narrativa, seja pela linguagem verbal ou linguagem visual, aponta de forma direta ou não a existência do racismo. Esses livros contribuem, portanto, para o enfrentamento e conseqüentemente, para a promoção da Equidade Racial.

A narrativa do livro *Betina* também nos permite a reflexão acerca da beleza dos cabelos crespos trançados. A trança é um símbolo da resistência negra e na narrativa é utilizada pela personagem também como um instrumento de enfrentamento ao racismo. Isso pode ser percebido nas respostas dadas pela Betina aos seus colegas quando criança e também por sua atuação militante realizando quando adulta palestras em escolas para trazer reflexões sobre a problemática das tensas relações étnico-raciais dentro espaço escolar.

Também nos é possível perceber a discussão sobre o racismo e a importância do enfrentamento no livro, “*Lendas da África moderna*”, na lenda “*Madiba: a lenda viva!*”:

[...] Ainda desconhecia a situação que ocorria nas profundezas do continente: havia um monstro de pêlo branco horripilante que esperava apenas alguém de pele negra chegar para devorá-la. (Lima; Andrade, 2011, p. 46).

Para aquele que se tornou Madiba, a paz era o caminho mais importante. Ele não acreditava no uso da força física para resolver conflitos. Porém, como realizar seu ideal de enfrentar o monstro? Pois diz a lenda que ele se tornou quem se tornou quando, finalmente, ficou cara a cara com o facínora (Lima; Andrade, 2011, p. 48).

Sendo assim, identificamos nos livros *Betina* e *Lendas da África Moderna*, narrativas que nos provocam a refletir sobre a existência do racismo e as personagens negras protagonistas dos referidos livros têm ações de enfrentamento. Ações essas construídas ao longo de suas infâncias em contato com as pessoas mais velhas.

Betina aprendeu com avó a importância da valorização e do reconhecimento da cultura do povo negro. Usa esses ensinamentos para fortalecer a identidade de quem frequenta o seu salão como também de meninas e meninos negros estudantes da escola onde realizou palestra.

Madiba descendente de chefes Xhosa herdou a sabedoria do seu povo enfrentou o monstro de pelo branco, pois aprendeu que jamais deveria ser submisso. Derrotou, portanto, o monstro inimigo dele e de todas as pessoas que são como ele. Tornando-se, então, uma lenda viva.

CONSIDERAÇÕES

De mãos com a ancestralidade sou fortalecida em minha negritude e contribuo para o fortalecimento das próximas gerações

Neste capítulo apresentarei as considerações relevantes que têm como base minhas vivências enquanto neta da dona Lourdes e do seu Chiquinho, da dona Laudemira e seu Sebastião, filha da dona Beth e do seu Antônio, irmã do Júnior e do Fábio, esposa do Fontes, mãe do Lukeny, professora, vice-diretora educacional, pesquisadora em ERER, servidora pública da educação desde 2003. Todas essas identidades representam o que sou e foram importantes para pensar a pesquisa aqui apresentada.

Nele, considerando as descobertas que essa pesquisa me permitiu, apresento minhas reflexões ao longo dessas descobertas e da minha trajetória nesse processo de doutoramento. O processo de pensar a investigação relatado nesta tese tem sua origem nos dados apresentados em minha dissertação de mestrado na qual pesquisei formação continuada de professoras(es) associado à minha prática docente junto de crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Ao final desta pesquisa, destaco a alegria e satisfação por sua realização. Ela é fruto da minha trajetória e do encontro com tantas pessoas que me são importantes. Os caminhos que percorri mostram que os objetivos foram alcançados. Mas embora esta etapa tenha se encerrado, novos caminhos se abrem a partir deste.

A realização desta pesquisa foi motivada pela necessidade de compreender a produção de escritoras(es) de livros voltados ao público infantil os quais tenham personagens negras(os). Sabemos que com a promulgação da Lei 10639/2003 e respectiva regulamentação pelo Conselho Nacional de Educação, por meio do Parecer CNE/CP 3/2004 e da Resolução CNE/CP1/2004, viveu-se uma crescente nos materiais (livro didático e paradidático, livros de literatura infantil e juvenil, brinquedos, bonecas(os) que visam promover a reeducação das relações étnico-raciais no espaço escolar, pois trazem a imagem negra numa outra perspectiva e que vai além da escravização. Mas será que ocorre de fato essa mudança de paradigma? Como são os livros folheados pelas crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental?

No convívio com docentes das diferentes escolas onde trabalhei, foi possível observar o uso de livros como: *Menina Bonita do Laço de Fita* e *O menino Marrom*, entretanto, se existiam no espaço escolar, através de programas de incentivo à leitura, livros de literatura para criança que trazem personagens negras(os) em outra perspectiva, e se esses livros estão disponíveis nas escolas, não conseguia entender por que esses livros, mesmo diante de toda

problemática que apresentam, ainda continuam sendo utilizados. Sabemos que há muitas publicações desses livros, mas nunca sequer se soube de que a escritora e escritor dos respectivos livros sugeriram alterações do texto ou revisão das ilustrações mesmo sendo notadamente obras com discursos textuais e imagéticos racistas. Esses livros continuam sendo vistos como uma ferramenta pedagógica de enfrentamento ao racismo.

Entretanto, as bibliotecas escolares e caixas de leituras disponibilizam outros livros para os acervos das escolas públicas. Dessa forma, na intenção de saber que livros são esses, por quem foram escritos e ilustrados e como chegaram às escolas, fui instigada a realizar essa pesquisa que encerra neste capítulo.

Cabe destacar que nos foi possível apenas dialogar com as escritoras e escritor de três dos livros selecionados pelo PNBE. Entendemos que uma pesquisa que faça esse diálogo com ilustradoras(es) seja um importante passo para os campos da literatura infantil e juvenil e das relações étnico-raciais.

Essa pesquisa evidencia que o número de livros, com personagens negras, selecionados pelo PNBE é pouco expressivo. Mas mesmo em pequena quantidade acreditamos que a presença desses livros nas bibliotecas escolares, salas ou caixas de leitura pode oportunizar aos profissionais da educação identificarem mudanças na representação das personagens negras em relação aos livros de literatura infantil e juvenil comumente presentes no espaço escolar.

Entretanto, para esse olhar atento há que se refletir acerca da formação dessas(es) profissionais que atuam no espaço escolar no que diz respeito à reeducação das relações étnico-raciais de crianças negras e não negras como também provocar a aquisição de obras como essas e outras por programas como este.

Sabemos que nos últimos anos, houve aumento na publicação de livros de literatura infantil e juvenil com personagens negras, mas há que se considerar que nem todos esses livros têm uma boa qualidade no que se refere ao texto e ilustração o objetivo não é o reconhecimento e valorização da população negra, mas sim preencher uma lacuna do mercado editorial. Isso significa, que rotineiramente nos deparamos com livros que reforçam os estereótipos que por anos enfrentamos e questionamos. Vemos escritoras(es) negras e não negras(os) se aproveitando de um nicho para publicar. Situação que nos preocupa, mas que em nosso entendimento não é de tão difícil resolução. Isso porque embora a memória do processo de escravização da população negra seja um fato ele não é o único. Por isso, é importante construir-se outras referências positivas sobre a África. Nesse sentido, os livros de literatura infantil e juvenil que são selecionados e distribuídos para as escolas precisam trazer essa outra história,

possibilitando outro olhar para além da pobreza, fome, savana, animais, exóticos, pessoas fortes. E quero aqui ressaltar a questão da força seja ela física ou emocional.

Durante meu processo de doutoramento muita coisa aconteceu e foram inúmeras as vezes que escutei que eu era uma mulher negra forte. Perguntava-me o porquê de as pessoas me falarem isso, algumas coisas não estão associadas a nossa força física ou emocional, mas sim com o processo de viver. Não estou aqui desconsiderando que o viver sendo negra não ocasiona situações diferentes do viver sendo branca. Minha orientadora de mestrado diz que nesse processo de formação a vida não é interrompida para que possamos viver a pesquisa. Minha orientadora de doutorado me diz que esse processo de formação é a nossa vida. Hoje, refletindo sobre a fala dessas professoras que são tão importantes em minha trajetória acadêmica e também em minha vida, compreendo o que essas professoras me dizem. E é por isso que me arriscarei falar dos resultados desta pesquisa trazendo fatos que vivenciei em minha vida até chegar no mestrado e por fim no doutorado. Pois para mim, o mestrado e o doutorado, caminham de mãos dadas assim com a minha vida de ser negra.

Ingressar no mestrado foi uma luta e concluí-lo também. Ingressar no doutorado foi uma luta e concluí-lo também. Não sou a primeira da minha família que chegou a uma universidade e ao mestrado. Mas sou a primeira que concluiu e foi para o doutorado. Para nós, mulheres e homens negras(os), nem sempre é possível se dedicar exclusivamente à pesquisa. E muitas vezes, por conta das nossas outras identidades a conclusão desse processo formativo fica em segundo plano.

Difícil conter as lágrimas enquanto escrevo esse capítulo. Tive momentos que pensei em desistir, mas em minha memória estavam os diálogos com a minha ancestralidade que me dizia: “Você não pode fazer, você não está sozinha e vai conseguir!”. Muitos foram os momentos que me lembrei dos meus avós assim como a personagem Betina, eu tinha momentos maravilhosos de diálogo com a minha avó penteando os meus cabelos enquanto meu avô escutava as notícias em seu radinho. Durante a leitura da lenda *A lenda do griô*, do livro *Lendas da África moderna*, a personagem Fassequé me fez lembrar o meu avô Bastião, que era um contador de histórias e que, na infância, me fazia viver suas histórias. E o mais interessante, durante a escrita sabia que minha ancestralidade estava ali bem pertinho de mim. Eu senti!!!

Muitos foram os momentos que me lembrei da minha mãe. Ela partiu no ano em que me tornei mestre e em nossa última conversa me disse: *“Posso ir em paz, sei que você vai longe e que eu cumpri minha missão! Termine esse mestrado e siga subindo um degrau por vez. Vai ser difícil, mas quando pensar em desistir lembre dessa conversa. Eu sempre estarei com você, como sempre estive até aqui! A vida tem suas dificuldades, filha! Você é uma mulher, é negra*

e pobre. Seu pai e eu fizemos o melhor que pudemos. Educamos você e seus irmãos para serem o que quisessem. Me orgulho de vocês! Minha princesa, eu sei que vai longe. Você só está começando. E para de chorar, menina! Tô dizendo coisas importantes. Preste atenção! Vou olhar tudo lá do andar de cima e quando você precisar fale comigo. Só não desista mesmo quando estiver difícil. Escreve isso que eu tô falando para você vai ter momentos que você vai precisar! Mas para de chorar...e escreve! E não perde isso, guarda!”.

O tempo passou... essa conversa aconteceu em fevereiro de 2013 e foram muitos os momentos em que li o papel em que estes dizeres estão. Fevereiro de 2022, a filha da dona Beth e do seu Antônio, que hoje também é a mãe do Lukeny, uma criança negra de 3 anos. Em minha adolescência tinha o sonho da maternidade, do casamento, de construir uma família assim como meus pais. Mas isso foi mudando em minha juventude e adultez, sabe a tal solidão da mulher negra. Isso interfere no sonho de muitas de nós. Eu me casei como sonhei. Meu véu foi um turbante assim como a princesa do livro *Os três presentes mágicos*. Estava linda e bela! Alguns meses depois, no início do meu segundo ano de doutorado a notícia de uma gravidez mudou muitos planos. Estava me preparando para ir para França por conta do Projeto Abdias do Nascimento. Dedicava-me em uma corrida contra o tempo para aprender a língua francesa e a conhecer um pouco mais sobre o contexto francês e as relações étnico-raciais. Optamos por não ir, foram muitos os diálogos com a minha orientadora, coorientadora, responsáveis pelo Programa Abdias do Nascimento. Foi frustrante e no início, foi difícil aceitar. Misto de frustração e tristeza, mas ao mesmo tempo, era tanta alegria pelo serzinho que estava carregando que passou. Cabe dizer que meu filho não foi um impeditivo para minha ida, foram muitas coisas envolvidas, mas hoje tenho certeza que essa foi a decisão acertada.

Digo isso, pois quando meu filho nasceu foi possível viver meu puerpério sem me preocupar com a escrita da tese naquele momento, mesmo sendo ele um bebê tranquilo que me permitia fazer leituras e até pegar no texto.

Quando o Lukeny estava com 4 meses, fui chamada em um concurso que já acreditava ter caducado e, próximo ao término da minha licença maternidade, nos mudamos de Araraquara para Campinas para que eu assumisse um novo cargo, deixaria a sala de aula e passaria a ser vice-diretora educacional.

Importante dizer que durante aproximadamente três anos estava afastada da sala de aula, atuando na coordenação de Direitos Humanos. Ali tive a oportunidade de contribuir para implementação de uma ação formativa junto de servidoras(es) municipais na temática de Direitos Humanos. Formação essa cujo objetivo foi abordar o papel do Município de Araraquara no combate à violação de Direitos Humanos. E essa vivência foi fundamental para

que tivesse a certeza de que, mulheres negras e homens negros, precisam ocupar espaços de “poder” e que minha atuação poderia ir para além da sala de aula. O convite que me foi feito pelo Prefeito Edinho, prefeito do PT na cidade de Araraquara, me foi importante e contribuiu para aquela menina que se via aposentar como professora mudar seus objetivos. Era preciso ir além. Busquei conversar com meus mais velhos já que saber o que eles pensam e suas orientações me são importantes. Conversei com meu pai, meu tio nenê, meus irmãos e alguns amigos como: Adalgiza, Cláudio Claudino e Maria Nazaré Salvador.

Junto da minha família em parceria com meu companheiro, então, assumi o desafio de atuar na vice-direção de um CEI na cidade de Campinas. Agora poderia dar para além da sala de aula contribuir para efetivação da lei 10.639/03. Mudamos-nos para uma cidade que naquele momento tinha 1.204.073 habitantes e sem rede de apoio. Ambos atravessados pela vida acadêmica, mas parceiros de vida. Nesse momento, meu companheiro estava concluindo o mestrado e eu estava no segundo ano do meu processo de doutoramento, então, entre trabalho, mamadas e momentos em família nos organizávamos para nossos momentos de leitura, levantamento de dados, escrita dos nossos textos ou participação em eventos. Fácil não foi e não é.

O que foi dito até aqui evidencia que muitas(os) estudantes negras(os) não têm como deixar de trabalhar ou iniciam suas trajetórias acadêmica mais velhas(os) do que se vê a população branca, para alguns isso não é um impeditivo para se buscar ou alcançar seus objetivos mesmo diante da dificuldade vivenciada por muitas(os) de nós que algumas vezes somos rejeitadas(os) na academia por sermos pesquisadoras(es) trabalhadoras(es). Não podemos, porém, deixar de falar que para gente com a nossa pele a meritocracia não existe. Muitas(os) desejam o que hoje alcancei, mas nem todas(os) conseguem. É preciso ter consciência e contribuir na luta para a mudança.

“Desistir não é uma opção para nós!”. Essa sempre foi a fala do meu avô e mesmo diante de adversidades que vivenciei não me permitiria desistir. Tenho um compromisso com o povo negro. Jamais me esquecerei da fala do meu sobrinho Martin quando, após defender meu mestrado, liguei para contar. “E agora? Rumo ao doutorado, Fernanda?”. Tanta coisa aconteceu, mas essas duas falas me lembravam do meu compromisso e me empurravam para fazer algo que sempre gostei, estudar! A fala de um senhor de 93 anos e de um menino de 11 anos.

Minha aproximação com o espaço acadêmico se deu enquanto estava no magistério. No último ano, participava de palestras e atividades na UNESP – Campus de Araraquara. Quando adentrei a sala de aula como estudante de Normal Superior entendia que essa formação

era importante para mim e para as(os) estudantes que passassem por mim. Ali, no então Centro Universitário de Araraquara – UNIARA, tive uma professora que me disse que eu tinha perfil para pesquisadora e que devia pensar sobre a iniciação científica e que para isso deveria estar numa instituição pública. Passei a assistir como aluna especial às aulas de Pedagogia na UNESP – Campus de Araraquara.

Transitando entre a universidade privada e a universidade pública pude perceber o quanto havia um investimento na formação de estudantes na educação pública superior e que era diferente de quem optava por ser estudante na educação privada superior. Observei que na Universidade privada convivia com trabalhadoras(es) que optavam por cursos noturnos e em sua maioria oriundos de escolas públicas enquanto que na Universidade pública grande parte das pessoas que eu convivia se dedicavam exclusivamente para os estudos e em sua maioria eram oriundos de escolas privadas e havia frequentado cursinhos pré vestibulares. Nem preciso dizer qual era a cor da pele da maioria dessas pessoas. Foi ali na UNESP que conheci o professor Ademil, fiz uma disciplina com ele e eram poucos as(os) professoras(es) negras(os). Que eu me lembro de 2 professores na Pedagogia e 1 nas Ciências Sociais.

Tentei o reaproveitamento das disciplinas porque não queria perder tempo e voltar o curso do início. Não consegui e fiquei por 2 anos: estagiando pela manhã em uma escola particular de Araraquara, participando, como aluna especial, de aulas no período da tarde, na UNESP, regularmente matriculada como aluna no curso de Normal Superior no Centro Universitário de Araraquara - Uniara, no período da noite. Precisava me dedicar para ter esse perfil de pesquisadora que me falou a tal professora.

Importante dizer que tenho até hoje amizade com essa professora e que ela muito me ajudou para que eu pudesse entender o que era preciso fazer. Mas não posso deixar de dizer que minha mãe, meus avós maternos e meus irmãos foram importantes nesse processo. Afinal o valor do estágio era pouco e eram eles quem davam uma ajuda para os livros, os xerox, o transporte e alimentação.

Seguia firme mesmo quando estava cansada porque acreditava no que estava fazendo e sabia que me seria possível levar contribuições para o combate ao racismo nos espaços escolares. Certa vez em uma atividade organizada pelo coletivo Jovens Negros Conscientes – JONESCO percebi que era na escola que gostaria de atuar e desde lá sabia que eu queria algo a mais. Hoje sei que a pós-graduação em nível de mestrado e doutorado me oportunizou formação mais aprofundada e mais elementos para contribuir para o trato da EREER nos espaços por onde passo. Entretanto, ainda quero algo a mais. Me dói ver crianças, jovens, homens e

mulheres vivenciando e sofrendo o racismo. Sei que é possível fazer ainda mais. E a dor é a mesma dos tempos do JONESCO ou de quando estava na graduação.

Aos finais de semana eu estudava e sempre eram muitos os textos que tinha para ler. Costumava também estudar nas minhas férias. Minhas primas e primos, diziam que eu precisava me divertir e levar os estudos com leveza. Pois eu costumava ir nas reuniões de família, mas sempre saía cedo ou quando combinávamos algo eu sempre tentava ajustar com datas que eu não teria prova ou algum seminário. Eu sempre gostei de ler, então me era prazeroso realizar leituras e sempre conciliei diversão, estudo e trabalho mesmo as pessoas achando que não. Em Araraquara, há um baile que é importante para a população negra araraquarense, ele acontece em julho, mas sempre acontece atividades pré baile e foram muitas as vezes que eu deixei de ir. O baile eu costumava ir com meus tios, meus pais e depois com meus amigos. Foi em uma atividade do baile do Carmo que conheci a Valquíria Tenório¹⁸. Tornamos-nos amigas e juntas idealizamos dois projetos pelo PROAC voltado para literatura infantil e juvenil. Em 2012, em uma de nossas reuniões para conversarmos sobre um desses projetos, a Valquíria me disse: “Entendo você pesquisar formação continuada de professoras(es), mas às vezes acho que em algum momento você pesquisará literatura infantil.”. Anos depois, abril de 2022, cá estou eu! Com uma tese concluída e com o anseio de produzir ainda mais sobre o tema.

Os diálogos com as minhas orientadoras do mestrado e doutorado, Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva e Anete Abramowicz, respectivamente. A participação no NEAB UFSCar, no Grupo de estudos em Educação das Relações étnico-raciais (Grupo ERE) - Unesp/ FCLar e no Grupo de estudos e pesquisas sobre Infância, Família e Escolarização (GEPIFE) - Unesp/ FCLar me fez a perceber o valor que tenho e me levou a repensar meu compromisso na luta anti-racista. Hoje tenho ainda mais certeza de que a educação das relações étnico-raciais não é um trabalho apenas da escola, mas de toda a nossa sociedade que precisa ser reeducada. E se antes era provocada a falar do povo negro, hoje falo sem ser provocada. Chego, chegando e não me importo com aquelas(es) que se incomodam com isso. Nossas crianças negras e não negras precisam ter a oportunidade de viver em outra sociedade.

As descobertas que foram possíveis a partir da análise dos livros: *Betina, Os três presentes mágicos, Lendas da África Moderna*, e das entrevistas realizadas com o escritor Rogério Andrade Barbosa e com as escritoras Nilma Lino Gomes, Heloísa Pires Lima, Rosa

¹⁸ Realizou pesquisa intitulada Baile do Carmo: festa, movimento negro e política das identidades em Araraquara/SP disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/6675/4014.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

Maria Tavares Andrade dos respectivos livros apontam que o texto e as ilustrações tinham como objetivo atender o público infantil, seja uma criança negra ou não negra, mas escritoras e escritor sabem que esses livros contribuem para a construção positiva da identidade negra por trazer representações que contrapõem o estereótipo do negro trazido em muitos dos livros de literatura infantil e juvenil presentes no espaço escolar.

A representação dessas personagens negras mesmo que em um número de livros pouco expressivo no acervo do PNBE como pudemos observar no capítulo 3 oportuniza aos profissionais da educação que atuam no espaço escolar e têm acesso à esses livros a refletirem acerca do processo de mudança na representação das personagens negras nos livros de literatura infantil e juvenil.

Mas, sobretudo, se faz necessário, provocar o campo editorial a repensar a publicação de obras com personagens negras e a razão pela qual essas publicações acontecem. Pois se as publicações acontecem apenas por uma exigência do mercado, com certeza teremos editoras que publicam livros com personagens negras que reforçam o estereótipo tão questionado por pesquisadoras(es) do campo da literatura infantil e juvenil. Livros que sequer passam por uma revisão cuidadosa acerca da linguagem verbal(texto) e linguagem visual(ilustração) como recentemente pudemos ver com o livro de literatura infantil e juvenil comercializado pela editora Cia da letrinhas e intitulado “*Abecê da liberdade: A história de Luiz Gama, o menino que quebrou correntes com palavras*”, que apresenta à criança leitora texto e ilustração que contribuem para a relativização da escravização e tráfico do corpo negro. Sendo esta uma editora que publica livros como: “*Tayó em quadrinhos*”, da Kiusam de Oliveira, e os livros “*Amoras*” e “*E foi assim que eu e a escuridão ficamos amigas*”, do rapper Emicida. Embora a editora tenha se retratado por meio de uma nota nos fica evidente que há um problema e cabe ao campo editorial refletir acerca disso e mais que isso há que se ter cuidado quanto a linguagem verbal(texto) e a linguagem visual(ilustração) dos livros de literatura infantil e juvenil publicados.

É, portanto, de suma importância que os livros de literatura infantil e juvenil com temática étnico-racial prezam por uma qualidade que considere a linguagem verbal e a linguagem visual. Caso contrário, poderão contribuir para a manutenção dos estereótipos e perpetuação do racismo.

Como nos aponta Oliveira (2015), o trabalho com a arte literária, seja na produção, ou na seleção e difusão dos livros de literatura infantil e juvenil com temática étnico-racial, se faz necessário um olhar crítico que busque a desconstrução. Segundo ela, o espaço escolar pode ser

responsável pela multiplicação dessas “nódoas emocionais” caso não se comprometa em fazer intervenções a esse respeito.

As entrevistas com o escritor Rogério Andrade Barbosa e com as escritoras Nilma Lino Gomes, Heloísa Pires Lima, Rosa Maria Tavares Andrade que concordaram participar desta pesquisa, descritas no capítulo anterior, indicam que seus livros são voltados às crianças negras e não negras não sendo necessariamente uma obras que eles considerariam uma literatura infantil e juvenil negro-brasileira. Para o escritor e as escritoras, mais que classificar suas obras acreditam ser necessário a publicação de livros que tragam as personagens negras numa perspectiva positiva.

De acordo com as(os) participantes da pesquisa, no campo editorial há pouco ou nenhum comprometimento com a luta anti-racista por parte das editoras que passaram a solicitar mais livros com histórias sobre a temática negra após a lei 10.639/03 e pelo fato do PNBE, por exemplo, solicitar livros voltados à temática. Sendo assim, de acordo com elas(ele) essa foi uma oportunidade de muitas(os) escritoras(es) escreverem sobre negritude ou que nunca pensaram sobre a representatividade negra passassem a publicar livros nessa perspectiva.

Mas também nos cabe apontar que o fato de identificarmos nos acervos do PNBE dos anos de 2008, 2010 e 2012 uma maioria dos livros de literatura infantil e juvenil nos quais há predominância das personagens brancas favorece tanto a perpetuação do racismo quanto a naturalização da branquitude. E também evidencia uma lacuna no que se refere à inserção de títulos sobre a temática étnico-racial no PNBE.

Cabe aqui destacar que o racismo gerou e ainda gera desigualdades significativas na sociedade brasileira. E mesmo com mudanças importantes no que diz respeito à luta antirracista, essas desigualdades ainda permanecem. Os livros de literatura infantil e juvenil podem sim ser uma forma de combate e enfrentamento ao racismo quando nele podemos ler histórias que apresentam a população negra numa perspectiva além da escravização negra ou ao folhear suas páginas identificarmos personagens negras que tragam uma representatividade negra positiva. Entretanto, há que se tomar cuidado para que esses livros não se tornem paradidáticos e deixem de ter a função real pela qual foram escritos. Trago tal reflexão, pois muitas vezes na intenção de fortalecer a luta antirracista buscamos dizer que a escola precisa ter uma literatura específica para o trato da educação das relações étnico-raciais ou dizemos que o material X,Y ou Z escrito por ciclano ou beltrano contribuem para uma escola antirracista. Entretanto, importante sabermos que o combate e enfrentamento ao racismo, nas escolas, compete a professoras(es), gestoras(es), funcionárias(os) e famílias sejam elas(es) brancas(os), negras(os), indígenas, descendentes de asiático.

[...] há um longo caminho a se percorrer até que aconteça efetivamente a superação do racismo e o combate de atitudes discriminatórias no espaço escolar. O Movimento Negro, há muito pressiona os governos para realização de ações que contribuam para o combate ao racismo no espaço escolar (LUIZ, 2013, s.n.).

Faz-se necessário ressaltar que, na atualidade, são muitos os livros que trazem personagens negras(os), histórias sobre a cultura africana e afro-brasileira como também propostas de atividades pedagógicas voltadas à EREER. Visando a implementação de políticas de promoção da igualdade racial na educação é recorrente falarmos da importância de materiais nesse sentido no espaço escolar há, porém que se avaliar a qualidade destes livros uma vez que mesmo que não unicamente estes são uma ferramenta pedagógica importante para o combate ao racismo no espaço escolar e sendo assim não é possível se apresentar qualquer tipo de material às nossas crianças negras e não negras. Há também que enfatizar que a literatura escrita para a criança por essas escritoras e escritor não tem o viés pedagógico, mas da leitura, entretanto a escola o transforma(ou não) em um instrumento pedagógico através da sua utilização.

Acreditamos que seja relevante a implementação de políticas públicas de leitura, como foi o PNBE, por exemplo, que esteve em vigor de 1997 a 2014. Mas destacamos que no processo de implementação dessas políticas se faz necessário atenção no que diz respeito à escolha e seleção dos livros de literatura infantil e juvenil com personagens negras e há também que se pensar propostas no que se refere ao uso desses livros no espaço escolar.

Cabe também destacar que em nosso entendimento a existência no campo literário de escritoras(es) que produzam livros de literatura infantil e juvenil que apresentem as personagens negras em uma perspectiva na qual por meio da linguagem textual e visual a população negra não é colocada em condição de subalternização contribui para o tensionamento do campo evidenciando, portanto, que a literatura infantil e juvenil brasileira é racialmente orientada e privilegia a brancura não dando destaque para a literatura negro-brasileira, indígena, latino-americana, entre outras.

Vimos como aspecto de importante, o fato desta pesquisa ter-se tornado mais uma oportunidade de reflexão para as escritoras e escritor participantes, e também mais uma oportunidade de reconhecimento do trabalho desenvolvido pelo escritor Rogério Andrade Barbosa e pelas escritoras Nilma Lino Gomes, Heloísa Pires Lima, Rosa Maria Tavares Andrade, que mesmo que não tendo como objetivo central em suas obras contribui para o processo formativo de reeducação das relações étnico-raciais de estudantes negras e não negras

do Ensino Fundamental quando essas(es) tem acesso aos textos e ilustrações de livros como os apresentados nessa pesquisa.

É possível, portanto, afirmar que esses livros por meio de suas narrativas, considerando a linguagem verbal (texto) e linguagem visual (ilustração), contribuem para que percebamos a existência de uma literatura infantil e juvenil negro-brasileira a qual contribui para a desconstrução das personagens negras subalternizadas e estereotipadas como também para a reconfiguração do campo da literatura infantil e juvenil brasileira o que interfere no mercado editorial de livros infantis e juvenis.

Sendo assim, a existência do racismo na sociedade brasileira e a necessidade de seu enfrentamento desde a tenra idade promove a ascensão da literatura infantil e juvenil negro-brasileira que como outrora apontamos tensiona, reconstrói e amplia o campo literário e de luta antirracista.

Assim, compreendendo que essa pesquisa não se encerra aqui, espero ter dado contribuições no campo da literatura infantil e juvenil no que se refere à educação das relações étnico-raciais. Me permito dizer que a ascensão da literatura infantil e juvenil com personagens negras apresentadas de forma positiva possibilita a ampliação desse campo provocando escritoras(es) brasileiras(os) a repensarem a identidade nacional brasileira da literatura infantil e juvenil.

Ao finalizar essa pesquisa, percebo que esta foi significativa uma vez que apesar das mudanças que esta pesquisa sofreu, das angústias e calamidades de nosso tempo histórico. Por aqui sigo viva e junto de quem amo. Mesmo diante de uma pandemia e de tantas coisas que me aconteceram não desisti dos sonhos, não deixei de amar e construir histórias que de alguma forma repercutirão pela eternidade. Não deixei de ser grata e de seguir de mãos dadas com a minha família, com a minha ancestralidade e com o pequeno Lukeny que crescerá com a oportunidade de folhear livros infantis com personagens negras venham de África ou da diáspora esteticamente belas, profissionais de áreas diversas, ou ainda, personagens de histórias que valorizem a mitologia africana e as religiões de matriz africana. Personagens negras que sejam reis e rainhas, príncipes e princesas, meninas ou meninos, mulheres ou homens de pele como a dele e de cabelos crespos.

Espero que essa pesquisa chegue em muitas mãos e por meio dos apontamentos acerca do lugar das personagens negras nos livros de literatura infantil e juvenil provocamos que se pense sobre a importância da literatura infantil e juvenil negro-brasileira para a ampliação do campo científico da literatura e como instrumento para o reconhecimento e valorização de

História e Cultura negra junto de bebês, crianças, adolescentes e jovens leitoras(es) negras(os) ou não.

REFERÊNCIAS

ABREU, A. P. B. Revelações que a escrita não faz: a ilustração do livro infantil. *Revista eletrônica do grupo de pesquisa em cinema e literatura*. Vol. 1, nº 7, Ano VII, Dez/2010, p. 328 – 341.

ABRAMOWICZ, A.; OLIVEIRA, F. de. As Relações étnico-raciais e a sociologia da infância no Brasil: alguns aportes. In: BENTO, M. S. B. (Org.). *Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais*. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdade – CEERT, 2011.

APPLE, M.. Políticas de direita e branquidade: a presença ausente da raça nas reformas educacionais. *Revista Brasileira de Educação*, Jan/Fev/Mar/Abr 2001 nº 16, p. 61-67.

ARAÚJO, D. C. *Ideologia e Racismo*: análise de discurso sobre a recepção de leituras de obras infanto-juvenis. 33a Reunião Anual ANPED, 2010. Disponível em: <<http://33reuniao.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT21-6105-Int.pdf>> Acesso em: 01/03/2019.

ARAÚJO, D. C. *O que já disseram a respeito da diversidade étnico-racial no Programa Nacional de Biblioteca da Escola (PNBE)?* Um estudo em andamento. Reunião Anual ANPED, 2010. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt21_2670_texto.pdf>. Acesso em: 01/03/2019.

ARAÚJO, D. C. *Pesquisas Sobre Literatura Infantojuvenil e Relações Raciais*: um breve estado da arte. Reunião Anual da ANPED, 2011. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/app/webroot/34reuniao/images/trabalhos/GT21/GT21-35%20int.pdf>>. Acesso em: 01/03/2019.

ARAÚJO, D. C.; SILVA, P. V. B. Diversidade étnico-racial e a produção literária infantil: análise de resultados. In: BENTO, Maria Aparecida Silva (Org.). *Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais*. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades – CEERT, 2012, p. 194-220.

ARAÚJO, D. C. *Literatura infanto-juvenil e política educacional*: estratégias de racialização do Programa Nacional de Biblioteca da Escola (PNBE). 2015. (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba-PR, 2015. Disponível em: <<http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/38010/R%20-%20T%20-%20DEBORA%20CRISTINA%20DE%20ARAÚJO.pdf?sequence=3&isAllowed=y>>. Acesso em: 01/03/2019.

ARAÚJO, D. C. A Educação das Relações Étnico-Raciais: histórico, interfaces e desafios. *InterMeio: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação*, Campo Grande, MS, v.21, n.41, p.127-145, jan./jun. 2015. Disponível em: <<http://seer.ufms.br/index.php/intm/article/view/2335/1416> >. Acesso em: 01/03/2019.

ARAÚJO, D. C. *Personagens negras na literatura infantil*: o que dizem crianças e professores. Curitiba-PR: CRV, 2017.

ARAÚJO, D. C. *Relações étnico-raciais na Literatura Infantil e Juvenil: a produção acadêmica stricto sensu de 2003 a 2015*. Relatório Final de Estágio Pós-Doutoral. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Paraná, 2017.

ARAÚJO, D. C. Meninas e meninos negros nos livros infantis contemporâneos: três tendências positivas. In: MORO, C.; SOUZA, G. *Educação infantil: construção de sentidos e formação*. NEPIE/UFPR. 2018. Disponível em: <<https://issuu.com/nepie.ufpr/docs/ebook>>. Acesso em 29 jul. 2023.

ARENA, D. B. ; LOPES, N. R. *PNBE 2010: personagens negros como protagonistas*. In: Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1147-1173, out./dez. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362013000400008&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 18 Fev. 2018.

ARIÈS, P. *História Social da Criança e da Família*. Dora Flakman (Tradutora). 2. Ed. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

BÂ, A. H. *Amkoullel, o menino fula*. São Paulo: Palas Athena e Casa das Áfricas, 2003.

BÂ, A. H. A tradição viva. In: *História Geral da África*; volume 1. Metodologia e pré-história da África. Editor: Joseph Ki-Zerbo. 3ª edição. São Paulo: Cortez. Brasília: UNESCO, 2011.

BAERINGER, R. *Espaço e tempo em Campinas: migrantes e a expansão do polo industrial paulista*. Campinas: área de Publicações CMU/UNICAMP, 1996.

BARBOSA, R. A. *Os três presentes mágicos*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

BARBOSA, V.; SIROTA, R. *Os livros para crianças, manuais de civilidade contemporâneos entre formal e informal? Um exemplo: a criança negra na literatura infanto-juvenil no Brasil*. In: Revista eletrônica de Educação - REVEDUC, 2016 volume 10 nº 03, p. 369-382.

BERNARDES, T. V. M. *A literatura de temática da cultura africana e afro-brasileira nos acervos do programa nacional biblioteca da escola (PNBE) para Educação Infantil*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, 2018.

BERND, Z. *Negritude e literatura na América Latina*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1989.

BERND, Z. *Por uma estética dos vestígios memoriais: releitura da literatura contemporânea das Américas a partir dos rastros*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BRASIL. Lei nº 10.639. Inclui a obrigatoriedade da História e Cultura Afro-Brasileira no currículo oficial das diferentes redes de ensino. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF: 2003.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.9394. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF: 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. *Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Biblioteca da Escola*. s.d. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola>>. Acesso em: 10 set. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. *Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Biblioteca da Escola*. s.d. Disponível em: <<https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/biblioteca-na-escola/funcionamento>>. Acesso em: 10 set. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. *Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Biblioteca da Escola*. s.d. Disponível em: <<https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/biblioteca-na-escola/legislacao>>. Acesso em: 10 set. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. *Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Biblioteca da Escola*. s.d. Disponível em: <<https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/biblioteca-na-escola/dados-estatisticos>>. Acesso em: 10 set. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. *Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Biblioteca da Escola*. s.d. Disponível em: <<https://www.fnde.gov.br/index.php/centrais-de-conteudos/publicacoes/category/108-dados-estatisticos?limitstart=0>>. Acesso em: 10 set. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. *Edital de convocação para inscrição de obras de literatura no processo de avaliação e seleção para o Programa Nacional Biblioteca da Escola - PNBE/2003*. Brasília, DF: 2003. Disponível em: <<https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/consultas/editais-programas-livro/item/3017-editais-antiores>>. Acesso em: 20 out. 2018.

BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais para educação das relações étnico-raciais e para ensino da história e da cultura afro-brasileira*. Brasília, DF: MEC/SEF, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. *Edital de convocação para inscrição de obras de literatura no processo de avaliação e seleção para o Programa Nacional Biblioteca da Escola - PNBE/2005*. Brasília, DF: 2004. Disponível em: <<https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/consultas/editais-programas-livro/item/3017-editais-antiores>>. Acesso em: 20 out. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. *Edital de convocação para inscrição de obras de literatura a serem distribuídas às escolas públicas do ensino fundamental, no processo de avaliação e seleção para o Programa Nacional Biblioteca da Escola - PNBE/2006*. Brasília, DF: 2006. Disponível em: <<https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/consultas/editais-programas-livro/item/3017-editais-antiores>>. Acesso em: 20 out. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. *Edital de convocação para inscrição de obras de literatura no processo de avaliação e seleção para o Programa Nacional Biblioteca da Escola - PNBE ESPECIAL 2008*. Brasília, DF: 2007. Disponível em: <<https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/consultas/editais-programas-livro/item/3017-editais-antiores>>. Acesso em: 20 out. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. *Edital de convocação para inscrição de obras de literatura no processo de avaliação e seleção para o Programa Nacional Biblioteca da Escola - PNBE 2008*. Brasília, DF: 2007. Disponível em: <<https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/consultas/editais-programas-livro/item/3017-editais-antiores>>. Acesso em: 20 out. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. *Edital de convocação para inscrição de obras de literatura no processo de avaliação e seleção para o Programa Nacional Biblioteca da Escola - PNBE 2009*. Brasília, DF: 2008. Disponível em: <<https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/consultas/editais-programas-livro/item/3017-editais-antiores>>. Acesso em: 20 out. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. *Edital de convocação para o processo de inscrição e avaliação de obras de literatura para o Programa Nacional Biblioteca da Escola - PNBE 2010*. Brasília, DF: 2009. Disponível em: <<https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/consultas/editais-programas-livro/item/3017-editais-antiores>>. Acesso em: 20 out. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. *Edital de convocação para o processo de inscrição e avaliação de obras de literatura para o Programa Nacional Biblioteca da Escola - PNBE Periódicos 2010*. Brasília, DF: 2009. Disponível em: <<https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/consultas/editais-programas-livro/item/3017-editais-antiores>>. Acesso em: 20 out. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. *Edital de convocação para o processo de inscrição e avaliação de obras de literatura para o Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE Professor 2010*. Brasília, DF: 2009. Disponível em: <<https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/consultas/editais-programas-livro/item/3017-editais-antiores>>. Acesso em: 20 out. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. *Edital de convocação para o processo de inscrição e avaliação de obras de literatura para o Programa Nacional Biblioteca da Escola - PNBE 2011*. Brasília, DF: 2010. Disponível em: <<https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/consultas/editais-programas-livro/itemlist/category/295-editais-pnbe>>. Acesso em: 20 out. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. *Edital de convocação para o processo de inscrição e avaliação de obras de literatura para o Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE Periódicos 2011*. Brasília, DF: 2010.

Disponível em: <<https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/consultas/editais-programas-livro/itemlist/category/295-editais-pnbe>>. Acesso em: 20 out. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. *Edital de convocação para o processo de inscrição e avaliação de obras de literatura para o Programa Nacional Biblioteca da Escola - PNBE 2012*. Brasília. DF: 2011. Disponível em: <<https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/consultas/editais-programas-livro/itemlist/category/295-editais-pnbe>>. Acesso em: 20 out. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. *Edital de convocação para o processo de inscrição e avaliação de obras de literatura para o Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE Periódicos 2012*. Brasília. DF: 2011. Disponível em: <<https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/consultas/editais-programas-livro/itemlist/category/295-editais-pnbe>>. Acesso em: 20 out. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. *Edital de convocação para inscrição e seleção de obras de literatura para o Programa Nacional Biblioteca da Escola - PNBE 2013*. Brasília. DF: 2012. Disponível em: <<https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/consultas/editais-programas-livro/itemlist/category/295-editais-pnbe>>. Acesso em: 20 out. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. *Edital de convocação para inscrição e seleção de obras de literatura para o Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE do Professor 2013*. Brasília. DF: 2012. Disponível em: <<https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/consultas/editais-programas-livro/itemlist/category/295-editais-pnbe>>. Acesso em: 20 out. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. *Edital de convocação para inscrição e seleção de obras de literatura para o Programa Nacional Biblioteca da Escola - PNBE TEMÁTICO 2013*. Brasília. DF: 2012. Disponível em: <<https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/consultas/editais-programas-livro/itemlist/category/295-editais-pnbe>>. Acesso em: 20 out. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. *Edital de convocação para inscrição e seleção de obras de literatura para o Programa Nacional Biblioteca da Escola - PNBE 2014*. Brasília. DF: 2013 Disponível em: <<https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/consultas/editais-programas-livro/itemlist/category/295-editais-pnbe>>. Acesso em: 20 out. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. *PNBE na escola: literatura fora da caixa Guia 1 – Educação Infantil*. Elaborada pelo Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da Universidade Federal de Minas Gerais. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. *Edital de convocação para inscrição e seleção de obras de literatura para o Programa Nacional Biblioteca da Escola - PNBE 2015*. Brasília. DF: 2014 Disponível em: <<https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/consultas/editais-programas-livro/itemlist/category/295-editais-pnbe>>. Acesso em: 20 out. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. *Edital de convocação para inscrição e seleção de obras de literatura para o Programa Nacional Biblioteca da Escola - PNBE Indígena 2015*. Brasília. DF: 2014 Disponível em: <<https://www.fnnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/consultas/editais-programas-livro/itemlist/category/295-editais-pnbe>>. Acesso em: 20 out. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. *Edital de convocação para inscrição e seleção de obras de literatura para o Programa Nacional Biblioteca da Escola - PNBE Periódicos 2016*. Brasília. DF: 2015 Disponível em: <<https://www.fnnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/consultas/editais-programas-livro/itemlist/category/295-editais-pnbe>>. Acesso em: 20 out. 2018.

CADEMARTORI, L. *O que é literatura infantil*. São Paulo: Editora Brasiliense S A, 1986.

CARDOSO, J. A. *Quando o ódio está à venda na Amazon: organizações pedem, sem sucesso, retirada de livro infantil nazi e anti-semita*. 2020. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2020/02/22/culturaipsilon/noticia/odio-vendaamazon-organizacoes-pedem-sucesso-retirada-livro-infantil-nazi-antisemita1905193>>. Acesso em: 05 jan. 2022.

CAVALLEIRO, E. dos S. *Do silêncio da lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil*. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

CAVALLEIRO, E. dos S. Discriminação racial e pluralismo em escolas públicas da cidade de São Paulo. HENRIQUES, R. (Org.). *Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº. 10.639/03*. Brasília: SECAD/MEC, 2005, p. 65-104.

COELHO, N. N. *Literatura Infantil: Teoria, análise e didática*. São Paulo: Editora Moderna, 2009.

COSTA NETO, A. G. da. A Desconstrução do racismo através de Monteiro Lobato: uma análise do caso “caçadas de Pedrinho”. *Caderno de Letras*, n. 25, jul/dez, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/cadernodeletras/article/view/7338/512>>. Acesso em: 29 mar. 2021.

CUTI, L. S. *Poemas da carapinha*. São Paulo: Ed. do autor, 1978.

CUTI, L. S. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo negro, 2010.

CUTI, L. S. *Literatura e Afrodescendência no Brasil: antologia crítica Vol 4*. Belo Horizonte: Editora ufmg, 2014.

DAMASCENO, B. G. *Poesia negra no modernismo brasileiro*. Campinas: Pontes Editores, 1988.

DÁVILA, J. *Diploma de brancura: política social e racial no Brasil 1917-1945*. São Paulo: Editora da UNESP, 2006.

DEBUS, E. A representação do negro na literatura para crianças e jovens: negação ou construção de uma identidade? In: CONGRESSO INTERNACIONAL CRIANÇA, LÍNGUA, IMAGINÁRIO E TEXTO LITERÁRIO. 2., 2006, Braga. *Anais...* Vila Nova de Gaia: Gailivro, 2007. p. 262-269.

DEBUS, E. *A temática da cultura africana e afro brasileira na Literatura para crianças e jovens*. Florianópolis: NUP, 2017.

DEBUS, E. A escravização africana na literatura infanto-juvenil: lendo dois títulos. *Currículo sem Fronteiras*, v. 12, n. 1, p. 141-156, Jan/Abr 2012. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss1articles/debus.pdf>>. Acesso em: 21 de mar. 2018.

DEBUS, E.; BERNARDES, T. V.M.; SILVEIRA, R. K. da; PEREIRA, A., de C. (Org.). *A produção literária de Rogério Andrade Barbosa: da temática africana e afro-brasileira a outros temas*. Tubarão: Copiart, 2018.

DEBUS, E.; BALÇA, A. Literatura infantil portuguesa e brasileira: contributos para um diálogo multicultural. *Via Atlântica*, n. 14, p. 63-74, dez/2008. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50380>>. Acesso em: 21 de mar. 2018.

DEBUS; E. S. D.; VASQUES, M. C.. A linguagem literária e a pluralidade cultural: contribuições para uma reflexão étnico-racial na escola. *Conjectura Caxias do Sul*, v. 14, n. 2, p. 133-144, maio/ago. 2009. Disponível em: <<http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/viewFile/19/18>>. Acesso em: 21 de mar. 2018>.

DIAS, A. F. A identidade cultural do negro na literatura infantil de Monteiro Lobato. *Revista Fórum Identidades*, Minas Gerais, Ano 2, v.3, p. 103-109, jan/jun. 2008.

DIAS, M. O. Resistir e sobreviver. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO; Joana Maria (org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

DOMINGOS, P. Um "templo de luz": Frente Negra Brasileira (1931-1937) e a questão da educação. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, v. 13, n. 39, set./dez. 2008.

FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

FAZZI, R. de C. *O drama racial das crianças brasileiras: Socialização entre pares e preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FERNANDES, C. R. D. *Práticas de leitura escolar no Brasil: representações da escola, de professores e do ensino na literatura infanto-juvenil a partir dos anos 80*. Campinas: Tese de doutorado apresentada ao IEL-UNICAMP, 2004.

FERNANDES, C. R. D. *Leitura, literatura infanto-juvenil e educação*. Londrina: EDUEL, 2007.

FERNANDES, C. R. D; CORDEIRO, M. B. da S. Os critérios de avaliação e seleção do PNBE: um estudo diacrônico. *Revista da Educação*. Porto Alegre, v. 35, n. 03, p. 81 a 88. set./dez. 2012.

FERNANDES, C. R. D. A seleção de obras literárias para o Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE 2006-201. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, Brasília, n. 51, p. 221-244, maio/ago.2017.

FONSECA, D. J. *Políticas públicas e ações afirmativas*. São Paulo: Selo Negro, 2009.

FONSECA, M. N. S. Literatura negra: os sentidos e as ramificações. In: Eduardo de Assis Duarte. *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

FRANÇA, L. F. *Personagens negras na literatura infantil brasileira: da manutenção à desconstrução do estereótipo*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem). Cuiabá: Universidade Federal do Mato Grosso, 2006.

FRANÇA, L. F. Desconstrução dos estereótipos negativos do negro em *Menina bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado, e em *O menino marrom*, de Ziraldo. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*. Brasília, n. 31, jan./jun. 2008. p. 111-128.

GIAROLA, F. R. *Racismo e teorias raciais no século XIX: Principais noções e balanço historiográfico*. História e-História, v. SM, p. 1-21, 2010.

GOMES, N. L. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In.: HENRIQUES, R. (Org.). *Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal n.º. 10.639/03*. Brasília: SECAD/MEC, 2005, p.35- 64.

GOMES, N. L. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos de identidade negra*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GOMES, N. L. *Betina*. Ilustrações de Denise Nascimento. Belo Horizonte: Mazza, 2009.

GOMES, N. L. Movimento negro e educação: ressignificando e politizando a raça. *Educação e Sociedade*, Campinas, v.33, n.120, p. 727-744, jul./set. 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/es/v33n120/05>>. Acesso em: 15 de abr. 2020.

GOMES, N. L. *O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis: Vozes, 2017.

GOMES, N. L. Africanidades e literatura infantil, *XI Congresso de Pesquisadores/as Negros/as*, 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yITk6v6ir5s>>. 12 nov. 2020.

GOMES, N. L. *Infâncias, Educação e Direitos Humanos*, SESC RIBEIRÃO PRETO - #Debates, 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AZKpybVnOQU>>. 29 abr. 2021.

GOMES, N. L. A escrita literária: autoras negras de literatura infantil, *ÀGBÁRA ÒRÒ - Ciclo de debates sobre educação das relações étnico-raciais e literatura infantil*, 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dQAokzhici0>>. 17 jun. 2021.

GONÇALVES, A. M. *Não é sobre você que devemos falar*. 20 de novembro de 2010. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/ana-maria-goncalves-lobato-nao-e-sobre-voce-que-devemos-falar/>>. Acesso em: 15 de mai. 2020.

GONÇALVES, A. M. *Carta Aberta ao Ziraldo*. 18 de fevereiro de 2011. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/carta-aberta-ao-ziraldo-por-ana-maria-goncalves-2/>>. Acesso em: 15 de mai. 2020.

GOUVÊA, M. C. S. de. Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.31, n.1, p. 77-89, jan/abr. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n1/a06v31n1.pdf>>. Acesso em: 09/10/2019.

HABIB, P.A.B.B. Saneamento, Eugenia e Literatura: Os Caminhos Cruzados de Renato Kehl e Monteiro Lobato.(1914-1926). *Anais eletrônicos ANPUH – XXIV Simpósio Nacional de História – São Leopoldo*, 2007.

HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomas Tadeu (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP& A, 2005.

HALL, S. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Org. Liv Sovik. Trad. Adriane La Guardia Resende. 1ª edição atualizada: Editora UFMG, 2009.

HASENBALG, C. A.; SILVA, N. do V. Raça e oportunidades educacionais no Brasil. *Caderno de Pesquisa*, São Paulo, n.73, p.5-12, maio 1990. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010015741990000200001&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 08 jul. 2016.

IANNI, O. Literatura e Consciência. In: DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares (Orgs.) *Literatura e Afrodescendência: Antologia Crítica*. v. 4. Belo Horizonte: Editora UFMG (Humanitas), 2011

IBGE. Estudos e pesquisas. *Informação demográfica e socioeconômica*, ISSN 978-85-240-4513-4, 2019, Rio de Janeiro, n. 41, p. 1-12. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2019.

IBGE. Estudos e pesquisas. *Retratos: A revista do IBGE*, 2018, Rio de Janeiro, n. 11, p. 1-15. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/17eac9b7a875c68c1b2d1a98c80414c9.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2019.

IBGE. Estudos e pesquisas. *Pesquisa Anual por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD-Contínua)* Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de>>

imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/24857-pnad-continua-2018-educacao-avanca-no-pais-mas-desigualdades-raciais-e-por-regiao-persistem> Acesso em:20 dez 2019.

JANGO, C. F. *Aqui tem racismo: Um estudo das representações sociais e das identidades de crianças negras nas escolas*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2017.

JESUS, S. R. R. O. D de. *A literatura infantil afro-brasileira como letramento racial e fortalecimento das identidades negras: uma narrativa autobiográfica / Sonia Regina Rosa de Oliveira Dias de Jesus*. Dissertação Mestrado, 2019, CEFET/RJ.

JOVINO, I. da S. Literatura Infanto-Juvenil com Personagens Negros no Brasil. In: SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré. *Literatura Afro-brasileira*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006, p. 179-217.

KING, J. E. Usando o pensamento africano e o conhecimento nativo da comunidade. In.: GOMES, N. L.; SILVA, P. B. G. (Orgs). *Experiências étnico-raciais para formação de professores*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p.61-72.

KLEIN, M. Literatura infantil e produção de sentidos sobre as diferenças: práticas discursivas nas histórias infantis e nos espaços escolares. In: *Pro-posições*, Campinas, v. 21, n. 1 (61), p. 179-195, Jan/abril. 2010.

LAJOLO. *A figura do negro em Monteiro Lobato*. Unicamp 1998. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/outros/lobatonegros.pdf>>. Acesso em: 17 mar. 2019.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, R. *Um Brasil para Crianças: Para conhecer a Literatura Infantil brasileira: Histórias, autores e textos*. São Paulo: Global ed., 1986.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. *Literatura infantil brasileira: histórias & histórias*. São Paulo: Ática, 2007.

LIMA, H. P. Personagens Negros: Um breve Perfil na Literatura Infanto- Juvenil. In: *Superando o Racismo na escola*. 2º edição revisada. KABENGELE, Munanga (Org.). Alfabetização e diversidade. Brasília: MEC/SEC, 2005.

LIMA, C. B. de. Literatura negra – uma outra história. *Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários*. Volume 17-A (dez. 2009). Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol17A/TRvol17Af.pdf>. Acesso em: 01 fev 2021.

LOBATO, M. *Histórias da Tia Nastácia*. Edição integral. São Paulo: Círculo do livro, por cortesia dos herdeiros de Monteiro Lobato e da Editora Brasiliense, S.A, s/d [1ª edição: 1937].

LOBATO, M. *Caçadas de Pedrinho*. São Paulo. Brasiliense,1994.

LOBATO, M. *Reinações de Narizinho*. São Paulo. Globo,2011.

LOPES, N. R. *Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) 2010: personagens negros como protagonistas e a construção da identidade étnico-racial*.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” (UNESP), Marília, 2012.

LUIZ, M. F. *Educação das relações étnico-raciais: Contribuições de cursos de formação continuada de professoras(es)*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos/SP, 2013.

MARCHESE, I. de L. *Procedimentos didáticos para combater o racismo, preconceito e a discriminação*. Franca: Cristal, 2009.

MELO, M. C. do V. A Figura do Griot e a relação memória e narrativa. In: LIMA, T.; NASCIMENTO, I.; OLIVEIRA, A. (Org). *Griots – culturas africanas: linguagem, memória, imaginário*. 1ª edição. Natal: Lucgraf, 2009.

MOORE, C. Prefácio. In.: OLIVEIRA, K. *O mar que banha a Ilha de Goré*. São Paulo: Editora Peirópolis, 2014.

MORENO, J. L. B. *O negro e a diferença nos livros de literatura infantil veiculados no Programa Nacional Biblioteca da Escola*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande/RS, 2015.

MUNANGA, K. *Superando o Racismo na escola*. 2ª edição revisada. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

MUNANGA, K. *Nova legislação e política de cotas desencadeariam ascensão econômica e inclusão dos negros, diz professor*. Trecho de entrevista publicada online. Pambazuka, 1º de março de 2010. Disponível em: <<https://www.pambazuka.org/pt/security-icts/nova-legisla%C3%A7%C3%A3o-e-pol%C3%ADtica-de-cotas-desencadeariam-ascens%C3%A3o-econ%C3%B4mica-e-inclus%C3%A3o-dos>>. Acesso em: 20 mai. 2020.

MUNANGA, K. *A educação colabora para perpetuar racismo*. Carta Capital. Entrevistador: Adriana Marcolini. São Paulo: Editora Confiança, 2012. Disponível em: <<http://www.viomundo.com.br/politica/kabengele-munanga-a-educacao-colabora-para-a-perpetuacao-do-racismo.html>>. Acesso em: 16 dez. 2017.

NEGRÃO, E. V. A Discriminação Racial em Livros Didáticos e Infanto-juvenis. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 63, p. 86-87, nov. 1987.

NOGUERA, R. Infância em afroperspectiva: articulações entre sankofa, ndaw e terrixistir. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*. n.31, maio-outubro/2019, p. 53-70.

OLIVEIRA, F. De; ABRAMOWICZ, A. Infância, raça e "paparicação". *Educ. rev. online*. 2010, vol. 26, n. 2. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/edur/a/vg5K7QqcXTm9ZRfsW9WVgvj/?lang=pt>>. Acesso em 29 jul. 2023.

OLIVEIRA, E. R. *Narrativas de Thereza Santos: Contribuições para educação das relações étnico-raciais*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2009.

OLIVEIRA, L. L. *Indústria editorial e governo federal: o caso do programa nacional biblioteca da escola (PNBE) e suas seis primeiras edições*. Tese de doutorado apresentada à Escola de Comunicações e Artes da USP, 2008.

OLIVEIRA, M. A. de J. *Negros personagens nas narrativas infanto-juvenis brasileiras: 1979-1989*. Dissertação (Mestrado em Educação). Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2003.

OLIVEIRA, M. A. de J. Literatura afro-brasileira infanto-juvenil: enredando inovação em face à tessitura dos personagens negros. In: *Anais... XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências*. 13 a 17 de julho de 2008, USP –São Paulo, Brasil. Disponível em: http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/024/MARIA_OLIVEIRA.pdf. <Acesso em: 09 de set. 2017>.

OLIVEIRA, M. A. de J. *Personagens negros na literatura infanto-juvenil no Brasil e em Moçambique (2000 – 2007): entrelaçadas vozes tecendo Negritudes*. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal da Paraíba, 2010. PIZA, Edith. O caminho das águas: estereótipos de personagens negras por escritoras brancas. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Com Arte, 1998.

PAIVA, A. Políticas públicas: pesquisas em foco. In: *Literatura Fora da Caixa: o PNBE na escola – Distribuição, circulação e leitura*. UNESP: São Paulo, 2012. p 13 a 33.

PINTO, R. P. A representação do negro em livros didáticos de leitura. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 63, p. 88-92, nov. 1987.

PROENÇA FILHO, D. A trajetória do negro na literatura brasileira. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 25., 1997.

RABASSA, G. *O negro na ficção brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965.

RAMOS, F. B. *Literatura na Escola: da concepção à mediação do PNBE*. Caxias do Sul: Educs, 2013. (livro online). Disponível em <<http://www.uces.br/site/midia/arquivos/literatura-escolaebook.pdf>>. Acesso em: 23/02/2019.

RIBEIRO, R. M. B. *Etnias e educação: trajetórias de formação de professores frente à complexidade das relações étnicas no cotidiano escolar*. 2001. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

RIZZI, R. Páginas para todos. In: *Discutindo Literatura Especial*. Ano 1, n.03. São Paulo: Escala Educacional, 2008.

ROCHA, R. M. de C.; TRINDADE da, A. L. Ensino Fundamental. In: Ministério da Educação/Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. *Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais*. Brasília, SEDAD, 2006.

RODRIGUES, P. R. S. *Monteiro Lobato, o “cancelado” de taubaté: outros significados da denúncia à obra as caçadas de Pedrinho*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos/SP, 2022.

ROSA, S. *O menino Nito*. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

ROSA, S. *Literatura negro afetiva para crianças e jovens*. Portal Geledés. 2021. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/literatura-negro-afetiva-para-criancas-e-jovens/>>. Acesso em: 31 ago. 2021.

ROSEMBERG, F. Um psicólogo na literatura infantil. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 17, p. 5-7, 1976.

ROSEMBERG, F. *Análise dos modelos culturais na literatura infanto-juvenil brasileira*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1980.

ROSEMBERG, F. *Literatura Infantil e Ideologia*. São Paulo, Global, 1985.

SANTOS, C. L. dos. Ilustração de contos africanos: um novo conceito. *Anais da XVIII Semana de Humanidades - UFRN*, 2011.

SANTOS, I. A. A responsabilidade da escola na eliminação do preconceito racial: alguns caminhos. In: CAVALLEIRO, E. (Org.). *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Selo Negro, 2001. p. 97-113.

SANTOS, J. R. dos. *A escravidão no Brasil*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2013. (Como eu ensino).

SCHUCMAN, L. V. *Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana*. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SILVA, A. C. da. Estereótipos e preconceitos em relação ao negro no livro de Comunicação e Expressão de 1º grau, nível 1, Projeto de pesquisa. In: *Cadernos de Pesquisa*, Fundação Carlos Chagas, São Paulo, nov/1987, nº 63: 96-98.

SILVA, A. C. da. *Desconstruindo a discriminação do negro no livro didático*. Salvador: EDUFBA, 2001.

SILVA, A. C. da. *A Representação Social do Negro no Livro Didático: O que mudou? Por que mudou?*. Salvador: EDUFBA, 2011.

SILVA FILHO, J. B. *A História do negro no Brasil*. Disponível em <http://www.aaspaetc.com.br/wp-content/uploads/2009/11/AHist%C3%B3ria-do-Negro.pdf> acessado em 28 de maio de 2017.

SILVA, L. C.; SILVA, K. G. de. O negro na literatura infanto juvenil brasileira. *Revista Thema*, vol. 8, número especial, p.1 - 13, 2011.

SILVA, M. P. da. Identidade e consciência racial brasileira. In: SEYFERTH, G.; SILVA BENTO, M. A.; DA SILVA, M. P.; BORGES PEREIRA, J. B.; SIQUEIRA, M. de L.; SILVÉRIO, V. R.; DA SILVA, M. A.; GOMES, J. B. *Racismo no Brasil*. Fundação Petrópolis, ABONG, São Paulo: 2002.

SILVA, M. A. M. da. *A descoberta do Insólito: Literatura Negra e Literatura Periférica no Brasil (1960-2000)*. Tese (Doutorado em Sociologia). Campinas: Unicamp, 2011.

SILVA, P. V. B. da. *Relações raciais em livros didáticos: estudo sobre negros e brancos em livros de Língua Portuguesa*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. (Coleção Cultura Negra e Identidade).

SILVA, P. V. B. *Pour une histoire de plus*. Diogène (Ed. Française), v. 235-236, p. 234-251, 2011. (Versão em português)

SILVA, P. B. G. História e Cultura africana no ensino brasileiro e na formação para cidadania. In: BOLAMA, N.A. (Org.). *Redes de conhecimentos: novos horizontes para cooperação Brasil e África*. São Carlos: Pedro & João editores, 2007a. p.103-111.

SILVA, P. B. G. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. *Revista Educação*, Porto Alegre/RS, n. 3 (63), p. 489-506, set./dez. 2007b. Disponível em: <www.revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/download/.../2092>. Acesso em: 6 jul. 2017.

SILVA, P. B. G. Estudos afro-brasileiros: africanidades e cidadania. In: ABRAMOWICZ, A.; GOMES, N. L. (Orgs.). *Educação e raça: perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SILVA, P. B. G. *Entre o Brasil e a África: construindo conhecimento e militância*. Belo Horizonte: Mazza Edições. 2011.

SILVA, T. T. da (Org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Stuart Hall, Kathryn Woodward. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SILVEIRA, R. M. H.; BONIN, I. T.; RIPOLL, D. Ensinando sobre a diferença na literatura para criança: Paratextos, discurso científico e discurso multicultural. In: *Revista Brasileira de Educação*. V. 15, N. 43. Jan/Abr. 2010. p. 98-108.

SILVEIRA, R. M. H. *A diferença na literatura Infantil: Narrativas e Leituras*. 1a. Ed. São Paulo: Moderna, 2012.

SOARES, M. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, A. A. M.; BRANDÃO, H. M. B.; MACHADO, M. Z. V. (Orgs.). *Escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 17-48.

SOARES, P. R. e ALBUQUERQUE. M. de. A (in)visibilidade da pessoa negra na literatura infantil: (Im)possibilidades de afirmação da identidade afrodescendente na escola. *Cadernos Imbondeiro*. João Pessoa, v.1, n.1, 2010. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ci/article/view/13492/7651>>. Acesso em: 6 Jul.2017.

SOARES, P. R. *Infância negra: uma análise da afirmação da identidade étnica a partir dos livros infantis*. Mestrado Acadêmico em Educação: Universidade Federal da Paraíba/João Pessoa. 2012.

SOUSA, A. L. Personagens negros na literatura infantil e juvenil. In: CAVALEIRO, Eliane (Org.). *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Summus, 2001.

SOUSA, A. L. *Nas tramas das imagens: um olhar sobre o imaginário da personagem negra na literatura infantil e juvenil*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2003.

SOUSA, A. L. A Representação da Personagem Feminina Negra na Literatura Infanto-Juvenil Brasileira. In: BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal 10.639/03*. Brasília, 2005.

SOUSA, M. L. N. *O protagonismo de personagens negros em contos infantis: contribuições da análise do discurso crítica para o ensino de língua portuguesa em uma classe hospitalar*. Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS): Universidade Federal de Uberlândia/Minas Gerais. 2016.

SOUZA, Y. C. de. *Crianças negras: deixei meu coração embaixo da carteira*. Porto Alegre: Mediação, 2002.

VANSINA, J. A tradição oral e sua metodologia. In: KI-ZERBO, J. (ed.). *História geral da África I: Metodologia e pré-história da África*. 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010. Cap. 7, p. 139/166.

VENÂNCIO, A. C. L. *Literatura infanto-juvenil e diversidade*. Dissertação (Mestrado em Educação). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2009.

WERNECK, J. *Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo*. Vents d'Est, vents d'Ouest: Mouvements de femmes et féminismes anticoloniaux [en línea]. Genève: Graduate Institute Publications, 2009.

ZILBERMAM, R. *A Literatura Infantil na Escola*. São Paulo: Global, 1981.

APÊNDICE A – Carta de Apresentação da Pesquisa

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Via Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676

Tel/Fax: (0xx16) 3351-8356

CEP 13.565-905 – São Carlos - SP – Brasil

e-mail: secppge@power.ufscar.br

Carta de apresentação de projeto de pesquisa

*Enviada por email, facebook e instagram às(aos) escritoras(es) para contato inicial e para efetivação da pesquisa

Assunto: Apresentação de Projeto de Pesquisa e solicitação de autorização

Prezado(a) Senhor(a),

Apresentamos o Projeto de Pesquisa ***“ENTRE PROSAS E LIVROS: A literatura infantil-negro brasileira interroga, tensiona e expande o campo da literatura infantil brasileira”***. A pesquisa tem como objetivo compreender como se dá a construção das(os) personagens negras(os) presentes nos livros de literatura infantil brasileira especificamente dos livros selecionados e distribuídos pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) nos anos de 2008,2010 e 2012 e distribuídos nas escolas públicas.

Para o desenvolvimento desta pesquisa pretendemos realizar atenta revisão bibliográfica, análise dos documentos sobre o PNBE e entrevista com as(os) escritoras(es) e ilustradoras(es) de livros selecionados em cada um dos anos citados anteriormente.

As informações coletadas pela pesquisadora serão guardadas por tempo indeterminado, a fim de subsidiar a pesquisa e a publicação de artigos e produtos, dela decorrentes. Destaca-se, contudo que todos os dados coletados serão utilizados de modo a garantir o anonimato da instituição e de todas as pessoas envolvidas. Nenhuma informação ou dado coletado será usado em prejuízo às pessoas envolvidas e tanto a estudante pesquisadora quanto a professora orientadora estarão sempre à disposição para eximir qualquer dúvida que possa surgir em decorrência da pesquisa. Ressaltamos que os dados coletados serão apresentados à todas(os) participantes podendo contribuir para suas reflexões e nas obras que criam.

A pesquisa será desenvolvida pela estudante pesquisadora Maria Fernanda Luiz (estudante de doutorado) e supervisionada pela Prof. Dr. Anete Abramowicz (Universidade Federal de São Carlos - UFSCar). A mesma foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa e seguirá todas as orientações do mesmo no que concerne à ética em pesquisa com seres humanos no Brasil (Resolução do Conselho Nacional de Ética em Pesquisa nº 510/16).

Campinas, xxxx de xxxxxx de 2020.

Maria Fernanda Luiz

Aluna regular do PPGE/UFSCar, orientada pela Prof^a Anete Abramowicz
(RG: xx.xxx.xxx-x /CPF: xxx.xxx.xxx-xx/Tel.:(xx)xxxxx-xxxx)

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Via Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676

Tel/Fax: (0xx16) 3351-8356

CEP 13.565-905 – São Carlos - SP – Brasil

e-mail: secppge@power.ufscar.br

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

*Enviado por email às(aos) escritoras(es) que participaram da pesquisa

Prezada(o) Senhora(Senhor), _____ está sendo convidada(o) para participar da pesquisa intitulada “*ENTRE PROSAS E LIVROS: A literatura infantil-negro brasileira interroga, tensiona e expande o campo da literatura infantil brasileira*”. A qualquer momento antes da conclusão deste trabalho a(o) senhora(senhor) poderá desistir de participar da pesquisa e retirar seu consentimento, sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição proponente. O objetivo deste estudo é compreender como se dá a construção das(os) personagens negras(os) presentes nos livros de literatura infantil brasileira especificamente dos livros selecionados e distribuídos pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) nos anos de 2008,2010 e 2012. A sua participação nesta pesquisa consistirá em conceder acesso ao material alvo desta pesquisa utilizado na instituição em que a(o) senhora(senhor) faz parte da equipe gestora como também permitir o uso dos diálogos, fatos e acontecimentos desencadeados em atividades com esses livros, conversas as quais serão transcritas minuciosamente e para uso exclusivamente acadêmico- científico. Os riscos em sua participação são o possível cansaço durante as conversas, o constrangimento e desconforto por falar sobre a representação da população negra nos livros de literatura infantil brasileira. No entanto, sua participação poderá trazer benefícios no sentido da compreensão da importância destes livros na construção da identidade, identificação e pertencimento étnico-racial de crianças negras e não negras, estudantes do 1º Ciclo do Ensino Fundamental I. Salientamos que caso seja de sua vontade o seu nome e da instituição a que está vinculado não serão citados. Assim sendo, usaremos pseudônimos. Contudo como a pesquisa apresentará uma interpretação de seu livro “XXXXXXXXXXXXXXXXXX” não nos é possível garantir o anonimato. Você receberá uma cópia deste termo em que constam os dados documentais e o telefone da pesquisadora, podendo tirar suas dúvidas sobre a pesquisa, a qualquer momento.

Maria Fernanda Luiz

Aluna regular do PPGE/UFSCar, orientada pela Prof^a Anete Abramowicz

(RG: xx.xxx.xxx-x /CPF: xxx.xxx.xxx-xx/Tel.:(xx)xxxxx-xxxx)

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da participação da(do) minha(meu) filha(o) na pesquisa e concordo com sua participação.

Campinas, ____/____/____

Participante da Pesquisa

(RG: _____ / CPF: _____ / Tel.: _____)

APÊNDICE C – Questionário para dados de identificação e levantamento

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Via Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676

Tel/Fax: (0xx16) 3351-8356

CEP 13.565-905 – São Carlos - SP – Brasil

e-mail: secppge@power.ufscar.br

QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTA – ESCRITORAS/ESCRITOR

*Questionário aplicado através do Google Forms

Este questionário integra a pesquisa de doutorado “*ENTRE PROSAS E LIVROS: A literatura infantil-negra brasileira interroga, tensiona e expande o campo da literatura infantil brasileira*” desenvolvida pela estudante pesquisadora Maria Fernanda Luiz (Universidade Federal de São Carlos - UFSCar). A pesquisa tem como objetivo compreender como se dá a construção das(os) personagens negras(os) presentes nos livros de literatura infantil brasileira especificamente dos livros selecionados e distribuídos pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) nos anos de 2008,2010 e 2012 e distribuídos nas escolas públicas.

1 – Dados Pessoais (Nome, idade, identidade de gênero, data e local de nascimento, cidade em que reside)

Nome: _____

Identidade de gênero: () Mulher (Trans ou Cis) () Homem (Trans ou Cis)

() Gênero Não-Binário () _____

Data de nascimento: _____

Local de nascimento: _____

Cidade em que reside: _____

Onde e em que ano se deu sua formação inicial?

2 - Qual é a sua Cor/Raça?

() Preta () Parda () Branca () Amarela () Indígena

3 –Qual foi o primeiro livro escrito por você e destinado ao público infantil?

4 – Para você, qual o sentido de escrever para crianças?

5 - Conhece o conteúdo da lei nº 10.639/03? () Sim () Não

6 – Tem uma atuação junto do Movimento Negro? () Sim () Não

Se sim, em que segmento? _____

7 – O livro “Os três presentes mágicos” que foi escrito por você foi selecionado e distribuído pelo Programa Nacional da Biblioteca na Escola (PNBE) no ano de “x” O que você acha desse livro estar acessível às crianças de escolas públicas brasileiras?

8- O que te levou a escrever essa história?

9- Por que escolheu personagens negras(os) para sua história?

10- Para você, é importante que se tenha uma literatura destinada ao público infantil a qual busque o reconhecimento e valorização da população negra? () Sim () Não

Explique o porquê da sua resposta. _____

11- Você classificaria essa obra como literatura infantil negro-brasileira? () Sim () Não

Explique o porquê da sua resposta. _____

APÊNDICE D – Questionário para dados de identificação e levantamento

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Via Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676

Tel/Fax: (0xx16) 3351-8356

CEP 13.565-905 – São Carlos - SP – Brasil

e-mail: secppge@power.ufscar.br

Você está participando da pesquisa intitulada *“ENTRE PROSAS E LIVROS: A literatura infantil-negro brasileira interroga, tensiona e expande o campo da literatura infantil brasileira”* desenvolvida pela estudante pesquisadora Maria Fernanda Luiz (Universidade Federal de São Carlos – UFSCar). Com o objetivo de aprofundar as respostas dadas às perguntas do questionário que foi preenchido por você na etapa anterior desta pesquisa, elaboramos algumas perguntas desencadeadoras. Para que juntas(juntos) possamos ter uma melhor compreensão como se dá a construção das personagens negras dos livros literatura infantil e juvenil escrito por você. Ressaltamos que faremos nossa entrevista pautada nas perguntas a seguir, mas enfatizamos que você tem liberdade para respondê-las ou não como também poderá acrescentar perguntas que acredita ser importante responder. E mais uma vez agradecemos sua disponibilidade!

Perguntas desencadeadoras para entrevista realizada com Rogério Andrade Barbosa

- Quem é Rogério Andrade Barbosa?
- Como você constrói as personagens negras de seus livros de literatura infantil e juvenil?
- Para quem você escreve?
- O que você quer transmitir através de suas histórias?
- Como você classificaria a literatura que você produz?

Perguntas desencadeadoras para entrevista realizada com Heloísa Pires

- Quem é Heloísa Pires Lima?
- Como você constrói as personagens negras de seus livros de literatura infantil e juvenil?
- Para quem você escreve?
- O que você quer transmitir através de suas histórias?
- Como você classificaria a literatura que você produz?

Perguntas desencadeadoras para entrevista realizada com Rosa Maria Tavares Andrade

- Quem é Rosa Maria Tavares Andrade?
- Como você constrói as personagens negras de seus livros de literatura infantil e juvenil?
- Para quem você escreve?
- O que você quer transmitir através de suas histórias?
- Como você classificaria a literatura que você produz?

Perguntas orientadoras para análise das transcrições das falas da escritora Nilma Lino Gomes em lives ao vivo

- Quem é Nilma Lino Gomes?
- Como você constrói as personagens negras de seus livros de literatura infantil e juvenil?
- Para quem você escreve?
- O que você quer transmitir através de suas histórias?
- Como você classificaria a literatura que você produz?

*Destacamos que no decorrer da entrevista de cada uma das escritoras e do escritor fizemos intervenções considerando suas respostas no questionário.

APÊNDICE E – Síntese do livro “Os três presentes mágicos” (Selecionado pela PNBE 2008)

Título do livro: Os três presentes mágicos

Autor: Rogério Andrade Barbosa

Ilustrador: Salmo Dansa

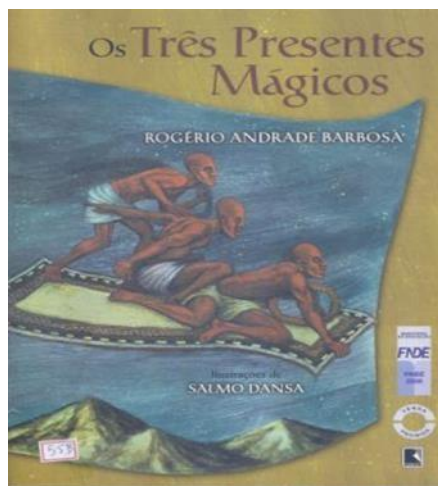
Editora: Record Editora

Foco Narrativo: Terceira pessoa

Número de páginas: 23

Ano de Publicação:

Ano de seleção PNBE: 2008

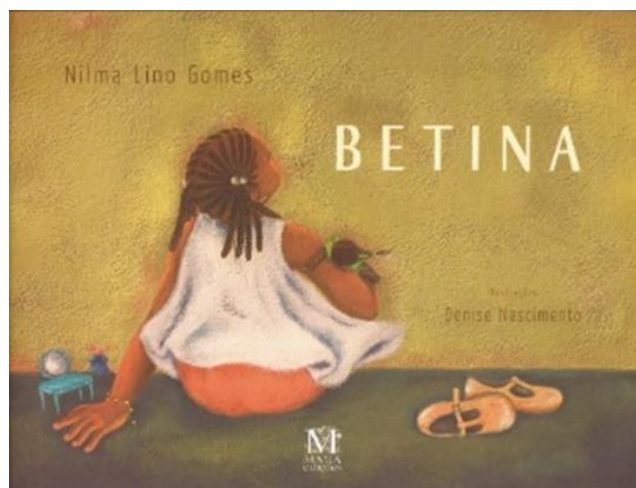


Síntese

O livro “Os três presentes mágicos” em sua ficha catalográfica é caracterizado como conto infanto-juvenil brasileiro foi publicado pela editora Record. Foi escrito por Rogério Andrade Barbosa e ilustrado por Salmo Dansa. Através de uma história enigma apresenta à criança leitora um conto congolês. O livro narra a história de três irmãos congolezes que se apaixonam pela mesma mulher, uma princesa real que está sendo enganada e prestes a casar-se com um monstro. A princesa é salva pelos três irmãos e poderá se casar com um deles. O final da história deverá ser elaborado pela criança ou jovem leitor(a).

APÊNDICE F – Síntese do livro “Betina” (Selecionado pela PNBE 2010)**Título do livro:** Betina**Autora:** Nilma Lino Gomes**Editora:** Mazza edições**Ilustradora:** Denise Nascimento**Foco Narrativo:****Número de páginas:** 23**Ano de Publicação:** 2009**Ano de seleção PNBE:**

2010

**Síntese**

O livro *Betina* em sua ficha catalográfica é caracterizado como literatura infanto-juvenil brasileiro foi publicado pela Mazza Edições. Foi escrito por Nilma Lino Gomes e ilustrado por Denise Nascimento. O enredo da história traz as memórias de infância de uma cabeleireira negra com sua avó. Betina quando criança tinha momentos nos quais a avó trançava os seus cabelos e lhes contava histórias sobre o povo negro, sobre ancestralidade. Betina, portanto, quando cresce abre um salão de beleza e através da arte de trançar tem a oportunidade de espalhar os ensinamentos deixados por sua avó seja em seu salão como também nas atividades sobre cultura negra que realiza em escolas.

APÊNDICE G – Síntese do livro “Lendas da África Moderna” (Selecionado pela PNBE 2012)

Título do livro: Lendas da África Moderna

Autoras: Heloísa Pires Lima
Rosa M^a Tavares Andrade

Ilustradora: Denise Nascimento

Editora: Elementar Editora

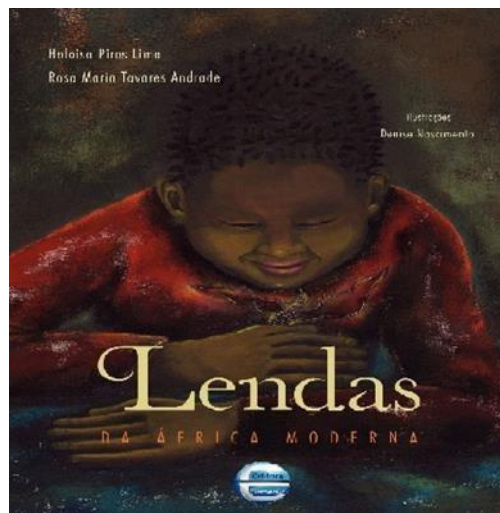
Foco Narrativo:

Número de páginas: 69

Ano de Publicação: 2011

Ano de seleção PNBE:

2012



Síntese

O livro *Lendas da África Moderna* em sua ficha catalográfica é caracterizado como livro de literatura infanto-juvenil brasileiro foi publicado pela Editora Elementar. Foi escrito por Rosa Maria Tavares Andrade, Heloísa Pires Lima e ilustrado por Denise Nascimento. Em seu enredo apresenta lendas criadas pelas escritoras sobre diferentes países e reinos africanos. São elas: *A língua griô*, *A visionária menina Kikuiu*, *Madiba: A lenda viva!*, *O brinco de ouro*. Essas lendas nos apresentam a contemporaneidade do continente africano de forma a provocar a uma outra compreensão do continente africano contrapondo as imagens de um continente pobre e sofrido. As lendas foram inspiradas no conhecimento e beleza presente no Continente africano e também em pessoas como: Nelson Mandela, Wangari Maathai, cientistas de universidades africanas e griôs.